DO AUTOR DE SILO E ORDEM

TODO COMEÇO TEM UM FIM.

LEGADO

HUGH HOWEY

DO AUTOR DE SILO E ORDEM

TODO COMEÇO
TEM UM FIM.

LEGADO

HUGH
HOWEY

intrínseca

LEGADO

HUGH
HOWEY

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

Para os sobreviventes

Prólogo

— Tem alguém aí?

— Alô? Tem. Estou aqui.

— Ah. Lukas. Você estava quieto. Por um momento achei que… fosse outra pessoa.

— Não, sou eu. Estou só ajustando o fone. Tive uma manhã cheia.

— Ah, é?

— É. Só coisa chata. Reuniões de comitê. Estamos com pouca gente. Muitas transferências.

— Mas a situação está mais tranquila? Algum levante para comunicar?

— Não, não. Está tudo voltando ao normal. As pessoas acordam para trabalhar, depois voltam para a cama, à noite. Tivemos uma loteria ótima essa semana, o que deixou muita gente feliz.

— Que bom. Muito bom. Como está o trabalho no servidor seis?

— Está indo bem. Todas as senhas funcionam. Até agora, não consegui muita coisa, só mais da mesma informação. Ainda não sei como esses dados podem ser relevantes.

— Continue procurando. Tudo é importante. Se está aí, deve haver uma razão.

— Você disse a mesma coisa sobre os verbetes dos livros. Só que muitos deles parecem não ter o menor sentido. O que me faz duvidar se isso tudo é mesmo real.

— Por quê? O que você está lendo?

— Cheguei ao volume C. Hoje de manhã li sobre esse… fungo. Espere um segundo. Vou procurar. Aqui está. *Cordyceps*.

— Isso é um fungo? Nunca ouvi falar.

— Aqui diz que ele causa um efeito estranho no cérebro das formigas, reprogramando-o como se fosse uma máquina e fazendo com que elas escalem até o alto de uma planta antes de morrer…

— Uma máquina invisível que reprograma cérebros? Tenho quase certeza de que isso não está aí por acaso.

— É? Então o que significa?

— Significa… significa que nós não estamos livres. Nenhum de nós.

— Que animador. Agora entendo por que ela me faz atender essas ligações.

— Sua prefeita? É por isso que...? Ela não atende faz um tempo.

— Não. Ela está fora. Trabalhando em uma coisa.

— Em quê?

— Prefiro não dizer. Acho que você não vai gostar.

— Por quê?

— Porque *eu* não gosto. Tentei convencê-la a não fazer isso. Mas ela às vezes é meio… teimosa.

— Eu preciso saber o que é, se isso for causar problemas. Estou aqui para ajudar. Posso desviar a atenção…

— Mas o ponto é esse… ela não confia em você. E tem certeza de que não estamos falando com a mesma pessoa em todas as ligações.

— Mas estão. Sou eu. As máquinas fazem alguma coisa com a minha voz.

— Estou só contando o que ela acha.

— Gostaria que ela mudasse de opinião. Quero mesmo ajudar.

— Eu acredito. Acho que o melhor que você pode fazer é cruzar os dedos e torcer por nós.

— Por quê?

— Porque tenho a sensação de que isso não vai acabar nada bem.

Parte I – A Escavação

1

• *Silo 18* •

Uma chuva de poeira se espalhava pelos corredores da Mecânica, que vibrava violentamente por causa da escavação. Cabos no teto balançavam nos suportes. Canos chacoalhavam. As pancadas que vinham da sala do gerador enchiam o ar, ricocheteavam nas paredes e traziam à memória uma época em que máquinas desreguladas giravam perigosamente.

Juliette Nichols estava bem no meio de toda aquela algazarra, com o zíper do macacão aberto até a cintura, os braços da vestimenta amarrados em torno dos quadris e uma mistura de poeira e suor manchando a camiseta. Apoiava o corpo contra a escavadeira, os braços bem-torneados tremendo enquanto o pesado pistão batia sem parar contra a parede de concreto do Silo 18.

Sentia as vibrações nos dentes. Todos os ossos e articulações de seu corpo trepidavam, e as lembranças faziam doer velhas feridas. Um pouco afastados, os mineiros que costumavam operar a escavadeira observavam, insatisfeitos. Juliette desviou os olhos da poeira de concreto e notou a postura daqueles homens, todos parados com os braços cruzados sobre o largo peitoral, os maxilares tensos em expressões fechadas, talvez com raiva pela apropriação da máquina. Ou pelo tabu de cavar onde era proibido.

Juliette engoliu, livrando-se da mistura de poeira e cimento acumulada na boca, e se concentrou na parede que estava destruindo. Havia outra possibilidade, que ela não podia deixar de levar em

consideração. Bons mecânicos e mineiros tinham morrido por sua causa. Lutas brutais haviam eclodido quando ela se recusara a fazer a limpeza. Quantos daqueles homens e mulheres que a observavam escavar tinham perdido uma pessoa amada, um melhor amigo, um membro da família? Quantos a culpavam? Era impossível que ela fosse a única.

A escavadeira fugiu um pouco do controle, e ouviu-se o som estridente de metal contra metal. Juliette afastou o maquinário para o lado quando mais vergalhões apareceram, como ossos sob a carne branca do concreto. Já tinha aberto uma verdadeira cratera na parede externa do silo. As pontas irregulares da primeira fileira de vergalhões pendiam do alto, e as extremidades pareciam vela derretida sob as chamas de um maçarico. Mais sessenta centímetros de concreto e outra fileira de barras de ferro haviam se tornado visíveis. A parede do silo era mais grossa do que imaginara. Já sem forças, com os membros dormentes, conduziu a máquina adiante, o pistão esmagando a rocha entre os vergalhões. Se ela mesma não tivesse visto o projeto, se não soubesse que havia outros silos lá fora, já teria desistido. Sentia-se abrindo caminho pelas profundezas do próprio planeta. Os braços tremiam, as mãos eram um borrão. Atacava a parede do silo, fazendo de tudo para perfurar aquela droga, abrir um buraco até o outro lado.

Os mineiros não pareciam nem um pouco à vontade. Juliette olhou deles para o ponto na parede em que trabalhava, o pistão batendo outra vez contra o metal. Concentrou-se na fenda de pedra branca entre os vergalhões. Com a bota, chutou a alavanca para acionar a máquina, então se debruçou na escavadeira, que avançou aos poucos, girando as esteiras enferrujadas mais alguns centímetros. Devia ter feito uma pausa mais cedo. A poeira na boca a fazia engasgar. Estava morrendo de sede. Seus braços precisavam de descanso. A base da escavadeira estava coberta de entulho, em uma pilha que chegava a seus pés. Chutou alguns dos pedaços maiores para fora do caminho e continuou a perfurar.

Seu medo era parar de novo e não conseguir convencê-los a deixá-la continuar. Prefeita ou não, chefe de turno ou não, homens que ela

considerava corajosos haviam deixado a sala do gerador apreensivos. Pareciam aterrorizados com a ideia de que ela pudesse perfurar uma vedação sagrada e permitir que o ar sujo e assassino entrasse. Juliette reparou no modo como olhavam para ela, sabendo que estivera lá fora. Como se ela fosse um tipo de fantasma. Muitos mantinham distância, como se ela tivesse alguma doença.

A mulher cerrou os dentes, esmagando grãos de concreto com gosto ruim, e chutou a alavanca com a bota para que a máquina voltasse a avançar. A escavadeira se moveu mais alguns centímetros. Só alguns. Juliette xingou a máquina e a dor nos pulsos. Praguejava por causa da luta e dos amigos mortos. Praguejava por pensar em Solo e as crianças sozinhos, a uma eternidade rochosa de distância. E praguejava por causa daquela maluquice de virar prefeita, por as pessoas terem passado a olhá-la como se ela de repente chefiasse todos os turnos em todos os níveis, como se soubesse que diabo estava fazendo, como se eles tivessem que obedecê-la mesmo que a temessem…

A escavadeira avançou mais alguns centímetros, a broca de perfuração emitindo um guincho agudo e penetrante. Uma de suas mãos escapou, liberando a pressão, de forma que o motor acelerou até parecer prestes a explodir. Os mineiros se assustaram, saltando como pulgas. Vários correram em sua direção, as sombras convergindo no mesmo ponto. Juliette apertou o botão vermelho para desligar a máquina, quase invisível sob uma camada de poeira branca. A escavadeira deu um tranco, sacudindo-se como era de costume quando desligada de repente, com o motor funcionando a níveis alarmantes.

— Atravessou! Você atravessou!

Raph a puxou para trás — os braços pálidos e fortes por conta dos anos nas minas envolveram os membros dormentes de Juliette. Outros gritavam que ela havia conseguido. Acabou. O barulho da escavadeira lembrara o de um conector do pistão se quebrando, seguido daquele guincho perigoso quando um motor gira vigorosamente sem atrito ou resistência. Juliette soltou os controles e caiu nos braços de Raph. O desespero voltou, a lembrança de que seus amigos estavam enterrados

vivos naquele silo vazio como uma tumba e ela era incapaz de alcançá-los.

— Você atravessou! Chegue para trás!

Uma mão que fedia a graxa e trabalho pesado tapou sua boca, protegendo-a do ar que vinha de fora. Juliette não conseguia respirar. À sua frente, via uma faixa negra e uma nuvem de concreto se dissipando.

E ali, entre duas barras de ferro, havia um vazio escuro. Um vazio entre as grades de uma prisão com dois andares de profundidade que seguia ao redor deles, da Mecânica até o topo.

Tinha atravessado. *Atravessado*. Agora podia ter um vislumbre de outro exterior, um *exterior diferente*.

— O maçarico — balbuciou, afastando a mão calejada de Raph de sua boca e arriscando-se a inspirar uma golfada de ar. — Tragam o maçarico de corte. E uma lanterna.

2

• *Silo 18* •

— Nossa, essas merdas estão muito enferrujadas.

— Parecem tubulações hidráulicas.

— Devem ter uns mil anos.

Fitz murmurara por último, suas palavras saindo meio assoviadas por causa dos dentes perdidos. Os mineiros e mecânicos que haviam mantido distância durante a escavação se aglomeravam atrás de Juliette, que apontava a lanterna para a escuridão através de um véu flutuante de poeira. Ao seu lado estava Raph, pálido como a nuvem de pó que os circundava, os dois espremidos na cratera cônica exposta depois da camada de um metro e meio ou dois de concreto. Os olhos do albino estavam arregalados, as bochechas, translúcidas, inchadas, os lábios, apertados e exangues.

— Pode respirar, Raph — disse Juliette. — É só mais uma sala.

O mineiro soltou o ar com um grunhido de alívio e pediu aos que estavam atrás que parassem de empurrar. Juliette entregou a lanterna a Fitz e se afastou do buraco que fizera. Foi se espremendo pela multidão que se acotovelava. Sentia a pulsação acelerada devido ao vislumbre de uma máquina do outro lado da parede. O que vira logo se confirmou pelos murmúrios dos outros: suportes, parafusos, mangueiras, placas de aço com tinta descascada e manchas de ferrugem: a lateral de um monstro mecânico que se estendia para cima e para os lados tão longe quanto os fracos feixes de luz de suas lanternas podiam alcançar.

Alguém colocou uma caneca de metal com água na mão trêmula de Juliette. Ela bebeu com avidez. Apesar da exaustão, sua mente estava acelerada. Mal podia esperar para encontrar um rádio e contar a Solo. Mal podia esperar para contar a Lukas. Encontrara um pouco de esperança embaixo dos escombros.

— E agora? — perguntou Dawson.

O novo chefe de serviço do terceiro turno, que lhe entregara a água, estudou Juliette com cautela. Dawson estava à beira dos quarenta, mas trabalhar à noite conferira alguns anos a mais à sua aparência. Tinha as mãos grandes e nodosas, resultado dos dedos quebrados várias vezes durante o trabalho ou em brigas. Juliette lhe devolveu a caneca. Dawson examinou o recipiente e roubou o último gole.

— Agora vamos fazer um buraco maior — explicou. — Então entraremos lá e veremos se dá para recuperar aquela coisa.

Juliette reparou em uma movimentação no alto do gerador principal, que soltava seu zumbido habitual. Virou-se para cima a tempo de ver Shirly olhando de cara feia para ela. A mulher desviou o olhar.

Juliette apertou de leve o braço de Dawson.

— Vai levar uma eternidade para expandir esse buraco — comentou. — Precisamos de dezenas de buracos menores conectados uns aos outros. Temos que arrancar seções inteiras de uma vez. Traga a outra escavadeira. E mande os homens botarem as picaretas para trabalhar. Mas mantenha o nível de poeira no mínimo possível.

O chefe de serviço do terceiro turno assentiu e tamborilou os dedos na caneca vazia.

— Nada de explosões? — perguntou.

— Nada de explosões — confirmou Juliette. — Não quero danificar o que quer que seja aquilo lá fora.

Dawson assentiu, e Juliette o deixou encarregado da escavação. Aproximou-se do gerador. Shirly também baixara o macacão até a cintura e amarrara as mangas. Sua camiseta estava marcada com o triângulo invertido de suor do trabalho duro. Com um pedaço de pano em cada mão, a mulher se concentrava no topo do gerador, limpando a

graxa ressecada e a nova camada de poeira levantada pelo dia de escavação.

Juliette desamarrou as mangas de seu macacão e enfiou os braços dentro, cobrindo as cicatrizes. Subiu pela lateral do gerador — sabia bem onde se segurar, conhecia as partes muito quentes e as mais mornas.

— Precisa de ajuda? — indagou quando chegou ao topo, apreciando o calor e a vibração da máquina em seus músculos doloridos.

Shirly limpou o rosto com a manga da camiseta e balançou a cabeça.

— Estou bem — respondeu.

— Desculpe pelo entulho.

Juliette tinha elevado a voz acima do ruído dos enormes pistões que se moviam para cima e para baixo.

Um dia, não muito tempo antes, teria perdido os dentes se ficasse em cima daquela máquina. Na época o gerador chacoalhava, totalmente desbalanceado.

Shirly virou-se e jogou os panos sujos para sua sombra, Kali, que os enfiou em um balde de água imunda. Era estranho ver a nova chefe da Mecânica trabalhando com algo tão mundano quanto a limpeza do gerador. Juliette tentou visualizar Knox lá em cima, fazendo o mesmo. Então se lembrou, pela centésima vez, de que ela era *prefeita* e passava seu tempo perfurando paredes e cortando vergalhões. Kali jogou os trapos de volta para cima, e Shirly os pegou, espalhando água e sabão. O silêncio da velha amiga enquanto se abaixava para fazer o trabalho dizia muita coisa.

Juliette examinou a equipe de escavação que havia formado. Estavam removendo o entulho, trabalhando para ampliar o buraco. Shirly não ficara muito feliz com a perda de funcionários, muito menos com o tabu de romper o selo do silo. A convocação de trabalhadores viera numa hora em que suas fileiras já estavam reduzidas devido à violência dos rompantes anteriores. E se Shirly culpava ou não Juliette pela morte do marido era irrelevante. Juliette se culpava, e a tensão se espalhava por entre as duas como graxa entre duas engrenagens.

Não demorou para as batidas na parede recomeçarem. Juliette viu Bobby no controle da escavadeira, seus braços grandes e musculosos parecendo borrões enquanto ele guiava o pistão. A visão daquela máquina estranha, aquele artefato enterrado nas paredes, dera energia aos trabalhadores relutantes. Medo e dúvida se transformaram em determinação. Um portador chegou trazendo comida, e Juliette observou o rapaz de braços e pernas nus analisar o trabalho com atenção. Ele deixou a carga de frutas e refeições quentes para trás e levou consigo a fofoca.

Juliette ficou parada no topo do gerador, tranquilizando as próprias dúvidas. Estavam fazendo a coisa certa, disse a si mesma. Vira como o mundo era vasto com os próprios olhos, ficara no alto de um morro olhando a terra. Só precisava mostrar aos outros o que havia lá fora. Então todos iriam se dedicar àquele trabalho em vez de temê-lo.

3

• *Silo 18* •

Fizeram um buraco grande o suficiente para conseguirem se espremer através dele, e Juliette assumiu a honra de ser a primeira a entrar. Com uma lanterna na mão, rastejou por cima de uma pilha de entulho e barras de aço retorcidas. O ar além da parede da sala do gerador era fresco como nas minas das profundezas. Ela levou a mão à boca e tossiu. A poeira da escavação irritava sua garganta. Saltou para o chão.

— Cuidado — disse para os que vinham atrás. — O chão é irregular.

Parte dessa irregularidade se devia a pedaços de concreto que haviam caído ali dentro. O resto era apenas o desenho natural do solo, que parecia ter sido dilacerado pelas garras de um gigante.

Guiou a lanterna até o teto envolto em penumbra, muito acima, examinando a gigantesca parede de maquinaria diante de si. Fazia o gerador parecer pequeno. Fazia as bombas de petróleo parecerem pequenas. Nunca haviam sequer concebido a construção de um colosso como aquele, de tamanhas proporções, muito menos seu reparo. Ficou arrasada. Suas esperanças de restaurar aquela máquina enterrada diminuíram.

Raph se juntou a ela no escuro, deixando um rastro de ruídos de pedras rolando. A condição de albino saltava gerações. Os cílios e as sobrancelhas dele eram muito delicados, quase invisíveis. A carne era tão pálida quanto leite de porca. Porém, quando estava nas minas, as sombras que escureciam os outros como fuligem davam a ele um aspecto

saudável. Juliette entendeu por que ele deixara as fazendas quando menino para trabalhar na escuridão.

Raph deu um assovio enquanto passava o feixe de luz da lanterna pela máquina. Um instante depois, o assovio ecoou de volta, um pássaro entre as sombras, zombando dele.

— É coisa dos deuses — comentou, maravilhado.

Juliette não respondeu. Nunca tinha imaginado que Raph fosse o tipo de pessoa que dava ouvidos às histórias dos sacerdotes. Ainda assim, aquele colosso sem dúvida inspirava reverência. Tinha visto os livros de Solo e desconfiava de que os mesmos povos antigos que construíram aquela máquina tivessem edificado as torres altas além dos silos, agora em ruínas. O fato de terem construído o próprio silo fez com que Juliette se sentisse pequena. Ela passou a mão por aquele metal que não tinha sido tocado ou visto por séculos, maravilhando-se com o que os povos antigos eram capazes de fazer. Talvez os sacerdotes não estivessem tão errados assim…

— Ó, deuses — resmungou Dawson, entrando e fazendo barulho ao lado deles. — O que vamos fazer com isso?

— É, Jules — sussurrou Raph, respeitando a profundidade das sombras e do momento. — Como vamos conseguir cavar até tirar isso daqui?

— Não vamos — respondeu ela, se esgueirando de lado entre a parede de concreto e a estrutura. — Essa máquina foi feita para cavar o próprio caminho para fora.

— Isso supondo que vamos conseguir fazê-la funcionar — interveio Dawson.

Trabalhadores na sala do gerador se espremiam ao redor do buraco, bloqueando a luz que entrava. Juliette apontou a lanterna para o espaço estreito entre a parede e a máquina enorme, buscando alguma passagem. Foi até um dos lados, na escuridão, e subiu pelo chão um pouco inclinado.

— Vamos conseguir — garantiu a Dawson. — Só precisamos descobrir como ela deveria funcionar.

— Tome cuidado — alertou Raph, quando uma pedra se soltou sob as botas de Juliette e saiu rolando até onde os dois estavam.

Ela já estava bem acima da cabeça deles. Notou que aquele lugar onde se encontravam não tinha cantos ou paredes para limitá-lo. Simplesmente avançava em curva, dando a volta no silo.

— É um grande círculo — exclamou, sua voz ecoando entre rocha e metal. — Acho que o ponto principal não é aqui.

— Tem uma porta — anunciou Dawson.

Juliette desceu a rampa depressa, juntando-se a ele e Raph. A luz de outra lanterna veio dos observadores na sala do gerador. Seu feixe se uniu ao dela, iluminando uma porta com pinos no lugar de dobradiças. Dawson fez força para mover uma alavanca atrás da máquina. Ele bufava com o esforço, até que o metal rangeu enquanto cedia, relutante, aos seus músculos.

* * *

A máquina se mostrou por completo quando passaram pela porta. Nada havia preparado Juliette para aquilo. Lembrando-se dos diagramas que vira no abrigo subterrâneo de Solo, percebeu que aquela imensa máquina de cavar estava representada em escala. Os pequenos vermes do diagrama, projetando-se dos andares inferiores da Mecânica, traduziam-se na realidade em monstruosidades da altura de um nível e com o dobro do comprimento. Cilindros de aço maciços. Aquele jazia no interior de uma caverna circular, tão acolhido que quase parecia ter se enterrado de propósito. Juliette mandou seu pessoal tomar cuidado enquanto andavam pelo interior da máquina. Uma dezena de trabalhadores se juntou a ela, as vozes se misturando e ecoando nas entranhas labirínticas do equipamento, o tabu dissipado pela curiosidade e pelo espanto, a escavação esquecida.

— Isso aqui é para mover o entulho — comentou alguém.

Feixes de luz se projetavam sobre enormes esteiras de chapas interconectadas. Havia rodas e engrenagens sob as chapas, com ainda mais chapas do outro lado, sobrepondo-se como as escamas de uma serpente. Juliette imediatamente entendeu como aquela esteira funcionava: as chapas de metal se viravam em uma das extremidades e faziam a volta outra vez. As rochas e o entulho seguiam em cima, conforme as chapas se moviam. Paredes baixas de cada lado, feitas de chapas de uma polegada de espessura, serviam para evitar que os detritos caíssem. A rocha triturada pela máquina de abrir túneis devia percorrer toda a superfície da calha e sair por trás, onde homens teriam de carregá-la em carrinhos de mão.

— Está completamente enferrujada — murmurou alguém.

— Não está tão ruim quanto deveria — retrucou Juliette.

A máquina estava ali havia no mínimo centenas de anos. Esperara encontrar uma bola de ferrugem, nada mais, e, no entanto, o aço continuava reluzente em alguns lugares.

— Acho que a câmara era hermeticamente fechada — pensou em voz alta, lembrando-se do vento no pescoço e da poeira sugada para dentro do buraco quando perfurou a parede pela primeira vez.

— Isso é tudo hidráulico — comentou Bobby.

Havia decepção em sua voz, como se estivesse descobrindo que os deuses também limpavam a bunda com água. Juliette estava mais esperançosa. Via algo que podia ser consertado, desde que a fonte de energia estivesse intacta. Podiam botar aquilo para funcionar. A máquina fora fabricada com o intuito de ser simples de operar, como se os deuses soubessem que quem quer que a descobrisse seria menos sofisticado, menos capaz. Havia esteiras, assim como na escavadeira que usara para abrir a parede do silo, mas as daquela máquina acompanhavam toda a extensão da monstruosidade, os eixos cobertos de graxa. Havia mais esteiras nas laterais e no topo, que também deviam servir para empurrar a terra. O que não entendia era como a escavação dos silos tinha começado. Depois de passarem pelas canaletas móveis e todos os implementos para mover rocha triturada e entulho na parte de trás da

máquina, chegaram a uma parede de aço que se estendia para o alto, além das vigas e passarelas, na direção da escuridão.

— Isso não faz o menor sentido — comentou Raph, chegando à parede do fundo. — Veja essas rodas. Para que lado essa coisa anda?

— Não são rodas — retrucou Juliette. Apontou com a lanterna. — Toda essa parte da frente gira. Aqui está o eixo. — Ela apontou para uma barra central enorme com o diâmetro de dois homens. — E aqueles discos redondos ali devem se projetar até o outro lado para fazer os cortes.

Bobby bufou como se não acreditasse.

— Cortes na rocha sólida?

Juliette tentou girar um dos discos. A coisa mal se moveu. Precisaria de um barril de graxa.

— Acho que ela tem razão — interveio Raph. Tinha erguido a tampa de uma caixa do tamanho de um beliche duplo e apontava a lanterna para o interior. — Isso aqui é uma caixa de câmbio. Parece um eixo de transmissão.

Juliette se juntou a ele. Dentro da caixa, havia engrenagens helicoidais do tamanho da cintura de um homem engastadas em graxa ressecada. As engrenagens girariam, entrelaçando dentes que poderiam arrasar uma parede de pedra. A caixa de câmbio era tão grande e pesada quanto a do gerador principal. Maior, até.

— Más notícias — comentou Bobby. — Olha onde vai dar aquele eixo.

Três feixes de luz convergiram e seguiram o eixo de transmissão até o exterior vazio da caixa, onde ele devia se conectar com alguma coisa. Aquela caverna no interior da máquina gigantesca, todo aquele vazio onde estavam, era um vazio onde deveria estar o coração da besta.

— Isso aqui não vai se mexer nem um centímetro — murmurou Raph.

Juliette avançou a passos duros até a traseira da máquina. Ali jaziam robustos apoios construídos para sustentar um gerador, mas sustentavam o vazio. Ela e os outros mecânicos tinham conversado sobre qual seria o

lugar ideal para fixar um motor. Agora que sabia o que procurava, identificou os suportes. Havia seis: peças com buracos para parafusos de mais de vinte centímetros de largura, envoltas em graxa antiga e endurecida. A porca correspondente a cada parafuso estava pendurada em um gancho atrás dos suportes. Os deuses estavam se comunicando com ela. Os antigos tinham deixado uma mensagem escrita na linguagem de pessoas que conheciam máquinas. Falavam com ela através de uma vasta extensão de tempo, dizendo: *Isso encaixa aqui. Siga essas instruções.*

Fitz, o petroleiro, ajoelhou-se ao lado de Juliette e pousou a mão em seu braço.

— Sinto muito por seus amigos — disse, referindo-se a Solo e às crianças, mas Juliette achou que ele parecia feliz por todos os outros.

Olhando de relance para o fundo da caverna de metal, viu mais mineiros e mecânicos espiando o interior, hesitantes em se juntar a eles. Todos ficariam felizes se aquele empreendimento terminasse ali, se ela não escavasse mais. Mas Juliette sentia que era algo maior do que uma necessidade, começava a sentir que aquilo era um propósito. A máquina não fora escondida deles. Tinha sido armazenada em segurança. Protegida. Embrulhada e preservada. Coberta de graxa, mantida fora de contato com o ar por uma razão além de sua compreensão.

— Vamos fechá-la aqui de novo? — perguntou Dawson. Até o velho mecânico grisalho parecia ansioso para parar a escavação.

— Ela está esperando alguma coisa — retrucou Juliette, pegando uma das porcas grandes do gancho e colocando-a sobre o apoio coberto de graxa. O tamanho do suporte era familiar. Pensou no trabalho que tivera para alinhar o gerador principal; uma vida inteira já tinha se passado desde então. — Ela foi deixada assim para ser aberta — explicou. — Essa barriga aqui foi selada com o propósito de ser aberta. Veja os fundos da máquina, por onde viemos. Foi feito para se abrir de forma que o entulho pudesse sair, mas também para deixar algo entrar. O motor não está desaparecido.

Raph ficou ao seu lado, apontando o feixe da lanterna para o peito de Juliette, de forma a conseguir analisar seu rosto.

— Sei por que eles botaram isso aqui — insistiu ela, enquanto os outros se afastavam para verificar a traseira da máquina. — Sei por que puseram isso junto da sala do gerador.

4

• Silo 18 •

Shirly e Kali ainda estavam limpando o gerador principal quando Juliette emergiu das entranhas da máquina de cavar. Bobby mostrou aos outros como a parte de trás da estrutura se abria, quais portas deviam remover e como as placas saíam. Juliette os mandou medir o espaço entre os suportes e depois os encaixes do gerador reserva, para confirmar o que já sabia. A máquina que haviam descoberto era um diagrama vivo. Era mesmo uma mensagem dos tempos antigos. Uma descoberta que levava a uma enxurrada de outras.

Juliette observou Kali torcer e tirar lama de um pano antes de mergulhá-lo em um segundo balde com água um pouco menos imunda, então entendeu: um motor apodreceria se fosse abandonado por mil anos. Só continuaria funcionando se usado, se uma equipe de pessoas dedicasse suas vidas a cuidar dele. A tubulação quente e ensaboada exalava vapor enquanto Shirly limpava o gerador principal, em funcionamento, e Juliette percebeu que tinham trabalhado todos aqueles anos para chegar àquele momento. Por mais que sua velha amiga, agora chefe da Mecânica, odiasse esse projeto, Shirly auxiliara durante todo o tempo. O gerador menor, do outro lado da usina principal de força, tinha outro propósito — um propósito maior.

— Os encaixes parecem corresponder — comentou Raph, com uma trena na mão. — Acha que eles usaram aquela máquina para trazer o gerador para cá?

Shirly jogou um pedaço de pano sujo lá para baixo, e outro mais limpo foi lançado para cima. Trabalhador e sombra tinham um ritmo similar ao ruído dos pistões.

— Acho que o gerador sobressalente foi feito para ajudar aquela escavadora a *sair* — explicou Juliette.

O que ela não entendia era por que alguém mandaria sua fonte de força sobressalente para fora, mesmo que por pouco tempo. Deixaria o silo todo à mercê de um curto. O problema era o mesmo que só terem encontrado um motor se desfazendo em uma bola sólida de ferrugem do outro lado da parede. Era difícil imaginar alguém concordando com os planos que se organizavam em sua mente.

Um trapo disparou pelo ar, em uma trajetória em arco, e mergulhou em um balde de água marrom. Kali não jogou outro para cima. Estava fitando a entrada da sala do gerador. Juliette seguiu o olhar da sombra e sentiu uma onda de calor percorrer o corpo. Ali, em meio a homens e mulheres da Mecânica, todos cobertos de fuligem escura, estava parado um jovem impecável, vestindo um reluzente traje prateado, pedindo informações a alguém. Um sujeito apontou, e Lukas Kyle, chefe da TI, o homem que ela amava, saiu andando na direção de Juliette.

— Prepare o gerador reserva — mandou a prefeita. Raph ficou nitidamente tenso. Parecia saber aonde aquilo ia dar. — Precisamos instalá-lo apenas por tempo suficiente para saber o que a escavadora faz. Estávamos mesmo precisando soltar e limpar as tubulações de descarga.

Raph assentiu, cerrando o maxilar e depois suavizando a expressão. Juliette lhe deu um tapa nas costas e não ousou erguer os olhos para Shirly enquanto andava até Lukas.

— O que você está fazendo aqui embaixo? — perguntou.

Tinham conversado na véspera, e ele não havia mencionado a visita. Seu objetivo era pressioná-la.

Lukas parou diante dela franzindo o cenho, e Juliette se sentiu péssima pelo tom que tinha usado. Não houve abraço e nem mesmo aperto de mãos. Estava ansiosa demais com as descobertas do dia, tensa demais.

— Eu devia perguntar o mesmo — retrucou Lukas. Seu olhar moveu-se para a cratera aberta na parede do fundo. — Enquanto você fica cavando buracos aqui embaixo, o chefe de TI está fazendo o serviço da prefeita.

— Então nada mudou — retrucou Juliette, rindo, tentando melhorar o clima. Mas Lukas não sorriu. Juliette pôs a mão no braço dele e o conduziu para longe do gerador, saindo para o corredor. — Sinto muito. Eu só fiquei surpresa em ver você. Devia ter me avisado que vinha…

— E ter essa conversa pelo rádio?

Juliette suspirou.

— Tem razão. Escute… estou feliz em ver você. Se precisar que eu suba e assine algumas coisas, farei isso de bom grado. Ou que eu faça um discurso, beije um bebê, vou fazer isso. Mas avisei na semana passada que ia dar um jeito de resgatar meus amigos. E, como você vetou minha ideia de voltar pelas colinas…

Os olhos de Lukas se arregalaram diante da heresia imprudente. Ele espiou ao redor do corredor, verificando se havia outros por perto.

— Jules, você está preocupada com um punhado de pessoas enquanto o restante do silo fica cada vez mais desconfortável. Há reclamações por todos os níveis superiores. Há lembranças do último levante que você provocou, só que agora tudo está dirigido a nós.

Juliette sentiu a pele esquentar. Sua mão se afastou do braço de Lukas.

— Eu não quis tomar parte naquela briga. Eu nem estava aqui.

— Mas está para esta.

Os olhos dele pareciam tristes, não com raiva, e Juliette percebeu que os dias pareciam tão longos para ele, nos níveis superiores, quanto para ela, ali embaixo na Mecânica. Tinham passado menos tempo conversando na semana anterior do que em todo o tempo que ela ficara no Silo 17. Estavam mais próximos, mas corriam o risco de se afastarem.

— O que você quer que eu faça? — perguntou.

— Para começar, pare com a escavação. Por favor. Billings recebeu várias reclamações de vizinhos especulando sobre o que vai acontecer.

Alguns estão dizendo que o exterior vai nos contaminar. Um sacerdote dos níveis intermediários está ministrando dois Domingos por semana para alertar sobre os riscos e falar de uma visão que teve na qual a poeira enche o silo até a borda e milhares morrem…

— Sacerdotes… — resmungou Juliette, com desprezo.

— Sim, sacerdotes, e esse tem pessoas tanto dos níveis superiores quanto das profundezas comparecendo a seus Domingos. Quando ele achar necessário realizar três por semana, teremos uma revolta.

Juliette passou a mão pelo cabelo, e algumas pedrinhas caíram. Olhou para a nuvem de poeira fina, sentindo-se culpada.

— O que as pessoas acham que aconteceu comigo fora do silo? Minha limpeza? O que estão dizendo?

— Alguns mal conseguem acreditar — respondeu Lukas. — Parece que é uma lenda. Ah, na TI nós sabemos o que aconteceu, mas algumas pessoas se perguntam se você chegou mesmo a ser mandada para a limpeza. Soube de um rumor que diz ter sido uma jogada eleitoral.

Juliette xingou baixo.

— Alguma notícia dos outros silos?

— Estou há anos dizendo aos outros que as estrelas são sóis como o nosso. Algumas coisas são grandes demais para serem compreendidas. E não acho que resgatar seus amigos vai mudar isso. Você pode levar seu amigo do rádio até o bazar e dizer que ele veio de outro silo, e vai ter a mesma probabilidade de as pessoas acreditarem.

— Walker? — Juliette balançou a cabeça, mas sabia que ele estava certo. — Não estou indo atrás de meus amigos para provar o que aconteceu comigo, Luke. Isso não é para mim. Eles estão vivendo com os mortos, lá. Com fantasmas.

— E nós também não estamos? Não consumimos comida plantada sobre nossos mortos? Estou implorando, Jules. Centenas morrerão para você salvar alguns poucos. Talvez eles estejam melhor por lá.

Ela respirou fundo e segurou um pouco o ar, fazendo o possível para não ficar irritada.

— Não estão, Lukas. O homem que eu pretendo salvar já está meio louco por ter vivido sozinho por tantos anos. As crianças estão tendo suas próprias crianças. Eles precisam dos nossos médicos, precisam da nossa ajuda. Além disso… eu prometi que voltaria.

Ele recompensou seus apelos com um olhar triste. Não adiantava. Como fazer um homem se importar com quem ele nunca tinha conhecido? Juliette esperava o impossível dele, e era igualmente culpada. Será que se importava mesmo com as pessoas envenenadas duas vezes por semana, nos Domingos? Ou com algum dos estranhos por quem tinha sido eleita, mas nunca conhecera?

— Eu não queria esse trabalho — disse a Lukas.

Era difícil tirar o tom acusatório da voz. Outros quiseram que Juliette fosse prefeita, não ela. Apesar de nem tantos continuarem querendo.

— Eu também não sabia para o que estava bancando a sombra — retrucou Lukas.

Ele ia dizer outra coisa, mas segurou a língua quando um grupo de mineiros saiu da sala do gerador, erguendo uma nuvem de poeira com as botas.

— Você ia dizer alguma coisa? — perguntou Juliette.

— Ia pedir que você escave em segredo, se tiver mesmo de fazer isso. Ou que deixe esses homens fazendo isso e volte para…

Ele parou de falar.

— Você estava prestes a dizer “casa”, e esta aqui é a minha casa. Tem certeza de que somos melhores do que os últimos que estiveram no comando? Mentindo para o povo? Conspirando?

— Temo que sejamos piores — retrucou Lukas. — Tudo o que eles fizeram foi nos manter vivos.

Juliette deu uma risada.

— Nos manter vivos? Eles votaram para mandar nós dois para a morte.

Lukas deu um suspiro.

— Estou falando de todos os demais. Eles trabalharam para manter os outros vivos.

Mas não conseguiu evitar: ele sorriu quando percebeu que Juliette continuava rindo. Ela esfregou o rosto, transformando as lágrimas na bochecha em uma espécie de lama.

— Quero mais alguns dias aqui embaixo — pediu. Não era uma pergunta, era uma requisição. — Deixe-me ver se pelo menos temos meios para escavar isso aqui. Depois vou lá beijar seus bebês e enterrar seus mortos. Não nessa ordem, é claro.

Lukas franziu a testa diante do comentário mórbido.

— E vai maneirar com as heresias?

Ela assentiu.

— Se escavarmos, vai ser discretamente. — Considerou se uma máquina como a que havia descoberto poderia escavar sem fazer um estrondo. — Estava pensando em fazer um pequeno feriado de racionamento de energia. Não quero o gerador principal com toda a carga, por enquanto. Só por segurança.

Lukas assentiu, e Juliette percebeu como as mentiras pareciam fáceis e necessárias. Pensou em contar a ele outra de suas ideias, uma que estava considerando havia semanas, desde que passara um tempo no consultório médico se recuperando das queimaduras. Precisava fazer uma coisa lá no alto, mas percebeu que Lukas não estava no clima para ser provocado a ficar com ainda mais raiva. Por isso, contou a única parte do plano que achou que ele fosse gostar.

— Quando as coisas estiverem encaminhadas aqui embaixo, planejo subir e ficar um pouco por lá — revelou, pegando a mão dele. — Ir para casa por um tempo.

Lukas sorriu.

— Mas preste atenção — acrescentou, sentindo necessidade de alertá-lo. — Eu já vi o mundo lá fora, Luke. Fico acordada à noite escutando o rádio de Walk. Há muitas pessoas iguais a nós, lá fora, vivendo com medo, isoladas, mantidas na ignorância. Quero fazer mais do que salvar meus amigos. Espero que você saiba disso. Quero chegar ao fundo do que existe lá fora, além dessas paredes.

O nó na garganta de Lukas se deslocou apenas um pouco quando ele engoliu em seco. O sorriso se esvaiu.

— Você planeja coisas muito distantes — retrucou, com certa docilidade.

Juliette sorriu e apertou a mão do namorado.

— Isso vindo do cara que gosta de observar as estrelas.

5

• Silo 17 •

— Solo! Sr. Solo!

Uma vozinha de criança encontrou o caminho até as profundezas da área de cultivo. Chegou até os frios canteiros onde as luzes já não acendiam e as coisas não cresciam mais. Jimmy Parker estava ali, sentado sozinho na terra sem vida, perto da memória de um velho amigo.

Distraído, mexia na terra, apertando torrões de argila entre os dedos até virarem pó. Com bastante esforço, conseguia sentir as garras do gato espetando sua pele através do macacão. Ouvir a barriguinha ronronante de Sombra vibrando como uma bomba d'água. Ficava mais difícil de imaginar à medida que a voz infantil se aproximava, chamando seu nome. O brilho de uma lanterna atravessou o último emaranhado de plantas que os jovens chamavam de Selva.

— Aí está você!

Elise fazia barulho demais para alguém tão pequenino. Avançou até ele com passos pesados, suas botas grandes demais. Jimmy a observou se aproximar e lembrou-se de como desejava, muito tempo antes, que Sombra pudesse falar. Tivera inúmeros sonhos nos quais o gato era um garoto de pelo negro e voz ronronante. Jimmy, porém, não tinha mais esses sonhos. Na verdade, sentia-se grato pelos anos mudos com o velho amigo.

Elise se espremeu através das grades da cerca e agarrou-se ao braço de Jimmy. Ele quase ficou cego com o brilho da lanterna quando a garotinha a pressionou contra o peito dele, apontada para cima.

— É hora de ir — informou Elise, puxando-o. — Está na hora, Sr. Solo.

Ele piscou com a luz forte, sabendo que ela tinha razão. A pequena Elise era a mais jovem deles, mas resolvia muito mais discussões do que começava. Jimmy apertou outro torrão de terra, espalhou-a pelo chão e limpou a palma da mão na coxa. Não queria ir, mas sabia que não podiam ficar. Lembrou a si mesmo que seria temporário. Juliette prometeu. Tinha dito que ele podia voltar ali e viver com os outros que viessem. Não haveria loteria por algum tempo. Haveria muita gente. Iam encher seu silo outra vez.

Jimmy estremeceu ao pensar em tantas pessoas. Elise puxou seu braço.

— Vamos, vamos — insistiu.

Ele entendeu por que estava com medo. Não era por algum dia ter que sair, ainda faltava tempo para isso. Não era por ter se estabelecido nas Profundezas, que estavam quase secas e não o assustavam mais. Era pelo que encontraria ao voltar. O esvaziamento de seu lar só o deixou mais seguro. Fora atacado quando o lugar começou a encher de novo. Parte dele só queria ser deixada em paz, ser Solo.

Já de pé, permitiu que Elise o conduzisse até as escadas. A menininha puxava suas mãos calejadas, arrastando-o com animação. Quando saíram da Selva, ela recolheu suas coisas perto dos degraus. Dava para ouvir Rickson e os outros abaixo, suas vozes ecoando pelo vão de concreto silencioso. Uma das luzes de emergência daquele nível estava apagada, deixando uma área escurecida em meio ao verde sem brilho. Elise ajustou o alforje com seu livro de memórias, que carregava nos ombros, e fechou a abertura no topo da mochila. Comida e água, uma muda de roupas, pilhas, uma boneca velha, a escova de cabelo — praticamente tudo o que ela possuía. Jimmy segurou uma das alças para ajudá-la a botar a mochila nas costas, então pegou as próprias coisas. As vozes dos outros foram sumindo. A escadaria tremeu de leve e rangeu com seus passos que desciam — uma direção bem estranha a se tomar, considerando que queriam *sair*.

— Quanto tempo falta até Jewel vir nos buscar? — perguntou Elise.

Ela pegou a mão de Jimmy, e os dois desceram juntos a longa espiral.

— Não muito — respondeu ele, o que na verdade significava "eu não sei". — Ela está tentando. É bem complicado de fazer. Lembra como demorou para a água baixar e desaparecer?

Elise sacudiu a cabeça.

— Eu contei os degraus — declarou.

— Contou, sim. Bem, agora vão precisar abrir um túnel através da rocha para nos buscar. Não vai ser fácil.

— Hannah disse que vai ter dezenas de pessoas aqui, depois que a Jewel voltar.

Jimmy engoliu em seco.

— Centenas — concordou, com a voz rouca. — Milhares, até.

Elise deu uma apertadinha na mão dele. Passaram-se mais doze degraus. Os dois contavam em silêncio. Era difícil para eles contar até um número tão alto.

— Rickson disse que eles não vêm para cá para nos resgatar, e sim porque querem nosso silo.

— É, bem, ele sempre vê a parte ruim das pessoas — retrucou Jimmy. — Assim como você vê a parte boa.

Elise ergueu os olhos para o amigo. Os dois tinham perdido a conta. Ele se perguntou se a garotinha conseguia imaginar como seria ver milhares de pessoas. O próprio Jimmy mal conseguia lembrar.

— Queria que ele pudesse ver a parte boa das pessoas, assim como eu — comentou Elise.

Jimmy parou antes que chegassem ao andar seguinte. Elise apertou a mão dele e a sacola oscilante que carregava, e também parou. Ele se ajoelhou para ficar da altura dela. Quando a garotinha fez bico, deu para ver o espaço deixado pelo dente que faltava.

— Todo mundo tem uma parte boa — explicou. Apertou o ombro de Elise, sentindo um nó se formar na garganta. — Mas também tem uma parte ruim. Acho provável que Rickson esteja certo na maior parte do tempo.

Odiava dizer aquilo. Odiava encher a cabeça de Elise com aquelas coisas. Mas a amava como se fosse sua própria filha. E queria oferecer as grandes barreiras de aço de que ela poderia precisar caso o silo crescesse e se enchesse outra vez. Foi por isso que permitiu que ela rasgasse os livros que ficavam nas latas, pegando as páginas de que gostava. Por isso a ajudou a escolher as importantes. As que ele escolheu eram as que a ajudariam a sobreviver.

— Você precisa começar a ver o mundo com os olhos de Rickson — explicou, odiando-se por dizer aquilo.

Levantou-se e puxou-a para continuar a descida, agora sem contar os degraus. Esfregou os olhos antes que Elise pudesse perceber que estava chorando, antes que ela fizesse uma de suas perguntas simples cujas respostas não eram nem um pouco simples.

6

• *Silo 17* •

Foi difícil deixar as luzes e o conforto de sua velha casa para trás, mas Jimmy concordara em se mudar para as fazendas inferiores. As crianças estavam bem instaladas lá. Logo retomaram o trabalho em meio aos canteiros de cultivo. E era mais perto do que restava da inundação, que já estava secando.

Jimmy desceu os degraus escorregadios com pequenos pontos de ferrugem fresca ouvindo a sinfonia do gotejar da água nas poças e no metal. Muitas das luzes verdes de emergência haviam ficado submersas com a enchente. Mesmo as que funcionavam tinham água parada por dentro. Jimmy pensou nos peixes que costumavam nadar no espaço que se tornara cheio de ar. Ele havia encontrado alguns nadando pelos níveis inferiores conforme a água recuava, apesar de ter pensado que tinha pescado todos havia muito tempo. Aprisionados em poças cada vez mais rasas, eram fáceis de pegar. Ensinara Elise a fazê-lo, mas a garota tinha dificuldade em tirá-los do anzol. Sempre deixava as criaturas escorregadias caírem de volta na água. Jimmy brincava dizendo que ela fazia aquilo de propósito, e Elise admitiu que gostava mais de pegá-los que de comê-los. Deixou que a menina pescasse os poucos peixes restantes sem parar, até ficar com pena demais para permitir que os coitados continuassem sofrendo aquilo. Rickson, Hannah e os gêmeos tinham adorado tirar aqueles sobreviventes desesperados de sua agonia e botá-los na barriga.

Jimmy olhou para o alto, para cima da grade no teto, e visualizou a boia do anzol lá, solta no ar. Imaginou Sombra olhando para baixo, tentando acertá-lo com a pata, como se ele agora fosse o peixe aprisionado debaixo d'água. Tentou fazer bolhas, mas não teve resultados — só sentiu o bigode fazendo cócegas no nariz.

Mais abaixo, havia um bolsão de água onde as escadas terminavam. O chão ali era plano, sem inclinação para drenagem. A inundação nunca deveria ter chegado a um nível tão elevado. Jimmy ligou a lanterna, e o feixe de luz cortou a escuridão lúgubre das profundezas da Mecânica. Um cabo de eletricidade subia pela passagem aberta, por cima de um posto de segurança. Junto havia um emaranhado de mangueiras seguindo o cabo que se dobrava e voltava serpenteando pelo mesmo caminho. O cabo e as mangueiras iam dar nas bombas. Tinham sido deixados por Juliette.

Jimmy seguiu a trilha. Na primeira vez em que descera até o fim da escadaria, encontrara a viseira de plástico do capacete de Juliette. Estava em meio a um monte de lixo, entulho e lodo, toda a imundície que restara depois de a água sair. Fizera o possível para limpar o local e encontrara as pequenas arruelas de metal que ancoravam seus velhos paraquedas de papel — pareciam moedas de prata em meio aos detritos. Ainda restava muito do lixo da enchente. A única coisa que ele recuperara no meio de tudo aquilo tinha sido a viseira.

O cabo e as mangueiras continuavam descendo, seguindo por um lance de escadas quadrado, em vez das escadarias circulares habituais. Jimmy desceu, tomando cuidado para não tropeçar. Volta e meia saía água dos canos acima, acertando-o nos ombros ou na cabeça. Gotas reluziam à luz da lanterna. Tudo o mais estava envolto em escuridão. Tentou se imaginar lá embaixo quando o lugar estava cheio de água, mas não conseguiu. Estar ali no seco já era bem assustador.

Uma gota caiu bem no topo de sua cabeça, provocando cócegas ao escorrer pela barba.

— Ou melhor, quase seco — comentou, conversando com o teto.

Chegou ao pé da escada. Só tinha o cabo como guia, e era difícil de vê-lo. Foi chapinhando por uma fina camada de água, avançando pelo corredor. Juliette dissera que seria importante estar lá quando a bomba terminasse o serviço. Precisaria haver alguém por perto para ligá-la e desligá-la. A água continuaria a escorrer para lá, então a bomba precisava continuar a fazer seu trabalho, mas seria prejudicial se ficasse operando no seco. Faria com que uma coisa chamada "rotor" queimasse, pelo que ela tinha explicado.

Jimmy encontrou a bomba. A máquina sacolejava, infeliz. Um grande cano curvado na direção da boca de um poço — Juliette tinha avisado para ele tomar cuidado para não cair lá dentro —, de cujas profundezas vinha um som gorgolejante de sucção. Jimmy apontou a lanterna para baixo e viu que o poço estava quase vazio. Restava apenas cerca de trinta centímetros de água, agitados inutilmente pela força de sucção do cano.

Sacou os alicates de corte do bolso superior e fisgou o cabo de força para fora da fina camada de água. A bomba rosnou, irritada. Havia o clangor de metal contra metal, o cheiro quente de eletricidade no ar, fumaça saindo da caixa cilíndrica que fornecia energia. Jimmy separou os fios do cabo duplo e cortou um deles com os alicates. A bomba continuou a funcionar por um instante, mas desacelerou aos poucos. Juliette tinha explicado o que fazer. Ele limpou as extremidades do cabo cortado e as retorceu. Quando o poço se enchesse de novo, Jimmy teria de fazer a conexão manualmente antes de apertar o botão para ligar, assim como Juliette fizera tantas semanas antes. Ele e as crianças poderiam se revezar. Viveriam acima dos níveis arrasados pela enchente, cuidariam da Selva e manteriam o silo seco até que Juliette voltasse para buscá-los.

7

• Silo 18 •

A discussão com Shirly sobre o gerador correu muito mal. Juliette conseguiu o que queria, mas não se sentia vitoriosa. Observou a velha amiga sair pisando duro e tentou se imaginar em seu lugar. Fazia apenas alguns meses desde que Mark, o marido dela, havia morrido. Juliette tinha ficado arrasada por um ano inteiro depois de perder George. E agora uma prefeita estava dizendo à chefe da Mecânica que iam pegar o gerador reserva. Roubá-lo. Deixar o silo à mercê de uma falha mecânica. Caso apenas um dente se soltasse de sua engrenagem, todos os níveis mergulhariam na escuridão, todas as bombas silenciariam até que o problema pudesse ser resolvido.

Juliette não precisava ouvir os argumentos de Shirly sobre essas questões. Sabia muito bem quais eram. Estava parada sozinha em um corredor mal iluminado, ouvindo os passos da amiga sumindo no silêncio, perguntando a si mesma que diabo estava fazendo. Até as pessoas próximas a ela estavam perdendo a confiança. E por quê? Por uma promessa? Será que só estava sendo teimosa?

Coçou o braço — uma das cicatrizes por baixo do macacão estava incomodando —, então se lembrou da conversa com o pai depois de quase vinte anos de afastamento por teimosia. Nenhum deles admitira o quanto tinham sido estúpidos, mas o sentimento se estendeu pela sala como uma colcha de retalhos herdada por gerações. Ali estava a falha dos dois — uma fonte de motivação para aumentar o número de

realizações, mas também a causa do dano a que quase nunca davam atenção: aquele orgulho prejudicial.

Juliette se virou e voltou para a sala do gerador. Um ruído alto junto à parede do fundo a fez lembrar de… dias menos equilibrados. O som da escavação não era muito diferente do gerador defeituoso do passado: forte, quente e perigoso.

Já estavam trabalhando no gerador sobressalente. Dawson e sua equipe tinham soltado o encaixe do exaustor. Raph se dedicava a uma das porcas grandes no suporte dianteiro com uma chave enorme, separando a máquina de seu antigo ponto de ancoragem. Juliette percebeu que estava *mesmo* fazendo aquilo. Shirly tinha todo o direito de estar puta.

Atravessou o salão e passou por um dos buracos na parede, baixando a cabeça para não esbarrar nos vergalhões. Encontrou Bobby atrás da máquina de cavar, coçando a barba. Ele era um homem enorme. Usava o cabelo comprido em tranças finas, como gostavam os mineiros, e sua pele negra como carvão ocultava os esforços de escavar no escuro. Era a antítese de seu amigo, Raph. Hyla, sua filha e também sua sombra, estava parada em silêncio ao seu lado.

— Como vão as coisas? — perguntou Juliette.

— Quer saber de tudo ou de como está esta máquina? — Bobby se virou e estudou-a por um momento. — Deixe-me explicar a situação dessa banheira enferrujada. Não tem como virar, não do jeito que você precisa. Está parada nesta posição como uma viga. Não foi feita para ser guiada.

Juliette cumprimentou Hyla e avaliou o progresso com a máquina de cavar. Estavam conseguindo limpá-la bem, e ela estava muito bem conservada. Pôs a mão no braço de Bobby.

— Ela vai se mover — garantiu. — Vamos botar cunhas de ferro ao longo da parede, aqui do lado direito. — Apontou para o lugar. Acima, refletores tirados das minas iluminavam a rocha escura. — Quando a traseira comprimir as cunhas, vai forçar a frente para o lado.

Erguendo uma das mãos para representar a máquina, Juliette usou a outra para empurrar o pulso, movendo os membros para demostrar como seria a manobra.

Bobby concordou com um resmungo, relutante.

— Vai ser bem lento, mas pode funcionar.

Ele desdobrou uma fina folha de papel, um diagrama de todos os silos, e examinou a rota desenhada por Juliette. A planta tinha sido roubada do escritório oculto de Lukas, e a sugestão era escavar em arco entre o Silo 18 e o 17, da sala do gerador de um até a sala do gerador de outro.

— Também vamos ter que forçá-la para baixo — continuou Bobby. — Ela está meio inclinada, parece doida para subir.

— Tudo bem. Como anda a fixação?

Hyla analisou os dois adultos, girando um pedaço de carvão em uma das mãos enquanto segurava a lousa com a outra. Bobby ergueu os olhos para o teto e franziu o cenho.

— Erik não está muito disposto a emprestar o que tem. Disse que só pode ceder vigas suficientes para mil metros. Eu respondi a ele que você ia querer cinco ou dez vezes isso.

— Então vamos ter de tirar algumas das minas.

Juliette inclinou a cabeça para Hyla e sua lousa, sugerindo que ela tomasse nota.

— Você quer começar guerras aqui embaixo, é?

Bobby mexia na barba, nitidamente agitado. Hyla parou de escrever na lousa e olhou de um superior para o outro, sem saber o que fazer.

— Vou falar com Erik — declarou Juliette. — Se eu lhe prometer a pilha de vigas de aço que encontraremos no outro silo, ele vai ceder.

Bobby ergueu uma sobrancelha.

— Péssima escolha de palavras.

Ele deu uma risada nervosa enquanto Juliette gesticulava para sua filha.

— Vamos precisar de trinta e seis vigas e setenta e dois suportes — anunciou.

Hyla olhou para Bobby se sentindo culpada, antes de fazer a anotação.

— Se essa coisa conseguir se mover, vai fazer muita poeira — comentou Bobby. — Arrastar o entulho daqui até a trituradora lá embaixo nas minas vai ser um problema, precisaremos destacar tantos homens para isso quanto para a escavação.

Pensar na sala de trituração, onde o entulho era processado até virar pó e depois expulso pelos tubos de exaustão, provocou memórias dolorosas. Juliette apontou a lanterna para os pés de Bobby, tentando não pensar no passado.

— Não vamos expelir os dejetos — declarou. — O poço seis fica quase diretamente abaixo de nós. Se cavarmos para baixo, chegaremos nele.

— Você pretende encher o número seis? — indagou Bobby, sem conseguir acreditar.

— O seis já está quase cheio. E vamos dobrar a quantidade de minérios assim que chegarmos ao outro silo.

— Erik vai ficar louco. Você não está esquecendo de ninguém, não?

Juliette analisou o velho amigo.

— Esquecendo de alguém?

— Faltou irritar alguma outra pessoa?

Juliette ignorou a provocação e se voltou para Hyla.

— Escreva um bilhete para Courtnee. Quero o gerador sobressalente revisado antes de ser trazido para cá. Não teremos espaço para erguer os cabeçotes e verificar as juntas depois que ele estiver instalado. O teto vai ficar baixo demais.

Bobby acompanhou Juliette em sua inspeção da máquina de cavar.

— Você vai estar aqui para cuidar disso, não vai? — perguntou ele. — Vai estar aqui para encaixar o gerador nesse monstro, certo?

Juliette balançou a cabeça.

— Infelizmente, não. Dawson vai ficar encarregado disso. Lukas tem razão, preciso ir lá para cima fazer as rondas…

— Bobagem — retrucou Bobby. — Por que isso, Jules? Nunca vi você deixar um projeto no meio desse jeito, nem se tivesse que trabalhar três turnos para dar conta de tudo.

Juliette se virou e lançou a Hyla aquele olhar que todas as crianças e sombras sabem significar que seus ouvidos não são bem-vindos. A garota ficou para trás enquanto os dois velhos amigos continuaram andando.

— As pessoas estão ficando preocupadas por eu estar aqui — explicou, a voz baixa engolida pela vastidão da máquina ao redor. — Lukas estava certo ao vir me chamar. — Ela lançou um olhar frio ao velho mineiro. — E acabo com você se ele souber que eu disse isso.

Bobby riu e ergueu as mãos espalmadas.

— Nem precisa dizer. Eu sou casado, sei como é.

Juliette assentiu.

— É melhor que vocês continuem cavando enquanto estou em outro lugar. Se eu devo servir de distração, então que seja.

Os dois chegaram ao fim do espaço vazio que em breve seria preenchido pelo gerador reserva. Aquele arranjo era muito inteligente: mantinha o motor delicado do lado de fora, onde poderia ser usado e receber manutenção. O restante da máquina de cavar era feito de aço e dentes trituradores, as engrenagens muito bem lubrificadas com graxa.

— Esses seus amigos — começou Bobby —, eles valem todo esse esforço?

— Valem. — Juliette encarou o velho amigo. — Mas isso não é só por eles. Também é por nós.

Bobby mexeu na barba.

— Não entendi — declarou, depois de um tempo.

— Precisamos provar que essa coisa funciona — explicou Juliette. — Isso é apenas o começo.

Bobby estreitou os olhos para ela.

— Bem, se não for o começo de alguma coisa, pelo menos é o prenúncio do fim de outra.

8

• Silo 18 •

Juliette parou diante da oficina de Walker e bateu antes de entrar. Tinha ouvido falar que ele estivera muito ativo no levante, mas a engrenagem dessa informação não se alinhava com nenhuma outra em sua cabeça. Pelo que sabia, era só um rumor infundado — assim como, admitiu, seu passeio pelos silos não fora compreendido por muita gente e parecia balela. Um mito. Quem era aquela mecânica que dizia ter visto outras terras? Histórias assim não eram levadas a sério, a menos que virassem uma semente de lenda e brotassem em forma de religião.

— Jules! — Walker a encarou da bancada, um dos olhos do tamanho de um tomate através das lentes de aumento. Ele afastou as lentes, e o olho voltou ao normal. — Que beleza. Estou feliz que esteja aqui.

Ele acenou para que ela se aproximasse. A sala ainda tinha cheiro de cabelo queimado, como se o velho homem tivesse se debruçado sobre a solda sem se importar com as longas madeixas grisalhas.

— Só vim transmitir uma coisa para Solo — declarou ela. — E informar a você que vou passar uns dias longe.

— Ah, é? — Walker franziu a testa.

Ele enfiou algumas ferramentas pequenas no avental de couro e apertou o ferro de soldar sobre uma esponja molhada. O chiado lembrou Juliette de um gato mal-humorado que vivia na sala da bomba e sempre rosnava para ela de algum lugar na escuridão.

— Esse sujeito, Lukas, quer tirar você daqui? — perguntou Walker.

Juliette lembrou-se de que Walker não tinha nenhuma simpatia por espaços abertos, mas era amigo dos portadores. Que eram amigos do dinheiro dele.

— Também — admitiu. Puxou um banco e se deixou cair nele. Examinou as mãos, arranhadas e sujas de graxa. — Mas não é só isso. Essa escavação vai demorar um pouco, e você sabe como eu fico quando não tenho o que fazer. Tenho pensado em um outro projeto. Vai ser ainda menos popular do que este.

Walker a observou por um momento, depois examinou o teto, então seus olhos se arregalaram. Sabe-se lá como, descobrira exatamente o que ela estava planejando.

— Você é igual a uma tigela de chili de Courtnee — sussurrou o sujeito. — Arde quando entra e quando sai.

Juliette riu, mas também sentiu uma pontada de decepção por ser tão transparente. Tão previsível.

— Ainda não contei a Lukas — avisou. — Nem a Peter.

O rosto de Walker transpareceu dúvida ao ouvir o segundo nome.

— Billings — explicou ela. — O novo xerife.

— É mesmo. — Ele desligou o ferro de solda da tomada e o pressionou outra vez contra a esponja. — Esqueci que esse não é mais o seu trabalho.

E praticamente nunca foi, ela teve vontade de dizer.

— Eu só queria avisar a Solo que já estamos quase começando a escavação. Preciso ter certeza de que a inundação de lá está sob controle.

Ela apontou para o rádio, que podia alcançar muito além de apenas os andares do silo. Assim como o rádio na sala abaixo dos servidores da TI, aquela unidade que Walker construíra também era capaz de transmitir para outros silos.

— Claro. Uma pena que você não vá esperar um ou dois dias para partir. Estou quase terminando o portátil. — Ele mostrou uma caixa de plástico um pouco maior que os rádios antigos que ela e os delegados costumavam usar presos à cintura. Ainda tinha fios soltos, com uma grande bateria presa ao exterior. — Quando eu terminar isso aqui, você

vai poder trocar de canais com um seletor. Ele capta os repetidores dos andares dos dois silos.

Juliette pegou a unidade com cuidado, sem fazer a menor ideia do que Walker estava falando. Ele apontou para um seletor com trinta e duas posições numeradas. Aquilo ela entendeu.

— Consegui que as velhas baterias recarregáveis funcionassem direito. Agora estou trabalhando para regular a voltagem.

— Você é incrível — murmurou Juliette.

Walker abriu um enorme sorriso.

— Incríveis são as pessoas que criaram isso. Eu não consigo nem acreditar no que eles eram capazes de fazer, centenas de anos atrás. As pessoas daquela época não foram tão burras quanto você gostaria de acreditar.

Juliette queria contar a ele sobre os livros que vira, sobre como as pessoas daquela época pareciam ser do futuro, não do passado.

Walker limpou a mão em um trapo velho.

— Avisei Bobby e os outros, e acho que você também deve saber. Os rádios não vão funcionar muito bem quando escavarem mais profundamente, não até chegarem ao outro lado.

Juliette assentiu.

— Eu soube. Courtnee disse que vão usar mensageiros especiais, como nas minas. Eu a deixei encarregada da escavação. Ela pensou em praticamente tudo.

Walker franziu o cenho.

— Ouvi dizer que ela também queria deixar uma explosão preparada do lado de cá, para o caso de atingirem um bolsão de ar ruim.

— Isso foi ideia de Shirly. Ela só está tentando encontrar razões para não escavar. Mas você conhece Courtnee: quando ela resolve fazer uma coisa, faz.

Walker coçou a barba.

— Desde que ela não se esqueça de me alimentar, não tem problema.

Juliette riu.

— Tenho certeza de que isso não vai acontecer.

— Bem, eu lhe desejo sorte nas rondas.

— Obrigada — respondeu ela, e apontou para o rádio grande sobre a bancada de trabalho. — Pode me conectar com Solo?

— Claro, claro. Dezessete. Esqueci que você não desceu aqui só para conversar comigo. Vamos ligar para o seu amigo. — Ele balançou a cabeça. — Mas tenho que dizer uma coisa: falei com ele, e acho que o sujeito não bate muito bem.

Juliette sorriu e analisou o velho amigo de cima a baixo. Esperou para ver se era brincadeira, mas notou que ele estava absolutamente sério e deu risada.

— Qual é a graça? — perguntou Walker. Ele ligou o rádio e lhe entregou o receptor. — O que foi que eu disse?

* * *

As novas informações de Solo eram bem diversas. A Mecânica estava seca, o que era bom, mas não tinha levado todo o tempo que ela imaginara para bombear a inundação. Poderia demorar mais semanas ou meses para chegar até lá e ver o que poderiam resgatar, e a ferrugem começaria a se espalhar imediatamente. Juliette afastou os problemas futuros da cabeça e se concentrou no que podia resolver.

Tudo de que precisava para a viagem coube em uma pequena bolsa: o macacão prateado bom, que ela mal tinha usado; meias e roupas de baixo, ainda úmidas por terem sido lavadas na pia; o cantil de trabalho, amassado e sujo de graxa; e um conjunto de ferramentas e chaves de fenda. Nos bolsos, levava o canivete e vinte fichas, apesar de praticamente ninguém aceitar que ela pagasse por qualquer coisa desde que virara prefeita. Só sentia falta de um rádio decente, mas Walker desmontara duas unidades em funcionamento para tentar construir um novo, e ainda não estava pronto.

Com os poucos pertences e a sensação de estar abandonando os amigos, ela deixou a Mecânica para trás. O ruído distante da escavação a

seguiu pelos corredores até a escadaria. Passar pela segurança foi como atravessar um limiar mental. Aquilo a fez lembrar de quando deixou a câmara pressurizada, tantas semanas antes. Era como uma válvula de segurança: algumas coisas pareciam dar passagem apenas em uma direção. Temia o tempo que poderia levar até voltar. A ideia a deixou quase sem fôlego.

Aos poucos, foi subindo cada vez mais alto e começou a encontrar outras pessoas na escadaria. Podia sentir que era observada. Os olhares das pessoas que conhecia a traziam à lembrança o vento que a fustigara na encosta: vinham em lufadas, cheios de desconfiança — e então as pessoas viravam o rosto igualmente depressa.

Em pouco tempo, entendeu o que Lukas tinha falado. Qualquer boa vontade que seu retorno provocara — qualquer fascínio que as pessoas tinham por ela, encarando-a como alguém que se recusara a fazer a limpeza e conseguira sobreviver ao grande exterior — estava se desfazendo, assim como o concreto sendo perfurado abaixo. Se seu retorno do exterior trouxera esperança, seus planos de abrir um túnel para além do silo gerara outra coisa. Dava para ver no desvio de olhar de um lojista, no braço protetor de uma mãe em volta do filho, nos sussurros que se elevavam e desapareciam com a mesma rapidez. Ela estava espalhando o medo.

Algumas pessoas a cumprimentavam com um aceno de cabeça e um breve "Olá, Prefeita" quando passavam por ela na escadaria. Um jovem portador que ela conhecia parou e apertou sua mão — e pareceu realmente emocionado em vê-la. Mas, quando ela parou nas fazendas inferiores no cento e vinte e seis, para se alimentar, e quando procurou um banheiro, três níveis acima, sentiu-se tão bem-vinda quanto um mecânico sujo nos andares superiores. E, mesmo assim, estava em meio a seu povo. Era a prefeita, por mais que não fosse amada.

Essas interações a fizeram repensar sua ideia de ver Hank, o delegado das profundezas. Ele tinha lutado no levante e vira bons homens e mulheres — dos dois lados da luta — darem as vidas. Quando Juliette entrou na delegacia do cento e vinte, considerou se seria um erro parar

ali, se devia simplesmente seguir em frente. Mas quem sentia aquilo era uma parte mais inexperiente dela, uma parte ainda com medo de ver o pai, ainda se enterrando em projetos para evitar o mundo. Não podia mais ser aquela pessoa. Tinha uma responsabilidade com o silo e seus habitantes. Visitar Hank era a coisa certa a se fazer. Coçou uma cicatriz nas costas da mão e entrou cheia de coragem na delegacia. Lembrou-se de que era a prefeita, não uma prisioneira sendo enviada para a limpeza.

Hank, sentado à mesa, ergueu a cabeça quando ela entrou. Os olhos do delegado se arregalaram ao reconhecê-la. Os dois não tinham se falado nem se visto desde que ela voltara. O homem se levantou e deu dois passos na direção dela, depois parou, e Juliette viu nele a mesma mistura de nervosismo e empolgação que ela própria sentia, o que a fez perceber que não devia ter temido ir até ali, que não devia tê-lo evitado até então. Hank estendeu a mão, tímido, como se temesse que ela fosse se recusar a apertá-la. O homem parecia pronto para recolher a mão, caso o gesto a ofendesse. Independentemente de qualquer dor que Juliette houvesse causado àquele homem, ele ainda se sentia mal por ter seguido as ordens de mandá-la para a limpeza.

Juliette apertou a mão do delegado e o puxou para um abraço.

— Sinto muito — murmurou Hank, a voz revelando seus sentimentos.

— Pare com isso — retrucou Juliette. Ela o soltou e deu um passo para trás, observando o ombro do homem da lei. — Era eu quem devia estar pedindo desculpas. Como está o braço?

Ele fez movimentos circulares com o ombro.

— Ainda no lugar — respondeu. — E se você um dia ousar se desculpar comigo, vou lhe mandar para a cadeia.

— Então vamos fazer uma trégua — sugeriu Juliette.

Hank sorriu.

— Está bem, uma trégua — concordou. — Mas eu quero mesmo dizer…

— Você estava fazendo seu trabalho. E eu estava fazendo o melhor que podia. Agora vamos esquecer isso.

Ele assentiu e examinou as próprias botas com atenção.

— Como andam as coisas por aqui? Lukas disse que andam reclamando do meu trabalho lá embaixo.

— Houve um pouco de agitação. Nada muito sério. Acho que a maioria das pessoas está muito ocupada consertando as coisas. Mas, sim, ouvi rumores. Você sabe a quantidade normal de pedidos de transferência daqui para os níveis intermediários ou superiores. Bem, tenho recebido dez vezes mais que isso. Temo que as pessoas não queiram ficar perto dessa sua empreitada.

Juliette mordeu o lábio inferior.

— Parte do problema é a falta de condução — continuou Hank. — Não quero aborrecê-la com isso, mas, nesse momento, eu e os rapazes aqui de baixo não temos uma ideia muito clara de qual a verdadeira situação das coisas. Não temos recebido relatórios da Segurança, como antigamente. E o seu gabinete…

— Não tem se comunicado muito bem? — sugeriu Juliette.

Hank coçou a parte de trás da cabeça.

— Isso mesmo. Não que você tenha andado quieta. Às vezes dá para ouvir o barulho, perto da escadaria.

— É por isso que vim visitar — respondeu. — Quero que você saiba que suas preocupações são as mesmas que as minhas. Estou subindo para passar uma semana ou duas no gabinete. E também vou passar nas outras delegacias. Vai haver melhora, em muitos aspectos.

Hank franziu a testa.

— Você sabe que confio em você e tudo o mais, mas quando diz ao pessoal daqui que vai haver melhora, as pessoas só escutam que vai haver mudança. E, para os que consideram uma bênção o fato de estarem respirando, isso só pode significar uma coisa.

Juliette pensou em tudo o que havia planejado, tanto para o topo quanto para as profundezas.

— Enquanto houver bons homens como você confiando em mim, estaremos bem. Agora, preciso lhe pedir um favor.

— Você precisa de um lugar para passar a noite? — arriscou Hank. Ele apontou para a cela da cadeia. — Mantive seu quarto arrumado. Posso baixar a cama…

Juliette deu uma risada. Estava contente por eles já poderem brincar sobre o que momentos antes causava desconforto.

— Não — respondeu —, mas agradeço a oferta. Preciso chegar às fazendas intermediárias antes que as luzes se apaguem. Preciso plantar a primeira safra em uma faixa de solo sendo revirada. — Ela balançou a mão. — É uma daquelas coisas.

Hank sorriu e assentiu.

— O que eu queria pedir era para você ficar de olho na escada para mim. Lukas mencionou que havia reclamações lá em cima. Vou subir para acalmá-las, mas quero que você fique alerta caso as coisas comecem a dar errado. Estamos com pouca gente lá embaixo, e as pessoas estão no limite.

— Está esperando algum problema? — indagou Hank.

Juliette considerou a pergunta.

— Sim — respondeu. — Se você precisar de uma ou duas sombras, eu libero orçamento.

Hank franziu o cenho.

— Em geral gosto de ver o dinheiro fluindo para o meu lado, mas por que será que isso me deixa tão desconfortável?

— Pela mesma razão por que eu estou disposta a pagar — retrucou Juliette. — Nós dois sabemos que você não está fazendo um bom negócio.

9

• *Silo 18* •

Juliette deixou a delegacia e foi subindo pelos níveis que tinham testemunhado grande parte da luta — então pôde ver outra vez as cicatrizes da guerra no silo. Passou por lembretes cada vez piores das batalhas disputadas em sua ausência, viu as marcas deixadas pelo conflito, as tiras de metal reveladas onde a tinta velha fora riscada, as marcas de queimaduras negras e de bala no concreto, os vergalhões expostos como ossos quebrados perfurando a pele.

Dedicara a maior parte de sua vida a manter aquele silo inteiro e em funcionamento. Seu gesto era recompensado pelo próprio silo, que enchia seus pulmões de ar, fazia as colheitas crescerem e acolhia os mortos. A população e o silo eram responsáveis um pelo outro. Sem pessoas, aquele silo seria igual ao de Solo: enferrujado e parcialmente submerso. Sem o silo, todos seriam apenas crânios na colina, os olhos vazios encarando céus cheios de nuvens. O silo e seus habitantes precisavam um do outro.

Deslizava os dedos corrimão acima, o metal áspero por causa das novas soldas, e sua própria mão áspera com as muitas cicatrizes. Durante grande parte de sua vida, ela e o silo tinham impulsionado um ao outro. Até o maldito momento em que quase se mataram. E as pequenas feridas na Mecânica que ela esperara consertar um dia — bombas que rangiam, canos furados, vazamentos nos tubos de exaustão — pareciam minúsculas diante do enorme estrago causado por sua partida. Assim como antigas cicatrizes, lembretes de erros da juventude, se perdiam sob

a pele desfigurada, parecia que um grande erro podia soterrar todos os erros menores.

Juliette subiu degrau por degrau até chegar ao local onde uma bomba arrancara um trecho da escadaria. Um remendo de metal se estendia sobre a ruína, uma teia de barras e grades garimpadas das plataformas de níveis que acabaram se tornando mais estreitas. Os nomes das vítimas da explosão estavam escritos a carvão ao longo do caminho. Juliette passou com cuidado pelo metal retorcido. Mais acima, viu que as portas do Suprimentos tinham sido substituídas. Ali, a luta tinha sido ainda mais cruel. O custo pago por aquelas pessoas de amarelo, por se aliar com ela, de azul.

Um Domingo estava terminando quando Juliette se aproximou da igreja do noventa e nove. Uma multidão descia a escada em espiral na direção do bazar imerso em silêncio por onde ela acabara de passar. Tinham os lábios comprimidos depois de horas de conversas sérias, as juntas tão rígidas quanto os macacões engomados. Juliette passou por eles e percebeu os olhares hostis.

A multidão diminuiu quando ela chegou à plataforma. O pequeno templo ficava espremido entre as velhas fazendas hidropônicas e os apartamentos dos trabalhadores que antigamente serviam nas profundezas. Isso tinha sido antes da época dela, mas Knox uma vez explicara o surgimento do templo do noventa e nove. Foi quando o pai dele ainda era criança e surgiram protestos contra músicas e peças apresentadas nos Domingos. A Segurança não tomou quaisquer medidas enquanto cada vez mais manifestantes se reuniam em um acampamento em frente ao bazar. Todos dormiam no chão, tumultuando as escadas até ninguém mais conseguir passar. A fazenda um nível acima foi atacada em meio à busca de alimento para as massas. Por fim, os rebeldes conseguiram ocupar grande parte do nível hidropônico. O templo do vinte e oito abriu uma sede satélite no noventa e nove, mas ela crescera e ficara ainda maior do que o templo do qual se originara.

Padre Wendel estava perto das escadas quando Juliette fez a última volta. Estava parado junto à porta, cumprimentando e tendo breves conversas com cada membro da congregação, após o encerramento do Domingo. Sua túnica branca parecia emitir luz própria, brilhando tanto quanto a cabeça careca, que reluzia com o suor do esforço de pregar para a multidão. Com o fulgor da cabeça e da túnica, Wendel inteiro parecia brilhar. Sobretudo para Juliette, que acabara de sair de um nível cheio de fuligem e graxa e se sentiu suja só de ver aquela roupa imaculada.

— Obrigada, padre — disse uma mulher, fazendo uma pequena mesura e apertando a mão do homem enquanto carregava uma criança no colo.

A cabeça do pequenino estava apoiada em seu ombro, dormindo um sono perfeito. Wendel pôs a mão sobre a cabeça da criança e disse algumas palavras. A mulher o agradeceu de novo e seguiu em frente, então o padre apertou a mão da pessoa seguinte.

Juliette se escondeu, apertando-se contra o corrimão enquanto os últimos fiéis passavam. Observou um homem parar e botar algumas fichas tilintantes na palma aberta do padre Wendel.

— Obrigado, padre — disse o homem.

O cumprimento parecia uma espécie de cântico. O sujeito passou por ela, subindo a escadaria, e Juliette achou que ele tinha cheiro de cabra. Provavelmente estava indo de volta para os currais. O homem foi o último a partir. Padre Wendel se virou e sorriu para Juliette, para mostrar que estava ciente de sua presença.

— Prefeita — cumprimentou o padre, estendendo as mãos. — É uma honra. Veio para o serviço das onze?

Juliette conferiu o pequeno relógio que usava preso ao pulso.

— Esse não foi o das onze? — perguntou. Estava subindo bem depressa.

— Foi o das dez. Acrescentamos mais um Domingo. As pessoas do alto chegam mais tarde.

Juliette se perguntou por que as pessoas que viviam tão no alto percorriam toda aquela distância. Tinha calculado o tempo de subida de

forma a perder todas as cerimônias, o que poderia ser um erro. Seria bom ouvir o que estava sendo dito, o que tanta gente achava atraente.

— Infelizmente só tenho tempo para uma visita rápida — explicou. — Virei a um Domingo quando estiver descendo de volta, está bem?

Wendel franziu a testa.

— E quando vai ser isso? Ouvi dizer que a senhora estava voltando para o trabalho para o qual Deus e seu povo a escolheram.

— É provável que em algumas semanas. O suficiente para resolver as coisas lá em cima.

Um acólito surgiu na plataforma com uma tigela de madeira ornamentada. Ele mostrou o conteúdo a Wendel, e Juliette ouviu as fichas chacoalhando. O garoto usava uma capa marrom, e quando ele fez uma reverência para o sacerdote, a prefeita notou que o centro de seu cocuruto tinha sido raspado. Quando o acólito se virou para ir embora, Wendel segurou seu braço.

— Cumprimente a prefeita — mandou.

— Senhora.

O acólito fez uma reverência. Mantinha o rosto inexpressivo. Olhos negros e sobrancelhas densas e escuras, lábios pálidos. Juliette sentiu que aquele jovem passava pouco tempo fora da igreja.

— Não precisa me chamar de senhora — respondeu com educação. — Sou Juliette.

Ela estendeu a mão.

— Remmy — disse o garoto.

Uma mão surgiu por baixo da capa marrom. Juliette a apertou.

— Vá verificar os bancos — ordenou Wendel. — Ainda temos mais um Domingo.

Remmy fez uma reverência para os dois e saiu. Juliette sentiu pena do garoto, mas não soube ao certo por quê. Wendel examinou a plataforma, parecendo tentar ouvir os sinais da multidão que se aproximava. Então segurou a porta e acenou para que Juliette entrasse.

— Venha — chamou. — Encha seu cantil. Vou abençoar sua jornada.

Juliette sacudiu o cantil, que fez um barulho indicando que estava quase vazio.

— Obrigada — respondeu, e entrou atrás do sacerdote.

Wendel a guiou pelo saguão e gesticulou para que Juliette o seguisse até a capela inferior, onde anos antes ela frequentara alguns Domingos. Remmy estava ocupado entre as fileiras de bancos e cadeiras, ajeitando almofadas e espalhando comunicados escritos à mão em tiras de papel barato. Juliette reparou que o garoto a encarava.

— Os deuses sentem sua falta — comentou o padre, deixando entender que sabia quanto tempo fazia desde a última vez que Juliette fora a um Domingo.

A capela aumentara bastante em relação ao que ela se lembrava. Havia o cheiro pungente e caro de serragem, de madeira recém-talhada, vinda de portas e outros objetos de madeira antiga. Juliette apoiou a mão em um banco que devia valer uma fortuna.

— Bem, os deuses sabem onde me encontrar — respondeu, afastando a mão do banco.

Sorriu ao dizê-lo, tentando suavizar o comentário, mas captou um vislumbre de decepção no rosto do sacerdote.

— Às vezes fico pensando se você não está tentando se esconder deles — retrucou.

Com um aceno de cabeça, Padre Wendel indicou o vidro colorido atrás do altar. As luzes atrás do mosaico brilhavam forte, projetando faixas de cor no chão e no teto.

— Li seus anúncios para cada nascimento e morte aqui em meu púlpito e vi que você deu todo o crédito aos deuses.

Juliette queria dizer que não era ela quem escrevia os anúncios. Que alguém os escrevia no lugar dela.

— Mas às vezes me pergunto se você de fato acredita nos deuses, considerando seu aparente descaso com as regras.

— Acredito nos deuses — retrucou Juliette, irritada com a acusação. — Acredito de verdade nos deuses que construíram este silo. E também todos os outros silos…

Wendel fez careta.

— Blasfêmia — murmurou, de olhos arregalados, como se aquelas palavras pudessem matar.

Lançou um olhar para Remmy, que fez uma reverência e se afastou para o saguão.

— É, é blasfêmia — concordou Juliette. — Mas acredito que foram os deuses que fizeram as torres além das colinas, e que deixaram uma pista para que descobríssemos isso, além de um modo de sairmos daqui. Descobrimos uma ferramenta nas profundezas deste silo, Padre Wendel. Uma máquina de escavação que pode nos levar a novos lugares. Sei que o senhor desaprova, mas acredito que essa ferramenta seja um presente dos deuses e pretendo usá-la.

— Essa sua máquina de cavar é obra do demônio, está nas profundezas onde o demônio se esconde — acusou Wendel. A bondade deixara seu rosto. Ele secou a testa com um quadrado de tecido fino. — Não há deuses como esses de que você fala, só demônios.

Aquele era o sermão. Juliette estava presenciando o serviço das onze, afinal. E as pessoas iam até lá para ouvir aquilo.

Ela deu um passo à frente. Sentia a pele quente de raiva.

— Pode até haver demônios entre meus deuses — concordou, falando a língua dele. — Pois os deuses em que acredito, os deuses que venero, foram os homens e as mulheres que construíram este lugar, assim como outros lugares iguais a este. Eles construíram isto aqui para nos proteger do mundo que destruíram. Eram deuses e demônios ao mesmo tempo. Mas deixaram espaço para nossa redenção. Queriam que nos libertássemos, Padre, e nos deram os meios para isso. — Ela apontou para a própria têmpora. — Eles me deram os meios, estão bem aqui. E deixaram uma máquina de cavar. É verdade. Não é blasfêmia nenhuma botá-la em uso. E já vi os outros silos, de que o senhor continua a duvidar. Estive em um.

Wendel deu um passo para trás. Ele esfregou a cruz pendurada em seu pescoço, e Juliette percebeu que Remmy espiava de trás da porta, as sobrancelhas escuras turvando ainda mais seus olhos.

— Devemos usar todas as ferramentas que os deuses nos concederam — insistiu Juliette. — Menos essa que o senhor prefere, esse poder de provocar medo nos outros.

— Eu?

O Padre Wendel levou uma das mãos ao peito. Com a outra, apontou para ela.

— É *você* quem está espalhando o medo. — disse ele, gesticulando para os bancos e para as fileiras apertadas de cadeiras que não combinavam, para os caixotes e baldes no fundo do salão. — O templo fica lotado, três Domingos por dia, cheio de pessoas querendo rezar para acabar com a sua obra do demônio. As crianças não conseguem dormir, de tanto medo de que você acabe matando todos nós.

Juliette abriu a boca, mas as palavras não saíram. Pensou nos olhares que recebera na escadaria, naquela mãe puxando o filho para si, nas pessoas que conhecia e não a cumprimentavam mais.

— Eu podia lhe mostrar alguns livros — murmurou, pensando nas prateleiras que continham o Legado. — Podia lhe mostrar esses livros, então o senhor entenderia.

— Só há um livro que vale a pena ser lido — retrucou Wendel.

Fixou os olhos no grande volume ornamentado e com bordas douradas apoiado sobre uma bancada perto do púlpito, confinado sob uma gaiola de aço modelado. Juliette se lembrou das lições daquele livro. Vira as páginas de sentenças aleatórias e enigmáticas destacando-se em meio a barras negras de texto censurado. E reparou em como a bancada estava presa à base de aço sem muito zelo. Um relevo grosseiro de soldas feitas por um paranoico. Os mesmos deuses que eram considerados confiáveis para manter a vida de homens e mulheres em segurança não eram capazes de cuidar de um só livro.

— É melhor eu partir, para que o senhor tenha tempo de se preparar para o Domingo das onze — declarou, arrependida por ter se irritado.

Padre Wendel descruzou os braços. Juliette sentia que os dois tinham ido longe demais, e que ambos sabiam disso. Tivera esperanças de apaziguar as dúvidas, mas só as piorara.

— Gostaria que você ficasse — declarou o sacerdote. — Pelo menos encha o cantil.

Juliette levou a mão às costas e pegou o cantil. Remmy voltou com um esvoaçar da capa marrom pesada, o círculo raspado em sua cabeça reluzindo de suor.

— Vou encher, padre — respondeu Juliette. — Obrigada.

O sacerdote assentiu. Ele acenou para Remmy e não falou mais enquanto o acólito pegava água na fonte da capela. Nem uma palavra sequer. A promessa inicial de abençoar a jornada de Juliette tinha sido esquecida.

10

• Silo 18 •

Juliette participou de uma cerimônia de plantação nas fazendas intermediárias, almoçou tarde e continuou a lacônica subida do silo. Quando chegou ao trinta, o brilho das luzes começava a diminuir, e ela ansiava por uma cama conhecida.

Lukas estava à sua espera na plataforma da escadaria. Ele a cumprimentou com um sorriso e insistiu em carregar sua bolsa, por mais que estivesse leve.

— Você não precisava ter me esperado — comentou Juliette.

Na verdade, achou aquilo adorável.

— Acabei de chegar — insistiu Lukas. — Uma carregadora me disse que você estava se aproximando.

Juliette se lembrou da garota de macacão azul-claro que a ultrapassara no quarenta. Era fácil esquecer que Lukas tinha olhos e ouvidos espalhados por toda parte. Ele segurou a porta aberta, e Juliette entrou no nível repleto de memórias e sentimentos conflitantes. Knox morrera ali. A Prefeita Jahns fora envenenada ali. Ela tinha sido condenada à limpeza naquele nível, e tinha sido ali que médicos a remendaram.

Olhou para a sala de reuniões e lembrou-se de quando lhe contaram que tinha virado prefeita. Foi ali que sugerira a Peter e Lukas que contassem a verdade a todos: não estavam sozinhos no mundo. Ainda achava isso uma boa ideia, apesar dos protestos dos dois. Mas talvez fosse melhor *mostrar* isso às pessoas, em vez de apenas contar. Imaginou famílias inteiras fazendo a jornada até as profundezas, assim como era

costume subir para ver o telão. Todos viajariam para o seu mundo, aqueles milhares de pessoas que nunca tinham ido lá, que não faziam ideia de como eram as máquinas que os mantinham vivos. Fariam a jornada de descida até a Mecânica, então passariam por um túnel e veriam o outro silo. No caminho, talvez ficassem maravilhadas com o gerador principal, perfeitamente balanceado, emitindo um zumbido baixo. Poderiam se admirar com o buraco que seus amigos teriam cavado. E poderiam contemplar a emoção de encher um mundo vazio, tão parecido com aquele em que viviam, e refazê-lo à maneira que julgassem melhor.

O portão de segurança emitiu um bipe quando Lukas escaneou o crachá, e Juliette despertou dos devaneios. O guarda atrás do portão acenou para ela, que retribuiu o gesto. Atrás dele, os corredores da TI estavam vazios e silenciosos. A maioria dos trabalhadores já tinha ido para casa, para o descanso noturno. Ao ver o lugar deserto, Juliette se lembrou do Silo 17. Imaginou Solo surgindo em uma curva do corredor trazendo um pedaço de pão, com a barba cheia de farelos e um sorriso feliz por vê-la. Aquele corredor era exatamente igual a esse, exceto pela lâmpada destruída do Silo 17, pendurada pelos fios.

Os dois grupos de memórias se misturaram em sua cabeça enquanto seguia Lukas para a residência particular dele. Dois mundos construídos exatamente da mesma forma, duas vidas diferentes, uma lá e outra aqui. As semanas que passara com Solo tinham parecido tomar o curso de uma vida inteira, tamanha a ligação que se formou entre eles, duas pessoas sob tensão. Juliette quase esperava ver Elise sair correndo do escritório onde as crianças tinham se estabelecido e se agarrar à sua perna. Os gêmeos estariam discutindo sobre algum espólio encontrado depois da curva do corredor. Rickson e Hannah estariam roubando beijos no escuro e sussurrando sobre o desejo de fazer mais um filho.

— … mas só se você concordar.

Juliette se virou para Lukas.

— O quê? Ah, sim. Tudo bem.

— Você não ouviu nem uma palavra do que eu disse, não é? — perguntou, chegando à porta e escaneando o crachá. — Às vezes parece que você está em outro mundo.

Juliette percebeu preocupação na voz dele, não raiva. Pegou a bolsa e entrou. Lukas acendeu as luzes e jogou o crachá na cômoda perto da cama.

— Está se sentindo bem?

— Só um pouco cansada da subida. — respondeu Juliette.

Ela se sentou na beira da cama e desamarrou os cadarços. Tirou as botas e as deixou no lugar habitual. O apartamento de Lukas era como um segundo lar, familiar e aconchegante. Seu próprio apartamento, no nível seis, era território estrangeiro. Vira o lugar duas vezes, mas nunca passara a noite lá. Fazê-lo seria aceitar de vez seu papel de prefeita.

— Estava pensando em pedir que entregassem o jantar aqui, mais tarde. — Lukas remexeu no closet e pegou um robe de tecido macio que Juliette adorava vestir depois de uma ducha quente. Ele o pendurou no gancho da porta do banheiro. — Quer que eu prepare um banho para você?

Juliette respirou fundo.

— Estou fedendo, não estou?

Ela cheirou as costas da mão, tentando sentir o odor da graxa. Havia o toque azedo do maçarico temperado com o cheiro da fumaça que escapava da escavadeira — um perfume tão entranhado em sua pele quanto as marcas que os petroleiros faziam nos braços, com a ponta da faca. O cheiro resistia, apesar de ela ter tomado uma ducha antes de deixar a Mecânica.

— Não… — respondeu Lukas, parecendo decepcionado. — Só achei que você ia gostar de tomar um banho.

— De manhã, talvez. E acho que vou ficar sem jantar. Passei o dia beliscando.

Ela alisou os lençóis ao seu lado. Lukas sorriu e sentou-se junto dela na cama. Seu rosto exibia um sorriso de expectativa e aquele brilho nos

olhos que ela sempre via depois que faziam amor, mas a expressão se desfez com as palavras que Juliette pronunciou em seguida:

— Precisamos conversar.

Ele pareceu arrasado. Seus ombros se curvaram.

— Nós não vamos nos registrar, é isso?

Juliette pegou a mão dele.

— Não. Não é isso. É claro que vamos nos registrar. É claro.

Apertou a mão dele contra o peito, lembrando-se do amor que mantivera oculto do Pacto e de como isso quase a partira ao meio. Nunca mais cometeria o mesmo erro.

— É sobre a escavação — explicou ela.

Lukas respirou fundo, prendeu o ar por um instante, e então riu.

— Ah, é só isso — retrucou, sorrindo. — É impressionante como posso achar que essa sua escavação é o menor dos males.

— Tem mais uma coisa que quero fazer e que você não vai gostar.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Se está falando sobre tentar contar às pessoas sobre os outros silos, dizer a elas o que há lá fora, você sabe qual é a minha opinião e a de Peter. Acho que não é seguro falar disso. As pessoas não vão acreditar, e quem acreditar vai acabar causando problemas.

Juliette pensou no Padre Wendel e em como as pessoas eram capazes de acreditar naquelas coisas incríveis criadas a partir de simples palavras, em como crenças podiam se formar a partir de livros. Mas talvez fosse preciso *querer* acreditar naquelas coisas. E talvez Lukas tivesse razão: nem todo mundo iria querer saber a verdade.

— Não vou contar nada — explicou. — Quero que você *mostre* a eles. Quero fazer uma coisa lá em cima, mas vou precisar de ajuda sua e do seu departamento. Vou precisar de alguns dos seus funcionários.

Lukas franziu a testa.

— Isso não parece nada bom. — E esfregou o braço dela. — Por que não discutimos esse assunto amanhã? Só quero aproveitar sua companhia esta noite. Um momento sem trabalhar. Posso fingir ser

apenas um técnico dos servidores, e você pode ser… bem, não ser a prefeita.

Juliette apertou a mão dele.

— Você tem razão. É claro. E talvez eu devesse tomar uma ducha rápida…

— Não, fique. — Lukas beijou o pescoço dela. — É o seu cheiro. Tome banho de manhã.

Ela cedeu. Lukas beijou seu pescoço outra vez, mas, quando quis abrir o zíper do macacão dela, Juliette pediu para apagar as luzes. Ele não reclamou dessa vez, como costumava fazer, pois preferia vê-la. Em vez disso, deixou a luz do banheiro acesa e fechou a porta quase que completamente, deixando o quarto envolto no mais tênue brilho. Por mais que Juliette gostasse de ficar nua com ele, não gostava de ser vista. A colcha de remendos de cicatrizes em seu corpo a deixava como os túneis de mineração de granito: uma teia de pedra branca se destacando da terra.

No entanto, por mais que não fossem atraentes aos olhos, as marcas eram sensíveis ao toque. Cada cicatriz era como uma terminação nervosa conectada a uma parte muito profunda de Juliette. Quando Lukas traçava o dedo sobre as linhas — como um eletricista seguindo um diagrama de cabos — uma corrente se iniciava onde tocava, ligando dois terminais de bateria. A eletricidade atravessava o corpo dela enquanto os dois se abraçavam no escuro, enquanto ele a explorava com as mãos. Juliette sentia a pele esquentar. Aquela não seria uma noite em que cairiam no sono rápido. Seus projetos e planos perigosos começaram a desaparecer sob a pressão delicada daquele toque carinhoso. Seria uma viagem de volta à sua juventude, de *sentir* em vez de pensar, de volta a tempos mais simples…

— Que estranho — comentou Lukas, parando o que estava fazendo.

Juliette não perguntou o que era estranho, torcendo para que ele esquecesse. Era orgulhosa demais para pedir que ele continuasse a tocá-la.

— Minha cicatriz favorita sumiu — explicou ele, esfregando um ponto no braço dela.

Juliette sentiu a temperatura de seu corpo subir. Estava de volta à câmara pressurizada, tamanho o calor. Uma coisa era tocar suas feridas em silêncio, outra era falar sobre elas. Puxou o braço e rolou para o lado, achando que, afinal de contas, seria uma noite para dormir.

— Não, aqui, me deixe ver — implorou ele.

— Você está sendo cruel — retrucou Juliette.

Lukas acariciou suas costas.

— Não estou. Juro. Posso, por favor, ver seu braço?

Juliette se sentou na cama e cobriu os joelhos com os lençóis. Envolveu os braços ao redor do corpo.

— Não gosto que você fale delas — declarou. — E você não devia ter uma favorita. — Fez um movimento de cabeça, indicando o banheiro, de onde vazava uma luz tênue pela fresta na porta. — Podemos, por favor, fechar aquilo ali ou apagar a luz?

— Jules, eu te amo exatamente como você é, juro. Nunca a vi de outro jeito.

Ela entendeu aquilo como se ele nunca a tivesse visto nua antes dos ferimentos, não que sempre a achara bonita. Saiu da cama e foi apagar a luz do banheiro. Saiu arrastando o lençol, deixando Lukas na cama sozinho, pelado.

— Era na dobra do seu braço direito — explicou ele. — Três cicatrizes se cruzavam e faziam uma estrelinha. Eu a beijei centenas de vezes.

Juliette apagou a luz e ficou parada no escuro, sozinha. Ainda sentia Lukas olhando para ela. Sentia as pessoas olhando para suas cicatrizes sem disfarçar, mesmo quando estava toda vestida. Pensou em George a vendo daquele jeito e sentiu um nó na garganta.

Lukas surgiu ao seu lado em meio à completa escuridão, passou o braço ao seu redor e a beijou no ombro.

— Volte para a cama — pediu. — Me desculpe. Podemos deixar a luz apagada.

Juliette hesitou.

— Não gosto que você as conheça tão bem — explicou. — Não quero ser um dos seus mapas estelares.

— Eu sei — respondeu ele. — Não consigo evitar. Elas são parte de você, a única versão de você que eu já conheci. O que acha de pedir a seu pai para dar uma olhada...?

Ela se afastou, mas só para acender a luz de volta. Examinou a dobra do braço no espelho — primeiro o direito, depois o esquerdo —, achando que Lukas devia estar errado.

— Tem certeza de que ficava aqui? — perguntou, analisando a teia de cicatrizes em busca de um trecho vazio, de um pedaço de céu aberto.

Lukas a segurou com carinho pelo pulso e pelo cotovelo, levou seu braço à boca e o beijou.

— Bem aí — disse. — Eu a beijei centenas de vezes.

Juliette enxugou uma lágrima e riu naquela mistura de soluço e suspiro comum aos momentos tristes. Localizou um ponto que formava um nó de carne especialmente ofensivo, um vergão bem ao redor do antebraço, e mostrou-o a Lukas, perdoando-o mesmo sem conseguir acreditar no que ele dissera.

— Agora beije esta.

11

• Silo 1 •

As baterias de carbeto de silício que os drones usavam eram do tamanho de forninhos elétricos. Charlotte calculou que cada uma devia pesar entre quinze e vinte quilos. Tinham sido extraídas de dois drones e envoltas em tiras de tecido extremamente fortes encontradas em um dos caixotes de suprimentos. Ela pegou uma bateria com cada mão e, com muito esforço, deu uma volta ao redor do depósito, as coxas protestando e bambeando, os braços dormentes.

Uma trilha de suor marcava seu progresso, mas ainda havia um longo caminho pela frente. Como se permitira ficar tão fora de forma? Tanta corrida e exercício durante o ciclo básico, só para se sentar diante de um painel e pilotar um drone, sentar o rabo na cadeira e jogar simuladores de guerra, sentar em um refeitório e comer porcaria, sentar e ler.

Estava acima do peso, isso sim. E aquilo não a incomodara até despertar naquele pesadelo. Nunca sentira necessidade de se levantar e fazer exercícios até que alguém a congelou por alguns séculos. Queria de volta o corpo de que se recordava. Pernas que funcionavam. Braços que não ficavam doloridos após escovar os dentes. Talvez fosse ingênua por pensar que poderia voltar no tempo, ser outra vez aquela pessoa, voltar ao mundo de que se lembrava. Ou talvez estivesse sendo impaciente com a recuperação. Essas coisas levavam tempo.

Chegou outra vez aos drones, fazendo a volta completa. Conseguir terminar de dar a volta no salão era um progresso. Fazia algumas semanas desde que o irmão a despertara, e a rotina de comer, se exercitar

e trabalhar nos drones estava começando a parecer normal. O mundo insano no qual tinha acordado estava começando a parecer real. E aquilo a deixava horrorizada.

Pôs as baterias no chão e respirou fundo algumas vezes, segurando o fôlego. A rotina da vida militar fora parecida. Era tudo o que a impedia de enlouquecer, pois fora preparada para aquilo. Ficar confinada não era novidade. Viver no meio de um deserto desolado por onde não era seguro transitar não era novidade. Estar cercada por homens que devia temer não era novidade. Charlotte se acostumara a essas coisas quando fora mandada para o Iraque durante a Segunda Guerra Iraniana — não deixar a base, não querer sair do beliche ou de um cubículo no banheiro. Estava acostumada ao esforço necessário para manter a sanidade. Precisava de tanto estímulo mental quanto físico.

Tomou um banho em um dos chuveiros perto do controle dos drones, enxugou-se com uma toalha, cheirou cada um dos três macacões e decidiu que era hora de insistir com Donny para que lavasse roupa de novo. Vestiu o menos desesperador dos três, pendurou a toalha para secar no pé de um beliche superior, e fez a cama impecavelmente, como aprendera na Força Aérea. Donald já morara na sala de reuniões do outro lado do depósito, mas Charlotte estava quase confortável na caserna, com seus fantasmas. O lugar a fazia sentir-se em casa.

No fim do corredor havia uma sala com estações de pilotagem. A maioria coberta de plástico. Havia uma mesa simples na mesma parede onde um mosaico de monitores bem grandes fora instalado. Era ali que o aparelho de rádio estava sendo montado. O irmão coletara um monte de peças sobressalentes nos depósitos inferiores, uma de cada vez. Podia levar décadas, talvez séculos, antes que alguém desse pela falta delas.

Charlotte acendeu a lâmpada que pendurara acima da mesa e ligou o equipamento. Já conseguia captar vários canais. Girou o botão até ouvir o ruído de estática e o deixou ali, à espera de vozes. Até que elas viessem, fingia que era o som das ondas quebrando em uma praia. Às vezes era a chuva sob um dossel de folhas pesadas. Ou um grupo de pessoas falando baixo em um teatro escuro. Remexeu na caixa de peças

que Donald reunira e procurou alto-falantes melhores. Ainda precisava de um microfone ou algum modo de transmitir. Desejou que tivesse mais habilidades mecânicas. Só sabia conectar uma coisa na outra. Era como montar um rifle ou um computador: ela só juntava qualquer coisa que se encaixasse e apertava o botão de ligar. Uma vez o experimento só resultou em fumaça. O mais necessário era paciência, e não tinha muita. Ou tempo, coisa na qual ela estava se afogando.

Passos no corredor anunciaram o café da manhã. Charlotte baixou o volume e abriu espaço na mesa quando Donny entrou com uma bandeja nas mãos.

— Bom dia — cumprimentou, levantando-se para pegar a bandeja.

Suas pernas estavam bambas do exercício.

Quando o irmão adentrou o espaço iluminado pela lâmpada pendurada, notou que ele estava de cara fechada.

— Está tudo bem? — perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Talvez tenhamos um problema.

Charlotte pousou a bandeja.

— O que é?

— Esbarrei com um cara que conheci no primeiro turno. Fiquei preso no elevador com ele. Um funcionário da manutenção geral.

— Isso não é bom.

Ergueu a tampa de metal amassada de um dos pratos. Embaixo dela havia uma placa de circuito e um rolo de fio, além da pequena chave de fenda que pedira.

— Seus ovos estão embaixo da outra.

Ela tirou a segunda tampa e pegou o garfo.

— Ele o reconheceu?

— Não sei. Fiquei de cabeça baixa até ele sair. Mas o reconheci tão bem quanto qualquer outra pessoa deste lugar. Parece que foi ontem que peguei ferramentas emprestadas e pedi que ele trocasse uma lâmpada para mim. Quem sabe qual a sensação, para ele? Pode ter sido ontem ou há mais dez anos. A memória funciona de um jeito estranho neste lugar.

Charlotte deu uma garfada nos ovos. Donny tinha posto sal demais. Imaginou-o lá em cima com o saleiro, a mão trêmula.

— Mesmo que ele tenha reconhecido você — respondeu ela, de boca cheia —, pode ter pensado que está em outro turno, sendo você mesmo. Quantas pessoas o conhecem como Thurman?

Donald balançou a cabeça.

— Não muitas. Mas mesmo assim, isso pode nos trazer problemas a qualquer momento. Vou trazer mais comida da despensa, algo que não precise de refrigeração. Além disso, alterei as autorizações do seu crachá para que você possa acessar os elevadores. E me certifiquei de que mais ninguém pode vir aqui. Odiaria se você não pudesse sair caso alguma coisa acontecesse comigo.

Charlotte remexeu os ovos no prato.

— Não gosto nem de pensar.

— E tem mais um problema. O turno deste chefe do silo termina em uma semana, o que vai complicar um pouco as coisas. Estou contando com ele para orientar o próximo cara sobre minha posição. Até agora, tudo tem sido fácil demais…

Charlotte riu e comeu mais um pouco.

— Fácil demais — repetiu, balançando a cabeça. — Imagino se ficasse complicado. Quais as novidades sobre seu silo favorito?

— O chefe da TI nos captou hoje. Lukas.

Charlotte achou que o irmão parecia decepcionado.

— E? — perguntou. — Descobriu alguma coisa nova?

— Ele conseguiu invadir outro servidor. É mais da mesma informação: tudo sobre os residentes, os empregos que já tiveram, com quem se relacionam do nascimento até a morte... Não entendo como essas máquinas conseguem criar o ranking a partir dessas informações. Parece um monte de tralha inútil com o intuito de esconder alguma coisa.

Ele pegou uma folha de papel dobrada, uma impressão do ranking de silos atualizado. Charlotte abriu espaço na bancada, e ele alisou o relatório.

— Viu? A ordem mudou de novo. Mas o que determina isso?

A irmã examinou o relatório enquanto comia, e Donald pegou uma das pastas de anotações. Ele passava muito tempo na sala de reuniões, onde podia espalhar suas coisas e andar de um lado para o outro, mas Charlotte preferia quando se sentava na estação dos drones. Donald às vezes ficava horas ali, repassando suas anotações enquanto Charlotte trabalhava no rádio, os dois à procura de conversas em meio à estática.

— O Silo 6 está de volta ao topo — murmurou ela.

Era como ler as informações nutricionais de uma caixa de cereais enquanto comia: todos aqueles números faziam pouco sentido. Uma coluna estava identificada como *Instalações*, que Donald disse ser como costumavam chamar os silos. Ao lado de cada referência havia um percentual, como uma enorme dose diária de vitaminas: *99,992%*, *99,989%*, *99,987%*, *99,984%*. O número do último silo com percentual era *99,974%*. Todas as instalações abaixo daquela estavam riscadas ou listadas como N/D. Entre os silos nessa última categoria estavam o 40, o 12 e o 17.

— Você ainda acha que o do topo é o único que vai sobreviver? — perguntou.

— Acho.

— Você contou isso para essas pessoas com quem anda conversando? Porque eles estão bem abaixo na lista.

Ele apenas a encarou, franzindo a testa.

— Não contou. Só está usando eles para tentar entender isso tudo.

— Eu não estou usando ninguém. Ora, eu salvei aquele silo. Salvo aquele silo todos os dias em que não relato o que está acontecendo lá.

— Ok, então — retrucou Charlotte, voltando para seus ovos.

— Além disso, é provável que eles achem que estão me usando. Droga, acho que descobrem mais com nossas conversas do que eu. Lukas, que comanda a TI, me enche de perguntas sobre como era o mundo de antes…

— E a prefeita? — Charlotte se virou e analisou o irmão atentamente. — O que ela ganha com isso?

— Juliette? — Donald folheou uma pasta. — Ela gosta de me ameaçar.

Charlotte deu risada.

— Adoraria escutar isso.

— Se você conseguir montar esse rádio, talvez consiga.

— Aí você vai passar mais tempo trabalhando aqui embaixo? Seria bom, viu? Diminuiria o risco de ser reconhecido.

Ela raspou o prato, sem querer admitir que a verdadeira razão para querer Donald lá embaixo por mais tempo era o quanto o lugar parecia vazio quando ele ia embora.

— Com certeza.

Donald esfregou o rosto, e Charlotte reparou em como o irmão estava cansado. Ela voltou a olhar para os números, enquanto comia.

— Parece meio arbitrário, não é? — ponderou em voz alta. — Se esses números significam o que você acha que significam. São muito próximos.

— Duvido que as pessoas que planejaram isso vejam as coisas desse jeito. Elas só precisam de um número. Não importa qual. É como um monte de peças sobressalentes em uma caixa. Você pega uma e a única preocupação é se ela vai funcionar. Só isso. Eles só querem garantir um 100%.

Charlotte não podia acreditar que era isso o que tinham em mente. Mas Donny lhe mostrara o Pacto e muitas de suas próprias anotações para convencê-la. Todos os silos, exceto um, seriam exterminados — incluindo o deles.

— Quanto tempo até preparar o próximo drone? — perguntou Donald.

Charlotte tomou um gole de suco.

— Mais um ou dois dias. Talvez três. Vou pegar bem leve com esse. Nem sei se vai voar.

Os dois últimos drones não tinham chegado tão longe quanto o primeiro. Ela estava ficando desesperada.

— Tudo bem. — Donny esfregou o rosto outra vez, as palmas das mãos abafando sua voz. — Em breve vamos ter que decidir o que fazer. Se não fizermos nada, esse pesadelo vai continuar por mais duzentos anos. E nem eu nem você vamos durar tanto.

Ele começou a rir, mas a risada virou um ataque de tosse. Donald pegou o lenço no bolso do macacão, e a irmã virou o rosto. Examinou os monitores apagados enquanto ele tinha um de seus ataques.

Charlotte não queria admitir, mas estava inclinada a deixar que as coisas se desenrolassem conforme o previsto. Pelo que entendera, parecia que um monte de máquinas de extrema precisão estavam no controle do destino da humanidade, e ela confiava mais em computadores do que o irmão. Passara anos pilotando drones que podiam voar sozinhos, tomar decisões sobre que alvos acertar, guiar mísseis para localizações exatas. Sentia-se menos piloto e mais uma espécie de jóquei, montada em um animal capaz de correr sozinho, que só precisava de alguém ali para assumir as rédeas de vez em quando ou gritar palavras de estímulo.

Examinou os números no relatório outra vez. Centésimos de ponto percentual decidiriam quem viveria e quem morreria. E a maioria ia morrer. Ela e o irmão estariam há muito dormindo ou mortos quando isso acontecesse. Os números faziam aquele holocausto iminente parecer tão… arbitrário.

Donald usou a pasta em sua mão para apontar para o relatório.

— Reparou que o 18 subiu duas posições?

Charlotte tinha percebido.

— Você acha que… se apegou demais?

O irmão virou o rosto.

— Tenho uma história com esse silo. Só isso.

Ela hesitou. Não queria insistir, mas não pôde evitar.

— Não estou falando do silo. Você parece… um pouco diferente, sempre que fala com ela.

Donald respirou fundo e expirou devagar.

— Ela foi mandada para a limpeza — explicou. — Esteve no exterior.

Por um instante, Charlotte achou que aquilo era tudo o que o irmão ia dizer sobre o assunto. Como se fosse o suficiente, como se explicasse tudo. Ele ficou um tempo em silêncio, os olhos indo de um lado a outro.

— Ninguém deveria voltar — explicou, por fim. — Acho que os computadores não levam isso em conta. Não estou falando só do que ela passou, e sim que o 18 está ali, firme e forte. Mas, por tudo o que aconteceu, não devia estar. Se conseguirem superar isso… dá para pensar que isso faria deles nossa maior esperança.

— *Você* é quem pensa isso — retrucou Charlotte, corrigindo-o. Agitou o pedaço de papel. — É impossível que a gente seja mais inteligente do que esses computadores, irmão.

Ele pareceu triste.

— Ao menos podemos ter mais compaixão que eles.

Charlotte conteve a vontade de discutir. Queria argumentar que o irmão só se importava com aquele lugar por causa do contato pessoal. Se conhecesse as pessoas por trás de qualquer outro silo, se conhecesse suas histórias, será que continuaria torcendo para eles? Seria cruel sugerir aquilo, por mais que fosse verdade.

Donald tossiu contra o lenço. Ele reparou que Charlotte o encarava, olhou para o tecido manchado de sangue e o guardou.

— Estou com medo — declarou a mulher.

Donald balançou a cabeça.

— Eu, não. Não tenho medo disso. Não tenho medo de morrer.

— Sei que não. Isso é óbvio, ou iria buscar ajuda. Mas você deve ter medo de alguma coisa.

— Tenho. De muita coisa, na verdade. Tenho medo de ser enterrado vivo. Tenho medo de fazer a coisa errada.

— Então não faça nada — insistiu Charlotte. Quase implorou naquele exato instante para ele dar um fim àquela loucura, ao isolamento que viviam. Podiam voltar a dormir e deixar aquilo para as máquinas e os planos atrozes dos outros. — Vamos não fazer nada.

O irmão se levantou, apertou o braço dela e se virou para ir embora.

— Isso pode ser a pior escolha — respondeu, baixinho.

12

• *Silo 1* •

Naquela noite, Charlotte acordou de um pesadelo em que estava voando. Sentou-se na cama, fazendo as molas soarem como filhotes de pássaros no ninho — ainda sentia que voava entre as nuvens, o vento batendo no rosto.

Sempre sonhava que estava voando. Que estava caindo. Sonhos sem asas nos quais não conseguia mudar a direção em que avançava, não podia subir mais. Uma bomba caindo direto sobre um homem e sua família — o sujeito virava no último segundo para proteger os olhos contra o sol do meio-dia —, um vislumbre da própria família: o pai, a mãe, o irmão e a si mesma antes do impacto e da perda de sinal…

O ninho de pássaros abaixo dela fez silêncio. Charlotte se desembolou dos lençóis, úmidos com o suor da agitação que todos aqueles sonhos aterrorizantes tinham provocado. O ambiente parecia pesado e sombrio. Sentia os beliches vazios por toda a volta, aquela sensação de que os colegas pilotos tinham sido convocados no meio da noite, deixando-a sozinha. Levantou-se e atravessou o corredor até o banheiro, tateando para achar o caminho e girando bem pouco os interruptores, para manter as luzes fracas. Às vezes se dava conta de por que o irmão passara todo esse tempo morando na sala de reuniões do outro lado do depósito. Sombras espreitavam aqueles corredores. Dava para sentir os fantasmas dos que dormiam passando através dela.

Deu descarga e lavou as mãos. Não tinha condições de voltar ao beliche, não conseguiria voltar a dormir, não depois daquele sonho.

Pegou um macacão vermelho que Donny trouxera — ele tinha trazido três, um de cada cor: um pouco de variedade para aquela vida confinada. Charlotte não conseguia lembrar a função indicada pelos azuis e os dourados, mas lembrava-se de que o vermelho indicava o reator. Tinha bolsos e encaixes para pendurar ferramentas. Ela sempre usava aquele para trabalhar, então raramente estava limpo. Com toda as ferramentas presas no devido lugar, a vestimenta pesava quase dez quilos e chacoalhava quando ela andava. Charlotte fechou o zíper da frente e avançou pelo corredor.

Estranhamente, as luzes no depósito já estavam acesas. Devia ser o meio da noite. Lembrava-se de tê-las desligado, e ninguém mais tinha acesso àquele nível. Sentindo a boca secar de repente, Charlotte avançou sem fazer barulho até os drones próximos, abrigados sob as capas. Sussurros vazavam das sombras.

Atrás dos drones, perto das estantes altas com caixas de peças sobressalentes, ferramentas e rações de emergência, havia um homem ajoelhado sobre a forma imóvel de outro. O sujeito se virou ao ouvir o chacoalhar das ferramentas dela.

— Donny?

— Oi?

Uma onda de alívio. O corpo estendido abaixo do irmão não era o que parecia. Era um traje inflado com os braços e pernas estendidos, uma forma vazia e sem vida.

— Que horas são? — perguntou, esfregando os olhos.

— Tarde — respondeu o irmão. Ele secou a testa com a manga da roupa. — Ou cedo, depende. Acordei você?

Charlotte ficou olhando o irmão mudar de posição para impedir que ela visse o traje. Donny ergueu uma das pernas daquela silhueta inflada e começou a dobrá-la para guardar. Próximo de seu joelho havia uma tesoura e um rolo de fita prateada, assim como um capacete, luvas e, um pouco afastada, uma garrafa que parecia um cilindro de mergulho. Também havia um par de botas. O tecido fazia barulho quando era manipulado. Fora aquele ruído que ela confundira com vozes.

— Hein? Não, não me acordou. Levantei para ir ao banheiro. Achei que tinha ouvido alguma coisa.

Era mentira. Tinha ido até ali no meio da noite para trabalhar em um drone ou fazer qualquer coisa que a mantivesse acordada, centrada. Donald assentiu e puxou um lenço do bolso do peito. Tossiu contra o tecido antes de guardá-lo.

— O que está fazendo acordado? — perguntou Charlotte.

— Estava só verificando uns suprimentos. — Donny fez uma pilha com as peças do traje. — Procurando umas coisas de que estão precisando lá em cima. Não quis arriscar mandar outra pessoa descer para buscar. — Ele olhou para a irmã. — Quer que eu pegue alguma coisa quente para o café da manhã?

Charlotte envolveu o próprio corpo com os braços e balançou a cabeça. Odiava ser lembrada de que estava presa naquele nível, de que precisava dele para trazer as coisas para ela.

— Já estou ficando acostumada com as rações dos caixotes. Estou começando a gostar das barras de coco das rações militares. — Ela deu risada. — Lembro que odiava muito o gosto delas, quando fiz o ciclo básico.

— Eu não me importo mesmo de ir buscar alguma coisa para você — retrucou Donny, que com certeza procurava uma desculpa para sair dali, para mudar de assunto. — E em breve devo conseguir o que falta das coisas que precisamos para o rádio. Requisitei um microfone, que não consigo encontrar mais em lugar nenhum. Tem um na sala de comunicação que está dando problemas, talvez eu roube esse, se nada mais der certo.

Charlotte assentiu. Ficou olhando o irmão guardar o traje de volta em um dos grandes recipientes plásticos. Ele estava escondendo alguma coisa. Sempre sabia quando Donny tentava disfarçar e mudar de assunto. Era coisa de irmão mais velho.

Foi até o drone mais próximo, puxou a capa e apoiou um conjunto de chaves sobre a asa dianteira. Nunca tivera muito jeito com ferramentas, mas após semanas de trabalho com os drones — de persistência, ou ao

menos de paciência —, estava começando a entender como as peças se encaixavam.

— Mas para que eles precisam desse traje? — perguntou, esforçando-se para parecer indiferente.

— Acho que tem alguma coisa a ver com o reator.

Donald esfregou a nuca e franziu a testa. Charlotte deixou que a mentira se estendesse entre os dois. Queria que o irmão a ouvisse.

Ao tirar a cobertura da asa do drone, Charlotte se lembrou de chegar em casa do treinamento básico com uma musculatura nova e semanas de competitividade ferrenha forjadas em meio a um esquadrão de homens. Isso tinha sido antes de se permitir relaxar, ao longo do tempo que passara em missão. Na época, era uma adolescente magra e em forma. O irmão fazia pós-graduação, e seu primeiro comentário de provocação quanto ao novo físico de Charlotte o fizera parar no sofá com o braço torcido às costas, rindo e provocando-a ainda mais.

Mas ele só riu até a almofada do sofá ser apertada contra a lateral de seu rosto, então Donny passou a guinchar como um porco preso. As brincadeiras tinham se transformado em uma coisa mais séria e assustadora, o medo de ser enterrado vivo despertando algo primitivo no irmão — algo que Charlotte nunca usara como motivo de provocação e que gostaria de nunca mais ver acontecer.

Ficou olhando o irmão lacrar a caixa com o traje e guardá-la debaixo de uma prateleira. Sabia que aquilo não era necessário em nenhum outro lugar do silo. Donald pegou o lenço e voltou a tossir. Ela fingiu estar concentrada no drone durante o ataque de tosse. Donny não queria falar sobre o traje nem sobre o problema em seus pulmões, e ela não o culpava. Seu irmão estava morrendo. Sabia que ele estava morrendo, ainda podia vê-lo como em seus sonhos, virando-se no último minuto para proteger os olhos contra o sol de meio-dia. Charlotte o viu como todos os homens que vira naquele último instante de vida. Lá estava o belo rosto de Donny na tela, assistindo à inevitável queda do céu.

Ele estava morrendo, por isso queria se assegurar que ela tivesse comida estocada e uma forma de sair. Por isso queria garantir que ela

tivesse um rádio, para ter com quem conversar. Seu irmão estava morrendo e não queria ser enterrado, não queria morrer ali embaixo, naquele poço onde não tinha como respirar.

Charlotte sabia muito bem qual era a finalidade daquele traje.

13

• Silo 18 •

Havia um traje de limpeza vazio estendido sobre a bancada de trabalho, um dos braços pendurado, o cotovelo dobrado em um ângulo pouco natural. O visor do capacete, ao lado do traje, encarava o teto em silêncio. A pequena tela no interior do visor fora removida para dar lugar a uma janela de plástico para o mundo real. Juliette se debruçou sobre o traje, algumas gotas de suor pingando no tecido enquanto ela apertava os parafusos sextavados que mantinham a parte inferior do encaixe do capacete presa ao tecido. Lembrou-se da última vez em que preparara um traje como aquele.

Nelson, o jovem técnico da TI encarregado do laboratório de limpeza, trabalhava em uma bancada idêntica do outro lado da oficina. Juliette o selecionara como assistente para aquele projeto. Ele estava familiarizado com os trajes, era jovem e não parecia ser contra suas ideias. Não que os dois primeiros critérios importassem.

— O próximo assunto que precisamos discutir é o relatório de população — anunciou Marsha.

A moça — uma assistente que Juliette nunca pedira para contratar — procurou entre uma dezena de pastas até encontrar a certa. A bancada vizinha estava coberta de papel reciclado, convertendo uma área para construir coisas em uma reles escrivaninha. Juliette ergueu os olhos e observou Marsha revirar uma pasta. A assistente era uma garota frágil, recém-saída da adolescência, agraciada com maçãs do rosto rosadas e cabelos pretos bem cacheados. Tinha trabalhado para os dois prefeitos

anteriores, durante um período curto, mas tumultuado. Assim como o crachá dourado e o apartamento no nível seis, a jovem viera com o cargo.

— Aqui está — declarou.

Marsha mordeu o lábio inferior, examinando o relatório, e Juliette reparou que a impressão fora feita apenas de um lado da folha. Com o tanto de papel que seu gabinete usava e reciclava, daria para alimentar todos os apartamentos de qualquer um dos níveis por um ano. Certa vez, Lukas comentou, zombeteiro, que aquilo era para manter os empregos dos recicladores. A chance de ele estar certo a impedira de rir junto.

— Pode me passar essas gaxetas? — pediu, apontando para o material de vedação no lado de Marsha da bancada.

A jovem apontou para um recipiente de arruelas de pressão. Depois para um amontoado de contrapinos. Por fim, sua mão se dirigiu às gaxetas. Juliette balançou a cabeça afirmativamente.

— Obrigada.

— Então, pela primeira vez em trinta anos, atingimos um nível abaixo de cinco mil residentes — explicou Marsha, voltando ao relatório. — Tivemos muitos… falecimentos. — Juliette sentiu o olhar da assistente fixo nela, mesmo concentrada em ajustar a gaxeta no encaixe do capacete. — O comitê de loteria está pedindo uma contagem oficial, só para termos noção de…

— Se pudesse, o comitê de loteria faria um censo por semana.

Juliette esfregou óleo na gaxeta antes de ajustar o outro lado do encaixe do capacete. Marsha deu uma risada educada.

— Sim, bem, é que eles querem organizar outra loteria logo. Pediram mais duzentos números.

— Números — resmungou Juliette. Às vezes achava que era a única coisa para que serviam os computadores de Lukas: um monte de máquinas enormes que soltavam números dos rabos barulhentos. — Você contou a eles sobre minha ideia de anistia? Sabem que estamos prestes a dobrar o espaço, certo?

Marsha se remexeu, desconfortável.

— Eu contei a eles — respondeu a jovem. — E falei sobre o espaço extra. Acho que não encararam isso muito bem.

Do outro lado da oficina, Nelson ergueu os olhos do traje em que estava trabalhando. Apenas os três ocupavam aquele laboratório, onde antes pessoas eram vestidas para serem mandadas para a morte. Estavam trabalhando em outra coisa, tinham outro motivo para mandar pessoas ao exterior.

— Bem, e o que foi que o comitê disse? — perguntou Juliette. — Eles sabem que precisarei levar pessoas quando chegarmos ao outro silo, para botá-lo outra vez em funcionamento. A população daqui vai cair muito.

Nelson voltou a se debruçar sobre seu trabalho. Marsha fechou a pasta com o relatório de população e encarou o chão.

— O que eles disseram sobre a minha ideia de suspender a loteria?

— Nada — respondeu Marsha. Ela virou a cabeça para cima, e as luzes do teto refletiram na película úmida que envolvia seus olhos. — Não acho que muitos deles acreditem nesse seu outro silo.

Juliette deu risada e balançou a cabeça. Sentia a mão tremer enquanto ajustava o último parafuso do encaixe do capacete.

— A verdade é que não importa muito em que o comitê acredita, não é mesmo? — Ainda assim, sabia que isso também era verdade em relação a ela e a todos. O mundo lá fora era como era, não importava quanta dúvida, esperança ou ódio a pessoa direcionasse a ele. — A escavação está em andamento. Estamos abrindo quase cem metros por dia. Acho que o comitê de loteria vai ter que fazer uma viagem até lá embaixo para ver com os próprios olhos. Você devia dizer isso a eles. Mandá-los descerem lá para ver.

Marsha franziu a testa e tomou nota.

— O próximo assunto na agenda… — Ela pegou seu livro de registros. — Houve um grande número de reclamações sobre…

Alguém bateu à porta. Juliette se virou e viu Lukas entrando no Laboratório de Trajes, sorrindo. Ele acenou para Nelson, que devolveu o

cumprimento com um aceno de chave de boca. Não pareceu surpreso ao ver Marsha. Ele pôs a mão no ombro da jovem assistente.

— Você devia simplesmente trazer aquela enorme escrivaninha de madeira dela aqui para baixo — brincou. — Pode usar o orçamento para portadores.

Marsha sorriu e afastou uma de suas madeixas negras do rosto. A jovem olhou em volta.

— Devia mesmo — respondeu.

Juliette reparou em como sua assistente corava na presença de Lukas e riu internamente. O capacete se encaixou no traje com um estalido seco. Ela testou o mecanismo de liberação.

— Você se importa se eu pegar a prefeita emprestada? — perguntou Lukas.

— Não, nem um pouco.

— Ah, eu me importo — interveio Juliette, analisando as mangas de um dos trajes. — Estamos muito atrasados no cronograma.

Lukas franziu o cenho.

— Não tem cronograma nenhum. Você é quem determina o cronograma. E, além disso, por acaso conseguiu permissão para fazer isso? — Ele parou ao lado de Marsha e cruzou os braços. — Você sequer contou para sua assistente o que está planejando?

Juliette ergueu os olhos, culpada.

— Ainda não.

— Por quê? O que você está fazendo? — indagou Marsha, baixando o livro de registros e analisando os trajes pelo que pareceu ser a primeira vez.

Juliette a ignorou e encarou Lukas.

— Estou atrasada porque quero acabar isso antes que terminem a escavação. O processo está avançando bem. Já atingiram solo macio. Gostaria muito de estar lá embaixo quando atravessarem.

— E eu gostaria que você comparecesse àquela reunião hoje, que você vai perder se não começar a se mexer.

— Eu não vou — retrucou Juliette.

Lukas lançou um olhar para Nelson, que pousou a ferramenta sobre a bancada, chamou Marsha e saiu. Juliette ficou olhando os dois indo embora e percebeu que seu jovem Lukas tinha mais autoridade do que ela imaginava.

— É a reunião mensal do conselho — disse ele. — A primeira desde sua eleição. Eu disse ao juiz Picken que você estaria lá. Jules, você precisa começar a agir como prefeita, ou não vai *ser* prefeita por muito mais tempo…

— Ótimo. — Ela ergueu as mãos. — Não sou prefeita. Acabei de decretar isso. — Rabiscou o ar com uma chave de fenda. — Assinado e carimbado.

— Não está nada ótimo. O que você acha que seu sucessor vai fazer com tudo isso? — Ele gesticulou, indicando as bancadas de trabalho. — Acha que ainda vai poder brincar disso? Esta sala vai voltar a ter o fim para que foi construída em um piscar de olhos.

Juliette conteve a vontade de responder, de dizer que não estava brincando, que era algo bem pior.

Lukas desviou o rosto para não ver qualquer que fosse a expressão que ela estivesse fazendo. Os olhos dele pousaram em um monte de livros empilhados ao lado da cama de armar que Juliette levara para lá. Ela às vezes dormia ali, quando os dois começavam a discordar ou quando precisava de um lugar para ficar sozinha. Não que tivesse dormido muito, nos últimos tempos. Ela esfregou os olhos e tentou se lembrar da última vez que dormira quatro horas seguidas. Passava as noites fazendo soldas na câmara de pressurização e os dias no Laboratório de Trajes ou lá embaixo, atrás da central de comunicação. Na verdade, quase não dormia mais, apenas apagava de vez em quando.

— Devíamos mantê-los trancados — comentou Lukas, indicando os livros. — Não devíamos deixá-los expostos.

— Ninguém acreditaria no que está escrito se os abrissem — retrucou Juliette.

— Pelo papel.

Juliette assentiu. Lukas tinha razão. Onde ela via informação, os outros veriam dinheiro.

— Vou levá-los de volta lá para baixo — prometeu, e a raiva se esvaiu como óleo de um recipiente rachado. Pensou em Elise, contando pelo rádio sobre um livro que estava fazendo, um livro com todas as suas páginas favoritas. Juliette precisava de um livro como aquele. Só que, enquanto o de Elise provavelmente estava cheio de peixes bonitos e aves coloridas, o de Juliette seria um catálogo de coisas mais sombrias. Coisas que jaziam no coração dos homens.

Lukas deu um passo em sua direção e pousou a mão em seu braço.

— Essa reunião…

— Soube que eles estão pensando em fazer uma nova votação — interrompeu Juliette. Afastou um fio de cabelo do rosto e o ajeitou atrás da orelha. — Não é como se eu fosse ser prefeita por muito mais tempo. E é por isso que preciso acabar o que estou fazendo. Quando a votação for encerrada, não vai fazer mais diferença.

— Por quê? Porque você vai ser a prefeita de um silo diferente? É esse o plano?

Juliette pousou a mão sobre o capacete abobadado.

— Não. Porque já terei minhas respostas. Porque as pessoas terão visto. E vão acreditar em mim.

Lukas cruzou os braços e respirou fundo.

— Preciso descer de volta para os servidores. Se ninguém estiver lá para atender a ligação, as luzes começam a piscar nos escritórios e todo mundo fica perguntando para que diabos elas servem.

Juliette assentiu. Ela mesma tinha visto aquilo. Também sabia que Lukas gostava tanto quanto ela das longas conversas atrás do servidor. Só que ele era melhor naquilo. Todas as conversas dela levavam a discussões. Lukas era bom em amaciar suas falas, em entender as coisas.

— Por favor, Jules, diga que vai à reunião. Prometa que vai.

Ela examinou o traje na outra bancada, querendo ver o quanto Nelson avançara. Iam precisar de mais um traje para a pessoa extra na

segunda câmara pressurizada. Se trabalhasse durante a noite e o dia seguinte inteiro…

— Por mim — suplicou Lukas.

— Eu vou.

— Obrigado. — Ele olhou para o velho relógio de parede, com ponteiros vermelhos visíveis por trás do plástico todo arranhado. — Vejo você no jantar?

— Claro.

Ele se debruçou e a beijou no rosto. Quando se virou para ir embora, Juliette começou a arrumar as ferramentas no estojo de couro, deixando-as prontas para depois. Pegou um pano limpo e esfregou as mãos.

— Ah, Luke!

— O quê? — Ele parou na porta.

— Mande um oi para aquele escroto.

14

• *Silo 18* •

Lukas saiu do Laboratório de Trajes e seguiu na direção da sala dos servidores do outro lado do trinta e quatro. Passou por uma sala vazia da técnica. Os homens e as mulheres que trabalhavam ali cobriam os turnos de mecânicos e operários das profundezas e do Suprimentos que tinham perdido a vida. Pessoas da TI mandadas para substituir aqueles que tinham matado.

Shirly, amiga de Juliette, ficara encarregada de administrar a Mecânica depois de tudo aquilo. Ela sempre reclamava com o gabinete de Lukas sobre a falta de pessoal, depois reclamava mais quando ele transferia alguém para ajudar. O que ela queria? Mais trabalhadores, ele supunha. Só que não do setor dele.

Um bando de técnicos e de funcionários da Segurança estavam parados diante da sala de descanso, e ficaram em silêncio quando Lukas se aproximou. Ele acenou, e mãos se ergueram em resposta, mas apenas por educação.

— Senhor — cumprimentou alguém, o que o fez se encolher. A conversa só recomeçou depois que ele virou o corredor, e lembrou-se de participar de conversas como aquelas depois que seu antigo chefe passava.

Bernard. Lukas pensava que sabia o que significava estar no comando. A pessoa fazia o que queria. As decisões eram arbitrárias. Agia-se com crueldade só por capricho. Agora se via concordando com coisas piores do que jamais imaginara. Sabia de um mundo com horrores

tão absurdos no qual homens como ele talvez não fossem capazes de liderar. Era algo que nunca poderia dizer em voz alta, mas talvez o ideal fosse mesmo uma nova votação. Juliette seria uma ótima técnica de laboratório, ali na TI. Solda eletrônica e industrial não eram tão diferentes assim, a questão era mais de escala. Então tentou imaginá-la preparando um traje para alguém usar em uma limpeza, ou sentada sem ter o que fazer enquanto recebiam ordens de outro silo sobre quantos nascimentos seriam permitidos naquela semana.

Era mais provável que a eleição de um novo prefeito resultasse em que os dois passassem mais tempo afastados. Ou que ele tivesse de solicitar uma transferência para a Mecânica e aprender a girar uma chave. De chefe da TI para um mecânico do terceiro turno. Lukas riu. Digitou o código, abriu a porta do servidor e pensou que podia ter certa dose de romantismo em largar o emprego e a vida para ficar com aquela mulher. Talvez até mais romantismo do que ir até o alto, à noite, para caçar estrelas. Teria de se acostumar com receber ordens de Juliette, mas não precisaria de muito esforço. Bastava uma quantidade razoável de sabão e o velho quarto dela, lá nos níveis inferiores, ficaria habitável. Enquanto seguia seu caminho ao longo dos servidores, pensou em como já vivera pior bem ali, sob seus próprios pés. O que importava era que estivessem juntos.

As luzes no teto ainda não estavam piscando. Ou estava adiantado, ou o sujeito chamado Donald estava atrasado. Lukas seguiu até a parede dos fundos, passando por vários servidores sem as tampas laterais, com fios saltando para fora. Com a ajuda de Donald, estava descobrindo como ter total acesso às máquinas, ver o que havia nelas. Ainda não encontrara nada muito animador, mas estava fazendo progresso.

Parou diante do servidor de comunicação, que tinha sido seu cantinho especial em outra vida, muito tempo antes. Passou a se envolver em um tipo diferente de conversa, atrás daquele servidor. Havia outro tipo de pessoa do outro lado da linha.

Uma das cadeiras bambas de madeira lá de baixo tinha sido trazida para cima. Lukas se lembrava de subir a escada empurrando-a diante de

si, com Juliette gritando que deviam baixar uma corda, os dois discutindo como portadores novatos. Ao lado da cadeira havia uma pilha de latas de livros formando uma espécie de mesinha. Um dos livros do Legado estava aberto em cima da pilha. Lukas se ajeitou na cadeira e pegou o volume. Marcara algumas páginas fazendo dobras nos cantos. Havia desenhado pontinhos nas margens, onde ficara com dúvidas. Folheou o livro e examinou o material enquanto aguardava a chamada.

O que antes achava entediante nos livros agora era só o que parecia importar. Durante o tempo que ficou preso — seu Ritual de Iniciação — foi forçado a ler as partes da Ordem sobre comportamento humano. Agora lia aquelas mesmas partes com muita atenção. E Donald, a voz do outro lado da linha, praticamente o convencera de que aquilo tudo — histórias conhecidas como "a Caverna dos Ladrões", "Milgram" e "Skinner" — era mais do que meras histórias. Algumas daquelas coisas tinham acontecido de verdade.

Depois de se especializar naquelas histórias, descobriu ainda mais lições nos livros do Legado. O que atraía sua atenção nos últimos tempos era a história do velho mundo. Haviam ocorrido levantes episódicos ao longo de milhares de anos. Ele e Jules discutiam se podia ou não haver um fim para aquela violência cíclica. Os livros sugeriam que tal esperança era tolice. Então Lukas descobriu um capítulo inteiro sobre os riscos nas consequências de um levante, exatamente a situação em que se encontravam. Leu sobre homens com nomes estranhos — Cromwell, Napoleão, Castro, Lenin — que lutaram para libertar seu povo e depois os escravizaram e conduziram a uma situação ainda pior do que a que lutaram contra.

Juliette insistia que eram apenas lendas. Mitos. Como os fantasmas que os pais usam para fazer seus filhos se comportarem. Para ela, aqueles capítulos significavam que destruir um mundo era simples, que a gravidade da natureza humana tendia a isso sem muito esforço. A complexidade estava justamente na reconstrução. Pouco se pensava a respeito do que poderia substituir a injustiça contra a qual se lutava.

Sempre se preocupavam demais com a desconstrução, alegava Juliette, como se desse para reconstruir tudo juntando cinzas e escombros.

Lukas discordava. Achava — e Donald tinha confirmado — que aquelas histórias eram reais. Sim, as revoluções eram dolorosas. Sempre haveria um período em que as coisas ficavam piores. Mas a situação melhorava com o tempo. As pessoas aprendem com seus erros. Tentara convencê-la disso certa noite, depois que uma conversa com Donald os mantivera acordados durante o período em que a intensidade das luzes era reduzida. Jules, claro, precisava ter a última palavra. Ela o levara até o refeitório e apontara para o brilho acima do horizonte, os morros sem vida e um raro feixe de sol sobre torres decrépitas.

— Esse é seu mundo já "melhorado" — dissera. — Isso é o que o homem fez depois de aprender direitinho com seus erros.

Ela sempre precisava ter a última palavra, apesar de Lukas ter mais a dizer.

— Talvez este seja o período ruim que vem *antes* — sussurrara, enquanto bebia seu café. Juliette fingira não ouvir.

As páginas sob os dedos de Lukas pulsaram com um brilho vermelho. Ele ergueu os olhos para as luzes acima, piscando com a chamada do rádio. Ouviu um zunido vindo do servidor de comunicação, uma referência brilhando acima da primeira entrada. Pegou o fone, desembolou o fio e o plugou no receptor.

— Alô?

— Lukas. — A máquina removia toda a entonação de voz, toda a emoção. Exceto a decepção. Mesmo que não fosse possível ouvir, dava para sentir o desapontamento por não ter sido Juliette quem atendeu. Ou talvez fosse coisa de sua cabeça.

— Sou só eu.

— Muito bem. Só para você saber, tenho assuntos urgentes a tratar. Nosso tempo é curto.

— Tudo bem. — Lukas achou o trecho correto do livro. Foi direto para onde tinham parado na vez anterior. Aquelas conversas o lembravam de seus estudos com Bernard, só que tinha passado da

Ordem para o Legado. E Donald era mais diligente do que seu antigo chefe, dava respostas mais completas. — Então… eu queria perguntar uma coisa sobre esse tal de Rousseau…

— Antes de começarmos — interrompeu Donald —, preciso implorar mais uma vez que parem com a escavação.

Lukas fechou o livro, marcando a página certa com o dedo. Ficou satisfeito por Juliette ter concordado em ir à assembleia, pois ficava muito exaltada sempre que esse assunto surgia. Devido a uma ameaça que ela fizera, Donald parecia pensar que a escavação era para chegar até ele, e Juliette fez Lukas jurar não desmentir aquilo. Ela não queria que ninguém descobrisse sobre seus amigos no 17 nem sobre seus planos de resgatá-los. Ele não concordava muito com aquele artifício. Embora Juliette desconfiasse daquele homem — que alertara os dois de que seu Silo podia ser desligado a qualquer momento por meios misteriosos —, Lukas via apenas alguém tentando ajudá-los às próprias custas. Jules achava que Donald temia pela própria vida. Lukas achava que Donald estava com medo *por eles*.

— Infelizmente a escavação terá de prosseguir — respondeu. Quase gritou "*Ela não vai parar!*", mas era melhor demonstrar um pouco de solidariedade.

— Bem, meu pessoal consegue captar as vibrações. Eles sabem que alguma coisa está acontecendo.

— Você não pode dizer que andamos com problemas no gerador? Que ele voltou a ficar desalinhado?

Houve um suspiro de desapontamento que os computadores não conseguiram esconder.

— Eles são inteligentes demais para cair nessa. O que fiz foi mandá-los não perder tempo investigando, que é tudo o que posso fazer. Estou lhe dizendo: isso não vai acabar nada bem.

— Então por que está ajudando a gente? Por que arriscar seu pescoço? Parece que é isso que você está fazendo.

— Meu trabalho é cuidar para que vocês não morram.

Lukas analisou o interior da torre do servidor, as luzes piscantes, os cabos, as placas.

— É, mas essas conversas, me ajudar a estudar esses livros, me ligar todo dia na hora marcada... por que você faz isso? Quer dizer… o que você ganha com essas conversas?

Houve uma pausa do outro lado da linha, uma rara hesitação na voz firme de seu suposto benfeitor.

— É que… Com isso eu ajudo você a se lembrar.

— E isso é importante?

— É. É importante. Pelo menos para mim. Eu sei como é esquecer.

— É por isso que estes livros estão aqui?

Mais uma pausa. Lukas sentiu que, sem querer, esbarrara em alguma parte da verdade. Precisava lembrar bem o que estava sendo dito para contar a Juliette mais tarde.

— Eles estão aí para que quem herdar o mundo, quem quer que seja escolhido para isso, saiba…

— Saiba o quê? — perguntou Lukas, desesperado.

Temia que ele fosse mudar de assunto. Donald tinha chegado perto de dizer aquilo em conversas anteriores, mas sempre se esquivara.

— Saiba como arrumar as coisas — explicou o homem do outro lado da ligação. — Olha, nosso tempo acabou. Preciso ir.

— O que você quis dizer com "herdar o mundo"?

— Digo da próxima vez. Preciso ir. Cuide-se.

— Certo. Você também…

Mas já tinha ouvido o clique que concluía a ligação. Seu interlocutor, que de algum modo sabia tanto sobre o velho mundo, tinha desligado.

15

• Silo 18 •

Juliette nunca tinha ido a uma assembleia pública. Era como o nascimento dos porcos: sabia que essas coisas aconteciam, mas nunca sentira vontade de testemunhar o espetáculo. Sua primeira vez seria como prefeita, mas também torcia para que fosse a última.

Juntou-se ao Juiz Picken e ao Xerife Billings sobre uma plataforma elevada, enquanto a massa de residentes se espalhava entre os corredores e as cadeiras. A plataforma para onde a levaram lembrava o palco do bazar, e Juliette se recordou do pai comparando aquelas reuniões a peças de teatro. Nunca achou que fosse um elogio.

— Não sei nenhuma das minhas falas — comentou com Peter Billings, em um tom enigmático.

Os dois estavam sentados tão perto que seus ombros se tocavam.

— Você vai se sair bem — respondeu Peter.

Ele sorriu para uma jovem na primeira fila, que acenou de volta para ele. O jovem xerife tinha encontrado alguém. A vida seguia em frente.

Tentou relaxar. Analisou a multidão. Viu muitos rostos desconhecidos. Conseguiu identificar alguns. Vindo dos corredores, era possível entrar ali por três portas. Duas davam direto nas passagens entre as fileiras de bancos antigos. A terceira dava para um espaço rente à parede. O ambiente era dividido em três, um padrão análogo aos parâmetros pouco definidos com que as pessoas se aglomeravam, que subdividiam o silo. Juliette não precisava que lhe apontassem esse detalhe. As pessoas que entravam tornavam isso óbvio.

Os bancos dos níveis superiores, no centro do salão, já estavam tomados, e havia mais gente parada atrás dos assentos no fundo, pessoas que ela reconheceu da TI e do refeitório. A parte com os assentos dos setores intermediários, em um dos lados, estava pela metade. Juliette percebeu que a maioria desses residentes se sentava perto da passagem, o mais perto possível do centro. Fazendeiros de verde. Encanadores hidropônicos. Pessoas com sonhos. O outro lado do ambiente estava quase vazio. Ali era reservado para as profundezas. Um casal de idosos estava sentado na primeira fila dessa seção, de mãos dadas. Juliette reconheceu o homem, um artesão de botas. Tinham vindo de longe. Ficava torcendo para que viessem mais residentes das profundezas, mas era uma subida muito longa. Então se lembrou de como aquelas reuniões pareciam distantes quando trabalhava nas profundezas do silo. Era como que ela e os amigos só ouvissem o que fora discutido e que regras tinham sido determinadas após o término da assembleia. A questão não era apenas ser uma subida longa, e sim que a maioria estava ocupada demais tentando sobreviver ao dia a dia para ter energia para ir a algum lugar debater o futuro.

Quando o fluxo de residentes diminuiu, o Juiz Picken se levantou para dar início à reunião. Juliette se preparou para morrer de tédio com os procedimentos. Uma fala rápida, uma breve apresentação, então ouviriam o que afligia os habitantes. Prometeriam melhorar. Voltariam a fazer as mesmas coisas.

Ela precisava voltar ao trabalho. Havia muito a fazer na câmara de pressurização e no Laboratório de Trajes. A última coisa que queria era ouvir aqueles problemas menores, um pedido de nova votação ou alguém reclamando da escavação. Desconfiava de que um assunto que outros consideravam sério pareceria sem importância para ela. Ser enviado para a morte e sobreviver a um batismo de fogo ao voltar causava esse efeito, afastando a maioria das pequenas disputas para os rincões mais profundos da mente.

Picken bateu seu martelo de madeira e pediu ordem. Ele deu as boas-vindas a todos e leu a ata já preparada. Juliette se endireitou,

desconfortável. Examinou a multidão e reparou que a ampla maioria olhava direto para ela em vez do juiz. Só escutou o fim da última frase de Picken porque mencionava seu nome.

— … ouvir de sua prefeita, Juliette Nichols.

O juiz se virou e gesticulou para que ela fosse até o púlpito. Peter lhe deu um tapinha de encorajamento no joelho. Enquanto andava até lá, ela ouvia o piso de metal ranger sob suas botas nos lugares onde não estava bem aparafusado. No mais, só havia silêncio. Então alguém na plateia tossiu. E veio um som de entre os bancos, quando os corpos voltaram a se mover. Juliette se apoiou no púlpito e ficou maravilhada com a mistura de cores à sua frente: azuis, brancos, vermelhos, marrons e verdes. Reparou nas caras fechadas. Todo tipo de gente, e todas com raiva. Pigarreou, e então se deu conta de como estava despreparada. Pensara que fosse apenas dizer algumas palavras, agradecer pela preocupação, garantir às pessoas que estava trabalhando incansavelmente para criar uma vida nova e melhor para todos. Só precisavam dar uma chance a ela, era o que queria dizer.

— Obrigada… — começou, e o Juiz Picken deu um puxão em seu braço, apontando para o microfone preso ao púlpito. Alguém no fundo gritou que não estava conseguindo ouvir. Juliette puxou o microfone para mais perto e viu que os rostos na multidão eram os mesmos que vira ao longo da escada. Cheios de desconfiança. A admiração que sentiam, ou algo parecido com isso, tinha se tornado desconfiança.

— Hoje estou aqui para ouvir suas perguntas. Suas preocupações — falou, assustada com o volume de sua voz. — Antes disso, gostaria de dizer algumas coisas sobre o que prendemos realizar este ano…

— Você deixou o veneno entrar? — gritou alguém, do fundo.

— Oi? — perguntou Juliette. Ela pigarreou.

Uma mulher se levantou, carregando um bebê nos braços.

— Meu filho está com febre desde que você voltou!

— Existem mesmo outros silos? — questionou alguém.

— Como é lá fora?

De repente um homem se levantou dos bancos dos níveis intermediários, o rosto vermelho de raiva.

— O que é que você está aprontando lá embaixo que está fazendo tanto barulho?

Outra dezena de pessoas também se levantou e começou a gritar. Suas perguntas e reclamações criaram um ruído único, uma máquina de raiva. A área central, lotada, transbordava em direção às passagens, pois as pessoas precisavam de espaço para apontar e acenar, pedindo atenção. Juliette viu o pai encostado na parede bem ao fundo, facilmente identificável pela aparência plácida, a expressão preocupada.

— Um de cada vez… — pediu Juliette. Ela estendeu as mãos espalmadas. A multidão se moveu para a frente, então ouviu-se um estrondo.

Juliette se encolheu.

Ouviu outro estrondo alto bem ao seu lado — o martelo de madeira não estava mais imóvel na mão do Juiz Picken. O disco de madeira sobre o púlpito saltou e girou enquanto o homem batia sem parar com o martelo. O delegado Hoyle, junto à porta, pareceu sair de um transe e avançou por entre a multidão aglomerada na passagem, mandando que todos voltassem para seus lugares e ficassem quietos. Peter Billings também tinha se levantado e gritava para que todos ficassem calmos. Depois de algum tempo, um silêncio tenso se abateu sobre os presentes. Mas algo vibrava no interior daquelas pessoas. Era como um motor que ainda não tivesse começado a funcionar, mas que queria fazê-lo, emitindo um zumbido elétrico logo abaixo da superfície, ressoando enquanto se preparava para pegar no tranco. Juliette escolheu as palavras com cuidado.

— Não posso contar a vocês como é lá fora…

— Não pode ou não vai? — perguntou alguém. A pessoa foi silenciada por um olhar do delegado Hoyle, que vigiava a passagem. Juliette respirou fundo.

— Não posso contar a vocês porque não dá para saber. — Ela ergueu as mãos para conter a multidão por mais um instante. — Tudo o que

nos contaram sobre o mundo além dessas paredes era mentira, uma história inventada…

— E como saberemos que não é *você* quem está mentindo?

Ela procurou a origem da voz em meio à multidão.

— Porque estou admitindo que não sabemos de nada. Eu é que vim aqui hoje dizer a vocês que precisamos sair e ver por nós mesmos. Com novos olhos. Com curiosidade renovada. Estou propondo que façamos o que nunca foi feito: sair e pegar uma amostra, trazer um pouco do ar externo e descobrir qual o problema com o mundo…

Um tumulto no fundo abafou o fim da frase. As pessoas tinham se levantado outra vez, mesmo com outros tentando impedi-los. Alguns estavam curiosos. Alguns estavam ainda mais revoltados. O martelo de madeira bradou, e Hoyle soltou o cassetete do cinto e o agitou para a primeira fila. Mas não tinha como acalmar a multidão. Peter deu um passo à frente com a mão na coronha do revólver.

Juliette se afastou do púlpito. Um dos alto-falantes apitou quando o Juiz Picken esbarrou no microfone com o braço. A base de madeira se soltou, e o juiz começou a martelar o próprio púlpito, onde Juliette viu marcas em forma de meia-lua, sorrisos e bocas tristes, das tentativas passadas de restaurar a calma.

O Delegado Hoyle teve de recuar contra a plataforma quando a multidão avançou, vários ainda com perguntas, mas a maioria com fúria descontrolada. Lábios trêmulos espumavam. Juliette ouviu mais acusações, viu a mulher com o bebê que a culpava por alguma doença. Marsha correu para o fundo do palco e abriu uma porta de metal pintada para parecer madeira de verdade, e Peter gesticulou para que Juliette entrasse nos aposentos do juiz. Ela não queria ir. Queria acalmar aquelas pessoas, dizer a elas que suas intenções eram boas, que ela podia consertar a situação, bastava que a deixassem tentar. Mas estava sendo arrastada para trás. Atravessou um armário de casacos cheio de túnicas escuras penduradas como sombras e seguiu por um corredor com fotos de juízes anteriores penduradas de qualquer jeito até chegar a uma velha mesa de metal pintada na mesma padronagem da porta.

Os gritos foram isolados do lado de fora. Ouviram algumas batidas na porta, e Peter xingou. Juliette desabou em uma velha poltrona de couro consertada com fita adesiva e enfiou o rosto entre as mãos. A raiva deles era sua própria raiva. Podia sentir-se ficando irritada com Peter e Lukas, que a haviam tornado prefeita. Sentia-se irritada com Lukas, por implorar que ela deixasse a escavação e subisse até lá, por fazê-la ir àquela assembleia. Como se aquela turba pudesse ser acalmada.

O barulho se infiltrou pelo o corredor quando a porta se abriu por um instante. Juliette achava que fosse o Juiz Picken se juntando a eles. Ficou surpresa ao ver um rosto mais familiar.

— Pai.

Ela se levantou da velha poltrona e atravessou a sala para cumprimentá-lo. Seu pai a abraçou, e Juliette se colocou naquele lugar no centro do peito dele, onde recordava encontrar conforto quando criança.

— Me disseram que você talvez estivesse aqui — sussurrou ele.

Juliette não respondeu. Por mais velha que se sentisse, os anos derreteram por tê-lo ali, por ter os braços dele ao seu redor.

— Também me disseram o que você está planejando, e não quero que vá.

Juliette se afastou para olhar o pai. Peter pediu licença e saiu. O barulho do exterior não foi tão alto dessa vez, quando a porta foi entreaberta, e Juliette percebeu que o Juiz Picken permitira a entrada de seu pai e estava lá fora acalmando a multidão. O pai tinha visto aquelas pessoas reagirem, ouvira o que elas diziam. Juliette segurou as lágrimas que se acumularam de repente.

— Eles não me deram chance de explicar… — começou, esfregando os olhos. — Pai, há outros mundos lá fora iguais ao nosso. É loucura ficarmos aqui sentados lutando entre nós quando há outros…

— Não estou falando da escavação — interveio o pai —, e sim que você está planejando ir lá em cima.

— Contaram para você… — Esfregou os olhos de novo. — Lukas… — murmurou.

— Não foi Lukas. Foi aquele técnico, Nelson, que passou para fazer um *checkup* e perguntou se eu ficaria em alerta para o caso de algo sair errado. Tive de fingir que sabia do que ele estava falando. Imagino que você tivesse intenção de anunciar seus planos nessa reunião, não é mesmo?

Ele olhou para o armário de túnicas.

— Temos de saber o que há lá fora — retrucou Juliette. — Pai, eles não estão tentando melhorar as coisas. Não sabemos nada…

— Então deixe que o próximo limpador veja isso. Deixe que peguem amostras quando forem mandados para fora, não vá.

Juliette balançou a cabeça.

— Não vai haver mais limpeza, pai. Não enquanto eu for prefeita. Não vou mandar ninguém lá para fora.

Ele pôs a mão sobre o braço dela.

— E eu não vou deixar minha filha ir.

Juliette se soltou.

— Sinto muito. Eu preciso ir. Estou tomando todas as precauções. Prometo.

O rosto do pai endureceu. Ele virou a mão e encarou a palma.

— Sua ajuda seria útil — declarou, na esperança de desfazer qualquer novo afastamento que temesse estar criando. — Nelson tem razão. Seria bom ter um médico na equipe.

— Não quero tomar parte nisso — retrucou ele. — Veja o que aconteceu com você da última vez.

O pai encarou seu pescoço, onde o colar de metal do traje deixara uma cicatriz curva.

— Isso foi culpa do fogo — explicou Juliette, ajeitando o macacão.

— E da próxima vez vai ser outra coisa.

Os dois ficaram se encarando naquele aposento onde as pessoas eram julgadas em silêncio, e Juliette sentiu a tentação familiar de fugir do conflito. Ao mesmo tempo, teve um desejo inusitado de apertar o rosto contra o peito do pai e chorar de um jeito que não era bem visto em mulheres de sua idade, de um jeito que mecânicos nunca chorariam.

— Não quero perder você de novo — disse ao pai. — Você é a única família que me resta. Por favor, me apoie nisso.

Foi difícil de dizer. Uma fala vulnerável e honesta. Parte de Lukas passou a viver dentro dela, aquilo era um valor que ele tinha transmitido.

Juliette esperou pela reação do pai, e notou quando a expressão dele se suavizou. Podia ter sido só imaginação, mas achou que ele tinha se aproximado um pouco, baixando a guarda.

— Farei um *checkup* em você antes e depois — respondeu ele.

— Obrigada. Ah, falando nisso, também queria fazer uma pergunta sobre outra coisa. — Arregaçou as mangas compridas do macacão, expondo o antebraço, e examinou as marcas brancas em seu pulso. — Você já ouviu falar em cicatrizes que somem com o tempo? Lukas achou que… — Ela olhou para o pai. — Será que algum dia elas vão sumir?

O pai inspirou profundamente e segurou o ar por um tempo. Dirigiu o olhar para trás do ombro dela, perdendo-se na distância.

— Não — respondeu. — Cicatrizes não somem. Nem com o tempo.

16

• *Silo 1* •

O comandante Brevard estava quase no fim do sétimo turno. Só faltavam três para terminar. Mais três turnos sentado atrás dos portões de segurança, lendo os mesmos poucos romances várias vezes, até as páginas amareladas cederem e caírem. Mais três turnos derrotando seus delegados no pingue-pongue — um novo delegado a cada turno — e dizendo a eles que fazia uma eternidade desde a última vez que jogara. Mais três turnos da mesma velha comida e dos mesmos velhos filmes, das mesmas velhas coisas insossas que o saudavam quando despertava. Mais três. Ia conseguir.

O chefe da segurança do Silo 1 contava os turnos de modo muito semelhante a como contara os anos para se aposentar. Seu mantra era: *que não aconteça nada*. A falta de emoção era boa. A passagem do tempo tinha gosto de baunilha. Pensava nisso quando estava parado diante de uma cápsula criogênica cheia de manchas de sangue seco — sentia um gosto amargo que nada tinha a ver com baunilha.

Um brilho ofuscante disparou da máquina fotográfica do delegado Stevens, que tirava outra foto do interior da cápsula. O corpo fora removido havia horas. Um técnico de equipamentos médicos fazia a manutenção de uma cápsula criogênica ali perto quando percebeu uma mancha de sangue na tampa daquela. Tinha limpado metade da mancha até se dar conta do que era. Brevard começou a estudar as marcas que o pano de limpeza do técnico de equipamentos médicos deixara. Tomou outro gole amargo de café.

Não subia mais vapor da caneca. Era culpa do ar frio naquele armazém de corpos. Brevard odiava ali embaixo. Odiava acordar nu naquele lugar, odiava ser levado de volta para ser posto para dormir, odiava o que o lugar fazia com seu café. Tomou outro gole. Só mais três turnos, então se aposentaria — fosse lá o que isso significasse. Ninguém pensava tão longe. Só até o turno seguinte.

Stevens baixou a câmera e apontou a saída com a cabeça.

— Darcy voltou, senhor.

Os dois observaram enquanto Darcy, o guarda noturno, atravessava o salão de cápsulas criogênicas. O guarda tinha sido o primeiro a chegar à cena, no início daquela manhã, então fora acordar o delegado Stevens, que fora acordar seu superior. Darcy se recusara a relaxar e dormir um pouco, como foi mandado. Em vez disso, tinha acompanhado o corpo até o departamento médico e se oferecera para aguardar os resultados dos exames enquanto os outros examinavam a cena do crime. Quando chegou, parecia um pouco animado demais ao sacudir um papel e seguir na direção deles.

— Não suporto esse cara — murmurou Stevens para seu chefe.

Brevard tomou um diplomático gole de café e observou o guarda noturno se aproximar. Darcy era jovem, tinha cerca de trinta anos, cabelo louro e um sorriso bobo permanente. Exatamente o tipo de pessoa inexperiente que a polícia gostava de botar nos turnos da noite, em que toda a merda sempre acontecia. Não era lógico, mas era tradição. A experiência assegurava um sono profundo quando os malucos estavam à solta.

— Você não vai acreditar no que eu descobri — declarou Darcy, a vinte passos de distância, mais do que apenas empolgado.

— O resultado bateu — retrucou Brevard, secamente. — O sangue na tampa é o mesmo que o da cápsula.

Quase acrescentou que o que Darcy com certeza *não* trouxera fora uma xícara de café quente para ele ou Stevens.

— Isso é só uma parte — concordou Darcy, parecendo envergonhado. — Mas como o senhor sabia?

Ele respirou fundo e entregou o relatório.

— Porque essas combinações são empolgantes — retrucou Brevard, pegando a folha. — As pessoas sempre exibem as combinações como se realmente tivessem algo a dizer. Advogados e membros do júri adoram quando essas coisas acontecem.

Novatos também, teve vontade de acrescentar.

Não sabia ao certo o que Darcy fazia antes da orientação, mas não era trabalho policial. Ao olhar para o relatório, Brevard viu uma combinação padrão de DNA, uma série de barras alinhadas, com linhas riscadas entre as barras onde elas eram idênticas. E aquelas duas eram idênticas: o DNA no arquivo para a cápsula e a amostra de sangue retirada da tampa.

— Bem, tem mais — continuou Darcy. O guarda noturno continuava respirando fundo. Ele obviamente tinha vindo correndo desde o elevador. — Muito mais.

— Acho que conseguimos encaixar as coisas — declarou Stevens, com confiança. Ele meneou a cabeça na direção da cápsula criogênica aberta. — Está bem claro que ocorreu um assassinato, aqui. Começou...

— Não foi um assassinato — interveio Darcy.

— Deixe o delegado falar — retrucou Brevard, erguendo a caneca. — Ele está olhando para isso há horas.

Darcy ia dizer alguma coisa, mas se conteve. Esfregou o ponto embaixo dos olhos. Parecia exausto, mas assentiu.

— Certo. — Stevens retomou a palavra. Apontou a câmera para a cápsula criogênica. — O sangue na tampa significa que a luta começou aqui fora. O homem que encontramos no interior deve ter sido dominado pelo assassino depois de uma luta, foi assim que seu sangue foi parar na tampa. Então ele foi jogado no interior da própria cápsula. Suas mãos foram amarradas, suponho que sob a mira de uma arma, porque não notei nenhuma marca em torno dos pulsos ou qualquer outro sinal de luta. Ele levou um único tiro no peito. — Stevens apontou para os jatos e respingos de sangue no interior da tampa. — Temos um respingo aqui, indicando que a vítima estava de pé. A maneira como o

sangue escorreu sugere que a tampa foi fechada imediatamente depois do tiro. E a coloração indica que isso provavelmente aconteceu no nosso turno, com certeza no último mês.

Brevard passou o tempo todo observando o rosto de Darcy. Viu como o jovem se contorcia em discordância. O garoto achava que sabia mais que o delegado.

— O que mais? — perguntou Brevard a Stevens, estimulando seu imediato a continuar.

— Ah, sim. Depois de assassinar a vítima, o criminoso inseriu um cateter e um tubo endovenoso para evitar que o cadáver se decompusesse, o que indica que estamos procurando por alguém com treinamento médico. Essa pessoa poderia, é claro, ainda estar neste turno. E é por isso que achamos melhor discutir isso aqui embaixo, e não perto da equipe médica. Vamos precisar interrogá-los um a um.

Brevard assentiu e tomou outro gole de café. Ele esperou pela reação do guarda noturno.

— Não foi assassinato — declarou Darcy, desesperado. — Vocês querem ouvir o que mais eu descobri? Para começar, o sangue na tampa bate com o registro no banco de dados para a *cápsula*, exatamente como o senhor disse, mas não bate com o da vítima. O sujeito que encontramos lá dentro é outra pessoa.

Brevard quase cuspiu o café. Ele esfregou o bigode com a mão.

— O quê? — perguntou, achando que podia ter ouvido errado.

— O sangue no exterior estava misturado com saliva. Veio de uma segunda pessoa. O médico disse que devia ser de uma tosse, talvez provocada por um ferimento no peito. Então o suspeito provavelmente está ferido.

— Espere. Então quem é o homem que encontramos na cápsula? — indagou Stevens.

— Eles não têm certeza. O sangue foi testado, mas parece que mexeram com os registros dele. O sujeito do registro dessa cápsula não devia estar nem na ala executiva. Devia estar no congelamento profundo.

E o sangue do *interior* da tampa bate com um registro parcial dos arquivos executivos, indicando que a vítima é de algum lugar daqui…

— Registro parcial? — perguntou Brevard.

Darcy deu de ombros.

— Os arquivos estão danificados. Segundo o dr. Whitmore.

— Ah, entendi! — declarou o policial Stevens, estalando os dedos. — Já sei o que aconteceu aqui. — Ele apontou a câmera para a cápsula. — Houve luta aqui, certo? Um sujeito que não quer ser apagado. Ele consegue se soltar, sabe como hackear o…

— Espere aí — interrompeu Brevard, erguendo a mão. Pela expressão de Darcy, podia ver que havia mais. — Por que você continua a insistir que não foi assassinato? Temos uma ferida de bala, respingos de sangue, uma tampa fechada, nenhuma arma, um homem com as mãos amarradas e sangue na tampa dessa cápsula, de seja lá qual for o nome em que ela está registrada. Tudo aponta para um assassinato.

— É o que estou tentando contar — retrucou Darcy. — Não foi assassinato porque o sujeito estava conectado. Ele ficou conectado o tempo inteiro, antes mesmo de ser baleado. E a cápsula ainda estava ligada e funcionando. Esse sujeito, Troy, ou quem quer que tenhamos tirado daí, ainda está vivo.

17

• Silo 1 •

Os três deixaram a cápsula para trás e seguiram até a ala médica e a sala de operações. A mente de Brevard estava a mil. Não precisava daquela droga acontecendo em um de seus turnos. Aquilo não tinha gosto de baunilha. Imaginou os relatórios que teria de escrever depois, como seria divertido explicar ao próximo comandante.

— Acha que devemos envolver o Pastor? — perguntou Stevens, referindo-se ao principal executivo lá em cima, na ala da administração, um homem bastante reservado.

Brevard fez uma expressão de escárnio. Ele digitou o código, abriu a porta do congelamento profundo e conduziu os demais pelo corredor.

— Acho que isso está um pouco abaixo do que ele é pago para fazer, não é mesmo? O Pastor tem silos inteiros com que se preocupar. Dá para ver como isso é desgastante, já que ele sempre se mantém trancado. É nosso trabalho cuidar de casos como esse. Até se for assassinato.

— O senhor tem razão — concordou Stevens.

Darcy, ainda sem fôlego, se esforçava para acompanhá-los.

Subiram dois andares de elevador. Brevard se perguntou como teria sido para o sujeito que levara o tiro, enquanto o examinara. O homem estava frio como um cadáver, lá no necrotério, mas, afinal, eles não ficavam assim sempre que acordavam? Pensou em todo dano que o congelamento e o descongelamento produziam, em como as máquinas que tinham no sangue deviam preservá-los e curá-los perfeitamente,

célula por célula. E se aquelas máquinas pudessem fazer o mesmo com ferimentos de bala?

O elevador se abriu no sessenta e oito. Brevard ouvia vozes vindas da sala de operações. Era difícil esquecer as teorias que ele e Stevens tinham desenvolvido na última hora. Era difícil esquecer aquilo e se adaptar a tudo o que Darcy contara. A ideia de registros sendo alterados tornava o problema muito mais complexo. Faltavam só três turnos, e tudo aquilo resolvera acontecer. Mas se a vítima estivesse mesmo viva, pegar o criminoso era praticamente garantido. Se o sujeito tivesse a mínima condição de falar, poderia identificar o homem que atirara nele.

O médico e um de seus assistentes estavam na sala de espera, fora da pouco usada sala de operações. Estavam sem luvas. O cabelo grisalho do médico estava bagunçado, como se o sujeito tivesse passado os dedos por ele sem parar. Os dois pareciam exaustos. Brevard olhou pela janela de observação e viu o mesmo homem que tinham retirado da cápsula. Ele estava deitado, parecendo dormir, com um aspecto completamente diferente e com tubos e cabos serpenteando pelo interior de uma bata azul de papel.

— Soube que tivemos uma reviravolta inacreditável — comentou Brevard.

Ele andou até a pia e despejou o café pelo ralo. Olhou ao redor à procura de uma cafeteira, mas não encontrou nenhuma. Começaria outro turno ali mesmo em troca de uma caneca de café quente, um maço de cigarros e a permissão para acendê-los.

O médico deu um tapinha no braço do assistente e passou algumas instruções. O jovem assentiu e tirou um par de luvas do bolso antes de voltar para a sala de operações. Brevard observou o rapaz conferir as máquinas conectadas à vítima.

— Ele consegue falar? — perguntou.

— Ah, sim — respondeu o dr. Whitmore, coçando a barba grisalha. — Foi uma cena e tanto aqui em cima, quando ele acordou. O paciente é muito mais forte do que parece.

— E nem tão morto assim — completou Stevens.

Ninguém riu.

— Ele estava muito exaltado — continuou o médico. — Insistiu que seu nome não era Troy. Isso foi antes de eu fazer os testes.

Com um aceno de cabeça, o dr. Whitmore indicou a folha de papel que Brevard carregava. O comandante olhou para Darcy em busca de confirmação.

— Eu estava me aliviando — admitiu o guarda, envergonhado. — Não estava aqui quando ele acordou.

— Aplicamos um sedativo. E tirei uma amostra de sangue para identificá-lo.

— E qual foi o resultado? — perguntou Brevard.

O dr. Whitmore balançou a cabeça.

— Os registros dele foram eliminados. Pelo menos foi o que pensei. — O médico pegou um copo plástico de um armário, encheu-o com água da torneira e deu um gole. — Estavam saindo apenas resultados parciais porque não tenho permissão para acessá-los. Só sabemos o escalão e o nível da criogenia. Depois de um tempo, lembrei que já passei por isso antes, bem em meu primeiro turno. Era um sujeito da ala executiva. Aí me lembrei de onde esse cavalheiro foi encontrado.

— Na ala executiva — concordou Brevard. — Mas aquela não era a cápsula dele, era? — Lembrou-se do que Darcy lhe dissera. — O sangue na tampa bate com o da cápsula, mas o homem no interior é outra pessoa. Isso não sugeriria que alguém usou a própria cápsula para esconder um corpo?

— Se meu palpite estiver correto, é pior que isso. — O dr. Whitmore tomou outro gole de água e passou os dedos pelo cabelo. — O nome na cápsula executiva, Troy, bate com a amostra que tirei da tampa, mas é de uma pessoa que que deveria estar no congelamento profundo. Ele foi posto lá há mais de um século e nunca foi despertado.

— Mas o sangue na tampa era dele — interveio Stevens.

— O que significa que ele *foi* despertado — observou Darcy.

Brevard olhou para o guarda noturno e percebeu que julgara mal aquele jovem. Era o maior problema de sempre ter os turnos com

pessoas diferentes. Não tinha como conhecer ninguém de verdade, saber seu valor.

— Então a primeira coisa que fiz foi procurar nos registros médicos por qualquer atividade estranha no congelamento profundo. Queria ver se alguém de lá já tinha sido despertado.

Brevard se sentiu desconfortável. O médico estava fazendo todo o trabalho para ele.

— E o senhor descobriu alguma coisa? — perguntou.

O dr. Whitmore assentiu. Apontou na direção do terminal na mesa da sala de espera.

— Houve atividade no congelamento profundo, e foi iniciada por este departamento. Não no meu turno, vejam bem. Mas há registros de pessoas despertadas, dá para saber pelas coordenadas. Uma delas estava bem no meio do congelamento profundo, naquele armazém de antes da orientação.

O médico fez uma pausa para que a informação fosse absorvida.

Brevard demorou um pouco para entender. O guarda noturno que não dormira se mostrou um pouco mais rápido.

— Uma mulher? — perguntou Darcy.

O dr. Whitmore franziu a testa.

— É difícil dizer, mas desconfio que sim. Por algum motivo, não tenho acesso aos registros dessa pessoa. Mandei Michael descer para verificar, para ver quem está lá dentro.

— Podemos estar lidando com um assassinato passional — sugeriu Stevens.

Brevard resmungou, concordando. Já estava pensando a mesma coisa.

— Vamos supor que o homem não consiga lidar com a solidão. Ele sempre acorda a esposa em segredo, provavelmente teria de ser administrador para ter acesso. Alguém descobre, alguém que não é do nível executivo, e ele decide que precisa matar o sujeito para se proteger. Mas, em vez disso… ele é que é morto…

Brevard balançou a cabeça. Estava ficando complicado demais. Sentia-se descafeinado demais para lidar com aquilo.

— Tem um detalhe que faz toda a diferença — declarou o dr. Whitmore.

O comandante grunhiu de ansiedade. Arrependeu-se de ter jogado o café frio fora. Gesticulou para que o médico contasse logo a novidade.

— Houve outro caso de retirada do congelamento profundo, e eu *tenho* acesso aos registros desse sujeito. — O dr. Whitmore examinou os três agentes de segurança. — Alguém consegue adivinhar o nome dele?

— O nome dele é Troy — declarou Darcy.

O médico estalou os dedos, os olhos arregalados de surpresa.

— Bingo.

Brevard se virou para o guarda noturno.

— E como diabo você descobriu isso?

Darcy deu de ombros.

— Todo mundo adora essas combinações.

— Então deixe-me ver se entendi — disse Brevard. — Temos um assassino à solta que veio do congelamento profundo. Ele matou um administrador, assumiu seu lugar e provavelmente seus códigos, e está acordando mulheres. — Ele se virou para Stevens. — Está bem, acho que você está certo. É hora de chamar o Pastor. Isso acabou de chegar no nível dele.

Stevens assentiu e se virou para a porta. Mas, antes que pudesse sair, um barulho de botas correndo irrompeu do lado de fora. Michael, um dos auxiliares médicos que ajudara a remover o corpo da cápsula, atravessou o corredor, apressado, nervoso e sem fôlego. Apoiou a mão nos joelhos e respirou fundo, mantendo os olhos fixos em seu chefe.

— Mandei ser rápido — ralhou o dr. Whitmore. — Não mandei você correr.

— Sim, senhor… — Michael inspirou fundo várias vezes. — Senhores, temos um problema.

O auxiliar médico olhou para os policiais com uma careta.

— O que foi? — perguntou Brevard.

— Era uma mulher — declarou o auxiliar, balançando a cabeça. — Não tenho dúvidas. Mas o mostrador da cápsula estava piscando, então

dei uma conferida rápida.

Michael examinou os rostos dos interlocutores. Parecia transtornado. Brevard soube na hora, mas outra pessoa foi mais rápida.

— Ela está morta — completou Darcy.

O auxiliar assentiu vigorosamente, ainda com as mãos nos joelhos.

— Anna — murmurou. — O nome na cápsula era Anna.

* * *

O homem sem nome na sala de operações testou as correias que o prendiam. Seus braços velhos e magros estavam começando a inchar. O dr. Whitmore implorou ao sujeito que ficasse parado. O comandante Brevard estava do outro lado do leito. Sentia o odor de uma pessoa recém-despertada, do homem dado como morto. Olhos cheios de fúria o encaravam, destacando-o dos outros. Parecia reconhecer Brevard como a pessoa responsável.

— Me solte! — mandou o velho.

— Só depois que soubermos o que aconteceu — respondeu Brevard. — Só depois que o senhor melhorar.

As correias de couro ao redor dos pulsos do velho rangeram quando ele as forçou.

— Vou melhorar quando sair dessa maldita cama.

— O senhor levou um tiro — explicou o dr. Whitmore. Pousou a mão no ombro do paciente, tentando acalmá-lo.

O velho deixou a cabeça cair no travesseiro, os olhos indo do médico para o chefe da segurança.

— Eu sei — respondeu.

— O senhor se lembra de quem fez isso? — perguntou Brevard.

O homem assentiu.

— O nome dele é Donald. — Ele cerrou os dentes, depois relaxou a mandíbula.

— Não seria Troy? — indagou Brevard.

— Foi o que eu quis dizer. É o mesmo cara. — Brevard observou os punhos do velho se contraírem, e em seguida relaxarem. — Olhem, eu sou um dos chefes deste silo. Exijo ser libertado. Confiram meus registros…

— Nós vamos resolver isso… — começou Brevard.

As correias rangeram.

— Confira os malditos registros — insistiu o velho.

— Eles foram alterados — explicou Brevard. — O senhor pode nos dizer seu nome?

O homem permaneceu imóvel por um instante, tentando relaxar. Então olhou fixamente para o teto.

— Qual deles? — perguntou. — Meu nome é Paul. A maioria das pessoas me chama pelo meu sobrenome, Thurman. Eu também costumava ser chamado de Senador…

— Pastor — interrompeu o comandante Brevard. — Paul Thurman é o nome do homem que chamam de Pastor.

O velho estreitou os olhos.

— Não, acho que não — retrucou. — Já fui chamado de muitas coisas, mas nunca disso.

18

• Silo 17 •

A terra rugia e tremia. O som ecoava além das paredes do silo, e o rugido ficava cada vez mais alto.

Tinha começado como uma vibração distante alguns dias antes, soara um pouco como uma bomba das fazendas hidropônicas trepidando na extremidade de um cano extenso, uma vibração que dava para sentir entre a sola dos sapatos e o chão liso de metal. E então a vibração se transformara em um tremor constante que subia pelos joelhos e ossos de Jimmy até os dentes cerrados. Acima dele, gotas de água tremulavam e caíam dos canos, formando um chuvisco leve que batia nas poças que ainda não haviam secado totalmente.

Elise deu um gritinho e levou a mão ao topo da cabeça quando uma gota a atingiu. A garotinha olhou para cima com um sorriso surpreso, procurando evitar novos ataques.

— Que barulho horrível — reclamou Rickson. Ele projetou a luz da lanterna na parede distante da velha sala do gerador, de onde o barulho parecia se originar.

Hannah bateu palmas e mandou os gêmeos se afastarem da parede. Miles — pelo menos Jimmy achava que fosse Miles, já que mal conseguia diferenciar os gêmeos — estava com o ouvido colado ao concreto, de olhos fechados, boquiaberto, muito concentrado. Seu irmão, Marcus, puxou-o de volta para junto dos outros, o rosto transbordando animação.

— Fiquem atrás de mim — mandou Jimmy. Seus pés formigavam com as vibrações. Sentia o ruído no peito enquanto uma máquina oculta abria caminho através da rocha.

— Falta quanto? — perguntou Elise.

Jimmy acariciou os cabelos da garotinha e tomou nota da sensação agradável dos bracinhos temerosos apertando sua cintura.

— Pouco.

A verdade era que não sabia. Tinham passado as duas semanas anteriores mantendo a bomba em operação e a Mecânica seca. Naquela manhã, despertaram com o barulho insuportável da escavação. Foi piorando ao longo do dia, mas a parede nua se mantinha sólida à frente deles, e a chuva leve das tubulações molhadas e trêmulas não parava de cair. Os gêmeos chapinhavam nas poças, impacientes. O bebê, inexplicavelmente, dormia tranquilo nos braços de Hannah. Estavam ali havia horas, ouvindo o rugido aumentar, esperando que algo acontecesse.

O presságio do fim da longa espera veio com ruídos metálicos em meio ao som de rocha sendo triturada. Ouviram um rangido de juntas metálicas, o clangor de pavorosos dentes de engrenagens. A origem do estrondo desagradável foi ficando mais confusa, parecendo vir de todos os lados: do piso, do teto, de cada uma das paredes. As poças viraram um mar em caos. A água no chão era espirrada para cima, e a água dos canos chovia sobre eles. Jimmy quase caiu.

— Para trás — gritou, tentando se sobrepor ao barulho. Afastou-se da parede com Elise grudada em sua cintura, os outros obedeceram de olhos arregalados e braços estendidos, tentando se equilibrar.

Um pedaço do concreto caiu — uma placa lisa do tamanho de um homem. A placa se soltou e despencou, desfazendo-se em pedaços ao atingir o chão. O ar se encheu de poeira, que parecia emanar da própria rocha — o concreto soltava pó como se fosse um escapamento gigante soltando fumaça.

Jimmy deu mais alguns passos para trás, e as crianças o imitaram, a preocupação substituindo a empolgação anterior. Aquilo não soava mais

como uma máquina se aproximando. Parecia que eram centenas. Estavam por toda parte. Estavam dentro deles.

O estrondo atingiu um nível insuportável. O concreto continuava a cair, e o metal gritava como se estivesse sendo golpeado, soltando clangores e centelhas. Em seguida, a grande máquina de cavar atravessou — primeiro formando uma rachadura, depois uma abertura em um arco circular, como uma sombra correndo pela parede.

O tamanho da abertura deu certa perspectiva ao barulho. Dentes trituradores surgiram do teto e vieram girando por baixo do solo, depois se ergueram pelo outro lado. Barras de ferro se projetavam das vigas de onde tinham sido cortadas. Sentiram cheiro de metal queimado e cal. A máquina de cavar estava atravessando a parede do nível cento e quarenta e dois, destruindo um bom trecho de concreto acima e abaixo. Estava abrindo um buraco maior do que a altura de um nível do silo.

Os gêmeos vibravam e gritavam. Elise apertou o torso de Jimmy com tanta força que ele teve dificuldade de respirar. O bebê se agitou nos braços de Hannah, mas seus gritos mal podiam ser ouvidos em meio ao tumulto. Outro grande giro dos dentes, outra volta do chão ao teto, e a máquina atravessou a parede de vez, revelando que as estruturas na verdade eram mais parecidas com rodas — dezenas de discos girando dentro de um disco maior. Um grande fragmento do teto caiu e rolou pelo chão na direção do maior dos geradores. Jimmy achou que o silo fosse começar a desmoronar em volta deles.

Uma lâmpada se estilhaçou com as vibrações e o vidro cintilou em meio aos respingos de água que restavam.

— Para trás! — gritou Jimmy. Estavam na sala do gerador do lado oposto à máquina de cavar, mas todos os lugares pareciam perto demais. O chão tremia, e era difícil ficar de pé. Jimmy sentiu medo. Aquela coisa ia continuar avançando, ia perfurar o silo e seguir em frente. Estava fora de controle…

O disco de perfuração entrou no salão, as rodas afiadas girando e gritando, jogando pedras para o alto, de um dos lados, e esmigalhando-as do outro. A violência diminuiu. O rangido de juntas metálicas secas

ficou menos ensurdecedor. Hannah acalmou o filho, embalando-o para frente e para trás, os olhos arregalados fixos naquela invasão de seu lar.

Gritos emergiram de algum lugar. Vazaram em meio às pedras caindo. O disco giratório foi reduzindo a velocidade até parar, mas algumas rodas menores continuaram se movendo por um tempo. As bordas pareciam muito novas e reluzentes nos lugares em que tinham sido desgastadas pela batalha através da terra. Um vergalhão de ferro estava preso ao redor de uma das rodas, como o cadarço de uma bota.

O silêncio aumentou. As crianças ficaram imóveis outra vez. Ouvia-se um chacoalhar e batidas distantes, talvez vindos da barriga da máquina de cavar.

— Olá?

Veio um grito de trás da máquina.

— É, passamos! — exclamou outra voz. Era de uma mulher.

Jimmy ergueu Elise, que abraçou seu pescoço e entrelaçou as pernas em torno de sua cintura. Ele correu até a parede de aço afiado à sua frente.

— Ei! — chamou Rickson, correndo atrás dele.

Os gêmeos também seguiram correndo.

Jimmy não conseguia respirar. Dessa vez não era o aperto de Elise: era a ideia de ter *visitas*. De pessoas das quais não precisava ter medo. Alguém para quem pudesse *recorrer* em vez de ter de fugir.

Todos sentiam aquilo. Sorriram enquanto correram para a mandíbula da máquina de cavar.

Entre a abertura na parede e o disco silencioso, surgiu um braço, depois um ombro — uma mulher subindo pelo túnel aberto que mergulhava bem fundo, além do chão do silo.

Ela conseguiu subir, apoiando os joelhos na borda da abertura, então ficou de pé e afastou o cabelo do rosto.

Jimmy estacou. O grupo parou a alguns passos de distância. Uma mulher. Uma estranha. Ela estava no silo deles, sorrindo, coberta de poeira e sujeira.

— Solo? — perguntou a mulher.

Os dentes dela reluziam. Era bonita, mesmo coberta de terra. A mulher andou até o grupo e tirou um par de luvas grossas enquanto outra pessoa saía rastejando de trás dos dentes da máquina de cavar. Uma mão estendida. O bebê chorava. Jimmy apertou a mão da mulher, enfeitiçado por seu sorriso.

— Eu me chamo Courtnee — anunciou a mulher. Ela olhou para as crianças, e seu sorriso se abriu. — Você deve ser Elise.

A visitante apertou o ombro da menina, o que a fez apertar ainda mais o pescoço de Jimmy.

Um homem surgiu de trás da máquina de cavar, pálido como uma folha de papel ainda não usada e com o cabelo igualmente branco. Ele se virou para examinar a parede de dentes afiados.

— Onde está Juliette? — perguntou Jimmy, erguendo Elise ainda mais.

Courtnee franziu o cenho.

— Ela não contou? Ela foi para o exterior.

Parte II – O Exterior

19

• *Silo 18* •

Juliette ficou parada na câmara pressurizada enquanto o gás se espalhava ao seu redor. Sentia o traje de limpeza enrugando, aderindo à pele. Não estava com medo, como da última vez em que fora mandada para o exterior, mas também não sentia aquela esperança ilusória que levava muitos ao exílio. Entre sonhos sem sentido e o pavor da falta de esperança havia o desejo de conhecer o mundo. E, se possível, de torná-lo melhor.

A pressão na câmara aumentou, e as reentrâncias do traje se apertaram contra o relevo de cada cicatriz. Parecia que estava sendo perfurada por um milhão de agulhas finíssimas, todas as partes sensíveis de seu corpo sendo tocadas ao mesmo tempo. Como se aquela câmara de pressurização se lembrasse, como se a reconhecesse.

Folhas de plástico transparente cobriam as paredes. Elas começaram a enrugar ao sofrerem pressão, envolvendo tubos e o banco no qual ela fora vestida. Faltava pouco. Se sentia algo, era empolgação. Alívio. Um longo projeto chegava ao fim.

Pegou um dos recipientes de amostra presos ao peito e abriu a tampa, coletando um pouco do argônio inerte para referência. Enquanto fechava o recipiente, ouviu uma pancada surda familiar do outro lado da grande porta externa. O silo se abriu, e um jato de névoa tomou forma quando o ar pressurizado saiu, evitando que o exterior entrasse.

A neblina se intensificou, girando ao seu redor. O fluxo de vapor forçou suas costas, empurrando-a para a frente. Juliette ergueu uma

bota, passou pelas portas externas maciças e se viu outra vez no exterior.

A rampa era exatamente como se lembrava: um plano de concreto erguendo-se do último nível de seu lar subterrâneo até o exterior. A terra acumulada fazia os cantos angulosos entre o chão e a parede parecerem levemente circulares, e respingos de lama haviam sujado as paredes. As pesadas portas se fecharam às suas costas com um baque, e a névoa que já se dispersava ergueu-se na direção das nuvens. Juliette começou a subida.

— Você está bem?

A voz suave de Lukas encheu seu capacete. Juliette sorriu. Era bom tê-lo ali. Uniu o polegar e o indicador, o que ligava o microfone ao capacete.

— Ninguém nunca morreu na rampa, Lukas. Eu estou bem.

Ele murmurou um pedido de desculpas, e o sorriso de Juliette se abriu ainda mais. Era uma sensação completamente diferente se aventurar no exterior com o apoio dele. Muito diferente de ser exilada enquanto as pessoas viravam as costas, envergonhadas, e ninguém ousava assistir.

Chegou ao topo da rampa e foi tomada por uma sensação de estar fazendo *a coisa certa*. Sem o medo das mentiras digitais de um visor eletrônico, reconheceu o que *devia* ser reconhecido: uma profusão de ruínas, terra árida em todas as direções, quilômetros e quilômetros de espaço aberto e nuvens em movimento. Sentia a pele formigar com o frenesi da exploração. Era a segunda vez que ia até lá, mas daquela vez era diferente. Havia um objetivo.

— Vou pegar a primeira amostra — anunciou, unindo os dedos enluvados.

Pegou outro dos pequenos recipientes de amostras presos ao traje. Todas as ações continuavam listadas, como em uma limpeza, mas os passos tinham mudado. Semanas de planejamento e construção haviam resultado naquilo: um surto de atividade nos níveis superiores enquanto seus amigos escavavam através da Terra. Abriu a tampa do recipiente, deixou-o aberto enquanto contava até dez e fechou o frasco. A tampa

era transparente. Dentro do frasco, havia um par de gaxetas e duas faixas de fita térmica presas no fundo. Juliette passou um pouco de cera seladora ao redor da borda da tampa, para fechá-la hermeticamente. A amostra numerada foi guardada em um bolso na altura da coxa, juntando-se à que coletara no interior da câmara pressurizada.

A voz de Lukas veio crepitando pelo rádio.

— Fizemos uma incineração completa na câmara de pressurização. Nelson está deixando resfriar antes de entrar.

Juliette deu meia-volta e olhou para a torre dos sensores. Lutou contra a vontade de erguer os braços e acenar para as dezenas de homens e mulheres que estavam observando pelo telão da parede do refeitório. Baixou os olhos para o peito e tentou limpar a mente, lembrar-se do que devia fazer em seguida.

Tirar uma amostra do solo. Afastou-se da rampa e da torre dos sensores, avançando até uma faixa de terra que parecia não ter sido pisada havia séculos. Ajoelhou-se, sentindo a roupa por baixo do traje pinicar a parte de trás dos joelhos, e pegou um pouco de terra usando o recipiente raso como pá. A terra estava dura e difícil de escavar, então usou as mãos para espanar um pouco do solo da superfície para dentro do frasco.

— Amostra da superfície coletada — anunciou, unindo os dedos enluvados. Atarraxou a tampa com cuidado e pressionou a cera de vedação antes de guardá-lo dentro de um bolso na outra coxa.

— Está indo bem — respondeu Lukas.

Devia ser uma tentativa de encorajamento, mas Juliette só conseguia reparar na preocupação em sua voz.

— Vou pegar uma amostra do solo mais profundo.

Pegou a ferramenta com ambas as mãos. Tivera o cuidado de construir o grande T do topo do cabo enquanto usava as volumosas luvas do traje, para ter a certeza de que conseguiria segurá-lo com firmeza. Pressionou a outra extremidade — que lembrava um saca-rolhas — contra o chão e girou o cabo várias vezes, apoiando-se nos

braços para somar seu peso ao esforço de fazer as lâminas penetrarem o solo compacto.

O suor começou a escorrer por sua testa. Uma gota caiu no visor e ficou chacoalhando de leve enquanto seus braços vibravam com o esforço. Um vento cáustico e constante fustigava o traje, tentando empurrá-la para o lado. Quando a ferramenta penetrou o solo até a marca no cabo, Juliette se levantou e puxou a barra horizontal da parte em T, apoiando-se nas pernas.

Uma espécie de tampão se soltou, liberando uma torrente do solo mais profundo que desmoronava para dentro do buraco seco. Enfiou o recipiente por baixo do tampão e o encaixou no lugar. Todos os materiais usados tinham o melhor encaixe e acabamento que o Suprimentos poderia oferecer. Guardou a ferramenta de volta na bolsa, que pendurou no ombro, e respirou fundo.

— Tudo certo? — indagou Lukas.

Juliette acenou para a torre.

— Estou bem. Só faltam duas amostras. Como está a situação da câmara pressurizada?

— Vou conferir.

Enquanto Lukas conferia os preparativos para seu retorno, Juliette caminhou na direção da colina mais próxima. Suas velhas pegadas tinham sido desgastadas por uma chuva leve, mas ainda se lembrava bem do caminho. A fenda escura na encosta se destacava como uma escada convidativa, uma rampa onde ainda havia duas formas aninhadas.

Parou na base da colina e pegou outro recipiente com gaxetas e a fita térmica no interior. A tampa saiu fácil. Ergueu o frasco contra o vento. O que quer que tenha sido soprado em seu interior ficou preso ali. Pelo que sabia, aqueles eram os primeiros testes sendo feitos com o ar externo. Os inúmeros relatórios falsos de limpezas anteriores tinham sido apenas números usados para manter, confirmar e justificar os velhos medos. Era uma pantomima de progresso, de esforços para consertar o mundo, mas na verdade tudo com que sempre tinham se preocupado era vender a história de o quanto a situação estava complicada.

Apenas uma coisa deixou Juliette mais impressionada do que a profundidade da conspiração: a velocidade e o alívio com que seus mecanismos haviam desmoronado dentro da TI. Os homens e mulheres do nível trinta e quatro a lembravam das crianças do Silo 17: espantadas, com medo e desesperadas por algum adulto a quem recorrer e em quem confiar. Aquela incursão para testar o ar exterior era vista com desconfiança e medo em todo o silo, menos na TI, onde todos fingiam fazer aquele trabalho havia gerações. Lá, a chance de investigar de verdade o mundo exterior foi aceita de braços abertos por muitos.

Droga!

Juliette fechou a tampa do recipiente. Deixara a mente à deriva, esquecera-se de contar até dez. Era provável que o dobro de tempo tivesse se passado.

— Ei, Jules?

Ela uniu os dedos enluvados.

— Que foi?

Soltando o microfone, Juliette fechou bem a tampa, assegurou-se de que havia o número 2 no topo e lacrou as bordas. Guardou o frasco junto com o outro recipiente, praguejando contra a própria falta de atenção.

— A incineração terminou. Nelson já entrou para aprontar as coisas para você, mas disseram que vai demorar um pouco até recarregarem o argônio. Tem certeza de que está bem?

Juliette parou por um instante para examinar seus sinais vitais e dar uma resposta honesta. Respirou fundo algumas vezes. Sacudiu os membros. Olhou para as nuvens escuras no alto, para se assegurar de que a visão e o equilíbrio estavam normais.

— Sim, estou bem.

— Beleza. Vão acender as chamas, quando você voltar. Parece que foram mesmo necessárias. Obtivemos leituras estranhas na câmara de pressurização, antes de você sair. Por precaução, Nelson está esterilizando a câmara interior. Vamos preparar tudo o mais rápido possível.

Juliette não gostou daquilo. Sua passagem pela câmara pressurizada do Silo 17 tinha sido traumática, mas sem consequências duradouras. O banho de sopa tinha sido suficiente para fazê-la sobreviver. Estavam operando sob a teoria de que as condições no exterior não eram tão ruins quanto tinham sido levados a acreditar e que as chamas eram mais para forçar a pessoa a sair da câmara de pressurização do que a necessidade de purificar o ar. O desafio de sua missão era voltar para o interior sem sofrer nenhuma outra queimadura ou ir para o hospital. Mas também não podia botar o silo em risco.

Uniu os dedos, pensando em tudo que estava em jogo.

— Ainda tem muita gente assistindo? — perguntou a Lukas.

— Tem. Todo mundo bem ansioso. Ninguém consegue acreditar que isso esteja acontecendo.

— Quero que tire todos de lá — mandou.

Relaxou os dedos. Não houve resposta.

— Lukas? Está na escuta? Quero que leve todos pelo menos até o nível quatro. Afaste todo mundo que não estiver trabalhando nisso, está bem?

Ficou esperando.

— Está certo — respondeu Lukas. Havia muito ruído ao fundo. — Estamos fazendo isso agora mesmo. Tentando manter todo mundo calmo.

— Diga que é apenas precaução por causa das leituras na câmara de pressurização.

— Estamos fazendo isso.

Lukas parecia nervoso. Juliette torceu para não estar causando pânico sem motivo.

— Vou coletar a última amostra — anunciou, concentrando-se em sua tarefa.

Tinham se preparado para o pior. Tudo ficaria bem. Estava grata pelos sensores grosseiros que haviam instalado na câmara de pressurização. Na próxima vez que saísse, pretendia instalar um conjunto

permanente na torre. Mas não podia avançar depressa demais. Aproximou-se de um dos limpadores na base da colina.

O corpo escolhido pertencia a Jack Brent. Fazia nove anos desde que ele tinha sido mandado para a limpeza, quando enlouqueceu após a mulher ter o segundo aborto espontâneo. Juliette não sabia muito mais do que isso sobre o sujeito. Este tinha sido seu principal critério para a amostra final.

Avançou até o que restava do corpo. O velho traje há muito assumira a mesma cor cinzenta e desbotada do solo. O que antes era uma cobertura metálica estava descascado como pintura velha. As botas, puídas, o visor, lascado. Jack jazia com os braços dobrados sobre o peito, as pernas esticadas lado a lado, quase como se tivesse tirado um cochilo e nunca despertado. Provavelmente tinha se deitado para ver o céu azul sem nuvens através do visor.

Juliette pegou o último recipiente para amostras, marcado com o número 3, e se ajoelhou ao lado do limpador morto. Ficou um pouco espantada ao pensar que aquele teria sido seu destino, não fosse por Scottie, Walker e as pessoas do Suprimentos, que haviam arriscado tanta coisa. Pegou a lâmina afiada da caixa de amostras e cortou um pedaço quadrado do traje. Apoiou a lâmina sobre o peito do limpador, pegou uma amostra e a jogou no recipiente. Prendendo a respiração, segurou a lâmina — tomando cuidado para não cortar o próprio traje — e puxou um pedaço da roupa já em decomposição que o limpador usava por baixo do traje. Havia um pedaço exposto, na área da barriga.

Aquela última amostra teve de ser extraída com ajuda da lâmina. Não soube dizer se havia carne no interior ou grudada no tecido. O traje puído e rasgado revelava apenas uma cavidade escura, o que era ótimo. Mas parecia não haver nada além de terra, que entrara ali e se misturara aos ossos secos.

Ela pôs a amostra na caixa e deixou a lâmina junto do corpo do limpador — o objeto não seria mais necessário, e ela não queria se arriscar a carregá-la por mais tempo com aquelas luvas volumosas. Levantou-se e virou-se para a torre.

— Tudo bem?

A voz de Lukas pareceu diferente. Abafada. Juliette expirou, sentindo-se um pouco zonza por ter segurado a respiração por tanto tempo.

— Estou bem.

— Estamos quase prontos. É melhor começar a voltar.

Juliette assentiu, apesar de ele não poder vê-la àquela distância, nem mesmo com os telões gigantescos ampliando o mundo.

— Ei, sabe do que esquecemos?

Juliette congelou, encarando a torre.

— O quê? O que foi que esquecemos?

Escorria suor por seu rosto, fazendo cócegas na pele. Sentia um certo incômodo nas cicatrizes da nuca, resultados do derretimento de seu último traje.

— Esquecemos de incluir um ou dois trapos de limpeza entre os seus materiais — explicou Lukas. — Já dá para ver um pouco de sujeira acumulada. E, já que você está aí fora…

Juliette olhou feio para a torre de sensores.

— Só estou comentando — defendeu-se Lukas. — Você bem que podia ter dado uma limpadinha…

20

• Silo 18 •

Juliette ficou esperando ao pé da rampa. Lembrou-se da última vez que tinha feito aquilo, parada no mesmo lugar, envolvida por um cobertor de fita térmica feito por Solo, sem saber se ficaria sem ar antes que as portas se abrissem, sem saber se sobreviveria ao que encontraria no interior. Lembrou-se de pensar que encontraria Lukas esperando, mas de ter que lutar com Bernard, em vez disso.

Tentou afastar essas lembranças. Olhou para os bolsos, assegurando-se de que as abas de todos estavam bem fechadas. Pensava em cada passo da descontaminação que estava prestes a enfrentar. Acreditava que tudo funcionaria como o previsto.

— Lá vamos nós — anunciou Lukas, pelo rádio. Mais uma vez, a voz parecia vazia e distante.

Quando ele disse aquilo, as engrenagens da porta da câmara rangeram, e uma nuvem de argônio pressurizado escapou pela fresta. Juliette se jogou naquela névoa, com uma sensação intensa de alívio tomando seu corpo enquanto ela avançava para o interior.

— Entrei! Entrei! — anunciou.

As portas atrás dela se fecharam com um baque surdo. Juliette olhou para a porta interna da câmara pressurizada e viu um capacete do outro lado da escotilha de vidro, alguém espiava lá para dentro, assistindo. Foi até o banco já preparado e abriu a caixa hermeticamente fechada que Nelson instalara em sua ausência. Precisava ser rápida. As câmaras de gás e as chamas eram todas automatizadas.

Rasgou os bolsos das pernas e guardou o que havia coletado no interior da caixa. Tirou o perfurador com a amostra e o guardou também, depois fechou a tampa, cerrando os trincos. O treinamento prático tinha ajudado. Tornara mais fácil se mover naquele traje. Fora dormir todas as noites pensando em cada passo, até eles se tornarem uma espécie de hábito.

Atravessou a pequena câmara de pressurização meio sem jeito e se agarrou à beira do grande tanque de metal que ela própria soldara. Ainda estava morno por causa do último jato de fogo, mas grande parte do calor havia se dissipado com a água que Nelson usou para enchê-lo. Respirando fundo, mesmo sem precisar, entrou no tanque.

A água cobriu seu capacete, e Juliette sentiu a primeira onda de medo real. Sentiu a respiração acelerar. Estar lá fora não era nada em comparação a estar embaixo da água outra vez. Sentia a água da enchente na boca. Reparou que estava com a respiração entrecortada, sentia o gosto de aço e ferrugem dos degraus. Esqueceu-se do que devia estar fazendo.

Ao vislumbrar uma barra no fundo do tanque, segurou-a e forçou o corpo para o fundo. Afundando uma bota de cada vez, encontrou outra barra presa do lado oposto do tonel e passou os pés por baixo dela, prendendo-se ao fundo do tanque, confiando que as costas estariam cobertas. Os braços doíam pela força que precisava fazer para se manter submersa com o traje que flutuava com tanta facilidade. E, mesmo através do capacete e por baixo de toda aquela água, ouvia o fluido do tonel transbordando e se espalhando pelo chão da câmara de pressurização. Ouvia as chamas crepitarem e lamberem o tanque de metal.

— Três, quatro, cinco… — contava Lukas, e ela foi tomada por uma memória ruim: as luzes de emergência embaçadas, o pânico crescente no peito…

— Seis, sete, oito…

Quase podia sentir o gosto do óleo e do combustível quando abriu a boca em busca de ar, emergindo, viva, das profundezas inundadas.

— Nove, dez. Incineração completa.

Juliette soltou as barras, destravou as botas e foi boiando até a superfície fervilhante, sentindo o calor da água através do traje. Fez um esforço para ficar na vertical, mantendo as botas afundadas. Água se derramava por toda parte, transformando-se em vapor. Temia que quanto mais tempo levasse a próxima etapa, mais ficaria exposta ao ar externo, que se prenderia às suas roupas e poderia contaminar a segunda câmara de pressurização.

Correu até a porta, as botas escorregando perigosamente, o volante de tranca já girando.

Rápido, rápido, pensou.

Uma fresta se abriu. Tentou passar correndo por ela, escorregou e aterrissou dolorosamente na maçaneta da porta. Várias mãos enluvadas a agarraram enquanto ela rastejava para a frente, e os dois técnicos com trajes semelhantes ao seu puxaram-na através da porta antes de fechá-la.

Nelson e Sophia, dois dos antigos técnicos de trajes, já tinham as escovas prontas. Mergulharam-nas em um tanque com agente neutralizador azul e começaram a esfregá-la antes de repetirem o processo em si mesmos e um com o outro.

Juliette se virou de costas, assegurando-se de que também escovassem ali. Foi até o tanque e pegou a terceira escova, virou-se e começou a esfregar o traje de Sophia. Então reparou que não era Sophia lá dentro.

Apertou o microfone na luva.

— Que porra é essa, Luke?

Lukas deu de ombros, parecendo culpado. Achou que ele não tinha conseguido suportar a ideia de ver outras pessoas se arriscando. Ou provavelmente só queria estar ali, ao lado da porta da câmara de pressurização, caso algo desse errado. Não podia culpá-lo: teria feito a mesma coisa.

Esfregaram toda a segunda câmara pressurizada enquanto Peter Billings e alguns outros observavam do gabinete do xerife. Bolhas do líquido de limpeza flutuavam pelo ar e iam tremelicando para as saídas de ventilação, por onde o ar da segunda câmara de pressurização estava

sendo bombeado para a primeira. Nelson escovava o teto, que era baixo de propósito: menos ar dentro, menos volume. Mais fácil de alcançar. Juliette examinou o rosto de Nelson em busca de algum sinal de problema após o tempo que ele havia passado na câmara pressurizada interna. Achou que o rubor e o suor fossem culpa da força que ele fazia ao esfregar.

— Chegaram ao vácuo perfeito — anunciou Peter, usando o rádio em seu gabinete. Juliette gesticulou para os outros dois, passou a mão pelo pescoço, em um movimento horizontal, depois fechou o punho. Os dois assentiram e voltaram a esfregar. Enquanto ar novo era bombeado do refeitório, os três limparam um ao outro mais uma vez, e Juliette finalmente conseguiu contemplar o fato de que estava de volta. De volta ao interior. Tinham conseguido. Sem queimaduras, sem hospitais, sem contaminação. E, com sorte, descobririam alguma coisa.

A voz de Peter tornou a preencher seu capacete:

— Não quisemos contar enquanto você estava se vestindo, mas a escavação chegou ao outro lado há cerca de meia hora.

Juliette foi tomada por uma onda de felicidade e de culpa ao mesmo tempo. Devia ter estado lá embaixo. Não podia ter escolhido pior hora para tudo acontecer, mas sentira que em breve não teria mais chances de fazer o que pretendia lá no topo. Tinha se resignado a ficar feliz por Solo e as crianças, aliviada pelo fim da longa provação por que haviam passado.

A segunda câmara de pressurização — que tinha uma porta de vidro hermeticamente fechada que ela mesma montara a partir de um boxe de banheiro — começou a se abrir. Às suas costas, uma forte luz se projetava no interior da primeira câmara, e a pequena escotilha emanava um brilho vermelho. Uma segunda onda de fogo iluminou o pequeno ambiente, banhando as paredes já queimadas, calcinando o próprio ar, fervendo a água espalhada no chão, transformando o tanque em um caldeirão de vapor intenso.

Juliette gesticulou para que os outros saíssem da segunda câmara de pressurização enquanto examinava a antiga com atenção, revivendo suas

memórias. Lembrava-se de estar lá dentro naquele momento. Lukas voltou e a puxou para junto de si, fazendo-a atravessar a porta até a antiga cela, onde foram despidos até ficar apenas com as roupas que usavam por baixo do traje, para mais uma rodada de duchas. Enquanto tirava as roupas ensopadas, Juliette só pensava na caixa selada e à prova de fogo dentro da câmara. Esperava que tivesse valido o risco, que as respostas a todas aquelas perguntas cruéis estivessem guardadas lá dentro, em segurança.

21

• Silo 17 •

A gigantesca máquina de cavar estava imóvel e silenciosa. Poeira caía do ponto que ela estraçalhara no teto, e os grandes dentes de aço e discos giratórios estavam reluzentes com o polimento dado pela jornada através da rocha. Entre os discos de cima e de baixo estava a frente da máquina, coberta de terra, entulho, lascas de concreto e pedregulhos. Bem diante da extremidade daquele monstro de metal, onde a máquina se projetava no coração do Silo 17, havia uma rachadura negra que conectava dois mundos muito diferentes.

Jimmy ficou olhando enquanto os estranhos passavam de um daqueles mundos para o dele. Homens fortes de barbas escuras, sorrisos amarelados e mãos negras de graxa passaram pela abertura e estreitaram os olhos para examinar os canos enferrujados e as poças no chão, os órgãos calmos e silenciosos de um silo que já fora retumbante, muito tempo antes, mas que agora se mantinha imóvel e morto.

As pessoas apertaram a mão de Jimmy, chamaram-no de Solo e abraçaram as crianças aterrorizadas. Disseram que Jules mandava lembranças. Depois ajustaram as luzes nos capacetes, que projetavam cones dourados diante deles, e foram chapinhando para dentro da casa de Jimmy.

Elise se manteve agarrada à sua perna quando outro grupo de mineiros e mecânicos entrou pela fresta. Eles tinham trazido dois cães, que pararam para farejar as poças e uma Elise trêmula antes de seguirem os donos. Courtnee, a amiga de Juliette, terminou de instruir um grupo

antes de se voltar para Jimmy e as crianças. Jimmy a observava. Tinha o cabelo mais claro que o de Juliette, os traços mais fortes e não era tão alta, mas possuía a mesma personalidade marcante. Ele se perguntou se todas as pessoas daquele outro mundo seriam iguais: homens barbados e cobertos de sujeira, mulheres independentes e engenhosas.

Rickson reuniu os gêmeos enquanto Hannah embalava o bebê aos berros, tentando fazê-lo voltar a dormir. Courtnee entregou uma lanterna a Jimmy.

— Não tenho lanternas o bastante para todos, então vocês vão ter de ficar bem juntos — Ela ergueu a mão acima da cabeça. — O túnel é alto o bastante para vocês passarem, mas tomem cuidado com as colunas de sustentação. E o chão é bem irregular, por isso andem devagar e se mantenham no centro.

— Por que não podemos ficar aqui e o médico vir nos visitar? — perguntou Rickson.

Hannah olhou feio para ele enquanto ninava o bebê.

— É muito mais seguro aonde estamos levando vocês — explicou Courtnee, olhando para paredes corroídas e cheias de musgo ao redor.

O modo como ela olhou para a casa de Jimmy o fez ficar na defensiva. Tinham se saído bem até então.

Rickson olhou para Jimmy, transmitindo suas próprias dúvidas sobre ser ou não mais seguro do outro lado. Ele sabia do que o rapaz tinha medo. Tinha ouvido os gêmeos conversando, que por sua vez tinham ouvido os mais velhos trocando sussurros. Hannah teria de fazer um implante nos quadris, como suas mães tinham feito. Alguém designaria a Rickson uma cor e um emprego que não cuidar da própria família. O jovem casal estava tão desconfiado daqueles adultos quanto Jimmy.

Apesar do medo, eles puseram os capacetes emprestados por aqueles invasores, agarraram-se uns aos outros e se espremeram pela abertura. Depois dos dentes da escavadeira havia um túnel escuro como a Selva depois que todas as luzes se apagam. Mas era mais fresco e suas vozes ecoavam, o que era diferente. A terra parecia engoli-los enquanto Jimmy

tentava acompanhar o ritmo de Courtnee, e as crianças tentavam acompanhar o seu.

Atravessaram uma porta de metal e passaram por dentro da gigantesca máquina de cavar, onde era quente. Avançaram por um corredor estreito, com outras pessoas se apertando para passar na direção contrária, e finalmente saíram por outra porta, de volta ao frescor e à escuridão do túnel. Homens e mulheres gritavam uns com os outros, e as luzes de seus capacetes dançavam enquanto eles travavam uma batalha contra as pilhas de entulho que se erguiam em direção ao teto a perder de vista. Pedras rolavam e se chocavam umas com as outras. Havia pilhas de pedregulhos dos dois lados da passagem, deixando uma trilha precária no centro. Trabalhadores passavam em fila, cheirando a lama e suor. Era preciso contornar uma rocha enorme, mais alta que Jimmy.

Era estranho caminhar sempre na mesma direção. Andavam e andavam sem nunca bater em uma parede ou ter de fazer a volta. Não era natural. O vazio ao redor era mais assustador do que a escuridão com luzes esparsas. Mais ainda do que o véu de poeira que caía do teto ou as ocasionais pedras que rolavam do alto das pilhas. Era pior que os estranhos que passavam esbarrando por eles no escuro, ou as colunas de ferro bem no meio do caminho, todas se projetando das sombras ondulantes. Era a estranheza de não haver qualquer coisa que pudesse detê-los. Podiam continuar andando na mesma direção, sem nunca chegar ao fim.

Jimmy estava acostumado com o sobe e desce da escada em espiral. Considerava aquilo normal. A situação em que estava, não. Mesmo assim, avançava cambaleante pela superfície irregular de rocha escavada, passando por homens e mulheres que chamavam uns aos outros na escuridão iluminada apenas pelos feixes das lanternas, em meio a pilhas de terra que os restringiam ao centro do caminho. Ultrapassaram homens e mulheres que levavam peças de máquinas e pedaços de aço tirados de seu silo, e Jimmy teve vontade de protestar. Elise fungou e

disse que estava com medo. Jimmy a pegou no colo e a deixou se pendurar em seu pescoço.

O túnel não acabava nunca. Mesmo quando conseguiram ver uma luz no fim do caminho, um quadrado grosseiro e brilhante, levou mais passos do que conseguiam contar para fazer aquela boca brilhante crescer. Jimmy pensou em Juliette andando tudo aquilo pelo exterior. Parecia impossível que ela tivesse sobrevivido. Tinha de lembrar a si mesmo que ouvira a voz dela dezenas de vezes desde então, que ela realmente tinha conseguido, tinha ido atrás de ajuda e mantido sua promessa de voltar para buscá-lo. Seus dois mundos tinham se transformado em um.

Desviou de outra coluna de aço bem no meio do túnel. Apontou a lanterna para cima e viu, lá no alto, as vigas que a coluna sustentava. As rochas soltas que caíam lhe deram algo novo com que se preocupar, e ele começou a seguir Courtnee com menos relutância. Apertou o passo na direção da promessa de luz adiante, esquecendo o que estava deixando para trás e aonde estava indo, só pensando em sair de debaixo daquela terra não muito bem sustentada.

Ouviram um estrondo bem atrás, seguido pelo trovejar de pedras rolando e gritos de outros trabalhadores, mandando as pessoas saírem do caminho. Hannah passou por ele correndo. Jimmy pôs Elise no chão, e ela e os gêmeos saíram correndo na frente, dançando para dentro e para fora do feixe de luz da lanterna de Courtnee. Torrentes de pessoas com luzes presas nos capacetes passavam por eles, seguindo na direção da casa de Jimmy. Ele ergueu a mão e apalpou o peitoral, por reflexo, tateando em busca da velha chave que pendurara ali antes de abandonar a sala dos servidores. Seu silo estava desprotegido. Mas, de algum modo, o medo que sentia nas crianças o tornava mais forte. Não estava tão assustado quanto elas. Era seu dever permanecer forte.

O túnel finalmente chegou ao fim, e os gêmeos foram os primeiros a escapar. Os dois assustaram os homens e mulheres de aparência grosseira, todos de macacões azul-escuros com manchas de graxa nos joelhos e aventais de couro cheios de ferramentas penduradas. Os rostos

manchados do branco da cal e do negro da fuligem ficaram de olhos arregalados. Jimmy parou na boca do túnel e deixou que Rickson e Hannah saíssem primeiro. Todos pararam de trabalhar diante da imagem do bebê nos braços de dela. Uma das mulheres se adiantou e ergueu a mão, como se fosse tocar a criança, mas Courtnee gesticulou para que ela se afastasse e mandou que todos voltassem ao trabalho. Jimmy examinou a multidão em busca de Juliette, apesar de terem lhe dito que ela estava no exterior. Elise implorou para ser levada no colo outra vez, estendendo as mãozinhas para o alto. Jimmy ajeitou a bolsa e a pegou, ignorando a dor no quadril. O livro pesado na bolsa presa ao pescoço de Elise batia em suas costelas.

Ele se juntou à procissão das crianças, que avançavam desviando da horda de trabalhadores congelados de espanto, puxando as barbas, coçavam a cabeça e olhando para ele como se fosse oriundo de uma terra fictícia. E, bem no fundo, Jimmy sentia que estavam cometendo um erro terrível. Tinham unido dois mundos que não eram nada parecidos. Ali havia energia. As luzes estavam sempre acesas, e o local estava cheio de homens e mulheres já adultos. Máquinas zumbiam em funcionamento, em vez de jazerem em silêncio. E as longas décadas que passou envelhecendo foram ignoradas de repente, quando, em pânico, Jimmy teve que sair correndo para alcançar os outros — era apenas mais uma criança assustada emergindo das sombras e da quietude, adentrando esse novo lar iluminado, barulhento e cheio de gente.

22

• Silo 18 •

Haviam preparado um pequeno quarto com beliches para as crianças, e no mesmo corredor ficava um quarto particular para Jimmy. Elise não gostou do esquema e se agarrou à mão dele com suas mãozinhas. Courtnee explicou que já tinha mandado providenciarem comida, então depois eles poderiam tomar banho. Em cima de uma das camas havia uma pilha de macacões limpos, uma barra de sabão e alguns livros infantis velhos. Antes de tudo, no entanto, ela os apresentou à um homem alto que usava o macacão vermelho desbotado mais limpo que Jimmy já tinha visto.

— Eu sou o dr. Nichols — explicou o homem, apertando a mão de Jimmy. — Creio que você conheça a minha filha.

Jimmy não entendeu. Então se lembrou de que o sobrenome de Juliette era Nichols. Fingiu uma coragem que não tinha enquanto aquele homem alto e de barba feita vasculhava seus olhos e sua boca. Um objeto frio de metal foi comprimido contra seu peito, e aquele homem escutou atentamente através dos tubos que saíam dele. Tudo parecia familiar. Algo que ele vira em um passado distante.

Respirou fundo, como o homem mandou. As crianças observaram, hesitantes, o que o fez perceber como era um modelo para elas — demonstrava normalidade, coragem. Quase riu, mas precisava respirar como o médico tinha pedido.

Elise se ofereceu para ir em seguida. O dr. Nichols ficou de joelhos e examinou o espaço dos dentes de leite que tinham caído. Perguntou a

ela sobre a fada do dente e, quando a menina balançou a cabeça e disse que nunca tinha ouvido falar naquilo, deu-lhe uma moeda. Os gêmeos correram para a frente, implorando para serem os próximos.

— As fadas existem mesmo? — perguntou Miles. — A gente sempre ouvia um barulhinho na fazenda onde crescemos.

Marcus entrou na frente do irmão.

— Um dia eu vi uma fada, de verdade — anunciou. — E perdi vinte dentes quando era pequeno.

— É mesmo? — perguntou o dr. Nichols. — Pode sorrir para mim? Excelente. Agora abra a boca. Vinte dentes, é?

— Uhum — respondeu Marcus. Ele esfregou a boca. — E todos cresceram de volta, menos o que o Miles quebrou.

— Foi sem querer — reclamou o outro.

Miles ergueu a camisa e pediu que o médico também ouvisse sua respiração. Jimmy ficou olhando Rickson e Hannah se encolherem em volta do filho enquanto observavam os procedimentos. Também percebeu que o dr. Nichols, mesmo ocupado em examinar os dois garotos, não parava de lançar olhares para o bebê nos braços de Hannah.

Cada um dos gêmeos ganhou uma moeda depois do exame.

— Moedas atraem gêmeos — comentou o dr. Nichols. — Os pais botam duas delas embaixo dos travesseiros para conseguirem garotos saudáveis como vocês.

Os gêmeos ficaram todos satisfeitos e examinaram as moedas em busca de algum rosto meio apagado ou pedaço de palavra que comprovasse que eram de verdade.

— Rickson também era gêmeo — comentou Miles.

— Ah, é? — indagou o dr. Nichols, voltando a atenção para os dois mais velhos sentados lado a lado na parte de baixo de um beliche.

— Eu não quero botar o implante — declarou Hannah, com a voz tranquila. — Minha mãe tinha, mas foi arrancado. Não quero ser operada.

Rickson passou o braço em torno dela e a apertou com força junto a si. Ele estreitou os olhos para o médico, e Jimmy ficou nervoso.

— Você não precisa botar o implante — sussurrou o dr. Nichols, mas Jimmy viu o modo como ele olhou para Courtnee. — Você se importa se eu ouvir o coração do seu bebê? Só para ter certeza de que ele está bem e forte…

— Por que não estaria? — perguntou Rickson, estufando o peito.

O dr. Nichols observou o rapaz por um instante.

— Você conheceu minha filha, não foi? Juliette.

Rickson assentiu.

— Muito pouco. Ela foi embora logo depois.

— Bem, ela me mandou aqui porque se importa com a saúde de vocês. Eu sou médico. Sou especializado em crianças, principalmente nas mais novas. Acho que seu bebê parece forte e saudável. Só quero ter certeza. — O dr. Nichols ergueu o disco de metal na ponta dos tubos de escutar e o apertou na palma da mão. — Olha, estou aquecendo o metal. O bebê não vai nem sentir.

Jimmy esfregou o peito no local onde o médico encostara o aparelho para ouvir sua respiração e se perguntou por que ninguém tinha esquentado o metal para *ele*.

— Vou ganhar uma moeda por isso? — perguntou Rickson.

O dr. Nichols sorriu.

— Que tal algumas fichas, em vez disso?

— O que é uma ficha? — perguntou Rickson, mas Hannah já estava ajustando sua posição no beliche para que o médico pudesse fazer o exame.

Enquanto o médico continuava com os exames, Courtnee encostou a mão no ombro de Jimmy, para chamar sua atenção. Ele se virou para ver do que a mulher precisava.

— Juliette queria que eu ligasse para ela assim que vocês estivessem aqui. Volto daqui a pouco para ver como estão…

— Espere — pediu Jimmy. — Eu quero ir. Quero falar com ela.

— Eu também — interveio Elise, agarrando-se à perna dele.

Courtnee franziu a testa.

— Está bem. Mas precisa ser rápido, porque vocês precisam comer e se arrumar.

— Arrumar? — indagou Elise.

— Ora, se quiserem subir e ver a casa nova.

— Casa nova? — perguntou Jimmy.

Mas Courtnee já tinha dado as costas para ir embora.

* * *

Jimmy se apressou para ir atrás de Courtnee. Elise agarrou a bolsa a tiracolo que continha o livro pesado e foi correndo para junto dele, com seus passinhos curtos.

— O que ela quis dizer com casa nova? — perguntou Elise. — Quando vamos voltar para a nossa casa de verdade?

Jimmy coçou a barba e ficou dividido entre mentir e contar a verdade. *Talvez a gente nunca mais volte*, teve vontade de dizer. *Não importa onde a gente decida viver, talvez a gente nunca mais se sinta em casa.*

— Acho que essa vai ser nossa nova casa— respondeu, evitando demonstrar emoção na voz. Abaixou-se e pousou a mão enrugada no ombro pequeno e magro de Elise, sentindo como ela era frágil. Bastavam algumas palavras para romper aquela carne. — Pelo menos por um tempo. Até que ajeitem nossa casa velha.

Olhou para Courtnee mais adiante. A mulher não olhou para trás.

Elise parou no meio do corredor e olhou para trás. Quando se virou de volta para ele, as luzes fracas da Mecânica refletiram na água acumulada em seus olhos. Jimmy estava prestes a dizer a ela para não chorar quando Courtnee se ajoelhou e a chamou. Elise se recusou a se mexer.

— Você não quer vir com a gente ligar para Juliette e conversar com ela pelo rádio? — perguntou Courtnee.

A menina assentiu, chupando o dedo. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Ela agarrou a bolsa com o livro, e Jimmy se lembrou das crianças

que conhecera em outra vida — elas se agarravam a bonecas do mesmo modo que Elise se agarrava ao livro.

— Depois que fizermos essa ligação e vocês se arrumarem, vou pegar um pouco de arroz-doce na despensa. O que acha?

Elise deu de ombros. Jimmy teve vontade de dizer que nenhuma das crianças tinha comido arroz-doce. Ele mesmo nunca tinha ouvido falar. Mas agora queria um pouco.

— Vamos ligar para Juliette — declarou Courtnee.

Elise fungou e assentiu. Então pegou a mão de Jimmy e olhou para ele.

— O que é arroz-doce? — perguntou.

— Vai ser uma surpresa — respondeu Jimmy, o que era a mais pura verdade.

Courtnee os conduziu pelo corredor que fazia uma curva mais adiante. Levou um tempo para as curvas e cantos assumirem certa semelhança com o lugar escuro e úmido que Jimmy deixara para trás. Apesar da pintura fresca, do zumbido das lâmpadas, dos fios bem arrumados e do cheiro de graxa, era um labirinto idêntico ao tanque enferrujado que ele explorara nas duas semanas anteriores. Quase podia ouvir o barulho das poças sob seus pés, os gritos daquela bomba sugando um poço vazio... Só que não era imaginação: ouvira mesmo um barulho vindo de seus pés. Um guincho alto.

Elise gritou, o que fez Jimmy pensar que tinha pisado nela. Mas ali a seus pés havia um grande rato marrom com um rabo assustador, guinchando e andando em círculos.

Jimmy sentiu o coração parar. Elise gritava sem parar — até que ele se deu conta de que era a própria voz que estava ouvindo. Os braços de Elise estavam agarrados à sua perna, impedindo que ele desse meia-volta e saísse correndo. Enquanto essa cena se desenrolava, Courtnee ria até se acabar. Jimmy quase desmaiou quando a mulher pegou o rato gigante do chão. Quando a coisa lambeu seu queixo, ele percebeu que não era um rato, e sim um cachorro. Um filhote. Tinha visto cachorros crescidos nos setores intermediários do silo, quando era pequeno, mas nunca vira um

filhote. Quando notou que o animal não era perigoso, Elise soltou um pouco a perna de Jimmy.

— É um gato! — exclamou a menininha.

— Isso não é um gato — retrucou Jimmy. Conhecia bem os gatos.

Courtnee ainda ria deles quando um rapaz surgiu correndo de um canto do corredor, arfando, sem dúvida atraído pelos gritos assustados de Jimmy.

— Ah, aí está você — disse o sujeito, pegando o animal dos braços de Courtnee. O filhote se agarrou ao ombro do homem e tentou morder lóbulo de sua orelha. — Seu monstrinho.

O mecânico afastou o rosto da boca do filhote e o segurou pela pele da nuca, deixando-o com as pernas penduradas no ar.

— Tem mais filhotes? — perguntou Courtnee.

— Todos da mesma ninhada — respondeu o homem.

— Conner devia tê-los sacrificado há algumas semanas.

O sujeito deu de ombros.

— Conner está cavando aquela droga de túnel. Mas vou falar com ele sobre isso.

Ele cumprimentou Courtnee com um aceno de cabeça e voltou pelo caminho de onde viera levando o animal pendurado pelo cangote.

— Foi um susto e tanto — comentou Courtnee, sorrindo para Jimmy.

— Achei que fosse um rato — explicou ele, lembrando as hordas daqueles bichos que tinham tomado as fazendas inferiores.

— Ficamos com uma superpopulação de cães quando algumas pessoas do Suprimentos tiveram que vir para cá — explicou Courtnee, conduzindo-os pelo corredor na direção em que o homem tinha ido. Elise, pela primeira vez, ia correndo na frente. — E os bichos estão ocupados fazendo mais bichos. Eu mesma encontrei uma ninhada na sala das bombas, embaixo dos permutadores de calor. E encontraram outra ninhada no armário de ferramentas, algumas semanas atrás. Daqui a pouco vamos começar a encontrar cachorros nas nossas camas, essas pestes. Só comem e fazem sujeira.

Jimmy pensou em sua juventude passada na sala dos servidores, comendo ervilhas cruas de uma lata e cagando nas grades do chão. Não dava para odiar um ser vivo por… estar vivo, né?

O corredor à frente não tinha saída. Elise já estava explorando a passagem à esquerda, como se estivesse à procura de algo.

— A oficina de Walker é por aqui — disse Courtnee.

Elise olhou para trás. Ouviram um ganido vindo de algum lugar, e ela se virou e foi atrás.

— Elise — chamou Jimmy.

A menina espiou por uma porta aberta antes de entrar, e Courtnee e Jimmy saíram correndo atrás dela. Quando fizeram a curva, viram-na parada de pé diante de um caixote de peças dentro do qual o homem do corredor enfiava alguma coisa. Elise segurava a borda do caixote e se debruçava para a frente. Ganidos e barulhos de unhas arranhando saíam do caixote de plástico.

— Cuidado, menina! — Courtnee correu até ela. — Eles mordem.

Elise se virou para Jimmy. Um dos animaizinhos se contorcia em seus braços, botando uma língua rosada para fora.

— Ponha de volta — mandou ele.

Courtnee tentou pegar o bicho, mas o sujeito que estava lidando com os filhotes já o pegara pelo pescoço. Ele jogou o cachorrinho de volta para junto dos outros e chutou a tampa da caixa, fechando-a com um estrondo.

— Desculpa, chefe.

Ele usou o pé para empurrar a caixa para o lado enquanto Elise choramingava.

— Você está alimentando os bichos? — indagou Courtnee, apontando para uma pilha de restos em um prato velho.

— É o Conner. Juro. São daquele cachorro que ele pegou. Você sabe como trata essa coisa. Falei com ele, como você mandou, mas ele está enrolando.

— Vamos discutir isso depois — retrucou Courtnee, os olhos dardejando para a pequena Elise. Jimmy achou que talvez ela não

quisesse discutir o que devia ser feito na frente da criança. — Vamos.

Ela conduziu Jimmy até a porta, de volta ao corredor. Ele, por sua vez, puxou a criança reclamona.

23

• Silo 18 •

Um odor familiar e desagradável os aguardava em seu destino. Era o calor dos servidores em funcionamento misturado ao fedor de gente havia muito sem banho. Para Jimmy, era uma lufada de seu velho eu e de sua velha casa. Um eco daquilo. Ouvia o chiado de estática, um sussurro fantasmagórico e habitual, similar ao que seus rádios faziam. Seguiu Courtnee até uma sala cheia de bancadas e destroços de inúmeros projetos em andamento ou talvez abandonados — era difícil dizer.

Peças de computador estavam espalhadas em uma prateleira junto à porta, e Jimmy pensou em como o pai teria dado um sermão por vê-las tão mal arrumadas. Um homem de avental de couro em uma das bancadas mais distantes se virou para eles com uma vara de metal fumegante nas mãos, ferramentas estufando a frente do avental e se projetando de dezenas de bolsos, a barba farta e os olhos carregados com um brilho meio louco. Jimmy nunca tinha visto um homem como aquele.

— Courtnee — cumprimentou o sujeito. Ele tirou um pedaço brilhante de arame prateado dos dentes, depositou a vara na bancada e abanou a fumaça da frente do rosto. — Já é hora de jantar?

— Não está nem na hora do almoço — respondeu. — Quero que você conheça dois amigos de Juliette. São do outro silo.

— Do outro silo... — Walker ajustou uma lente diante de um dos olhos e examinou os visitantes. Levantou-se do banco devagar. — Nós já

conversamos antes. — Esfregou a palma da mão na traseira do macacão e a estendeu para Jimmy. — Você é o Solo, não é?

Jimmy deu um passo à frente e apertou a mão de Walker. Os dois contraíram os lábios e se estudaram por um instante.

— Prefiro que me chamem de Jimmy — declarou, por fim.

Walker assentiu.

— Sim, sim. Isso mesmo.

— E eu sou Elise. — A menina acenou. — Hannah me chama de Lily, mas não gosto de Lily. Gosto de Elise.

— É um nome bonito — concordou Walker.

Ele cofiou a barba e a analisou, se balançando.

— Eles querem falar com Jules — explicou Courtnee. — E eu tinha que ligar para ela e informar que eles chegaram. Ela está… tudo correu bem?

Walker pareceu despertar de um transe.

— O quê? Ah. Ah, sim. — Ele uniu as mãos. — Tudo correu bem, ao que parece. Ela está de volta ao interior.

— Por que ela saiu? — perguntou Jimmy.

Sabia que Juliette estava trabalhando em algum projeto, mas não sabia qual. Era algo que ela nunca queria discutir pelo rádio, porque não sabia quem poderia estar escutando.

— Parece que foi ver o que tem lá fora — explicou Walker. Ele resmungou alguma coisa e olhou feio para a porta aberta da oficina. Ao que parecia, Walker não achava que aquela era uma razão válida para sair dali. Depois de uma pausa desconfortável, ele baixou os olhos para a bancada. As mãos velhas se moveram com habilidade, pegando um rádio estranho, cheio de botões e controles. — Vamos ver se dá para entrar em contato com ela.

Ligou para Juliette, e outra pessoa atendeu e pediu para esperarem um momento. Walker estendeu o rádio para Jimmy, que o pegou, familiarizado o suficiente com seu funcionamento.

Uma voz crepitou no ar.

— Oi? Quem é…?

Era a voz de Juliette. Jimmy apertou o botão.

— Jules? — Ele olhou para o teto e se deu conta de que, pela primeira vez em muito tempo, ela estava em algum lugar acima dele. Os dois outra vez sob o mesmo teto. — Você está aí?

— Solo! — E ele não a corrigiu. — Você está com Walker. Courtnee está aí?

— Sim.

— Ótimo. Isso é ótimo. Sinto muito por não ter ido. Vou descer assim que puder. Estão preparando um lugar para as crianças perto das fazendas, onde é mais parecido com a casa delas. Só que tenho… esse projetinho para terminar. Só deve demorar mais alguns dias.

— Não tem problema — respondeu ele, dando um sorriso nervoso para Courtnee e de repente sentindo-se muito jovem. Na verdade, aqueles poucos dias pareceriam um tempo enorme. Queria ver Jules ou voltar para casa. Ou ambos. — Quero ver você logo — acrescentou, mudando de ideia. — Não deixe isso demorar muito.

Uma explosão de estática. O som de ondas de rádio pensando.

— Não vai demorar. Prometo. Você viu meu pai? Ele é médico. Eu disse para ele descer e examinar você e as crianças.

— Nós o vimos. Ele está aqui. — Jimmy olhou para Elise, que o puxava para o corredor, provavelmente pensando no tal arroz-doce.

— Que bom. Você disse que Courtnee estava aí. Pode botá-la na linha?

Jimmy entregou o rádio e viu que sua mão tremia. Courtnee pegou o aparelho. Ela ouviu Juliette dizer alguma coisa sobre a grande escadaria e contou as novidades da escavação. Conversaram sobre levar o rádio lá para cima, para ficar com Jules, e discutiram sobre por que o dr. Nichols não estava lá em cima, para verificar se ela e um tal de Nelson estavam bem, além de muitas outras coisas que Jimmy não entendeu. Tentou acompanhar, mas sua mente viajava. Então percebeu que Elise tinha sumido.

— Aonde foi aquela garota? — perguntou.

Agachou-se e espiou por baixo da bancada de ferramentas. Só viu uma pilha de peças e máquinas quebradas. Levantou-se e verificou atrás de um dos balcões altos. Era uma hora ruim para brincar de esconderijo. Conferiu todos os cantos, e um pânico gélido travou sua garganta. Elise desaparecia rápido, lá no velho silo, se distraía fácil, ia atrás de qualquer coisa brilhante ou do mais leve aroma de frutas. Mas ali… entre estranhos e lugares que ele não conhecia… Jimmy avançou lentamente pela oficina, examinando entre as bancadas e por trás das estantes, ouvindo o coração bater cada vez mais depressa.

— Ela estava aqui agora a… — começou Walker.

— Estou bem aqui — chamou Elise. Ela acenou do corredor. Estava parada bem diante da porta. — Podemos voltar para Rickson? Estou com fome.

— E eu prometi um pouco de arroz-doce — respondeu Courtnee, com um sorriso.

A conversa com Juliette tinha terminado. Ela não tinha reparado nos minutos de pânico que Jimmy passara. A caminho da porta, entregou o rádio estranho a ele, dizendo:

— Jules quer que você fique com isso.

Ele pegou o rádio com cuidado.

— Ela disse que pode levar um ou dois dias, mas vai encontrar você na sua nova casa, nas fazendas inferiores.

— Estou com muita fome — reclamou Elise, impaciente.

Jimmy deu uma risada e a mandou se comportar, mas também sentia o estômago roncando. Juntou-se à menininha no corredor e viu que ela tirara o grande livro de memórias da bolsa a tiracolo e o abraçava delicadamente junto ao peito. Páginas coloridas soltas que ela ainda tinha de costurar se projetavam em ângulos esquisitos.

— Sigam-me — chamou Courtnee, conduzindo-os pelo corredor. — Vocês vão adorar o arroz-doce da Mama Jean.

Jimmy teve certeza de que seria verdade. Saiu e se apressou para seguir Courtnee, ansioso para comer e ver Jules. Atrás dele, a pequena Elise seguia em seu próprio ritmo, aninhando o grande livro nos dois

braços, cantarolando baixinho porque não sabia assoviar, a bolsa a tiracolo balançando e fazendo seus próprios barulhos.

24

• Silo 18 •

Juliette entrou na câmara pressurizada para pegar as amostras. Sentia o calor do fogo de mais cedo — ou então estava imaginando. Podia ser sua temperatura se elevando dentro do traje. Ou talvez apenas a visão daquele recipiente selado no interior da câmara, a tampa descolorida depois de ser lambida pelas chamas.

Examinou o recipiente com a parte lisa da luva. O material em suas mãos não ficou melado ou grudento em contato com o metal, que parecia frio ao toque. Depois de uma hora de limpeza, de trocar o traje e da descontaminação das duas câmaras, recebia aquela caixa de pistas. Uma caixa de ar externo, solo e outras amostras. Pistas, talvez, de tudo que havia de errado com o mundo.

Pegou a caixa e se juntou aos outros no espaço depois da segunda câmara pressurizada. Um grande baú revestido de chumbo estava à espera, com as juntas seladas e o interior acolchoado. Aninhou a caixa de amostras em seu interior. Depois de fechar a tampa, Nelson a circulou de calafetagem, e Lukas ajudou Juliette com o capacete. Ao tirá-lo, ela percebeu como a respiração ficara fraca. Usar aquele traje estava começando a afetá-la.

Livrou-se dele enquanto Peter Billings lacrava as câmaras pressurizadas. O gabinete do xerife, que era adjacente ao refeitório, tinha se transformado em canteiro de obras durante a semana anterior, e Juliette sabia que ele ficaria feliz quando todos tivessem ido embora. Ela prometera remover a câmara interna assim que possível, mas

provavelmente fariam mais excursões antes disso. Primeiro queria estudar os pequenos potinhos de ar externo que trouxera para dentro do silo. E era um longo caminho até o Laboratório de Trajes, no trinta e quatro.

Nelson e Sophia foram à frente para esvaziar a escadaria. Juliette e Lukas os seguiram, cada um segurando uma alça do baú, como uma dupla de portadores. *Mais uma violação do Pacto*, pensou Juliette. Pessoas com roupas prateadas agindo como Portadores. Quantas outras leis poderia quebrar em sua atuação como representante máxima da lei? Teria que pensar muito em como justificar suas ações.

Deixou os pensamentos irem da própria hipocrisia até a escavação muito abaixo, para as notícias de que Courtnee tinha atravessado, de que Solo e as crianças estavam em segurança. Odiava não poder estar lá embaixo com eles, mas pelo menos seu pai estava. Apesar de a princípio ter relutado em assumir qualquer papel na viagem ao exterior, o pai depois resistiu em deixá-la para ver as crianças. Juliette o convencera de que tinham tomado precauções suficientes para que não fosse necessário examiná-la.

O baú balançou e bateu no corrimão, provocando um clangor estridente, e ela tentou se concentrar na tarefa em mãos.

— Você está bem aí atrás? — gritou Lukas.

— Como os portadores fazem isso? — perguntou, trocando de mão.

O peso do baú revestido de chumbo a puxava para baixo, aquela coisa enorme bem diante de suas pernas. Lukas estava mais embaixo, assim podia avançar pelo meio da escadaria com o braço rente ao corpo, o que parecia bem mais confortável. Mais acima, ela não conseguia nem de longe manter a mesma postura. No andar seguinte, fez Lukas esperar um pouco enquanto removia o cinto preso ao macacão e o amarrava à alça, passando a tira pelo ombro, como vira um portador fazer. Aquilo permitiu que descesse de lado, com o peso da caixa apoiado no quadril, exatamente como via carregarem aqueles sacos negros de corpos para serem enterrados. Depois de mais um nível, ficou quase confortável, e ela conseguiu entender como poderia ser bom trabalhar como portador.

Dava tempo para pensar. A mente ficava imóvel enquanto o corpo se movia. Então se lembrou dos sacos negros e do que ela e Lukas estavam carregando, e seus pensamentos encontraram uma sombra escura em que se abrigar.

— Tudo bem com você? — perguntou a ele, após duas curvas de silêncio.

— Tudo. Só estou pensando no que estamos carregando, sabe? No que tem dentro dessa caixa.

A mente dele encontrara o mesmo tipo de sombra em que se aninhar.

— Acha que foi uma má ideia?

Lukas não respondeu. Era difícil dizer se tinha dado de ombros ou se estava só mudando de posição.

Passaram por outro andar. Nelson e Sophia tinham fechado as portas com fita, mas havia rostos observando-os por trás do vidro sujo. Juliette viu uma idosa apertando uma cruz brilhante contra o vidro. Quando ela ia virando para ir embora, a mulher esfregou a cruz e a beijou, e Juliette pensou no Padre Wendel e na ideia de que estava levando medo para o silo. Esperança era algo que só ele e a igreja ofereciam, um lugar onde existir após a morte. O medo vinha do risco de que mudar o mundo para melhor pudesse torná-lo pior.

Esperou até que estivessem abaixo da plataforma do andar.

— Ei, Luke?

— Que foi?

— Você já pensou no que acontece depois que a gente morre?

— Eu sei o que acontece — respondeu ele. — Somos besuntados de manteiga e comidos até o sabugo.

Ele riu da própria piada.

— Estou falando sério. Você acha que nossas almas se juntam às nuvens e vão para um lugar melhor?

Lukas parou de rir.

— Não — respondeu, após uma longa pausa. — Acho que só deixamos de existir.

Desceram em curva e passaram por outro andar, outra porta selada com fita, apenas por precaução. Juliette percebeu que suas vozes percorriam o vão quieto e vazio da escadaria.

— Não acho ruim a ideia de um dia não estar mais aqui — comentou Lukas, após mais uma pausa. — Não acho ruim o fato de que eu não estava aqui cem anos atrás. Acho que a morte vai ser muito parecida com isso. Daqui a cem anos, minha vida vai ser a mesma que foi há cem anos atrás.

Ele ajustou os braços para segurar melhor a caixa, ou talvez tenha dado de ombros mais uma vez. Era impossível dizer.

— Mas posso dizer o que dura para sempre.

Lukas virou a cabeça para se assegurar de que ela estava ouvindo, e Juliette se preparou para algo piegas, como “amor”, ou uma piadinha sem graça, como “seus ensopados”.

— O que dura para sempre? — consentiu em perguntar, certa de que se arrependeria, mas sentindo que ele estava esperando a pergunta.

— Nossas decisões — respondeu Lukas.

— Podemos parar um pouco? — perguntou Juliette. Uma assadura se formara no ponto onde o cinto amarrado se esfregava em seu pescoço. Pousou sua extremidade do baú sobre um degrau, e Lukas continuou segurou o outro lado, mantendo-o nivelado. Ela conferiu o nó e deu a volta para trocar de ombros. — Desculpe, você tinha dito… “nossas decisões”?

Ela não tinha entendido bem.

Lukas se virou para encará-la.

— É. Nossas ações, sabe? Elas duram para sempre. Não importa o que for que a gente decida fazer, vai continuar para sempre sendo o que fizemos. Não tem como desfazer uma ação.

Não era a resposta que ela estava esperando. Ele disse aquilo com uma certa tristeza na voz, com a caixa apoiada no joelho, e Juliette ficou emocionada com a simplicidade da resposta. Algo fez sentido, mas não tinha certeza do quê.

— Fale mais — pediu.

Enrolou o cinto ao redor do outro ombro e se preparou para erguer a caixa outra vez. Lukas segurou o corrimão com uma das mãos e pareceu satisfeito em descansar por mais um instante.

— Por exemplo, o mundo se move em torno do sol, certo?

— Pelo que você diz... — retrucou Juliette, rindo.

— Bem, ele se move. O Legado e o homem do Silo 1 confirmaram isso.

Juliette fez uma expressão de escárnio, como se julgasse impossível confiar em qualquer um dos dois. Lukas a ignorou e prosseguiu:

— Isso significa que não existimos em um único lugar. Tudo o que fazemos é deixado em… é como uma trilha lá fora, um grande círculo de decisões. Cada atitude que tomamos…

— E cada erro.

Ele assentiu e esfregou a testa com a manga.

— E cada erro. Mas também todas as coisas boas. Elas são imortais, cada pequeno toque que deixamos para trás. Mesmo que ninguém veja ou lembre, não importa. Essa trilha sempre vai ser o que aconteceu, o que fizemos, cada escolha. O passado existe para sempre. Não tem como mudá-lo.

— Isso aumenta a vontade de não fazer merda — comentou Juliette, pensando em todas as merdas que fizera, ponderando se aquela caixa aumentaria a conta.

Viu a si mesma em uma grande trilha no espaço: brigando com o pai, perdendo o namorado, indo para a limpeza, uma grande espiral de sofrimentos, como uma jornada escadaria abaixo com o pé sangrando.

E as manchas nunca sairiam. Era o que Lukas estava dizendo. Ela sempre teria tido aquela atitude que magoara o pai. Seria esse o jeito certo de dizer? “Sempre teria tido”? Um tempo verbal imortal. Uma nova regra gramatical. *Sempre teria tido* amigos mortos. *Sempre teria tido* um irmão morto e uma mãe que se suicidou. *Sempre teria tido* aquele maldito emprego como xerife.

Não tinha volta. Desculpas não consertavam as coisas, eram apenas um reconhecimento de que algo tinha sido quebrado. Em geral entre

duas pessoas.

— Você está bem? — perguntou Lukas. — Pronta para continuar?

Mas sabia que ele estava perguntando mais do que se o braço dela estava cansado. Lukas tinha aquela habilidade de identificar suas preocupações mais íntimas. Uma visão aguçada que o permitia vislumbrar a mais ínfima pontada de dor.

— Estou bem — mentiu ela.

E procurou por algum gesto nobre em seu passado, por uma trilha sem sangue, por qualquer ato que tivesse transformado o mundo em um lugar melhor. Mas, quando fora mandada para a limpeza, se recusara. Sempre tinha se recusado. Dera as costas e fora embora, e não havia como voltar e fazer diferente.

* * *

Nelson estava esperando por eles no Laboratório de Trajes. Já vestia seu segundo traje, mas ainda sem o capacete. O que Juliette usara no exterior e os dois usados para esterilizá-la tinham sido deixados na câmara de pressurização. Apenas os rádios instalados nos capacetes tinham sido recuperados. Eram tão preciosos quanto pessoas, brincara Juliette. Nelson e Sophia já tinham instalado os rádios naquele par de trajes, e Lukas ficaria com um terceiro aparelho, montado no corredor.

Colocaram o baú no chão perto de uma bancada vazia. Juliette e Lukas sacudiram os braços, fazendo o sangue voltar a circular.

— Você cuida da porta? — perguntou Juliette.

Ele assentiu e lançou um último olhar carrancudo para o baú. Juliette sabia que ele preferia ficar e ajudar. Lukas deu um leve aperto em seu braço e a beijou no rosto antes de ir embora e fechar a porta. Ela se sentou no catre e se espremeu em mais um traje enquanto ouvia Lukas e Sophia passando fita selante ao redor da porta. As saídas de ventilação no teto já tinham recebido duas coberturas. Era verdade que havia muito menos ar no recipiente do que deixara entrar no Silo 17 — e não tivera

problemas em sobreviver àquela provação —, mas ainda assim estavam tomando todas as precauções. Agiam como se qualquer um daqueles recipientes contivesse veneno suficiente para matar todos no silo. Foi uma condição que Juliette havia imposto.

Nelson fechou o zíper nas costas dela e o cobriu com a aba de velcro, selando-o com firmeza. Ela calçou as luvas. Os dois botaram e encaixaram os capacetes. Para aumentar a quantidade de ar e de tempo disponível, Juliette retirara um balão de oxigênio do kit de acetileno. O fluxo de ar era regulado por um pequeno registro, e o excesso saía por um conjunto duplo de válvulas. Quando testou o esquema, Juliette descobriu que podiam passar dias com o filete de ar daquele tanque compartilhado.

— Tudo bem? — perguntou, testando o volume do rádio.

— Tudo — respondeu Nelson. — Estou pronto.

Juliette gostava do entendimento que haviam desenvolvido, o ritmo de dois mecânicos do mesmo turno que haviam trabalhado no mesmo projeto noite após noite. O principal assunto entre eles era o projeto — os desafios a serem superados, as ferramentas que precisavam entregar um ao outro. Mas também descobrira que a mãe de Nelson já tinha trabalhado com seu pai, que era enfermeira antes de se mudar para as profundezas e se tornar médica. Também descobriu que Nelson construíra os dois últimos trajes de limpeza, vestira Holston antes de ele sair e por pouco não fora designado para a limpeza dela. Juliette decidira que se dedicar àquele projeto servia tanto para a absolvição dele quanto a sua própria. Nelson dedicara muitas horas extras que ela não achava que podia esperar de alguém além de si mesma. Os dois estavam querendo acertar as coisas.

Após pegar uma chave de fenda do suporte de ferramentas, Juliette começou a raspar a calafetagem em volta da tampa do baú. Nelson pegou outra chave e se dedicou ao outro lado. Quando as ferramentas dos dois se encontraram, Juliette o encarou, e os dois abriram a tampa para revelar o recipiente de metal retirado da câmara pressurizada. Pegaram-no e puseram-no sobre uma bancada de trabalho limpa.

Juliette hesitou. Das paredes, uma dezena de trajes de limpeza os encarava em reprovação silenciosa.

Mas tinham tomado todas as precauções. Até as mais absurdas. Tinham removido todo o excesso de forro dos trajes que usavam, de forma a facilitar o trabalho. E das luvas também. Juliette cedera a cada concessão pedida por Lukas. Também fora assim que lidara com Shirly a respeito do gerador reserva e da escavação, chegando ao ponto de desacelerar o gerador principal para reduzir o consumo e até mesmo instalar cargas explosivas no túnel, para o caso de contaminação, o que quer que fosse necessário para permitir o avanço do projeto.

Juliette voltou ao presente ao notar que Nelson aguardava que ela tomasse uma atitude. Abriu a tampa e tirou as amostras. Havia duas de ar; uma de controle, com o argônio da câmara de pressurização; uma do solo da superfície; uma de solo profundo; e outra de restos humanos ressecados. Os frascos foram postos sobre a bancada, e o recipiente de metal foi deixado de lado.

— Por onde você quer começar? — perguntou Nelson.

Ele pegou um pequeno tubo de aço com um pedaço de giz enfiado na extremidade, um improviso para escrever com as mãos enluvadas. Havia uma lousa pronta para anotações sobre a bancada de trabalho.

— Vamos começar com as amostras de ar — respondeu Juliette.

Tinham gasto muitas horas levando as amostras até o laboratório. Por dentro, Juliette temia que àquela altura não houvesse restado nada para observar nos potes. Conferiu as etiquetas nos recipientes e encontrou o exemplar número 2, que fora coletado perto das colinas.

— Tem certa ironia nisso, não acha? — comentou Nelson.

Juliette pegou o recipiente das mãos dele e olhou através da tampa de plástico transparente.

— Como assim?

— É que… — Ele se virou e conferiu o relógio na parede, anotou a hora na lousa e lançou um olhar culpado para Juliette. — Ter permissão de fazer isso, de ver o que tem lá fora, até mesmo falar sobre o assunto. Sabe, eu construí o seu traje. Fui o técnico chefe no traje do xerife. —

Nelson franziu a testa por trás do visor transparente do capacete. Dava para ver o brilho de suor em sua testa. — Eu me lembro de ajudá-lo a se vestir.

Era a terceira ou quarta tentativa desajeitada de pedir desculpas, e Juliette apreciava o gesto.

— Você só estava fazendo o seu trabalho — garantiu.

Pensou em como aquele sentimento era poderoso, como simplesmente fazer seu trabalho podia levar alguém por um caminho tão imundo, fazer a pessoa se rebaixar tanto.

— Mas a ironia é que esta sala… — Nelson indicou os trajes que olhavam das paredes. — Até minha mãe achava que esta sala estava aqui para ajudar os outros, ajudar os limpadores a sobreviverem pelo maior tempo possível, ajudá-los a explorar o mundo exterior sobre o qual ninguém nem podia falar. E, por fim, aqui estamos nós. E fazendo mais do que simplesmente falar.

Juliette não respondeu, mas Nelson tinha razão. Era uma sala cheia tanto de esperança quanto de medo.

— Mas o que desejamos encontrar e o que realmente há lá fora são duas coisas diferentes — declarou ela. — Vamos manter o foco.

Nelson assentiu e se preparou para anotar. Juliette sacudiu o primeiro recipiente de amostra até que as duas gaxetas de vedação no interior se separaram. A mais resistente, tirada do Suprimentos, estava perfeitamente intacta. As marcas amarelas nas bordas continuavam lá. A outra gaxeta estava em estado bem pior. As marcas vermelhas tinham desaparecido, as bordas carcomidas pelo ar no interior do recipiente. O mesmo acontecia com as duas amostras de fita térmica grudadas no fundo. O pedaço quadrado do Suprimentos estava intacto. Juliette cortara a da TI em um triângulo, para diferenciá-las. O triângulo tinha um pequeno furo desgastado no meio.

— Eu diria que um oitavo da gaxeta da amostra dois já se desgastou — comentou Juliette. — Um furo de três milímetros na fita térmica. As duas amostras do Suprimentos parecem bem.

Nelson anotou as observações. Foi assim que Juliette decidira medir o nível de toxidade do ar, usando as gaxetas de vedação e fitas térmicas projetadas para apodrecer no exterior e compará-los com as que já sabia que durariam. Entregou o recipiente a Nelson, para que pudesse verificar, e reparou que aquele era o primeiro dado concreto que tinham. Uma confirmação tão importante quanto o fato de ter sobrevivido ao exterior. O equipamento encontrado nos armazéns daquele departamento era feito para falhar. Juliette sentiu um calafrio ao entender o que significava aquele primeiro passo. Sua mente já estava acelerada com todas as experiências que faria em seguida. E sequer tinham aberto os recipientes para saber como era o ar contido em seu interior.

— Confirmo um oitavo de desgaste na gaxeta — anunciou Nelson, olhando para o interior do recipiente. — Mas diria dois milímetros e meio na fita.

— Ponha dois e meio — concordou ela.

Da próxima vez, cada um teria sua própria lousa. Suas observações podiam afetar as dele, e vice-versa. Havia muito a aprender. Pegou a amostra seguinte, enquanto Nelson anotava seus próprios números.

— Amostra um — anunciou. — Esta vem da rampa. — Olhou dentro do recipiente e notou que a gaxeta do Suprimentos estava inteira. A outra já parecia meio desgastada, quase perfurada em um ponto. Virou o recipiente de cabeça para baixo, sacudiu e conseguiu fazer com que a junta caísse sobre a tampa transparente. — Isso não pode estar certo. Vamos ver sob aquela lâmpada.

Nelson puxou o braço da luminária na direção dela. Juliette a apontou para cima, debruçou-se sobre a bancada de trabalho e girou o corpo e a cabeça em um ângulo estranho para conseguir ver além da gaxeta desgastada, examinando a fita térmica reluzente ao fundo.

— Eu… eu diria que a junta está corroída pela metade. A fita térmica apresenta perfuração de cinco… não, seis milímetros de diâmetro. Preciso que você examine isso.

Nelson anotou os números dela antes de pegar a amostra. Ele puxou a luz de volta para seu lado da bancada. Juliette não tinha esperado encontrar uma grande diferença entre as duas amostras. Porém, se era para encontrar uma amostra pior, deveria ser a das colinas, não a da rampa, para onde bombeavam ar bom.

— Talvez eu tenha pego as amostras na ordem errada — comentou.

Apanhou o frasco seguinte, o de controle. Tomara muito cuidado no exterior, mas lembrava que estava um pouco confusa. Em determinado momento, perdera a conta, segurara um dos recipientes abertos por tempo demais. Devia ter sido isso.

— Confirmado — declarou Nelson. — Muito mais desgaste nesses. Tem certeza de que é o da rampa?

— Acho que fiz alguma besteira. Segurei um deles aberto por tempo demais. Droga. Talvez a gente tenha que descartar esses números, pelo menos para efeito de comparação.

— Foi por isso que pegamos mais de uma amostra — retrucou Nelson. Ele tossiu, o que embaçou o visor do capacete diante de seu rosto. Pigarreou e prosseguiu: — Não fique se martirizando.

Ele a conhecia muito bem. Juliette pegou a amostra de controle, xingando baixinho, e se perguntou o que Lukas estaria pensando lá fora, no corredor, ouvindo pelo rádio.

— É a última — disse, sacudindo o recipiente.

Nelson esperou, o giz posicionado sobre a lousa.

— Pode falar.

— Eu não… — Apontou a luz para o interior. Sacudiu o recipiente mais uma vez. Suor escorria por seu rosto, pingando do queixo. — Achei que essa fosse a amostra de controle.

Pôs o frasco sobre a bancada e pegou o recipiente seguinte, mas estava cheio de terra. Seu coração batia forte, sentia a cabeça girando. Nada daquilo fazia sentido. A menos que tivesse tirado as amostras na ordem errada. Será que tinha estragado tudo?

— É, essa é a amostra de controle — respondeu Nelson. Ele usou o tubo de aço para dar uma batidinha no recipiente que Juliette tinha

acabado de conferir. — Está identificada bem aqui.

— Só um segundo — pediu ela.

Juliette respirou fundo. Olhou outra vez para o interior da amostra de controle, coletada na câmara de pressurização. Deveria conter apenas argônio. Entregou o recipiente a Nelson.

— É, isso não está certo — concordou ele, e sacudiu o recipiente. — Tem alguma coisa errada.

Ela mal conseguia ouvir, mil coisas passavam por sua mente. Nelson examinou a amostra de controle.

— Eu acho… — Ele hesitou. — Algum lacre deve ter se rompido quando você abriu a tampa. Não é nada demais. Essas coisas acontecem. Ou talvez…

— Impossível — retrucou Juliette.

Tinha tomado cuidado. Lembrava-se de ter conferido os lacres. Nelson pigarreou e depositou a amostra de controle na bancada. Apontou a luz de trabalho diretamente sobre o frasco. Os dois se debruçaram sobre a amostra. Nenhum lacre se soltara, ela tinha certeza. Mas, afinal, já havia cometido erros. Todos podiam…

— Só tem uma gaxeta aqui — observou Nelson. — Talvez tenha caído…

— A fita térmica — interrompeu Juliette. Ajustou a luz. O fundo do recipiente brilhou onde havia um pedaço de fita colado. O outro pedaço tinha desaparecido. — Você está me dizendo que o pedaço de fita grudado também caiu?

— Bem, os recipientes devem estar na ordem inversa. Faria sentido. Porque a amostra da colina não está tão desgastada quanto a da rampa.

Juliette tinha pensado nisso, mas era só uma tentativa de encaixar o que ela achava que sabia com o que estava diante de seus olhos. A empreitada no exterior era para confirmar suas suspeitas. O que significava o fato de estar vendo algo diferente?

Então a verdade a acertou com um golpe certeiro no crânio. Atingiu-a como uma traição enorme. Fora traída por uma máquina que sempre tinha sido boa para ela, como uma bomba que de repente começava a

funcionar de modo inverso sem qualquer motivo aparente. Atingiu-a como um ente querido lhe dando as costas enquanto caía, como uma grande ligação que não estava simplesmente sendo rompida, e sim demonstrando que nunca existira de verdade.

— Luke — chamou, na esperança de que ele estivesse escutando, com o rádio ligado.

Esperou. Nelson tossiu.

— Estou aqui — declarou Lukas. Sua voz estava fraca e distante. — Estou acompanhando.

— O argônio — respondeu Juliette, observando Nelson através dos dois visores. — O que sabemos sobre ele?

Nelson piscou para afastar o suor dos olhos.

— Como assim? Tem uma tabela periódica aí em algum lugar. Acho que está dentro de um dos armários — disse Lukas.

— Não — retrucou Juliette, erguendo a voz para que pudesse ser ouvida com clareza. — Quero saber de onde ele vem? Sabemos o que ele de fato é?

25

• Silo 1 •

Donald sentia uma vibração no peito, o tremor de alguma conexão malfeita, o soar de algum alarme interno que indicava que sua condição estava piorando, que ele estava se deteriorando. Forçou uma tosse, por mais que odiasse fazê-lo, por mais que o diafragma doesse com o esforço, por mais que a garganta queimasse e os músculos ardessem. Curvou-se para a frente na cadeira e tossiu até alguma coisa se desalojar do fundo de seu corpo, passar pela língua e ser cuspida no quadrado de pano fétido.

Dobrou o lenço para não olhar o que cuspira e desmoronou na cadeira, suado e exausto. Respirou fundo, dessa vez com menos ruído. Repetiu o movimento. Sorvia pequenos goles de ar que já não o torturavam. Será que existia uma sensação tão boa quanto respirar sem sentir dor?

Olhando ao redor da sala, atordoado, reparou em tudo que antes tomava como certo: restos de comida, um baralho, uma brochura com as páginas amareladas e a lombada muito marcada — indícios de muitos turnos passados, mas sem sofrimento. E estava sofrendo. Sofreu a longa espera antes da resposta do Silo 18. Estudou o esquema de todos os outros silos com os quais se preocupava. Só via mundos mortos. Todos morreriam, menos um. Sentiu uma coceira na garganta, e soube com toda a certeza que estaria morto antes de decidir qualquer coisa, antes de descobrir um jeito de ajudar, escolher ou desviar o projeto daquele curso

suicida. Era o único que sabia ou se importava, e o conhecimento e a compaixão seriam enterrados com ele.

Afinal, no que estava pensando quando começou aquela empreitada? Que podia consertar as coisas? Que podia pôr em ordem o mundo que ajudara a destruir? Já fazia muito tempo que haviam acabado as esperanças de conserto para o mundo. De colocar qualquer coisa em ordem. Bastara um vislumbre de campos verdejantes e céus azuis por meio de um drone, e sua mente meio que despertara. Mas já fazia tanto tempo desde essa visão que começara a desconfiar da veracidade daquilo. Sabia como as limpezas funcionavam. Sabia que não devia confiar na visão de uma máquina.

Mas esperanças tolas o haviam levado até ali, àquela sala de comunicação, mais uma vez tentando fazer contato. Uma esperança tola que o fizera sonhar com um fim para tudo aquilo, um modo de deixar que todas as pessoas que enchiam aqueles silos vivessem suas próprias vidas, livres de qualquer interferência. Mas a curiosidade também tivera um papel: desejara saber o que aqueles servidores continham, o último grande mistério, que só poderia explorar com a ajuda daquele chefe da TI que ele mesmo nomeara. Só queria respostas. Donald ansiava pela verdade e por uma morte indolor para si mesmo e para Charlotte. Um fim para todos aqueles turnos e sonhos. Ter seu descanso final, quem sabe no alto daquele morro com vista para o túmulo de Helen. Não achava que era querer demais.

Conferiu o relógio na parede. Estavam atrasados para responder. Quinze minutos, já. Alguma coisa estava acontecendo. Observou o segundo ponteiro se mover e se deu conta de que toda a operação — todos aqueles silos — era como um relógio gigante. Tudo funcionava no automático. E estava perdendo a força.

Máquinas invisíveis cavalgavam os ventos ao redor do planeta, destruindo tudo o que era humano, fazendo com que o mundo voltasse a seu estado selvagem. As pessoas enterradas sob a terra eram sementes em hibernação, e teriam de esperar mais duzentos anos antes de brotar.

Duzentos anos. Donald sentiu a garganta começar a coçar outra vez e se perguntou se resistiria mais *dois dias*.

Naquele momento, tinha só mais quinze minutos até que os operadores voltassem para o turno. Aquelas sessões tinham se tornado regulares. Não era raro mandar que todos saíssem para ter suas discussões confidenciais, mas estava começando a parecer suspeito que fizesse aquilo todos os dias exatamente à mesma hora. Via o modo como os operadores se entreolhavam enquanto pegavam canecas para sair. Deviam achar que era algum tipo de romance. Em geral Donald sentia que podia muito bem ser isso mesmo. Um romance com os velhos tempos e a verdade.

E estava tomando um chá de cadeira. Metade daquela sessão estava sendo desperdiçada com o chiado da linha, sem respostas. Devia estar acontecendo alguma coisa lá do outro lado. Alguma coisa ruim. Ou talvez ele estivesse nervoso com os relatórios sobre um cadáver encontrado em seu próprio silo, sobre um assassinato sendo investigado pelo pessoal da Segurança. Era estranho que aquilo mal o afetasse. Preocupava-se mais com os outros silos, perdera toda a empatia pelo seu próprio.

Ouviu um estalido no fone.

— Alô? — chamou, a voz fraca e cansada. Confiava que as máquinas o fariam soar mais forte.

Ninguém respondeu. Houve apenas um som de respiração. Mas era o suficiente como apresentação. Lukas nunca deixava de cumprimentá-lo.

— Prefeita.

— Você sabe que não gosto de ser chamada assim.

Ela parecia sem fôlego, como se tivesse corrido.

— Prefere Juliette?

Silêncio. Donald se perguntou por que preferia falar com ela. Gostava de Lukas. Estivera presente quando o rapaz passou pelo Ritual de Iniciação e admirava sua curiosidade, seu estudo do Legado. Sentia uma nostalgia enorme ao conversar com ele sobre o velho mundo. Era

uma espécie de terapia. E era Lukas quem o estava ajudando a abrir a tampa daqueles servidores para ver o que havia dentro.

Com Juliette, era atraído por algo completamente diferente. Pelas acusações e pela intimidação, que Donald sabia que merecia. Pelas ameaças e pelos silêncios desagradáveis. Havia uma parte dele que queria que aquela mulher chegasse e desse um fim nele antes que a tosse o fizesse. Humilhação e execução, esse seria seu caminho para a indulgência.

— Sei como vocês estão fazendo isso — declarou Juliette, por fim, com labaredas na voz. Veneno. — Finalmente entendi. Descobri.

Donald tirou o fone de um dos ouvidos e secou um fio de suor.

— O que você entendeu? — indagou, imaginando se ela estaria naquele estado por causa de alguma coisa que Lukas encontrara nos servidores.

— As limpezas — explicou ela, entre dentes.

Donald conferiu o relógio. Os quinze minutos iam passar rápido. O leitor daquele romance logo voltaria, assim como os técnicos envolvidos no jogo de cartas.

— Fico feliz em conversar sobre as limpezas…

— Acabei de voltar lá de fora — retrucou ela.

Donald cobriu o microfone e tossiu.

— Lá de fora onde?

Pensou no túnel que ela dizia estar escavando, o estardalhaço que estavam fazendo por lá havia silenciado. Achou que ela queria dizer que tinha ido além dos limites do silo.

— No *exterior*, ora. Nas colinas. No mundo que os antigos deixaram para trás. Coletei amostras.

Donald se inclinou para a frente, ainda sentado. Juliette queria ameaçá-lo, mas tudo o que ele ouviu foi uma promessa. A mulher queria torturá-lo, mas ele só se sentia empolgado. *No exterior.* E para coletar amostras. Sonhava com tal empreitada. Sonhava em descobrir o que havia respirado lá fora, o que tinham feito com o mundo, se a situação

estava melhorando ou piorando. Juliette devia achar que *ele* tinha as respostas, mas Donald não tinha nada além de mais perguntas.

— O que você descobriu? — sussurrou.

Amaldiçoou as máquinas que o fariam soar desinteressado, que o fariam parecer já saber. Por que não podia simplesmente declarar que não tinha ideia do que havia de errado com o mundo, ou sequer com seu próprio corpo e pedir — implorar — que ela o ajudasse? Que ajudassem um ao outro?

— Vocês não estão nos mandando lá para limpar. Estão é querendo mandar outra coisa lá para fora. Vou contar o que descobri…

Para Donald, a voz dela era todo o universo. O peso do solo sobre sua cabeça desapareceu, assim como a solidez sob seus pés. Era apenas ele e aquela voz flutuando em uma bolha.

— Pegamos duas amostras do exterior e mais uma da câmara de pressurização, que deveria conter gás inerte. Uma amostra veio da rampa, e a outra, das colinas.

De repente, era ele quem estava em silêncio. O tecido do macacão grudava na pele. Esperou com paciência, mas Juliette resistiu. Queria que ele implorasse. Talvez tivesse percebido como ele era ignorante.

— O que você descobriu? — perguntou outra vez.

— Que você é um merdinha mentiroso. Que tudo o que nos ensinaram era mentira, que todas as vezes em que confiamos em vocês, fomos enganados. Sempre achamos que o que nos mostravam, que tudo o que nos contavam, fosse real, mas nada era verdade. Talvez os antigos nem tenham existido. Sabe aqueles malditos livros? Que se queimem. E você deixou que Lukas acreditasse nesse lixo…

— Os livros são verdade — retrucou Donald.

— Mentira! São tão verdadeiros quanto o argônio? O argônio ao menos é real? Que merda é essa que vocês bombeiam nas câmaras pressurizadas quando saímos para a limpeza?

Donald repetiu a pergunta mentalmente.

— Como assim?

— Pare com esses joguinhos. Agora eu sei o que está acontecendo. Quando vocês nos mandam para o exterior, bombeiam as câmaras pressurizadas com algum material corrosivo. Um negócio que primeiro come os lacres e as juntas de vedação, depois os corpos. Vocês não deixaram nenhuma ponta solta, não foi? Bem, encontrei os cabos das câmeras escondidas. Cortei esses fios há semanas. É, fui eu. E vi os cabos de força. Vi as tubulações. O gás vem pelas tubulações, não vem?

— Juliette, me escute…

— Não venha dizendo meu nome como se me conhecesse. Você não me conhece. Todas essas conversas sobre como meu silo foi construído... você falava como se você mesmo tivesse construído, ficava contando a Lukas sobre um mundo esquecido como se o tivesse visto com os próprios olhos. Estava querendo fazer com que gostássemos de você? Que achássemos que era nosso amigo? Dizendo que queria nos ajudar?

Donald observou o tempo passar no relógio. Os técnicos logo estariam de volta. Teria de berrar para que saíssem. Não podia deixar a conversa acabar daquele jeito.

— Pare de ligar — mandou Juliette. — O barulho e as luzes piscando estão nos dando dor de cabeça. Se continuar a fazer isso todo dia, vou começar a arrebentar essas merdas, e já tenho muita coisa com que me preocupar.

— Escute… por favor…

— Não, quem tem que escutar é você. Não queremos mais entrar em contato. Não queremos suas câmeras, sua energia, seu gás. Estou interrompendo tudo. E ninguém daqui nunca mais vai fazer uma limpeza. Chega dessa merda de argônio. Da próxima vez que eu sair, vai ser com ar puro. Então vá se foder! Nos deixe em paz!

— Juliette…

Mas a linha ficou muda.

Donald tirou o fone e o jogou sobre a mesa, espalhando cartas de baralho e derrubando o livro, que perdeu a marcação da página.

Argônio? De que diabo ela estava falando? A última vez que Juliette ficara tão irritada foi quando anunciou que tinha descoberto alguma

máquina e ameaçou ir atrás dele. Mas aquilo era outra coisa. Argônio. Bombeado para fora com a limpeza. Não tinha ideia do que ela estava falando. Bombeado com a limpeza…

Donald foi tomado por uma onda de tontura e afundou de volta na cadeira. Seu macacão estava molhado de suor. Apertou o trapo ensanguentado e lembrou-se de uma câmara pressurizada cheia de névoa. Lembrou-se de descer cambaleante por uma rampa, acompanhando uma multidão que se acotovelava, gritando por Helen, a visão das bombas explodindo cauterizada em suas retinas, Anna e Charlotte o arrastando enquanto uma nuvem branca se erguia a sua volta.

O gás. Sabia o que ocorria nas limpezas. O gás era jogado para pressurizar as câmaras. Para empurrar o ar do exterior. Para *impedir a entrada* do ar exterior.

— Só poeira ao vento — murmurou.

Apoiou-se na bancada. Os joelhos estavam fracos. Os nanos que devoravam a humanidade eram liberados a cada limpeza. Pequenos borrifos cronometrados como em um relógio, o tique-taque marcando cada exílio.

Os fones ficaram ali, mudos.

— Eu sou um antigo — murmurou, usando as palavras dela. Pegou os fones da mesa e repetiu bem alto para o microfone.

— Eu sou um antigo! Eu fiz isso!

Apoiou-se na mesa mais uma vez, segurando-se para não cair.

— Sinto muito — murmurou. — Sinto muito, sinto muito.

E bem alto, gritando:

— Sinto muito!

Mas ninguém estava ouvindo.

26

• *Silo 1* •

Charlotte tentava ajeitar o aileron da asa esquerda do drone, mexendo-o para cima e para baixo. Ainda havia um pouco de folga nos cabos que movimentavam o flap. Pegou um pedaço de estopa pendurado na cauda do drone e esfregou a nuca. Tirou uma chave de fenda média de dentro da bolsa de ferramentas. Havia peças espalhadas embaixo do drone, tudo o que encontrara dentro da máquina e que não parecia necessário. O computador de bombardeio, os suportes de munição nas asas, os servomotores de liberação. Tinha tirado todas as câmeras, menos uma, e até arrancara algumas das estruturas de sustentação que serviam para dar suporte em caso de o drone ser exposto a uma força de até doze Gs. Seria um voo reto, sem estresse nas asas. Dessa vez, voariam baixo e rápido, sem se importar se o drone seria visto. Precisavam ver além, ter certeza, confirmar. Charlotte passara uma semana trabalhando naquela droga, e só pensava em como os dois últimos drones tinham quebrado depressa e em como aquele primeiro voo parecia ter sido apenas um golpe de sorte.

Deitada de costas, foi contorcendo os ombros e o quadril para avançar se espremendo por baixo da cauda do drone. O painel de acesso já estava aberto, com os fios expostos. Cada painel receberia uma camada fina de material isolante antes de ser remontado, selando a máquina contra a poeira. *Vai funcionar*, disse a si mesma, ajustando o braço do servomotor que sustentava o cabo. Tinha que funcionar. Pelo estado em que o irmão se encontrava, talvez não tivessem chance de

outro voo. Era tudo ou nada. Não era só a tosse: ele também parecia cada vez menos lúcido.

O irmão voltara da última ligação sem levar o jantar. Também tinha se esquecido da última peça que prometera trazer para o rádio. Agora andava em círculos ao redor do drone enquanto ela trabalhava, falando sozinho. Donald seguiu pelo corredor até a sala de reuniões e revisou suas anotações. Voltou até o drone pisando firme, tossindo e retomando uma conversa da qual ela sentia não fazer parte.

— … é o medo deles, entende? A gente faz isso com o medo deles.

Charlotte espiou por debaixo do drone e viu que o irmão sacudia as mãos, gesticulando para ninguém. Estava pálido. Havia manchas de sangue em seu macacão. Ela estava prestes a jogar a toalha, entrar naquele elevador e entregar toda a operação, só para que ele tivesse ajuda.

Donald reparou que ela o encarava.

— O medo deles não é simplesmente o que dá cor ao mundo que veem — explicou, parecendo transtornado. — Eles envenenam o mundo com isso. Esse medo é uma toxina. Eles mandam seus semelhantes para a limpeza, e isso envenena o mundo!

Charlotte não sabia o que responder. Rastejou de volta para o aileron, pensando em como seria mais rápido montar aquilo com ajuda. Pensou em pedir ao irmão, mas ele não parecia nem conseguir ficar de pé, muito menos segurar uma chave.

— E isso me levou a pensar sobre o gás. Quer dizer, eu devia saber, entende? Nós bombearemos o gás em suas casas quando estiver terminado. É assim que acabamos com eles. É o mesmo gás. Eu já fiz isso. — Donald dava voltas cada vez mais curtas, cutucando o peito com o indicador. Ele tossiu na dobra do braço. — Deus sabe que eu já fiz isso. E não é tudo!

Charlotte suspirou e afastou a chave de fenda. Ainda estava um pouco frouxo.

— Sabe, talvez eles possam inverter isso. — Donald começou a andar de volta para a sala de reuniões. — Eles desligaram as câmeras. E teve

aquele silo que parou as demolições. Talvez consigam desligar o gás…

Donald saiu andando sem parar de falar. Charlotte observou o corredor nos fundos do depósito. A luz que se projetava da sala de reuniões dançava com a sombra dele, que andava de um lado para o outro, em círculos, em meio a tabelas e anotações. Os dois estavam em um impasse. Podia ouvi-lo praguejando. Seu comportamento instável lembrava o da avó, que não tivera uma morte tranquila. Era assim que Charlotte se lembraria dele, depois de sua morte: tossindo sangue e balbuciando coisas sem sentido. Donald nunca mais seria o deputado Keene em um terno bem-passado, nunca mais seria aquele seu irmão mais velho competente, nunca mais.

Enquanto ele sofria tentando descobrir o que fazer, Charlotte lidava com suas próprias dúvidas. E se acordassem todos, como Donald tinha feito com ela? Havia apenas algumas dezenas de homens em cada turno. Havia milhares de mulheres dormindo. Muitos milhares. Charlotte pensou no exército que poderia reunir. Mas se perguntou se o irmão tinha razão, se elas se recusariam a lutar contra os pais, maridos e irmãos. Era preciso um tipo estranho de coragem para fazer uma coisa dessas.

A luz no fundo do corredor tremeluziu outra vez com as sombras de Donald, que andava de um lado para o outro, de um lado para o outro. Charlotte respirou fundo e mexeu no flap da asa. Pensou sobre a outra ideia que o irmão tivera para consertar o mundo, limpar o ar e libertar os aprisionados. Ou pelo menos dar uma chance a todos. Uma chance igual. Ele comparara essa ideia a derrubar as fronteiras, no mundo antigo. Donald sempre repetia um velho ditado sobre como as pessoas que já tinham uma vantagem faziam o possível para mantê-la, sobre os últimos puxarem a escada depois de subir. "Vamos baixar as escadas", dissera o irmão, em mais de uma ocasião. Não vamos deixar que os computadores decidam. Que as pessoas tomassem o poder de decidir em suas próprias mãos.

Charlotte ainda não entendia como aquilo poderia funcionar. Nem seu irmão, obviamente. Ela rastejou outra vez para baixo do drone e

tentou imaginar uma época em que as pessoas nasciam predestinadas a seus empregos, quando não tinham escolha. Primogênitos faziam o mesmo trabalho que os pais. Os outros filhos iam para a guerra, o mar ou a Igreja. Qualquer garoto depois do primeiro ficava por conta própria. Filhas iam para os filhos de outros.

A ferramenta acabou escorregando, e os nós de seus dedos bateram na fuselagem. Charlotte xingou e examinou a mão, que estava começando a sangrar. Chupou o machucado e se lembrou de outra injustiça que uma vez a fizera pensar muito. Lembrou-se de estar em missão e se sentir agradecida por ter nascido nos Estados Unidos, não no Iraque. Um lance de sorte. Fronteiras invisíveis desenhadas em mapas, todas tão reais quanto as paredes dos silos. Estava presa pelas circunstâncias. A vida era uma previsão feita pelo povo e pelos líderes de seu país, assim como aqueles computadores que calculavam o destino dos outros.

Saiu rastejando de baixo do drone mais uma vez e testou a asa. O fio não estava mais frouxo. O drone estava nas melhores condições em que ela conseguiria deixá-lo. Recolheu as chaves de que não precisaria mais e começou a guardá-las no lugar certo da bolsa de ferramentas quando ouviu uma campainha soar na extremidade das prateleiras, na direção dos elevadores.

Congelou. A primeira coisa que pensou foi em comida. A campainha sempre indicava que Donny estava trazendo comida. Mas ainda via a sombra do irmão no fim do corredor.

Então ouviu a porta do elevador se abrir. Ouviu alguém correndo. Vários alguéns. Botas ressoavam como trovões, e Charlotte arriscou gritar o nome de Donald. Gritou para o outro lado do corredor uma vez, antes de dar a volta no drone e, correndo, pegar o plástico para cobri-lo. Jogou a capa como uma rede de pesca sobre as asas estendidas e as peças e ferramentas espalhadas. Tinha que escondê-lo. Primeiro seu trabalho, depois a si mesma. Donny a escutara. Ele também ia se esconder.

O plástico foi deslizando pelo ar como um tecido inflado, pairando. A cobertura ondulou até finalmente se assentar. Charlotte virou-se na

direção do corredor para ir depressa até Donny quando homens saíram de trás das estantes altas. Ela se jogou no chão imediatamente, certa de que tinha sido vista. Botas pesadas passaram depressa, seguindo seu caminho. Segurando a borda da cobertura plástica, Charlotte a ergueu bem devagar e encolheu os joelhos junto ao corpo. Usou o ombro e o quadril para se impulsionar para baixo do plástico, juntando-se ao drone. Donny tinha ouvido seu grito. Teria ouvido as botas e se escondido no banheiro anexo à sala de reuniões, no chuveiro. Em algum lugar. Não tinham como saber que eles estavam ali embaixo. Como aquelas pessoas tinham entrado? O irmão disse que tinha o nível de acesso mais elevado do silo.

O barulho de correria foi se distanciando. Estavam seguindo direto para os fundos do depósito, quase como se soubessem. Vozes próximas. Homens conversando. Passos mais lentos passaram pelo drone, se arrastando. Charlotte achou que tinha ouvido o irmão exclamar algo ao ser descoberto. Rastejando de bruços, passou por baixo do drone e seguiu para a outra extremidade da área coberta. As vozes iam diminuindo, os passos lentos ficando mais distantes. O irmão estava em uma situação complicada. Lembrou-se de uma conversa de alguns dias antes e se perguntou se Donald fora reconhecido no elevador. Tinha sido visto por um funcionário da manutenção. A escuridão embaixo da cobertura de plástico parecia envolvê-la junto com o pensamento de ser deixada ali sozinha, de Donny sendo levado. Contava com ele. Já estava ficando louca trancada naquele armazém só com o irmão, ficar ali sem ele seria… nem queria imaginar.

Apoiou o queixo sobre a chapa de frio aço, estendeu os braços para a frente e levantou o plástico com as costas das mãos. Uma fina nesga do mundo foi exposta, bem rente ao chão. Viu botas perigosamente próximas. Sentiu cheiro de óleo no piso. Mais à frente, parecia que um homem caminhava com dificuldade, amparado por um sujeito de macacão prateado, os dois pares de pés se arrastando juntos, como se tivessem uma só mente.

Um corredor mais à frente foi iluminado. Todas as luzes do teto, que Donny preferia deixar apagadas, estavam acesas. Charlotte quase perdeu o fôlego quando viu o irmão ser arrastado da sala de reuniões. Um dos sujeitos de macacão prateado o socou nas costelas. Ele gemeu, e Charlotte quase sentiu o golpe em seu próprio corpo. Soltou o plástico com uma das mãos e cobriu a boca, horrorizada. A outra mão tremia, erguendo a cobertura um pouco mais. Não queria ver, mas precisava. Acertaram outro golpe em seu irmão, mas o homem que andava com dificuldade acenou para impedir aquilo. Charlotte ouviu uma voz fraca mandando-os parar.

Os dois sujeitos de prateado seguraram seu irmão preso ao chão e fizeram o que lhes mandaram. Charlotte esqueceu de respirar enquanto observava o homem que andava com dificuldade, como se não tivesse forças para isso. Ficou olhando enquanto ele avançava pelo corredor bem iluminado. O sujeito tinha o cabelo branco tão brilhante quanto as lâmpadas no teto. Andava com dificuldade, apoiado no jovem a seu lado, que passara um braço por suas costas. Ele seguiu até parar ao lado de seu irmão.

Charlotte pôde ver os olhos de Donny. O irmão estava a cinquenta metros de distância, mas ela via como seus olhos estavam arregalados. Ele voltara o rosto para cima, encarando aquele homem velho e frágil, e não desviou o olhar nem quando tossiu — um acesso terrível depois daquele golpe nas costelas, abafando a voz do sujeito que mal se aguentava em pé.

Seu irmão tentou falar. Repetia a mesma coisa sem parar, mas Charlotte não conseguiu entender. E o homem magro de cabelo branco mal conseguia ficar de pé. Só que ainda podia mover as botas. O sujeito mais jovem que o sustentava o ergueu um pouco. Charlotte viu, ainda encolhida e tremendo, uma perna se projetar para trás antes de se lançar para frente várias e várias vezes, uma bota pesada golpeando o irmão com força feroz. Donny encolheu as pernas para se proteger, agarrando-se às próprias canelas enquanto dois homens o mantinham preso ao chão, sem chance alguma de desviar dos muitos chutes brutais.

27

• Silo 18 •

— Tem certeza de que devia estar escavando por aqui? — perguntou Lukas.

— Segure a lanterna direito — pediu Juliette. — Ainda falta um.

— Mas não devíamos primeiro conversar sobre isso?

— Estou só dando uma olhada, Luke. Ou melhor: neste momento, não tem como olhar coisa nenhuma.

Lukas ajustou a luz, e Juliette rastejou para a frente. Era a segunda vez que explorava abaixo das grades do piso no final da escada da sala do servidor. Rastreara os cabos das câmeras a partir dali, um mês antes, logo depois de virar prefeita. Lukas lhe mostrara como podiam ver qualquer lugar dentro do silo, e Juliette perguntara quem mais tinha acesso àquelas imagens. Ele insistira que ninguém mais sabia daquilo. Mas ela descobrira que os cabos desapareciam através de uma passagem lacrada onde deveria ficar o limite externo do silo. Lembrou-se de ter visto outros fios naquele feixe. Queria ter certeza.

Tirou o último parafuso do painel de proteção, que se soltou, expondo as dezenas de cabos que ela havia cortado, cada um revelando centenas de filamentos que pareciam fios de cabelo prateados. Cabos grossos corriam paralelos a esses feixes, lembrando os alimentadores principais dos dois geradores da Mecânica. Também havia dois canos de cobre enterrados ali.

— Já viu o suficiente? — perguntou Lukas.

Ele se agachou por trás de Juliette, onde a grade do chão tinha sido removida, e apontou a luz por cima do ombro dela.

— No outro silo, ainda tem energia neste nível. Todo o trinta e quatro continua com energia no nível máximo, mesmo sem os geradores funcionando. — Ela bateu nos cabos grossos com a chave de fenda. — Os servidores lá ainda estão funcionando. E alguns dos sobreviventes fizeram ligações para mandar energia para outras partes do silo. Acho que toda aquela energia vem daqui.

— Por quê? — perguntou Lukas, direcionando o feixe de luz para os cabos, parecendo mais interessado.

— Porque precisavam da energia para as bombas e luzes de cultivo — explicou Juliette, impressionada por ter de explicar.

— Não é isso. Por que essa energia está sendo fornecida, para começo de conversa?

— Talvez não confiem na gente para manter as coisas funcionando. Ou talvez os servidores exijam mais energia do que a gente consiga produzir. Não sei. — Juliette se inclinou para o lado e olhou para trás, para Lukas. — O que quero saber é por que deixaram isso funcionando depois de tentarem matar todos no silo. Por que não desligaram, como todo o resto?

— Talvez tenham feito isso. Talvez seu amigo tenha aberto esse negócio e ligado de volta.

Juliette deu risada.

— Não. Solo não conseguiria…

Ouviram uma voz no corredor. O pequeno espaço ficou escuro quando Lukas girou a lanterna para o outro lado. Não devia haver mais ninguém ali embaixo.

— É o rádio — disse. — Vou ver quem é.

— Me dê a lanterna! — gritou Juliette.

Mas ele já tinha ido embora, os sons de suas botas batendo no chão se distanciando pelo corredor.

Juliette estendeu a mão para a frente e tateou em busca dos canos de cobre. Eram do tamanho certo. Nelson mostrara a ela onde ficavam os

tanques de argônio. Havia uma bomba e um mecanismo de filtro que supostamente extraíam um suprimento fresco de argônio das profundezas da Terra, funcionando de modo similar às válvulas de ar. Mas Juliette já sabia que não podia confiar em nada. Depois de arrancar os painéis do chão e da parede atrás dos tanques, descobrira duas linhas que alimentavam os tanques de gás que não estavam conectadas ao sistema de fornecimento. Um sistema de fornecimento que ela passou a desconfiar que não tinha qualquer função. Era como as gaxetas e a fita térmica, o segundo alimentador, o visor de mentiras... tudo fachada. A verdade ficava escondida.

Lukas voltou pisando duro. Ele se ajoelhou, e a luz voltou a invadir o espaço onde ela estava encolhida.

— Jules, preciso que você saia daí.

— Por favor, me dê a lanterna — pediu ela. — Não consigo ver porra nenhuma.

Seria outra discussão, como quando ela cortou os cabos das câmeras. Como se ela fosse cortar aqueles canos sem saber o que havia dentro deles…

— Preciso que você venha aqui fora. Eu… por favor.

Juliette notou a diferença na voz dele. Havia algo errado. Virou-se para trás e a luz da lanterna bateu direto em seu olho.

— Só um segundo.

Rastejou de volta até Lukas, apoiando-se nas palmas das mãos e pontas das botas até chegar ao painel de acesso aberto. Deixou a multiferramenta para trás.

— O que foi? — Sentou-se e alongou as costas, soltou o cabelo, juntou-o de volta e começou a prendê-lo de novo. — Quem era?

— Seu pai…

— Tem algum problema com ele?

Lukas balançou a cabeça.

— Não, mas foi ele quem ligou. É que… perdemos uma das crianças.

— Ela está desaparecida? — Mas sabia que não era isso que ele queria dizer. — Lukas, o que aconteceu?

Juliette se levantou, limpou a poeira do peito e dos joelhos e seguiu na direção do rádio.

— Eles estavam subindo para as fazendas. Uma multidão estava descendo. Uma das crianças subiu por cima da grade e…

— Caiu?

— Vinte andares.

Juliette não conseguia acreditar. Pegou o rádio e apoiou uma das mãos contra a parede, tonta.

— Quem foi?

— Ele não disse.

Antes de acionar o microfone, viu que o dial continuava no canal 17, ainda da última conversa com Jimmy. O pai devia ter usado o novo portátil de Walker.

— Pai? Está me ouvindo?

Ela esperou. Lukas estendeu seu cantil, mas Juliette o dispensou.

— Jules? Posso ligar daqui a pouco? Acabou de acontecer outra coisa.

O pai parecia abalado. Havia muita estática na linha.

— Preciso saber o que está acontecendo — respondeu.

— Espere. Elise…

Juliette cobriu a boca.

— … Elise sumiu. Jimmy foi atrás dela. Querida, tivemos um problema durante a subida. Uma multidão estava descendo. Uma multidão furiosa. E sabiam quem estava comigo. Jogaram Marcus por cima da grade. Sinto muito…

Juliette sentiu a mão de Lukas em seu ombro. Esfregou os olhos.

— Ele…?

— Ainda não desci para verificar. Rickson se machucou na confusão. Estou cuidando dele. Hannah, Miles e o bebê estão bem. Agora estamos no Suprimentos. Olha, preciso mesmo ir. Não conseguimos encontrar Elise, e Jimmy foi atrás dela. Alguém disse que a viu subindo. Não preciso que você faça nada, mas achei que ia querer saber do garoto.

A mão tremia quando ela acionou o microfone.

— Estou descendo. Você está no Suprimentos do cento e dez?

Houve uma longa pausa. Sabia que o pai estava considerando se discutia ou não sobre ir até lá. O rádio soltou um ruído quando ele desistiu sem nem começar a lutar.

— Isso mesmo, estou no cento e dez. Vou descer para ver o que aconteceu com o garoto. Vou deixar Rickson e os outros aqui. Disse a Jimmy para trazer Elise de volta para cá assim que encontrá-la.

— Não deixe eles aí — pediu Juliette. Não sabia em quem podiam confiar, onde estariam seguros. — Leve-os com você. Pai, leve-os de volta para a Mecânica. Leve-os para casa.

Juliette esfregou a testa. Tinha sido um grande erro. Levá-los para lá tinha sido um erro.

— Tem certeza? — perguntou o pai. — A multidão em que esbarramos... Acho que eles estavam seguindo naquela direção.

28

• *Silo 18* •

Elise estava perdida no meio do tal de bizarro. Tinha ouvido alguém chamar o lugar daquele nome, e servia muito bem. Uma multidão maior que os limites de sua imaginação se estendia pelo lugar, uma terra tão bizarramente estranha que o nome mal lhe fazia justiça.

O modo como tinha ido parar lá era um pouco confuso. Seu cachorrinho tinha desaparecido em uma confusão no meio de vários estranhos, mais gente do que achava possível existir ao mesmo tempo, e Elise subira as escadas atrás dele. Várias pessoas tinham apontado para o alto, querendo ajudar. Uma mulher de amarelo disse ter visto um homem segurando um cachorro ir na direção do tal bizarro. Elise subiu dez andares até chegar ao nível cem.

Dois homens estavam parados na plataforma, exalando fumaça pelo nariz. Eles disseram que tinham acabado de ver alguém passar com um cachorro. Indicaram que ela entrasse.

Onde morava, o nível cem era desolado e assustador, cheio de passagens estreitas e salas repletas de lixo, destroços e ratos. Ali também havia tudo aquilo, mas era cheio de gente e animais, e todo mundo falava alto e cantava. Era um lugar de cores vivas e cheiros horríveis, de pessoas respirando fumaça, para dentro e para fora — uma fumaça que seguravam nos dedos e mantinham acesas com pequenas fagulhas. Alguns homens usavam tinta no rosto. Uma mulher toda de vermelho com cauda e chifres a chamou para entrar em uma tenda, mas Elise deu meia-volta e saiu correndo.

Correu de um susto a outro até estar completamente perdida. Esbarrava em joelhos por toda parte. Não estava mais atrás de Cachorrinho. Só queria ir embora. Rastejou para baixo de um balcão movimentado e chorou, o que isso não adiantou de nada. Só a fez ficar muito próxima de um bicho gordo e sem pelos, que fazia um barulho igual aos roncos de Rickson. Alguém passava com o bicho bem ao seu lado, com uma corda atada ao pescoço. Elise enxugou os olhos e pegou seu livro, então olhou as figuras até descobrir que aquilo se chamava porco. Dar nome às coisas sempre ajudava. Fazia com que ficassem bem menos assustadoras.

Mas foi Rickson quem a fez sair dali e continuar andando, mesmo sem estar ali. Elise ouvia sua voz alta ecoando através da Selva, dizendo que não havia nada a temer. Logo que ela aprendeu a andar, ele e os gêmeos sempre a mandavam fazer alguma tarefa na escuridão total. Mandavam ela buscar mirtilos, ameixas e outras iguarias perto das escadas quando ainda havia gente perigosa por perto.

— Os menores sempre estão mais seguros — dizia Rickson. Já tinham se passado muitos anos. Ela não era mais tão pequena.

Elise guardou o livro e decidiu que a Selva escura, com os dedos folhosos se esfregando em seu pescoço e o barulho das bombas e dentes batendo, era pior que gente pintada soltando fumaça pelo nariz. Com o rosto inchado de tanto chorar, rastejou para longe do balcão e abriu caminho em meio àqueles joelhos. Sempre virava à direita — o truque que aprendera para atravessar a Selva no escuro —, até que chegou a um corredor enfumaçado, com chiados altos e um cheiro que parecia rato cozido.

— Ei, menina, está perdida?

Um garoto de cabelo curto espetado e olhos verdes brilhantes a encarava da beira de uma barraquinha. Era mais velho que ela, mas não muito. Parecia tão grande quanto os gêmeos. Elise fez que não com a cabeça. Então reconsiderou e assentiu.

O garoto deu risada.

— Qual o seu nome?

— Elise.

— Que nome diferente.

Ela deu de ombros, sem saber o que dizer. O garoto percebeu seus olhares curiosos para um homem atrás dele, pegando fatias fumegantes de carne com um grande garfo.

— Está com fome?

Elise assentiu. Estava sempre com fome. Ainda mais quando estava com medo. Mas talvez fosse porque ficasse com medo quando saía em busca de comida, e sempre saía em busca de comida quando estava com fome. Era difícil lembrar o que vinha primeiro. O menino desapareceu atrás do balcão e voltou com um pedaço grosso de carne.

— É rato? — perguntou Elise.

O menino riu mais.

— É porco.

Elise fez careta lembrando do bicho que grunhira para ela, mais cedo.

— Tem gosto de rato? — perguntou, cheia de esperança.

— Se você disser isso mais alto, meu pai vai arrancar seu couro. Quer ou não quer? — Ele lhe entregou a fatia de carne. — Acho que você não deve ter duas fichas aí.

Elise aceitou a carne e não respondeu. Deu uma mordidinha, e pequenas bolhas de felicidade explodiram em sua boca. Era melhor que rato. O garoto a encarava.

— Você é dos níveis intermediários, não é?

Elise balançou a cabeça e deu outra mordida.

— Eu sou do Silo 17 — respondeu, ainda mastigando.

Sentia a boca cheia de saliva. Olhou para o homem cozinhando as fatias de carne. Marcus e Miles precisavam estar ali para experimentar.

— Do nível dezessete, você quer dizer? — O garoto franziu a testa. — Você não parece ser lá de cima. É suja demais.

— Sou do outro silo — explicou Elise. — A oeste daqui.

— O que é um oestidaqui?

— Oeste. Onde o sol se põe.

O garoto olhou de um jeito estranho para ela.

— O sol. Ele nasce no leste e se põe no oeste. É por isso que os mapas apontam para cima. Eles apontam para o norte. — Considerou pegar o livro e mostrar os mapas do mundo ao garoto, explicar como o sol girava e girava, mas suas mãos estavam cobertas de gordura, e o menino não parecia muito interessado. — Umas pessoas escavaram até nos resgatarem — explicou.

Com isso, os olhos do menino se arregalaram.

— A escavação. Você é do outro silo. Ele existe mesmo?

Elise terminou de comer a fatia de porco e lambeu os dedos. Então assentiu.

O menino estendeu a mão para ela. Elise limpou a palma da mão na perna e cumprimentou o menino.

— Meu nome é Shaw — disse o garoto. — Quer outro pedaço de porco? Passe por baixo do balcão. Vou chamar meu pai. Ei, pai, vem conhecer uma pessoa.

— Não posso, estou procurando o Cachorrinho.

Shaw pareceu intrigado.

— Cachorrinho? É na próxima entrada. — Ele indicou a direção com a cabeça. — Mas vamos lá, porco é muito melhor. Cachorro é duro como rato, e cachorrinho só custa mais caro que cachorro, mas tem o mesmo gosto.

Elise congelou. O porco que passou mais cedo, com uma corda ao redor do pescoço... talvez aquele fosse de estimação. Talvez eles comessem bichos de estimação, assim como Marcus e Miles sempre quiseram ter um rato por diversão, mesmo quando todo mundo estava com fome.

— As pessoas servem cachorrinhos para comer? — perguntou ao garoto.

— Se você der o dinheiro, com certeza. — Shaw segurou sua mão. — Vamos até a grelha comigo. Quero que você conheça meu pai. Ele diz que vocês não existem.

Elise se afastou.

— Preciso encontrar meu cachorrinho.

Ela deu meia-volta e saiu correndo pela multidão na direção em que o menino havia indicado.

— Como assim o *seu* cachorrinho? — gritou o garoto.

Elise dobrou uma curva após uma fileira de barraquinhas e chegou a outro corredor enfumaçado. Mais cheiro de rato no espeto. Uma velha lutava com uma ave, as duas asas se debatendo entre seus punhos. Elise pisou em cocô e quase escorregou. A estranheza ao redor parecia ter sumido de sua mente, ocupada apenas por seu cachorrinho desaparecido. Ouviu alguém gritar sobre um cachorro e procurou a fonte da voz. Um garoto mais velho, provavelmente da idade de Rickson, segurava um pedaço de carne vermelha — um pedaço gigante, com faixas brancas que pareciam ossos. Havia um cercado ao seu lado, com placas numeradas. Pessoas da multidão paravam para olhar lá dentro. Algumas apontavam para o interior do cercado e faziam perguntas.

Elise abriu caminho na direção de um ganido. Havia cachorros vivos no cercado. Conseguia ver por entre as barras de madeira, e quase dava para ver por cima, se ficasse na ponta dos pés. Um bicho enorme, do tamanho de um porco, se lançou contra a cerca e rosnou para ela, fazendo a cerca balançar. Era um cachorro, mas com uma corda em volta da boca, para impedi-la de se abrir. Sentiu o hálito quente saindo de seu focinho. Saiu do caminho e fez a volta.

Havia um cercado menor nos fundos. Elise passou pelo balcão onde dois rapazes cuidavam de uma grelha pequena. Ambos estavam de costas. Pegaram algo com uma mulher e entregaram um embrulho a ela. Elise se segurou no topo da cerca menor e espiou por cima. Havia um cachorro deitado de lado com cinco, ou melhor, seis animaizinhos se alimentando de sua barriga. Primeiro achou que fossem ratos, mas viu que eram filhotinhos minúsculos. Faziam com que Cachorrinho parecesse crescido. E não estavam comendo o cachorro — estavam sugando, como o bebê fazia com o peito de Hannah.

Elise ficou tão fascinada com as criaturinhas que não notou o animal na base da cerca pular em cima dela até ser tarde demais. Um focinho negro e uma língua rosa saltaram e a atingiram no queixo. Ela olhou

bem para baixo, do outro lado da cerca, e viu Cachorrinho, que pulou para cima dela outra vez.

Elise gritou. Estendeu os braços sobre a cerca. Já se agarrara ao bicho quando alguém a segurou pelas costas.

— Acho que você não tem como pagar por ele — comentou um dos homens de trás do balcão.

Elise se contorceu e tentou não largar Cachorrinho.

— Vai com calma — disse o homem. — Solta o cachorro.

— *Me solta*! — gritou Elise.

Cachorrinho escorregou de suas mãos. Elise se sacudiu e se soltou. A alça de sua bolsa foi puxada por cima da cabeça. Elise caiu aos pés do homem, se levantou e pegou Cachorrinho de novo.

— E agora… — ouviu o homem dizer.

Elise estendeu os braços sobre a cerca e agarrou seu bicho de estimação de novo. Cachorrinho arranhou a cerca, tentando ajudar. Jogou as patas dianteiras sobre o ombro dela, passando a língua molhada em seu ouvido. Elise se virou e viu um homem em pé acima dela, com um pedaço ensanguentado de pano branco amarrado sobre o peito e seu livro de memórias nas mãos.

— O que é isso? — perguntou, folheando as páginas. Algumas folhas soltas caíram, e ele as agarrou avidamente.

— Esse livro é meu — retrucou Elise. — Devolva.

O homem olhou para ela. Cachorrinho lambeu o rosto da dona.

— Troco por esse aí — disse, apontando para o filhote.

— Os dois são meus — insistiu ela.

— Não, eu paguei por esse bicho. Mas isso aqui basta. — Ele sentiu o peso do livro nas mãos, depois se abaixou e empurrou Elise para fora da barraca e de volta para o salão apinhado.

Elise tentou pegar o livro. Sua bolsa tinha sido deixada para trás. Cachorrinho mordiscou sua mão e quase se soltou. Ela percebeu que acabou chorando, implorando ao homem que devolvesse suas coisas. O sujeito pareceu irritado e a segurou pelos cabelos. Estava furioso.

— Roy! Venha cuidar dessa pirralha.

Elise gritou. O menino lá fora, que gritava “cachorro” para todo mundo que passava, foi até ela. Cachorrinho estava quase se soltando. Estava perdendo a força para segurá-lo outra vez, e aquele homem ia arrancar seu cabelo.

Deixou Cachorrinho escapar e deu um berro quando o homem a ergueu do chão. Então viu um borrão, como um cachorro atacando, mas eram macacões marrons, em vez de pelo marrom. O homem soltou um grunhido e caiu no chão. Elise caiu logo depois.

O sujeito não estava mais segurando seu cabelo. Elise viu sua bolsa. Seu livro. Pegou os dois, agarrou um punhado de páginas soltas. Shaw estava ali, o garoto que lhe dera porco para comer. Ele pegou Cachorrinho e sorriu para Elise.

— Corra — mandou, sorrindo para ela.

Elise saiu correndo. Driblou o garoto no corredor e saiu esbarrando pelas pessoas. Olhou para trás e viu Shaw correndo com Cachorrinho de cabeça para baixo, abraçado contra o peito dele, com as patas se sacudindo. A multidão se agitou e abriu espaço enquanto os homens da barraquinha iam atrás deles.

— Por aqui! — berrou Shaw, rindo, passando por Elise e virando uma curva.

Ela sentia lágrimas escorrerem, mas também estava rindo. Ria, apavorada e feliz por ter seu livro e seu bichinho de volta, e também por estar escapando e por aquele garoto ser mais legal com ela do que os gêmeos. Os dois passaram correndo por baixo de outro balcão, que cheirava a frutas frescas, e alguém gritou com eles. Shaw passou correndo por um quarto escuro com camas desarrumadas e por uma cozinha com uma mulher trabalhando lá dentro, então passou por outra barraquinha. Um homem alto de pele escura agitou uma espátula para os dois, mas eles já tinham saído e estavam em meio à multidão, correndo, rindo e desviando entre…

E então alguém na multidão o agarrou. Mãos grandes e fortes ergueram o menino no ar. Elise tropeçou. Shaw esperneou e gritou com

o sujeito, mas Elise viu que era Solo. Ele sorriu para Elise em meio à barba espessa.

— Solo! — gritou a menininha. Agarrou a perna dele e apertou-a.

— Esse garoto está com alguma coisa sua? — perguntou.

— Não, ele é meu amigo. Ponha ele no chão. — Elise examinou a multidão em busca de algum sinal dos homens que os perseguiam. — Temos que ir — disse a Solo. Apertou a perna dele outra vez. — Eu quero ir para casa.

Solo esfregou a cabeça dela.

— E é exatamente para onde estamos indo.

29

• *Silo 18* •

Elise deixou que Solo carregasse sua bolsa e seu livro enquanto se agarrava a Cachorrinho. Atravessaram a multidão, saíram do tal bizarro e voltaram para a escada. Shaw foi atrás, mesmo depois de Solo mandar ao menino para voltar para sua família. Enquanto os dois desciam a escadaria para encontrar os outros, Elise volta e meia se virava para trás e via Shaw em seu macacão marrom espiando por trás da coluna central ou através das grades de proteção de uma plataforma acima. Pensou em dizer a Solo que o menino ainda estava lá, mas não o fez.

Alguns níveis abaixo do bizarro, um Portador os alcançou e entregou uma mensagem. Jewel estava descendo, procurando por eles. Tinha posto metade dos carregadores atrás de Elise. E a criança nem sabia que tinha desaparecido.

Solo a fez beber de seu cantil enquanto esperavam no andar seguinte. Depois ela derramou uma poça nas mãos velhas e enrugadas de seu amigo, e Cachorrinho bebeu, agradecido. Demorou o que pareceu uma eternidade para Jewel chegar em meio a um trovejar de botas apressadas. A plataforma do andar tremia. Ela estava toda suada e sem fôlego, mas Solo não pareceu ligar. Os dois se abraçaram, e Elise ficou se perguntando se alguma hora iriam se soltar. Pessoas passavam de um lado para outro na plataforma, lançando olhares estranhos aos dois. Jewel ria e chorava ao mesmo tempo quando eles finalmente se soltaram. Ela falou alguma coisa para Solo, e foi a vez de ele chorar. Os dois olharam para Elise, que percebeu que estavam compartilhando algum

segredo ou uma notícia ruim. Jewel a segurou em seus braços e deu um beijo em seu rosto, depois a abraçou até ficar difícil respirar.

— Vai ficar tudo bem — disse Juliette.

Mas Elise não sabia o que precisava ficar bem.

— Peguei Cachorrinho de volta — declarou.

Então lembrou que Jewel não sabia de seu novo bichinho de estimação. Olhou para o chão e viu Cachorrinho fazendo xixi na bota da amiga, o que devia ser uma forma de dizer oi.

— Um cachorro — observou Jewel. Ela apertou o ombro de Elise. — Você não pode ficar com ele. Cachorros são perigosos.

— Ele não é perigoso!

Cachorrinho mordiscava a mão de Elise, que fez carinho em sua cabeça.

— Você encontrou o cachorro no bazar? Era lá que você estava? — Jules olhou para Solo, que assentiu. Ela respirou fundo. — Você não pode pegar coisas que não lhe pertencem. Se pegou o bichinho com algum vendedor, vai ter que devolver.

— Cachorrinho veio das profundezas — retrucou Elise. Ela se abaixou e o envolveu nos braços. — Veio da Mecânica. Podemos levá-lo de volta. Mas não para o tal de bizarro. Me desculpa por ter pegado ele.

Elise abraçou Cachorrinho e pensou no homem segurando aquela carne vermelha com costelas brancas. Jewel se virou para Solo.

— O cachorro não veio do bazar — confirmou ele. — Ela o pegou em uma caixa lá embaixo, na Mecânica.

— Certo. Depois a gente resolve isso. Precisamos alcançar os outros.

Elise notou que todos estavam cansados, incluindo ela e Cachorrinho, mas continuaram andando mesmo assim. Os adultos pareciam ansiosos para descer e, depois de entrar naquele bizarro, Elise sentia a mesma coisa. Disse a Jewel que queria ir para casa, e ela respondeu que era para lá que estavam indo.

— Temos que fazer as coisas voltarem a ser como eram antes — comentou Elise.

Por algum motivo, Jewel achou graça.

— Você é nova demais para ser nostálgica — declarou.

Elise perguntou o que significava ser nostálgica, e Jewel respondeu:

— É quando você acha que o passado era melhor do que realmente era só porque o presente é ruim demais.

— Eu sou mesmo muito nostálgica — declarou Elise.

Jewel e Solo riram. Mas, em seguida, pareceram tristes. Elise os viu trocarem aqueles mesmos olhares várias vezes, e Jewel não parava de esfregar os olhos. Por fim, Elise perguntou qual era o problema.

Os dois pararam ali no meio da escadaria e contaram a ela. Contaram sobre Marcus, que tinha caído por cima da grade de proteção quando aquela multidão enlouquecida a derrubou, fazendo Cachorrinho escapar. Marcus tinha morrido com a queda. Elise olhou para o corrimão ao seu lado e não entendeu como Marcus poderia ter caído por cima de uma grade tão alta. Não entendia como aquilo tinha acontecido, mas sabia que era como quando seus pais saíram e nunca mais voltaram. Era assim: Marcus nunca mais apareceria rindo por entre a Selva. Esfregou o rosto e se sentiu muito mal por Miles, que não era mais gêmeo.

— É por isso que vamos para casa? — perguntou.

— É uma das razões — explicou Jewel. — Eu nunca devia ter trazido vocês pra cá.

Elise assentiu. Não havia como discordar. Exceto que Cachorrinho tinha vindo dali. E não importava o que tinha dito à Jewel: não devolveria seu bichinho.

* * *

Juliette permitiu que Elise fosse na frente. Suas pernas doíam por ter descido correndo até ali. Tinha quase caído mais de uma vez. Estava ansiosa para ver as crianças juntas e em casa, e não conseguia parar de se culpar pelo que acontecera com Marcus. Os andares ficavam para trás, cheios de arrependimento, até que ela recebeu uma chamada no rádio.

— Jules, está na escuta?

Era Shirly, e parecia preocupada. Juliette pegou o rádio do cinto. Shirly devia estar com Walker, usando um de seus aparelhos.

— Pode falar — declarou.

Mantinha uma das mãos no corrimão, seguindo Solo e Elise. Um portador e um casal jovem se espremeu na lateral, passando na direção oposta.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou Shirly. — Uma multidão furiosa acabou de passar por aqui. Frank foi pisoteado lá nos portões. Está na enfermaria. E tem outras vinte ou trinta pessoas seguindo por esse seu maldito túnel. Lidar com isso não estava na descrição do meu cargo.

Devia ser o mesmo grupo que causara a morte de Marcus. Jimmy virou e olhou para o rádio, absorvendo as notícias. Juliette abaixou o volume para que Elise não conseguisse ouvir.

— O que você quer dizer com *outras* vinte ou trinta pessoas? Quem mais está aí? — perguntou Juliette.

— Sua equipe de escavação, para começar. Alguns mecânicos do terceiro turno que deviam estar dormindo, mas que querem ver o que tem do outro lado. E o Comitê de Planejamento que você enviou.

— O Comitê de Planejamento? — Juliette reduziu o passo.

— É. Disseram que você os tinha mandado para cá. Que não havia problema em inspecionar a escavação. Tinham um documento do gabinete da Prefeita.

Juliette lembrou-se de Marsha comentando algo sobre aquilo antes da assembleia pública. Mas estava ocupada com os trajes.

— Você não os mandou? — perguntou Shirly.

— Talvez tenha mandado — admitiu Juliette. — Mas esse outro grupo, essa multidão... meu pai teve problema com eles, quando estavam descendo. Uma pessoa caiu e morreu.

Houve silêncio do outro lado da linha. E em seguida:

— Eu soube da queda. Não sabia que tinha relação com isso. Mas é bom que você saiba que estou quase mandando todo mundo pra fora e fechando esse negócio. Está fora de controle, Jules.

Eu sei, pensou Juliette. Mas não anunciou isso. Não disse em voz alta.

— Logo estarei aí. Estou a caminho.

Shirly não respondeu. Juliette prendeu o rádio no cinto e xingou a si mesma. Jimmy ficou para trás para falar com ela, deixando que Elise caminhasse à frente.

— Sinto muito por tudo isso — disse Juliette.

Os dois desceram uma volta da escadaria em silêncio.

— As pessoas no túnel... Eu vi algumas pegando coisas que não são delas — comentou Jimmy. — Estava escuro quando nos trouxeram, mas vi gente carregando canos e equipamento do meu silo aqui para este. Como tivesse sido esse o plano desde o começo. Mas você tinha dito que iríamos reconstruir minha casa. Não usá-la para pegar peças sobressalentes.

— Eu disse. E vou. Eu pretendo reconstruí-la. Assim que chegarmos lá embaixo, vou falar com eles. Ninguém vai sair pegando coisas como se fossem peças sobressalentes.

— Então você não disse que não tinha problema em fazer isso?

— Não. Eu… eu posso ter dito que fazia sentido buscar você e as crianças, que o silo extra traria certas redundâncias…

— É o que a gente chama de peça sobressalente.

— Vou falar com eles. Prometo. No fim, tudo vai ficar bem.

Os dois continuaram em silêncio por um tempo.

— É — respondeu Solo, por fim. — Se é o que você diz.

30

• Silo 1 •

Charlotte despertou na escuridão, molhada de suor. Com frio. O piso de metal estava gelado. Seu rosto doía por ter ficado tanto tempo apoiado ali. Puxou o braço dormente de debaixo do corpo e esfregou o rosto, sentiu as marcas deixadas pelo relevo em forma de losango.

O ataque a Donny voltou como à mente como uma vaga lembrança de um sonho. Tinha se encolhido e esperado. Não sabia como, mas conseguira segurar as lágrimas. E sucumbiu ao sono, não sabia se por exaustão devido ao esforço ou porque estava apavorada demais para se mexer.

Tentou ouvir passos ou vozes antes de erguer a capa plástica. Estava escuro como breu. Tão escuro quanto embaixo do drone. Como um pintinho saindo do ninho, rastejou para longe da ave de metal. Suas juntas estavam rígidas, sentia um peso no peito e uma terrível solidão à sua volta.

A lanterna de trabalho estava em algum lugar abaixo da cobertura plástica. Puxou a capa e começou a tatear por ali, sentiu algumas ferramentas, derrubou um conjunto de roquetes, que se espalhou fazendo um barulho enorme. Lembrou-se do farol dianteiro do drone, enfiou a mão no interior do painel de acesso, encontrou a chave de teste e a ligou. Um carpete dourado se estendeu diante do bico do pássaro. Foi o suficiente para encontrar a lanterna.

Pegou a lanterna e uma chave inglesa grande. Não estava mais segura ali. Um morteiro havia sido trazido para o acampamento, causando a

destruição de uma tenda e matado um de seus companheiros. Podia chegar outro a qualquer momento.

Apontou a lanterna na direção dos elevadores, com medo do que eles podiam expelir sem aviso. No silêncio, podia ouvir o próprio coração. Charlotte se virou e seguiu para a sala de reuniões, o último local em que vira o irmão.

Não havia sinais de luta pelo chão. No interior da sala de reuniões, ainda havia anotações espalhadas pela mesa. Talvez não tantas quanto antes. E as várias latas de lixo espalhadas em meio às cadeiras não estavam mais lá. Alguém fizera um péssimo trabalho de limpeza. E esse alguém voltaria.

Charlotte apagou as luzes e se virou para sair. Daquela vez, quando passou pelo lugar onde seu irmão tinha sido atacado, viu sangue na parede. Sentiu os soluços que prendera antes de pegar no sono subirem e tomarem sua garganta, onde fizeram um nó, e se perguntou se o irmão ainda estaria vivo. Ainda conseguia ver o homem de cabelo branco ali, chutando e chutando, com uma raiva maligna. Ela não tinha mais ninguém. Atravessou depressa o armazém vazio na direção do drone aceso. Arrancada de seu sono, apresentada a um mundo assustador e depois deixada sozinha.

A luz do bico do drone se espalhava pelo chão, iluminando a porta.

Não exatamente sozinha.

Charlotte considerou suas opções. Deslizou a mão para dentro do painel de acesso e apagou o farol do drone. Puxou com cuidado a cobertura plástica de volta para o lugar. Não poderia mais largar as coisas de qualquer jeito, sempre precisaria supor a possibilidade de ter visitas. Com a lanterna balançando, seguiu na direção da porta, parou e voltou para buscar a bolsa de ferramentas. O drone se tornou uma prioridade distante. Com as ferramentas e a lanterna, passou correndo pelo alojamento, chegou ao fim do corredor e entrou na sala de voo. Havia um rádio na bancada de trabalho na parede do fundo, que fora montado nas últimas semanas. Funcionava. Ela e o irmão tinham escutado conversas de mundos distantes. Talvez houvesse um modo de fazê-lo

transmitir alguma coisa. Remexeu entre as peças sobressalentes que o irmão havia deixado para ela, procurando uma solução. Na pior das hipóteses, poderia ouvir. Talvez conseguisse descobrir o que tinham feito com ele. Talvez tivesse notícias do irmão, ou quem sabe conseguisse entrar em contato com outra alma.

31

• Silo 1 •

A cada tosse, as costelas de Donald explodiam em milhões de pedacinhos. Os estilhaços perfuravam os pulmões e o coração e seguiam pela coluna vertebral, avassaladores como um maremoto. Estava convencido de que era exatamente aquilo que acontecia no interior de seu corpo, aquelas bombas de osso e nervo. Já sentia falta da tortura simples dos pulmões queimando e da garganta ardendo. As costelas quebradas zombavam desses velhos tormentos. A mazela do dia anterior era uma lembrança saudosa.

Estava deitado em um catre, sangrando e machucado, e desistira de escapar. A porta era bem resistente, e o espaço entre os painéis do teto não levava a lugar algum. Achava que não estava nos níveis administrativos. Talvez na Segurança. Talvez em algum nível residencial. Ou em algum lugar com o qual não estivesse familiarizado. O corredor lá fora permanecia assustadoramente silencioso. Podia muito bem ser tarde da noite. Bater na porta era brutal para suas costelas doloridas, e gritar machucava a garganta. Mas a pior dor era imaginar o mal que causara à irmã, o que aconteceria com ela. Quando voltassem, teria que contar que ela estava lá embaixo, implorar por piedade. Charlotte fora quase uma filha para Thurman, e Donald era o único culpado por tê-la despertado. Thurman entenderia. Levaria Charlotte de volta para um lugar onde ela pudesse dormir até que o fim chegasse para todos. Seria a melhor solução.

Horas se passaram. Horas de inchaços roxos e de sentir dezenas de lugares no corpo latejando. Donald se remexia o tempo todo, e dia e noite se tornaram ainda mais indistintos naquela cripta subterrânea. Foi tomado por um suor febril, originado mais de arrependimento e medo do que pela infecção. Tinha pesadelos com cápsulas congeladas em chamas, com fogo, gelo e poeira, com carne derretendo e ossos se desfazendo em pó.

Em meio ao sono inquieto, teve outro sonho. Era uma noite fria em um vasto oceano, e um navio afundava sob seus pés, o convés tremendo com a violência do mar. Suas mãos estavam congeladas, presas ao timão. Seu hálito era uma névoa de mentiras. As ondas quebravam sobre a amurada enquanto o barco afundava cada vez mais. Por toda a volta, na água, via botes salva-vidas em chamas. Todas as mulheres e crianças queimavam sobre a água, gritando, aprisionadas em salva-vidas no formato de cápsulas criogênicas feitos para nunca chegarem à costa.

Donald entendia. Entendia isso tanto nos sonhos quanto acordado, arfando, tossindo, suando. Lembrou-se de pensar, certa vez, que as mulheres tinham sido afastadas para que não houvesse disputas. Mas a verdade era o contrário. Elas estavam ali para dar ao resto deles algo *pelo que* lutar. Alguém para salvar. Era para elas que aqueles homens trabalhavam em seus turnos sombrios e dormiam pelas noites escuras, sonhando com algo que nunca aconteceria.

Cobriu a boca, rolou na cama e tossiu sangue. Alguém para salvar. A estupidez do homem, a estupidez dos malditos silos que ele ajudara a construir, aquela suposição de que as coisas precisavam ser salvas. Deviam ter sido deixados por conta própria, tanto as pessoas quanto o planeta. A humanidade tinha o direito de extinguir a si mesma. Era isso o que a vida fazia: se extinguia. Abria espaço para o próximo na fila. Mas os humanos sempre faziam um esforço para ir contra a ordem natural das coisas. Tinham filhos clonados na ilegalidade, nanotratamentos, peças de reposição e cápsulas criogênicas. Humanos como os que haviam criado aquilo tudo.

O som das botas se aproximando anunciou uma refeição, um fim para o pesadelo interminável de dormir com pensamentos alucinados e de permanecer deitado acordado com o corpo dolorido. Devia ser o café da manhã, porque estava faminto. Significava que devia ter passado grande parte da noite em claro. Esperava ver o mesmo guarda que levara a refeição anterior, mas a porta revelou Thurman. Um homem com o macacão prateado da Segurança estava parado atrás dele, sério. Thurman entrou sozinho e fechou a porta, confiante de que Donald não representava ameaça. Ele parecia melhor do que no dia anterior, mais em forma. Estava acordado havia mais tempo, talvez, ou recebera uma nova torrente de médicos em sua corrente sanguínea.

— Por quanto tempo você ainda vai me manter aqui? — perguntou Donald, sentando-se. A voz saiu rouca e distante, como o farfalhar das folhas de outono.

— Não muito — respondeu Thurman. O velho puxou o baú ao pé da cama, sentou-se e examinou Donald com atenção. — Você só tem mais alguns dias de vida.

— Isso é um diagnóstico? Ou uma sentença?

Thurman ergueu uma sobrancelha.

— Os dois. Se o mantivermos aqui sem tratamento, você vai morrer por causa do ar que respirou. Em vez disso, vamos botá-lo para dormir.

— Deus me livre de você acabar com meu sofrimento.

Thurman pareceu considerar aquilo.

— Pensei em deixá-lo morrer aqui. Sei a dor que está sentindo. Podia curar você ou deixar que seu corpo se deteriore de vez, mas não tenho coragem para levar adiante nenhuma das duas opções.

Donald tentou rir, mas doía demais. Pegou o copo de água na bandeja e tomou um gole. Uma espiral rosa de sangue bailou na superfície quando ele pousou o copo.

— Você andou ocupado, nesse último turno — comentou Thurman. — Estão faltando drones e bombas. Acordamos algumas pessoas congeladas recentemente para tentar entender o que aconteceu. Você tem alguma ideia do que pôs em risco?

Havia algo pior que raiva na voz de Thurman. A princípio, Donald não soube o quê. Não era decepção. Muito menos ódio. O ódio já se dissipara pelas botas. Aquilo era algo reprimido. Parecia medo.

— O que eu pus em risco? — questionou Donald. — Eu tenho limpado a sujeira que você fez. — Derramou água ao erguer o copo, brindando a seu velho mentor. — Os silos que você danificou. Aquele silo que foi apagado há tantos anos. Ele ainda estava lá…

— O Silo 40. Eu sei.

— E o 17 — acrescentou Donald, e pigarreou.

Pegou a ponta do pão na bandeja e mordeu, mastigou até as mandíbulas doerem e engoliu com água suja de sangue. Sabia tantas coisas que Thurman ignorava. Isso lhe ocorreu naquele momento. Todas as conversas com as pessoas do 18, o tempo passado estudando os desenhos e anotações, as semanas juntando informações, estando no comando. Sabia, em sua condição atual, que não era páreo para Thurman em uma briga, mas ainda se sentia o mais forte dos dois. Era seu conhecimento que o fazia se sentir assim.

— O 17 não estava morto — comentou, antes de dar outra mordida no pão.

— É, me disseram.

Donald mastigou.

— Vou fechar o 18 hoje — murmurou Thurman. — O que aquela instalação nos custou…

Ele balançou a cabeça, e Donald se perguntou se estaria pensando em Victor, o chefe dos chefes, que estourara os próprios miolos por causa de um levante do 18. No momento seguinte, percebeu que podia dar como mortas todas aquelas as pessoas em quem depositara tanta esperança. O tempo que passara contrabandeando peças para Charlotte, sonhando com um fim para os silos, a esperança de um futuro com céus azuis... tudo em vão. Sentiu um gosto ruim ao engolir o pão.

— Por quê? — perguntou.

— Você sabe por quê. Você tem conversado com eles, não tem? O que achava que ia acontecer com aquele lugar? No que estava pensando?

— Os primeiros sinais de raiva começaram a transparecer na voz de Thurman. — Achava que eles iam salvar você? Que algum de nós pode ser salvo? No que diabo estava pensando?

Donald não tinha intenção de responder, mas a resposta saiu involuntariamente, como uma tosse:

— Achei que eles merecessem algo melhor que isso. Achei que eles merecessem uma chance…

— Uma chance de quê? — Thurman balançou a cabeça. — Isso não importa. Não importa. Planejamos bem o suficiente para cobrir esse risco. — Ele murmurara a última frase para si mesmo. — O problema é que eu tenho que dormir, não posso estar aqui para administrar tudo. É como mandar drones quando você mesmo precisa estar lá para botar a mão na massa. — Thurman brandiu o punho no ar. Analisou Donald por um tempo. — Você vai para a hibernação de manhã cedo. É muito menos do que você merece. Mas, antes que eu me livre de você, quero que me diga como conseguiu, como veio parar aqui com meu nome. Não posso deixar que isso aconteça outra vez…

— Então agora eu sou uma ameaça.

Donald tomou outro gole de água, afogando a coceira na garganta. Tentou respirar fundo, mas a dor no peito o fez se encolher.

— Você não é, mas a próxima pessoa que fizer isso pode ser. Tentamos pensar em tudo, mas sempre soubemos que nossa maior fraqueza, assim como a maior fraqueza de qualquer sistema, era uma revolta no topo.

— Como no Silo 12 — comentou Donald. Lembrou-se daquele silo caindo com uma sombra escura emergindo da sala de servidores. Tinha testemunhado aquilo. Encerrara aquele silo, escrevera um relatório. — Como você não previu o que aconteceu lá?

— Já era esperado. Temos planos para qualquer situação. É por isso que temos sobressalentes. É por isso que temos o Ritual de Iniciação, uma oportunidade de examinar a alma do sujeito, uma caixa onde botar nossas bombas-relógio. Você é jovem demais para entender, mas a tarefa mais difícil que a humanidade já tentou dominar, que nunca conseguiu

direito, foi passar o poder supremo de uma mão para a seguinte. — Thurman abriu os braços. Seus olhos senis brilhavam. O político nele havia despertado. — Até agora. Resolvemos isso com as cápsulas criogênicas e os turnos. O poder é temporário e nunca sai das mesmas mãos seletas. Não há transferência.

— Parabéns — ironizou Donald.

Então lembrou-se de, certa vez, ter sugerido a Thurman que ele poderia ser presidente — em resposta, ele dera a entender que seria como ser rebaixado. Donald finalmente entendia.

— É. Era um bom sistema. Até você subvertê-lo.

— Vou contar como consegui se você me responder uma coisa.

Donald cobriu a boca e tossiu. Thurman franziu o cenho e esperou que o acesso passasse.

— Você está morrendo — retrucou. — Vamos botá-lo em uma caixa para que possa sonhar até o fim. O que poderia querer saber?

— A verdade. Já descobri grande parte, mas ainda restam alguns furos. E causam mais dor do que os buracos em meus pulmões.

— Duvido muito — disse Thurman. Mas pareceu considerar a oferta. — O que você quer saber?

— Os servidores. Sei o que tem dentro deles. Todos os detalhes da vida de todo mundo nos silos, onde trabalham, o que fazem, há quanto tempo vivem, quantos filhos têm, o que comem, aonde vão, tudo. Quero saber para que isso serve.

Thurman o analisou. E não disse nada.

— Descobri os percentuais. A lista que varia. São as chances que essas pessoas têm de sobreviver quando forem liberadas, não são? Mas como os computadores sabem?

— Eles sabem — retrucou Thurman. — E é para isso que você acha que servem os silos?

— Acho que tem uma guerra em andamento. Uma guerra entre todos esses silos, e só um deles vai vencer.

— Então o que você precisa que eu diga?

— Acho que tem mais. Me conte o que é, e eu conto a você como tomei o seu lugar.

Donald se sentou e abraçou as canelas enquanto um acesso de tosse acometia a garganta e as costelas. Thurman esperou até que terminasse.

— Os servidores fazem o que você deduziu. Mantêm registros de todas essas vidas e as avaliam. E também decidem as loterias, o que significa que ativamente moldamos essas pessoas. Aumentamos as probabilidades, permitimos que os melhores sobrevivam. É por isso que as chances aumentam de acordo com o tempo que dedicamos a isso.

— É claro.

Donald se sentiu idiota. Devia ter imaginado. Ouvira Thurman dizer várias vezes que não tinham deixado nada para o acaso. E que loteria não era puro acaso?

Captou o olhar de Thurman.

— Sua vez — disse o velho. — Como você fez isso?

Donald se recostou na parede. Tossiu contra a palma da mão em concha enquanto Thurman o encarava em silêncio, de olhos arregalados.

— Foi Anna — revelou. — Ela descobriu o que você tinha planejado. Descobriu que você ia botá-la para dormir depois de toda a ajuda que deu. E tinha medo de nunca mais ser acordada. Você deu a ela acesso aos sistemas para que pudesse resolver seu problema com o Silo 40. E ela armou para que eu tomasse o seu lugar. Deixou um bilhete pedindo minha ajuda na sua caixa de entrada. Acho que Anna queria acabar com você. Acabar com isto.

— Não — retrucou Thurman.

— Ah, sim. E, quando eu acordei, não entendi o que ela queria. Descobri tarde demais. Nesse meio-tempo, houve mais problemas com o Silo 40. Quando acordei e iniciei este turno, o 40…

— Já tinham cuidado dele — completou Thurman.

Donald apoiou a cabeça na parede atrás de si e encarou o teto.

— Fizeram você acreditar que tinham. Mas eu tenho outra opinião. Acho que o Silo 40 conseguiu invadir o sistema, e foi isso que Anna descobriu. Eles invadiram o sistema de câmeras para que não

soubéssemos o que estava acontecendo, o chefe da TI tinha se rebelado, aconteceu uma revolta no topo, bem como você disse. O corte das imagens das câmeras aconteceu quando eles foram apagados. Mas, antes disso, o pessoal do 40 destruiu as linhas de gás, para que não pudéssemos destruir o silo. E, antes disso, deram conta das bombas que deveriam explodir o silo, caso alguma dessas coisas acontecesse. Começaram do nosso último recurso. Quando ficaram no escuro, já estavam no comando. Assim como eu. Foi como o que Anna fez por mim.

— Como eles conseguiram…?

— Talvez ela tenha ajudado, não sei. Ela me ajudou. E, de algum modo, a informação se espalhou para os outros. Ou, talvez, quando Anna terminou de salvar sua pele, tivesse percebido que eles estavam certos, que a gente estava errado. Talvez, no fim das contas, ela tenha deixado o Silo 40 em paz para fazer como preferisse. Acho que ela pensava que eles podiam salvar a todos.

Donald tossiu e pensou em todas as antigas sagas do herói, de homens e mulheres lutando pelo que era certo, sempre com final feliz, sempre contra todas as probabilidades, sempre apenas fantasia. Heróis não venciam. Os heróis eram quem quer que *tenha vencido*. A História recontava suas versões, já que os mortos não podem falar. Tudo ficção.

— Mandei bombardear o Silo 40 antes de entender o que estava acontecendo — explicou Donald. Olhou para o teto, sentindo o peso de todos aqueles níveis, da terra e do céu carregado. — Mandei bombardear porque precisava de uma distração, porque não me importava. Matei Anna porque ela me trouxe para cá, porque ela salvou minha vida. Fiz o seu trabalho por você nessas duas vezes, não é? Acabei com duas rebeliões que você nunca nem tinha previsto…

— Não. — Thurman se levantou, assomando-se sobre Donald.

— Sim — retrucou o outro.

Piscou para liberar lágrimas que se acumulavam, sentindo um vazio no coração, onde antes havia raiva por Anna. Tudo que restava ali era culpa e arrependimento. Tinha matado a pessoa que mais o amara, que

lutara pelas coisas certas. Não tinha parado para perguntar, para pensar, para conversar.

— Você começou esse levante quando quebrou suas próprias regras — falou para Thurman. — Quando a despertou. Você foi fraco. Pôs tudo em risco, e eu consertei. Quero que você vá para o inferno, seu maldito, por dar ouvidos a ela. Por me trazer para cá. Por me transformar nisto.

Donald fechou os olhos. Sentiu o roçar das lágrimas que escorriam pelas têmporas, e a luz que atravessava suas pálpebras tremeluziu quando a sombra de Thurman se abateu sobre ele. Preparou-se para o golpe. Inclinou a cabeça para trás, ergueu o queixo e esperou. Pensou em Helen. Pensou em Anna. Pensou em Charlotte. E, quando lembrou da irmã, começou a contar onde ela estava escondida antes que os golpes o acertassem, antes que fosse atingido — merecidamente — por ajudar aqueles monstros, por ter sido sua ferramenta involuntária todo esse tempo. Começou a falar sobre Charlotte, mas sentiu um clarão atravessar as pálpebras fechadas e uma sombra se afastar, e ouviu uma porta sendo batida com força.

32

• *Silo 18* •

Lukas sentiu que tinha algo errado antes de plugar os fones no painel. As luzes pulsantes acima dos servidores piscavam, vermelhas, mas era a hora errada. As ligações do Silo 1 vinham certeiras como um relógio. Aquela chegara no meio do jantar. O zunido e as luzes piscando tinham encontrado seu gabinete e seguido para o corredor. Sims, o velho chefe da Segurança, fora atrás de Lukas na sala de descanso para lhe informar que alguém estava entrando em contato — e o primeiro pensamento foi que seu benfeitor misterioso tinha um alerta para eles. Ou talvez fosse uma ligação para agradecê-los por finalmente pararem a escavação.

Houve um estalido no fone quando a conexão se estabeleceu. O piscar infernal das luzes no teto parou.

— Alô — cumprimentou, ofegante.

— Quem está falando?

Alguém diferente. A voz era a mesma, mas as palavras estavam erradas. Como aquela pessoa não sabia quem ele era?

— Aqui é Lukas. Lukas Kyle. Quem está falando?

— Quero falar com o chefe do seu silo.

Lukas se aprumou.

— Eu sou o chefe deste silo. Silo 18 do Sistema de Intervenção 50 Operativos. Com quem estou falando?

— Você está falando com o homem que concebeu o Sistema de Intervenção. Agora deixe-me falar com o chefe. O nome aqui é… Bernard Holland.

Lukas quase revelou que Bernard estava morto. Todo mundo sabia que Bernard estava morto. Era um fato da vida. Foi carbonizado em vez de sair para fazer a limpeza, queimou-se em vez de se permitir ser salvo. Mas aquele homem não sabia disso. E as complexidades da vida do outro lado da linha, daquela linha infalível, fizeram a sala girar. Os deuses não eram onipotentes. Ou não se reuniam à mesma mesa. Ou aquele que se chamava Donald era pior do que até mesmo Lukas acreditara que ele pudesse ser. Ou — como diria Juliette, se estivesse ali — aquelas pessoas estavam sacaneando ele.

— Bernard está… indisposto no momento.

Houve uma pausa. Lukas sentia o suor brotando na testa e na nuca, provocado pelo calor dos servidores e da conversa.

— Ele vai demorar para voltar?

— Não tenho certeza. Posso... hã, tentar chamá-lo para o senhor?

Sua voz ficou mais aguda no fim da frase, que não devia ter sido uma pergunta.

— Quinze minutos — respondeu a voz. — Depois disso, as coisas vão ficar bem ruins para você e todos aí. Muito ruins. Quinze minutos.

A linha emitiu um estalido e ficou muda antes que Lukas pudesse reclamar ou pedir mais tempo. Quinze minutos. A sala continuava a girar. Precisava de Jules. Precisaria de alguém para fingir ser Bernard, talvez Nelson. E o que aquele homem quis dizer quando alegou que tinha concebido o Sistema de Intervenção? Não era possível.

Lukas disparou até a escada e desceu correndo. Soltou o rádio portátil do carregador e subiu de volta. Ligaria para Juliette enquanto procurava por Nelson. Uma voz diferente lhes daria algum tempo até que conseguisse resolver a situação. De certa forma, era uma ligação que ele sempre tinha esperado — alguém querendo saber que diabo estava acontecendo no Silo 18 —, mas que nunca chegara. Estava esperando havia algum tempo, e ela o pegara de surpresa.

— Jules?

Chegou ao topo da escada e tentou usar o rádio. E se ela não respondesse? Quinze minutos. E aí, o quê? Que problemas eles

poderiam criar para seu silo? A outra voz, Donald, soltara alertas assustadores e vazios, de vez em quando. Mas aquilo parecia diferente. Tentou Juliette de novo. Seu coração não devia estar batendo tão forte. Abriu a porta da sala dos servidores e saiu em disparada pelo corredor.

— Posso ligar depois? — perguntou Jules, o rádio na palma da mão de Lukas crepitando com sua voz. — Está um pesadelo aqui embaixo. Me dá cinco minutos?

Lukas respirava com dificuldade. Desviou de Sims no corredor, que se virou para encará-lo. Nelson devia estar no Laboratório de Trajes. Apertou o botão de transmissão.

— Na verdade, preciso de ajuda neste instante. Você ainda está descendo?

— Não, já cheguei aqui embaixo. Acabei de deixar as crianças com meu pai. Estou indo buscar uma bateria com Walker. Você está correndo? Não está descendo até aqui, está?

Lukas respirou fundo.

— Não, estou procurando por Nelson. Alguém ligou, disse que precisava falar com Bernard e que, se não falasse, teríamos problemas. Jules… estou com um mau pressentimento.

Ele fez a curva e viu que a porta do Laboratório de Trajes estava aberta. Faixas de fita térmica se agitavam ao redor da maçaneta.

— Calma — pediu Juliette. — Não fique nervoso. Quem ligou? E porque você está procurando por Nelson?

— Eu ia mandar ele falar com esse sujeito, fingir ser Bernard, pelo menos para ganharmos algum tempo. Não sei quem está ligando. Parece o mesmo sujeito, mas não é.

— O que ele disse?

— Mandou chamarmos Bernard, se apresentou como o cara que concebeu o Sistema de Intervenção 50 Operativos. Droga, Nelson não está aqui.

Ele olhou a sala, com as bancadas de trabalho e armários de ferramentas. Lembrou-se de passar por Sims. O velho chefe da

Segurança tinha acesso à sala de servidores. Deixou o Laboratório de Trajes e voltou em disparada pelo corredor.

— Lukas, nada do que você disse faz sentido.

— Eu sei, eu sei. Depois eu ligo para você. Preciso achar o Sims…

Seguiu à toda pelo corredor. Escritórios passavam voando, a maioria vazia, previamente ocupados por trabalhadores que tinham sido transferidos da TI ou que estavam jantando. Viu Sims fazendo uma curva na direção do posto da segurança.

— Sims!

O chefe da Segurança olhou para trás, do outro lado da curva, voltou para o corredor e encarou o chefe da TI, que corria em sua direção. Lukas se perguntou quantos minutos tinham se passado, o quanto aquele homem se ateria ao que dissera.

— Preciso da sua ajuda — declarou.

Apontou para a porta da sala dos servidores, na junção dos dois corredores. Sims se virou e examinou a porta com ele.

— Diga.

Lukas digitou sua senha e abriu a porta. Lá dentro, as luzes vermelhas estavam piscando outra vez. Com certeza não tinham se passado quinze minutos.

— Preciso de um favor enorme — explicou a Sims. — Olha, é… complicado, mas preciso que você converse com uma pessoa no meu lugar mim. Preciso que você finja ser Bernard. Você o conhecia bem, não conhecia?

Sims recuou.

— Fingir ser quem?

Lukas se virou e agarrou o braço do homem maior que ele, forçando-o a acompanhá-lo.

— Não tenho tempo para explicar. Só preciso que você responda às perguntas desse sujeito. É uma espécie de teste. Só aja como Bernard. Diga a si mesmo que é Bernard. Finja que está com raiva, ou algo do tipo. E desligue o mais rápido possível. Na verdade, fale o mínimo que der.

— Com quem eu vou falar?

— Eu explico depois. Só preciso que você faça isso. Engane esse sujeito. — Conduziu Sims para o servidor aberto e entregou os fones a ele. O chefe da Segurança os examinou como se nunca tivesse visto o objeto antes. — Só ponha eles na cabeça — pediu Lukas. — Vou conectá-lo. É como um rádio. Lembre-se de que você é Bernard. Tente falar como ele, está bem? Aja como ele.

Sims assentiu. Seu rosto estava vermelho. Uma gota de suor escorria pela testa. Parecia dez anos mais novo e nervoso pra cacete.

— Agora é com você.

Lukas plugou o cabo do fone no painel, pensando em como Sims seria ainda melhor que Nelson. Aquilo faria com que ganhassem algum tempo até que conseguisse descobrir o que estava acontecendo. Sims pareceu hesitar, devia ter ouvido um cumprimento nos fones.

— Alô? — indagou.

— Soe mais confiante — sussurrou Lukas.

O rádio em sua mão crepitou com a voz de Juliette, e ele baixou o volume — não queria que ela fosse ouvida. Teria de ligar depois.

— Sim, aqui é Bernard. — Sims falava pelo nariz, com a voz aguda e tensa. Parecia mais um homem imitando voz de mulher que uma aproximação razoável do ex-chefe do silo. — Aqui é *Bernard* — repetiu Sims, com mais insistência.

Ele se virou para Lukas, suplicando com os olhos, parecendo completamente desesperado. O outro respondeu fazendo um pequeno círculo com a mão. Sims assentiu enquanto ouvia alguma coisa, depois tirou o fone.

— Tudo bem? — sussurrou Lukas.

Sims lhe entregou o fone.

— Ele quer falar com você. Sinto muito. Ele sabe que não sou Bernard.

Lukas resmungou. Enfiou o rádio embaixo do braço. A voz de Juliette ficou baixa e distante. Pegou o fone molhado de suor.

— Alô?

— Você não devia ter feito isso.

— Bernard está… eu não consegui encontrá-lo.

— Ele está morto. Foi um acidente, ou ele foi assassinado? O que está acontecendo por aí? Quem está no comando? Não temos imagens de câmeras, aqui.

— Eu estou no comando — retrucou Lukas, aflitivamente consciente de que Sims o analisava. — Está tudo bem por aqui. Posso pedir a Bernard que ligue para o senhor…

— Você tem conversado com alguém daqui.

Lukas não respondeu.

— O que ele lhe contou?

Olhou para a cadeira de madeira e a pilha de livros. Sims seguiu seu olhar, parecendo espantado ao ver tanto papel.

— Temos conversado sobre os relatórios de população — respondeu Lukas. — Sufocamos um levante. Bernard se feriu na luta…

— Tem uma máquina aqui que diz quando você está mentindo.

Lukas se sentiu tonto. Parecia impossível, mas acreditava no homem. Virou para trás e desmoronou na cadeira. Sims o encarou com desconfiança. O chefe da Segurança percebeu que as coisas não estavam bem.

— Estamos fazendo o melhor possível — retrucou Lukas. — Tudo está em ordem. Sou o sombra de Bernard. Passei pelo Ritual…

— Eu sei. Mas acho que você foi envenenado. Sinto muito, filho, mas devia ter feito isso há muito tempo. É para o bem de todos. Sinto muito, mesmo.

Então, suave e misteriosamente, quase como se falasse com outra pessoa, a voz pronunciou:

— Desligue-os.

— Espere… — pediu Lukas. Virou-se para Sims. Os dois se encaravam, desesperados. — Eu posso…

Antes que conseguisse terminar, ouviu um chiado vindo de cima. Virou a cabeça para o teto e viu uma nuvem branca emanando das saídas de ventilação. Uma névoa se expandindo. Lembrou-se da fumaça de

escapamento igual àquela, muito tempo antes, na época em que estava trancado dentro da sala dos servidores e as pessoas na Mecânica tentaram desviar gás para sufocá-lo. Lembrou-se da sensação de que sufocaria dentro daquela sala. Mas aquela névoa era diferente. Era densa e sinistra.

Lukas puxou a camiseta por cima da boca e gritou para que Sims o seguisse. Os dois saíram correndo pela sala dos servidores, desviando das máquinas negras e altas, evitando a nuvem como podiam. Chegaram à porta que levava à TI, que Lukas achava que era hermeticamente fechada. A luz vermelha no painel piscava, feliz. Lukas não se lembrava de ter trancado a porta. Prendendo a respiração, digitou o código e esperou que a luz ficasse verde. Não ficou. Digitou outra vez, concentrando-se, zonzo pela falta de ar, e o painel tocou uma campainha e piscou para seu olho vermelho solitário.

Lukas se virou para Sims, e viu o homenzarrão encarando as próprias mãos. Estavam cobertas de sangue. E escorria sangue de seu nariz.

33

• Silo 18 •

Juliette xingou o rádio e por fim deixou Walker tentar. Courtnee observou os dois, preocupada. Lukas conseguira fazer contato algumas vezes, mas tudo o que ouviram foram os passos de botas e o chiado de sua respiração, ou algum tipo de estática.

Walker examinou o aparelho portátil. O rádio ficara desnecessariamente complexo com os botões e seletores que ele acrescentara. Ele mexeu em alguma coisa e deu de ombros.

— Para mim, parece tudo certo — disse, cofiando a barba. — Deve ser do outro lado.

Um dos outros rádios na bancada emitiu um ruído. Era a unidade grande que ele tinha construído, a que tinha um fio pendurado do teto. Veio uma voz familiar seguida por uma explosão de estática.

— Alô? Tem alguém na escuta? Estamos com um problema aqui embaixo.

Juliette deu a volta na bancada, correndo, e pegou o microfone antes de Walker e Courtnee. Reconhecera aquela voz.

— Hank, aqui é Juliette. O que está acontecendo?

— Nós temos… ah, relatórios dos níveis intermediários de alguma espécie de vazamento de vapor. Você ainda está nessa área?

— Não, estou embaixo, na Mecânica. Que tipo de vazamento? De onde?

— Acho que na escadaria. Estou na plataforma e não vejo nada, mas ouço um tumulto mais acima. Parece uma debandada. Não sei se estão

subindo ou descendo. Mas não teve alarme de incêndio.

— Pausa. Pausa.

Era outra voz interrompendo a chamada. Juliette a identificou como a de Peter. Ele pedia uma pausa na conversa para poder dizer alguma coisa.

— Vá em frente, Peter.

— Jules, também tenho algum tipo de vazamento aqui em cima. É na câmara de pressurização.

Juliette olhou para Courtnee, que deu de ombros.

— Confirme se tem fumaça na câmara de pressurização.

— Acho que não é fumaça. E está na câmara que você instalou, na nova. Não… isso é estranho.

Juliette percebeu que estava andando entre as bancadas de trabalho de Walker.

— O que é estranho? Descreva o que está vendo!

Ela imaginava um vazamento dos escapamentos, algo do gerador principal. Teriam que desligá-lo, e o reserva não estava lá. Merda. Seu pior pesadelo. Courtnee franziu a testa para ela, devia estar pensando a mesma coisa. Merda, merda.

— Jules, a porta amarela está aberta. Repito, a câmara de pressurização interna está totalmente aberta, e eu não fiz isso. Estava trancada agora há pouco.

— E a fumaça? — perguntou Juliette. — Está piorando? Abaixe-se e cubra o rosto. Você vai precisar de um pano úmido, ou algo assim…

— Não é fumaça. E está dentro da câmara nova que você instalou. A porta ainda está fechada. Estou olhando através do vidro. A fumaça está toda lá dentro. E… Dá para ver através da porta amarela. Está toda aberta. Está… puta merda…

Juliette sentiu o coração acelerar. O tom de voz dele. Não se lembrava de algum dia ter ouvido Peter pronunciar sequer um palavrão desde que o conhecera, e já o conhecia quando passaram por coisas piores.

— Peter?

— Jules, a porta externa está aberta. Repito: a porta externa da câmara de pressurização está completamente aberta. Posso ver direto através da câmara... Dá para ver... acho que é uma rampa. Acho que estou vendo o exterior. Pelos deuses, Juliette, estou vendo lá fora…

— Preciso que você saia daí — disse Juliette. — Deixe tudo como está e saia. Feche a porta do refeitório. Vede-a com alguma coisa. Fita, massa de calafetar ou alguma coisa da cozinha. Entendeu?

— Sim. Sim. — respondeu, com dificuldade.

Juliette lembrou-se de Lukas dizer que algo ruim estava prestes a acontecer. Olhou para Walker, ainda com o novo rádio portátil na mão. Precisava do velho rádio portátil. Não devia tê-lo deixado modificar aquilo.

— Preciso que você entre em contato com Luke — disse ela.

Walker deu de ombros, sem saber o que fazer.

— Estou tentando — respondeu.

— Jules, é Peter de novo. Tem tráfego subindo na minha direção pela escadaria. Dá para ouvir. Parece que tem metade do silo subindo. Não sei por que estão vindo para cá.

Juliette pensou no que Hank tinha dito sobre tráfego na escadaria. Em caso de incêndio, todo mundo deveria pegar uma mangueira ou ir para um nível seguro e esperar ajuda. Por que as pessoas correriam para *cima*?

— Peter, não deixe que se aproximem do gabinete. Mantenha-os afastados da câmara de pressurização. Não deixe que passem.

Sua mente estava a mil. O que teria feito se estivesse lá em cima? Teria que vestir o traje e ir lá fechar aquelas portas. Mas isso significaria abrir a porta da nova câmara de pressurização. A porta da nova câmara de pressurização! Ela não deveria estar ali. Não tinha a ver com fumaça, era o ar do exterior que estava ligado ao silo. O ar exterior…

— Peter?

— Jules… Eu… Eu não tenho como ficar aqui. Todos estão agindo como loucos. Entraram no gabinete, Jules. Eu… eu não quero atirar em ninguém… não posso.

— Escute. O vapor. É argônio, não é?

— É… talvez. É. Parecia. Eu só o vi encher a câmara de pressurização uma vez, quando você saiu. Mas, sim…

Juliette ficou arrasada. Sentiu a cabeça girar. Não sentia mais as botas tocarem o chão. Parecia que estava flutuando, vazia por dentro, entorpecida e meio surda. O gás. O veneno. O lacre faltando na amostra. Aquele puto do Silo 1, com suas ameaças. Tinha cumprido a ameaça. Estava matando todos eles. Milhares de planos e esquemas inúteis passaram por sua mente, todos sem esperanças — já era tarde demais. Tarde demais.

— Jules?

Ela acionou o microfone para responder a Peter, então percebeu que a voz vinha das mãos de Walker. Do rádio portátil.

— Lukas — chamou, assustada. Sentiu a visão se turvar ao estender a mão para o outro rádio.

34

• Silo 18 •

— Jules? Droga. Meu volume estava baixo. Consegue me ouvir?

— Estou ouvindo, Lukas. Que diabo está acontecendo?

— Merda. Merda. — Juliette ouviu coisas batendo. — Estou bem. Estou bem. Merda. Isso é sangue? Tudo bem, tenho que chegar à despensa. Você ainda está aí?

Juliette percebeu que não estava respirando.

— Você está falando comigo? Que sangue?

— Sim, estou falando com você. Ele caiu da escada. Sims está morto. Já começou, Jules. Estão nos desligando. A droga do meu nariz. Estou indo para a despensa…

A transmissão se transformou em estática.

— Lukas? Lukas!

Ela se virou para Walker e Courtnee. Os dois a observavam de olhos arregalados e úmidos.

—… nada bom. Dão dem zinal aqui. — A voz de Lukas saía distorcida, como se ele estivesse apertando o nariz ou segurando um espirro. — Querida, você precisa isolar o lugar ode eztá. Dão gonsigo fazer beu nariz barar…

Juliette foi tomada por uma onda de pânico. Desligá-los. As ameaças de eliminá-los com o simples apertar de um botão. Eliminá-los. Virariam um silo como o de Solo. Talvez um segundo tenha se passado, talvez dois, e, nesse curto espaço de tempo, ela se lembrou das histórias que ele contara sobre a queda de seu silo, com as pessoas saindo para o

exterior, uma pilha de corpos entre os quais ela caminhara, anos mais tarde. Em apenas um instante, foi transportada no tempo, para frente e para trás. Aquele era o passado do Silo 17 — estava testemunhando a queda do 17 representada em sua própria casa. E vira seu futuro sombrio, já tinha visto o que aconteceria com seu mundo. Sabia como aquilo acabava. Sabia que Lukas já estava morto.

— Esqueça o rádio — disse pelo microfone. — Lukas, quero que você esqueça o rádio e se isole nessa despensa. Vou salvar o maior número de pessoas possível.

Pegou o outro rádio, sintonizado com seu silo.

— Hank, está me ouvindo?

— Sim…? — Podia ouvi-lo arfar. — Alô?

— Mande todo mundo descer para a Mecânica. Todo mundo que você conseguir trazer para cá. O mais rápido possível. Agora.

— Acho que devia subir — disse Hank. — Todo mundo está correndo para cima.

— Não! — gritou Juliette, pelo rádio. Walker levou um susto e deixou cair o microfone do outro rádio. — Escute o que estou dizendo, Hank. Todo mundo que você puder trazer. Aqui para baixo. Agora!

Segurou o rádio com as duas mãos. Olhou ao redor da sala para ver o que mais podia pegar.

— Vamos isolar a Mecânica? — perguntou Courtnee. — Como da outra vez?

Courtnee devia estar pensando nas chapas de aço soldadas ao longo da Segurança durante o cerco. As cicatrizes daquelas soldas ainda eram visíveis, mas as placas já tinham saído havia muito tempo.

— Não temos tempo para isso — respondeu Juliette.

Não acrescentou que talvez fosse inútil. O ar poderia já estar contaminado. Não tinha como saber quanto tempo levava. Parte de sua mente queria se concentrar em tudo o que havia acima dela, tudo o que não podia salvar, as pessoas e as coisas. Tudo bom e necessário no mundo que estava fora de alcance.

— Pegue qualquer coisa importante e vamos. — Ela olhou para os dois. — Precisamos sair agora mesmo. Courtnee, pegue as crianças e leve-as de volta para o 17.

— Mas você disse… aquela multidão…

— Não me importo com eles. Vá. E leve Walk. Ajude ele a chegar até a escavação. Encontro vocês lá.

— Aonde você vai? — perguntou Courtnee.

— Buscar o maior número de pessoas que conseguir.

* * *

Os corredores da Mecânica estavam estranhamente livres de pânico. Juliette correu, passando por cenas de normalidade, pessoas caminhando para e de volta de seus turnos, carrinhos de peças sobressalentes e bombas pesadas, uma chuva de centelhas causadas por alguém soldando, o tremeluzir de uma lanterna, um passante tamborilando no aparelho com o punho. O rádio a informara com antecedência. Ninguém mais sabia.

— Vão para a escavação! — gritava para todos por quem passava. — Isso é uma ordem! Agora! Vão!

Havia atraso na resposta. Perguntas. Desculpas. Pessoas explicavam aonde estavam indo, dizendo que estavam ocupadas, que não tinham tempo naquele exato momento.

Juliette viu a mulher de Dawson, Raina, que devia estar acabando de sair de seu turno, e a segurou pelos ombros. Os olhos de Raina se arregalaram, seu corpo se enrijeceu ao ser tratada daquele jeito.

— Vá até a sala de aula — disse Juliette. — Pegue seus filhos, pegue todas as crianças, e leve-as pelo túnel. Agora.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou alguém.

Algumas pessoas se acotovelavam no corredor estreito. Um dos antigos auxiliares de Juliette, ainda do primeiro turno, estava lá. Uma multidão começava a se formar.

— Vão para a porra da escavação — gritou Juliette. — Vamos evacuar o silo. — Peguem quem puderem, seus filhos, qualquer coisa que achem que vão precisar. Isso não é uma simulação. Vão. Vão logo!

Bateu palmas. Raina foi a primeira a se virar e sair em disparada, abrindo caminho pelo corredor apinhado. Os que a conheciam bem entraram em ação logo em seguida, reunindo os outros. Juliette correu para a escadaria, gritando para que todos fossem para o outro silo. Pulou por cima dos portões de segurança, e o guarda de serviço olhou para ela com um "Ei!", surpreso. Às suas costas, pôde ouvir outra pessoa gritando para que todo mundo os seguisse, para que se mexessem. À sua frente, a própria escadaria tremia. Ouvia soldas cantando e degraus soltos batendo. Acima disso, ouvia o som de botas correndo em sua direção.

Juliette parou ao pé da escadaria e olhou para cima através daquele vão amplo entre as escadas e as paredes de concreto. Várias plataformas acima se projetavam para fora, largas faixas de aço que se transformavam em fitas estreitas à medida que subiam. O poço desaparecia na escuridão. Então viu as nuvens brancas como fumaça, bem lá no alto. Talvez nos níveis intermediários.

Apertou o botão do rádio.

— Hank?

Não houve resposta.

— Hank, onde você está?

A escadaria zunia com a sinfonia de tráfego pesado, porém distante. Juliette se aproximou e pousou uma das mãos no corrimão. Ele vibrava, deixando sua mão dormente. O clangor de botas ficou mais alto. Olhou para cima e viu mãos deslizando pelo corrimão acima dela, ouviu vozes gritando palavras de encorajamento e confusão.

Um pequeno grupo de gente do cento e trinta despontou na última curva e pareceu confuso sobre a direção a seguir. Tinham a expressão atônita de pessoas que nunca souberam onde terminava a escadaria, o que havia naquele piso de concreto abaixo de suas casas. Juliette gritou com eles para entrarem. Virou-se e gritou para o interior da Mecânica, para que alguém mostrasse o caminho e os fizesse passar pela segurança.

As pessoas passaram aos tropeços, a maioria de mãos vazias, um ou dois com crianças agarradas junto ao peito, sendo puxadas atrás de si, ou levando trouxas nos braços. Falavam de fogo e fumaça. Um homem chegou lá embaixo se arrastando, segurando o nariz escorrendo. Insistia que tinham que subir, que todos tinham que subir.

— Você — disse Juliette, segurando o homem pelo braço. Examinou seu rosto, o vermelho que escorria das costas de sua mão. — De onde você veio? O que aconteceu? — Apontou para o nariz dele.

— Eu caí — explicou ele, afastando a mão do rosto para falar. — Estava trabalhando.

— Certo. Tudo bem. Siga os outros.

Ela apontou para o túnel. Seu rádio soltou um grito incorpóreo. Um berro. Um ruído terrível. Juliette se afastou das escadas e cobriu um ouvido, apertando o rádio contra o outro. Parecia vagamente a voz de Peter. Ela esperou até que ele terminasse.

— Não consigo ouvir direito! — gritou. — O que está acontecendo?

Cobriu o ouvido outra vez e se esforçou para entender.

— … passando. Para o exterior. Estão saindo…

Suas costas encontraram o concreto da escadaria. Deslizou até ficar agachada. Algumas dezenas de pessoas desciam correndo pelas escadas. Alguns retardatários usando o amarelo do Suprimentos se juntaram a elas, trazendo algumas coisas. Hank chegou, finalmente, conduzindo o tráfego, gritando com aqueles que pareciam desejar voltar, seguir na direção contrária. Algumas pessoas da Mecânica vieram ajudar. Juliette se concentrou na voz de Peter.

— … não consigo respirar — disse ele. — Nuvem entrando. Estou na cozinha. Pessoas subindo. Todo mundo. Agindo louco. Caindo. Todo mundo morto. O exterior…

Ele se engasgava e respirava ruidosamente entre as palavras. O rádio emitiu um estalido e desligou. Juliette gritou algumas vezes com o aparelho, mas não conseguiu conectar. Olhou para o alto da escadaria e viu a névoa acima. A fumaça que jorrava na escadaria parecia se

condensar. Ficava cada vez mais densa diante de seus olhos horrorizados.

Então algo escuro atravessou a névoa — uma sombra em meio ao branco. Foi crescendo. Ouviu-se um grito, um som terrível enquanto a coisa despencava sem parar, passando pelas plataformas do outro lado da escadaria, causando um estrondo surdo quando uma pessoa bateu contra o chão. Juliette sentiu a violência do impacto em suas botas.

Mais gritos. Dessa vez de pessoas próximas, das dezenas que desciam pela escada, os poucos que haviam conseguido. Passavam um por cima do outro na corrida até a Mecânica. E a fumaça branca descia pela escadaria como um martelo.

35

• *Silo 18* •

Juliette seguiu os outros até a Mecânica. Foi a última a passar. As barras de um dos portões de segurança tinham sido curvadas para trás. Uma multidão passou por cima dos portões enquanto alguns pulavam pelo lado, pela brecha entre a parede. O guarda que devia evitar aquilo ajudava as pessoas a descerem pelo outro lado e dizia para onde deviam ir.

Juliette saltou por cima do portão e correu por entre a multidão até o abrigo onde as crianças tinham sido colocadas. Uma pessoa caminhava apressada de um lado para o outro pela sala de descanso, quando ela passou. Torceu para que estivesse pegando coisas necessárias. Para que *estivessem* pegando coisas. O mundo tinha enlouquecido.

O abrigo estava vazio. Supôs que Courtnee já tivesse chegado ali. Ninguém sairia da Mecânica, afinal. E provavelmente já era tarde demais. Juliette fez a volta e saiu em disparada pelo corredor, seguindo para a escadaria em espiral que penetrava nos níveis da Mecânica. Juntou-se a uma multidão aglomerada que descia para a sala do gerador e o local da escavação.

Havia pilhas de entulho e pedaços de concreto reforçado com aço ao redor do extrator de petróleo, que continuava a se mover para cima e para baixo como se conhecesse as tristezas do mundo, como se estivesse deprimido e resignado ao que estava acontecendo, como se dissesse: "É claro. É claro."

Mais resíduos e tralhas da escavação formavam pilhas no interior da sala do gerador, tudo que ainda não tinha sido jogado para o fundo do poço da mina seis. Havia pessoas espalhadas, mas não as multidões que Juliette esperara encontrar. As grandes multidões já deviam estar mortas. Então um pensamento passou por sua cabeça, uma necessidade de rir e se sentir ridícula, a ideia de que a fumaça não era nada, de que a câmara pressurizada no topo tinha resistido, de que tudo estava bem e seus amigos logo tirariam sarro daquele pânico que ela havia provocado.

Mas aquela esperança desapareceu tão rápido quanto surgiu. Nada conseguiria apagar o gosto metálico de medo em sua língua, o som da voz de Peter dizendo a ela que a câmara pressurizada estava totalmente aberta, que as pessoas estavam caindo. Lukas contando que Sims estava morto.

Abriu caminho pela multidão que entrava pelo túnel e chamou as crianças. Então viu Courtnee e Walker. Ele estava com os olhos arregalados e a boca aberta. Juliette viu a aglomeração de pessoas pela perspectiva dele e percebeu o fardo com que deixara Courtnee, o desafio de arrancar aquele recluso de seu refúgio.

— Você viu as crianças? — berrou, acima da multidão.

— Elas já passaram! — gritou Courtnee, em resposta. — Foram com o seu pai.

Juliette apertou o próprio braço e correu para a escuridão. Havia luzes tremeluzindo à frente — uns poucos levavam lanternas a pilha, alguns outros tinham capacetes de minerador —, mas havia amplos espaços de escuridão entre aqueles feixes de luz. Esbarrava em pessoas invisíveis que se materializavam das sombras. Rochas rolavam das pilhas de entulho para todos os lados, poeira e entulho caíam do teto, provocando gritos e xingamentos. A passagem era estreita entre os montes de detritos. O túnel tinha sido feito para poucas pessoas passarem. A maior parte do enorme buraco perfurado na terra tinha sido deixada cheia dos restos gerados pela escavação.

Nos pontos em que a aglomeração de pessoas dificultava a passagem, alguns tentavam subir por cima das pilhas de destroços, o que só jogava

montes de terra e pedras em cima dos que estavam no meio, enchendo o túnel de impropérios. Juliette ajudou a tirar alguém de baixo da terra e pediu a todos que permanecessem no centro do caminho, sem empurrar uns aos outros — continuou pedindo mesmo enquanto alguém quase subia por suas costas.

Alguns tentaram voltar, com medo, confusos e desconfiados daquela corrida em linha reta pelo escuro. Juliette e outros gritaram para que seguissem em frente. Um pesadelo formado de esbarrões em vigas de sustentação erguidas apressadamente no centro do túnel, de rastejar de quatro por cima de pilhas altas de desabamentos parciais, de um bebê chorando alto em algum lugar. Os adultos eram melhores em abafar o choro, mas Juliette passou por dezenas aos prantos. A jornada parecia interminável, como se fossem rastejar e tropeçar por aquele túnel para sempre, até que o gás venenoso os alcançasse pelas costas.

Uma multidão se aglomerava à sua frente, pessoas empurrando as costas umas das outras, feixes de lanternas projetados sobre a parede de aço da escavadeira. O fim do túnel. A porta de acesso na traseira da máquina estava aberta. Juliette encontrou Raph parado junto à porta com uma das lanternas. Seu rosto pálido brilhava na escuridão, com olhos brancos e arregalados.

— Jules!

Ela mal conseguiu ouvi-lo entre os ecos das vozes que ricocheteavam pelo túnel escuro. Conseguiu chegar até ele e perguntou quem já tinha passado.

— Está escuro demais — respondeu o albino. — Só dá para passar um de cada vez. Que diabos está acontecendo? Por que toda essa gente? Achamos que você tinha dito…

— Depois eu explico — respondeu, torcendo para que houvesse um depois. Duvidava muito. Era mais provável ter pilhas de corpos nas duas extremidades daquele silo. Aquela seria a grande diferença entre o 17 e o 18. Corpos nas duas extremidades. — E as crianças? — perguntou.

Assim que o fez, indagou-se por que, com tantos mortos e moribundos, estava concentrada em tão poucos. Desconfiou que fosse o

instinto da mãe que ela nunca tinha sido. A necessidade básica de cuidar da cria quando havia muito mais que isso em risco.

— É, muitas crianças passaram.

Raph parou para gritar instruções para um casal que não queria entrar pela porta na traseira da escavadeira. Juliette não podia culpá-los. Eles sequer eram da Mecânica. O que aquelas pessoas deviam achar que estava acontecendo? Só seguiam gritos de pânico dos outros. Provavelmente imaginavam estar perdidos nas minas. Era uma experiência bizarra, mesmo para Juliette, que tinha escalado colinas e visto o exterior.

— E Shirly? — perguntou.

Raph apontou a lanterna lá para dentro.

— Eu a vi, com certeza. Acho que ela está na máquina de cavar. Orientando o tráfego.

Apertou o braço de Raph, olhou para trás, para a escuridão que se contorcia em formas sombrias atrás de si.

— Não fique para trás — pediu, e o albino assentiu em concordância.

Juliette se espremeu na fila e entrou pela traseira da escavadeira. Os berros ressoavam no interior como crianças gritando nas bocas de latas de sopa vazias. Shirly estava atrás da unidade de força, conduzindo a massa de pessoas que se arrastava e se empurrava na escuridão, passando por uma fresta tão estreita que todos tinham que ficar de lado. As luzes instaladas dentro da escavadeira para facilitar a limpeza do entulho estavam desligadas, e o gerador reserva estava parado, mas Juliette podia sentir o calor residual. Podia ouvir estalidos do metal esfriando. Perguntou-se se Shirly estaria operando a unidade para mover a máquina e seu gerador de volta para o Silo 18. Ela e Courtnee tinham discutido sobre a que lugar pertencia a escavadeira.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou Shirly, quando a viu.

Juliette teve vontade de começar a chorar. Como explicar o que mais temia, que aquele era o fim de tudo o que conheciam? Balançou a cabeça e mordeu o lábio.

— Estamos perdendo o silo — conseguiu dizer, por fim. — O exterior está entrando.

— Então por que mandá-los para cá?

Shirly teve de gritar por cima do clamor de vozes. Ela puxou Juliette para o outro lado do gerador, para longe dos gritos.

— O ar está descendo pela escadaria — explicou Juliette. — Não tem como detê-lo. — Vou fechar e isolar a escavação.

Shirly refletiu sobre aquilo.

— Retirar a sustentação?

— Não exatamente. Os explosivos que você quis que puséssemos…

A chefe da Mecânica ficou séria.

— Esses explosivos têm de ser detonados do outro lado. Eu os preparei para isolar *este lado*. Para selar *este silo*, para nos proteger do ar *daqui*.

— Bem, agora tudo o que *temos* é o ar daqui.

Juliette passou o rádio para Shirly, que era tudo o que tinha levado de casa. Shirly o tomou nos braços. Equilibrou o aparelho acima da lanterna, que brilhou forte contra o peito de Juliette. Na luz que refletia de volta, Juliette pôde ver a confusão no rosto da pobre amiga.

— Cuide de todo mundo — pediu. — Solo e as crianças… — Olhou para o gerador. — As fazendas aqui são recuperáveis. E o ar…

— Você não vai… — começou Shirly.

— Vou me assegurar de que todo mundo passe. Havia algumas dezenas de pessoas atrás de mim. Talvez mais uns cem.

Juliette segurou o ombro da velha amiga. E se perguntou se ainda eram amigas. Se ainda havia aquela ligação entre elas. Virou-se para ir embora.

— Não.

Shirly a agarrou pelo braço. O rádio caiu no chão, fazendo barulho. Juliette tentou se soltar.

— Não vou deixar — gritou Shirly, e virou Juliette para ficar de frente para ela. — Não vou permitir que você me deixe tomando conta disso. Não mesmo…

Ouviram gritos vindo de algum lugar. Era impossível dizer se de criança ou de adulto. Uma cacofonia de vozes confusas e aterrorizadas ecoava no confinamento daquela grande máquina de aço. E, na escuridão, Juliette não viu o golpe chegar, não viu o punho de Shirly. Apenas o sentiu no queixo. Maravilhou-se com a luz na escuridão completa, então ficou um tempo sem se lembrar de nada.

* * *

Voltou a si momentos ou minutos mais tarde, era impossível afirmar. Estava encolhida sobre o piso de aço da máquina de cavar, as vozes ao redor abafadas e distantes. Permaneceu imóvel enquanto o rosto latejava.

Menos gente. Só os que tinham conseguido, e estavam passando pelas entranhas da máquina. Tinha apagado por um ou dois minutos, ao que parecia. Talvez mais. Muito mais. Alguém chamou seu nome, à sua procura na escuridão, mas ela estava invisível, enfiada no canto mais distante do gerador, na sombra das sombras. Alguém chamou seu nome.

Então ouviu uma explosão ao longe. Foi como a batida de uma chapa de ferro de três polegadas despencando ao lado de sua cabeça. Um grande estrondo na terra, um tremor sentido através da máquina de cavar — e Juliette soube. Shirly tinha tomado seu lugar na sala de controle. Tinha acionado as cargas posicionadas para proteger seu velho lar daquele novo. Havia condenado a si mesma junto com os outros.

Juliette chorou. Alguém chamou seu nome, e ela percebeu que vinha do rádio perto de sua cabeça. Pegou o aparelho, entorpecida, com os sentidos confusos. Era Lukas.

— Luke — murmurou, apertando o botão de transmissão. Ouvi-lo significava que ele estava fora do armário de aço, a despensa cheia de alimentos hermeticamente fechada. Pensou em Solo sobrevivendo por décadas com a comida daquelas latas. Lukas também poderia. — Volte para dentro — pediu, soluçando. — Isole-se aí.

Segurou o rádio com as duas mãos e permaneceu encolhida sobre o piso.

— Não posso — respondeu Lukas. Ela ouviu tosse e o sopro de uma respiração agonizante. — Eu precisava… precisava ouvir sua voz. Uma última vez.

Juliette sentiu o acesso de tosse seguinte no próprio peito, que estava prestes a explodir.

— Não dá, Jules. Estou acabado…

— Não — gritou para si mesma, depois apertou o rádio. — Lukas, entre naquela despensa agora mesmo. Tranque-a e espere. Fique esperando…

Ela o ouviu tossir e se esforçar para conseguir falar. Quando a voz saiu, parecia um chiado.

— Não posso. Acabou. Acabou. Amo você, Jules. Amo você…

A última frase foi um sussurro, pouco mais que estática. Juliette chorou, bateu no chão e gritou com Lukas. Xingou Lukas. Xingou a si mesma. E, pela porta aberta da escavadeira, uma nuvem de poeira trouxe uma brisa fresca, e Juliette sentiu seu gosto na língua, nos lábios. Era poeira seca de rocha triturada, os restos da explosão de Shirly na outra extremidade do túnel, o sabor de tudo o que ela tinha conhecido… morto.

Parte III — Casa

36

• Silo 1 •

Charlotte se afastou do rádio, atônita. Encarou a caixa de som, ouviu o chiado da estática e reprisou a cena em sua cabeça várias vezes. Uma porta aberta, o ar tóxico penetrando no interior do silo, pessoas morrendo, uma correria — mais um silo exterminado. Aquele que seu irmão se esforçara tanto para salvar estava acabado.

A mão tremia enquanto ela mexia no seletor de frequências. Passando pelos canais, ouviu vozes de outros silos, pequenos trechos de conversas fora de contexto, prova de que a vida continuava em outros lugares.

— … é a segunda vez este mês que isso acontece. Informe a Carol…

— … se você aguentar até eu chegar, seria muito bo…

— …

— … entendido. Ela está sob custódia…

O ruído de estática entre as conversas marcava os silos consumidos pelo ar mortal. Silos habitados pelos mortos.

Charlotte ligou outra vez para o 18. Os repetidores ainda funcionavam no silo inteiro, dava para perceber pelo chiado. Ficou esperando aquela voz responder, a mulher mandando todos descerem para os níveis inferiores. Charlotte ouvira alguém dizer o nome dela. Era estranho pensar que ouvira a voz da mulher por quem o irmão ficara obcecado, a prefeita impostora, como ele a chamava, a limpadora que conseguira voltar.

Podia ter sido outra pessoa, mas Charlotte achava que não. Eram ordens de alguém que estava no comando. Imaginou uma mulher

agachada nas profundezas de um silo distante, um lugar escuro e solitário, e sentiu uma simpatia gerada pela similaridade entre a situação das duas. O que Charlotte não daria para conseguir transmitir sua voz pelo rádio, em vez de apenas escutar. O que não daria por algum modo de fazer contato.

Debruçou-se para a frente e esfregou a lateral do aparelho onde deveria conectar um microfone. Suspeitava um pouco do irmão, por ele ter deixado aquela peça por último. Era quase como se Donny não confiasse nela para não falar com outra pessoa. Quase como se ele quisesse que a irmã só escutasse. Ou talvez ele só estivesse preocupado consigo mesmo. Talvez não confiasse em si mesmo se pudesse transmitir seus pensamentos pelos ares. Não seriam apenas os chefes dos silos ouvindo — seria qualquer um com um rádio.

Charlotte levou a mão ao peito, pegando o crachá que o irmão lhe dera. Lembrou-se da bota indo para a frente e para trás, da parede e do chão salpicados de sangue. Seu irmão não tivera a menor chance, no fim das contas. Mas ela precisava fazer alguma coisa. Não podia ficar ali para sempre, sentada, ouvindo o chiado de estática, ouvindo pessoas morrerem. Donny tinha dito que aquele crachá a permitiria operar os elevadores. A necessidade de agir era forte demais.

Desligou o rádio e o cobriu com a capa de plástico. Arrumou a cadeira, para parecer que não fora movida, e analisou a sala de controle dos drones em busca de sinais de sua presença. De volta ao beliche que ocupava, abriu o baú e examinou os trajes. Escolheu o macacão vermelho usado pelas pessoas que cuidavam do reator. Ficava mais largo que os outros. Pegou o traje e examinou a etiqueta de identificação. *Stan.* Podia se passar por Stan.

Vestiu-se e foi até o depósito. Havia bastante graxa por causa do drone desmontado. Pegou um pouco na palma da mão, procurou um boné em um dos caixotes de suprimentos e foi para o banheiro. O banheiro masculino. Charlotte sempre gostara de passar maquiagem. Parecia ter sido em outra vida, com uma pessoa diferente. Lembrou-se de quando abandonou os videogames e começou a querer se embelezar,

escurecendo as bochechas para não parecerem tão gorduchas. Isso tinha sido antes que o treinamento básico a deixasse magra e musculosa por um breve período de tempo. Antes que dois períodos de serviço preguiçoso a ajudassem a recuperar o corpo de antes, a se acostumar àquele corpo, a passar a aceitá-lo — e até a amá-lo.

Usou a graxa para disfarçar as maçãs do rosto. Um pouco nas sobrancelhas, para parecerem mais cheias. Uma camada de gosto ruim nos lábios, para não parecerem tão vermelhos. Era o contrário de qualquer maquiagem que já tinha feito. Enfiou o cabelo para dentro do boné e puxou a aba para baixo, ajustou o macacão para os volumes parecerem dobras de tecido, e não seios.

Era um disfarce patético. Conseguia se ver através dele. Mas ela sabia quem era. Em um mundo no qual mulheres não eram permitidas, será que alguém desconfiaria? Não tinha certeza. Não tinha como saber. Desejou que Donny estivesse ali para responder. Imaginou o irmão rindo da cara dela, o que quase foi o suficiente para fazê-la chorar.

— Não chore, porra — ralhou com o espelho, esfregando os olhos. Estava preocupada com o efeito do choro na maquiagem. Mas as lágrimas brotaram mesmo assim. Escorreram e não estragaram nada. Gotas de água deslizando sobre a graxa.

* * *

Havia uma planta do silo em algum lugar. Charlotte procurou na pasta de anotações de Donny, perto do rádio, e não a encontrou. Tentou a sala de reuniões, onde o irmão passara grande parte do tempo examinando caixas de arquivos. O lugar estava um caos. A maior parte das anotações tinha sido levada. Alguém devia voltar para levar o resto, provavelmente na manhã seguinte. Ou podiam chegar naquele instante, e Charlotte teria de explicar o que estava fazendo:

— Fui mandado aqui para buscar… uh… — A tentativa de engrossar a voz soou ridícula. Revirou as pastas abertas e folhas soltas e tentou de

novo, dessa vez com a voz normal, só um pouco mais grave. — Me disseram para levar isso para a reciclagem — explicou, para o nada. — Ah? E em que nível é a reciclagem? — perguntou a si mesma. — Não faço a menor ideia. É por isso que estou procurando um mapa.

E encontrou um. Mas não o certo. Um conjunto de círculos com linhas vermelhas ao redor de um único ponto. Só sabia que era um mapa porque reconheceu o padrão, com as coordenadas de letras pela lateral e números no topo. A Força Aérea usava mapas como aquele para identificar seus alvos. Charlotte comeria um pãozinho com café no refeitório, depois um homem morreria junto com a família em um turbilhão de chamas no D-4. Pausa para o almoço. Presunto e queijo no pão de centeio.

Charlotte reconheceu os círculos dispostos no mapa. Eram os silos. Guiara três drones acima das depressões em colinas iguais àquela. As linhas vermelhas pareciam estranhas. Traçou uma com o dedo. Lembravam rotas de voo. Estendiam-se a partir de todos os silos, menos do círculo central, onde imaginou que fosse o Silo em que estava. Donald lhe mostrara aquele mapa uma vez, na mesa grande, a que estava soterrada de folhas soltas. Ela dobrou o mapa e o enfiou no bolso do peito, então continuou a procurar.

O mapa do Silo 1, que vira antes, parecia perdido, mas achou a segunda melhor opção: um guia de pessoal. Listava os nomes por nível de autoridade, função no turno, profissão, nível de residência e nível de trabalho. Parecia a lista telefônica de uma cidade pequena, um lembrete de quantas pessoas se revezavam em turnos para operar o silo. Pessoas não: *homens*. Ao examinar os nomes, Charlotte viu que eram todos masculinos. Pensou em Sasha, a única outra mulher no acampamento de treinamento. Era estranho pensar que Sasha estava morta, que todos os homens do regimento e os da escola de pilotagem estavam mortos.

Encontrou o nome de um mecânico de reator e seu nível de trabalho, procurou uma caneta e anotou o número do andar. Descobriu que a Administração ficava no nível trinta e quatro. Um oficial de comunicação trabalhava no mesmo nível, o que era péssimo. Odiava

pensar na sala de comunicação bem no fim do corredor, onde ficavam as pessoas que controlavam aquele lugar. Um oficial de segurança trabalhava no doze. Se Donny estivesse preso, era provável que fosse ali. A menos que o tivessem posto para dormir mais uma vez. A menos que estivesse no que chamassem de hospital, naquele lugar. A Criogenia ficava bem nas profundezas, pensou. Lembrou-se de subir pelo elevador depois de ter sido despertada. Localizou uma pessoa que trabalhava no escritório principal da criogenia, o que lhe revelou o nível do local. Mas não devia ser ali que os corpos eram mantidos. Ou seria?

Suas anotações viraram um monte de rabiscos, um rascunho grosseiro dos lugares acima e abaixo dela. Mas por onde começar a busca? Não conseguia encontrar menção às salas de suprimentos e peças de reposição que o irmão vinha saqueando, provavelmente porque ninguém de fato trabalhava nesses níveis. Pegou uma nova folha de papel, desenhou um cilindro e fez o melhor esquema que pôde, preenchendo os níveis que conhecia pela rotina de Donny e os que descobrira a partir do guia. Começou com o refeitório, no topo, e foi descendo até o escritório da criogenia — o mais fundo que suas anotações a levaram. Os níveis vazios eram o melhor lugar para procurar. Alguns deviam ser depósitos e armazéns. Mas o elevador também podia muito bem se abrir para um salão cheio de homens jogando cartas, ou o que quer que fizessem para matar o tempo enquanto matavam o mundo. Não podia arriscar. Precisava de um plano.

Estudou o mapa e considerou suas opções. Havia um lugar que com certeza abrigaria um microfone: a sala de comunicação. Conferiu o relógio na parede. 18h25. Hora do jantar e do fim do turno diário, com muita gente circulando. Tocou o lugar onde passara a graxa para afinar as maçãs do rosto. Não estava pensando direito, era melhor não ir a lugar nenhum antes das onze. Ou seria melhor se perder em meio à multidão? O que havia lá fora? Ficou andando e pensando.

— Não sei, não sei — disse, testando a nova voz. Parecia que estava resfriada. Era o melhor que conseguia para a voz parecer masculina: fingir que estava resfriada.

Voltou para o depósito e analisou as portas do elevador. Podiam se abrir naquele instante, trazendo alguém, e a decisão estaria tomada por ela. Precisava esperar até mais tarde. Voltou aos drones, retirou a cobertura do aparelho em que estava trabalhando e analisou os painéis soltos e as ferramentas espalhadas. Olhou de volta para a sala de reuniões. Viu Donny encolhido ali no chão, abraçado às canelas para se defender dos chutes, com dois homens segurando-o contra o chão e um velho que mal se aguentava de pé desferindo golpes cruéis.

Charlotte pegou uma chave de fenda e a enfiou em um dos bolsos do macacão. Sem saber o que fazer, foi matar o tempo trabalhando no drone. Sairia mais tarde, naquela mesma noite, quando houvesse menos gente acordada e menos chance de ser vista. Mas primeiro deixaria a próxima máquina pronta para voar. Donny não estava ali, seu trabalho ficara inacabado, mas ela podia seguir em frente. Podia botar as coisas de volta no lugar, um parafuso e uma porca por vez. E, naquela noite, sairia e encontraria a peça de que precisava. Resgataria sua voz e tentaria fazer contato com as pessoas daquele silo atacado — isso se alguma delas ainda estivesse viva.

37

• *Silo 1* •

O elevador chegou à meia-noite. Bem, meia-noite e cinco. Foi quando Charlotte finalmente conseguiu reunir coragem suficiente para se arriscar, e o som agudo que anunciava a chegada do elevador ecoou pelo depósito.

As portas se abriram com um ruído, e ela entrou em memórias de um tempo e um lugar perdidos, de um mundo normal no qual elevadores levavam e traziam pessoas do trabalho. Segurando o crachá que Donny lhe dera, sentiu outra pontada de dúvida. As portas começaram a se fechar. Charlotte enfiou a bota entre elas e deixou que batessem contra seu pé, abrindo o elevador outra vez. Esperou que algum alarme soasse quando as portas tentaram se fechar pela segunda vez. Talvez devesse sair daquela maldita coisa e mudar de ideia, deixar que o elevador seguisse seu caminho. Pegaria outro em uma ou duas horas. As portas apertaram suas botas e então recuaram, como um monstro avaliando se devia ou não devorá-la. Charlotte decidiu que já tinha esperado o bastante.

Encostou o crachá no leitor, que piscou seu olho verde, então apertou o botão para o nível trinta e quatro. Administração e Comunicação. O covil do leão. As portas pareceram suspirar de alívio, agradecidas, quando se fecharam. Os andares começaram a passar depressa.

Charlotte passou a mão na nuca e sentiu alguns fios de cabelo soltos. Enfiou-os no boné. A Administração era um risco. Chamaria atenção naquele macacão vermelho, próprio para quem trabalhava no nível do

reator, mas seria ainda mais estranho aparecer em um lugar ao qual parecia pertencer sem saber para onde ir ou o que fazer. Apalpou os bolsos para confirmar que as ferramentas estava lá e se assegurou de que elas estavam visíveis. Eram seu disfarce. Escondida dentro de um bolso grande no quadril havia uma pistola tirada de uma das caixas de armazenamento, formando um volume notável. O coração de Charlotte acelerava à medida que os níveis se passavam. Tentou imaginar o mundo exterior descrito por Donald, a desolação seca e sem vida. Imaginou o elevador indo até o topo e se abrindo sobre aquelas colinas estéreis, o vento uivando no interior da máquina. Talvez fosse um alívio se isso acontecesse.

Nenhum passageiro se juntou a ela na subida. Foi uma boa decisão ir àquela hora da noite. Nível trinta e seis, trinta e cinco... o elevador parou. As portas se abriram para um corredor iluminado por luzes fortes e ofuscantes. Duvidou imediatamente de seu disfarce. De um portão a cerca de dez passos de distância, um sujeito ergueu os olhos. Não havia nada familiar naquele mundo, nada que lembrava a casa onde passara as semanas anteriores. Puxou a aba do boné para baixo, sabendo que não combinava com o macacão. O importante era a confiança — que ela não tinha. Seja ousada. Direta. Disse a si mesma que os dias ali eram repletos de mesmice. Todos viam apenas o que esperavam ver. Aproximou-se do homem e de seu portão e estendeu o crachá.

— Estão esperando você? — perguntou o sujeito.

Ele apontou para o escâner do lado dela do portão. Charlotte passou o cartão, sem saber o que aconteceria, preparada para sair correndo, sacar a pistola, se render, ou fazer uma mistura confusa dessas três opções.

— Tivemos leitura de uma... perda de força neste nível. — A voz falsamente doente soou ridícula a seus próprios ouvidos. Mas, afinal, conhecia a própria voz melhor que qualquer um, e disse a si mesma que era por isso que parecia tão falso. Talvez soasse normal para outra pessoa. Também esperava que uma perda de energia fizesse tão pouco sentido para aquele homem quanto para ela. — Fui enviado para verificar a sala de comunicação. Sabe onde fica?

Uma pergunta. Afague o ego do macho pedindo orientação. Charlotte sentiu um fio de suor escorrer pela nuca e se perguntou se havia mais fios de cabelo soltos. Lutou contra a vontade de conferir. Erguer o braço talvez comprimisse o macacão contra seus seios. Avaliou o grandalhão e o visualizou agarrando-a e jogando-a no chão, socando-a com aquelas mãos enormes.

— A sala de comunicação? Claro. Sim. Siga o corredor até o fim e vire à esquerda. É a segunda porta à direita.

— Obrigado.

Levou a mão ao boné em cumprimento, o que lhe permitiu manter a cabeça baixa. Empurrou as barras da catraca e ouviu o estalido de algum contador invisível.

— Não esqueceu de nada? — Ela se virou. A mão foi para junto do bolso da perna. — Preciso que você assine o registro de trabalho.

O guarda estendeu um velho tablet digital. A tela estava coberta por um emaranhado de arranhões e riscos.

— Claro.

Charlotte pegou a caneta stylus de plástico, pendurada por um fio remendado com fita. Analisou a caixa de entrada no centro da tela. Tinha um lugar para anotar a hora e outro para assinar seu nome. Preencheu a hora e olhou para o peito — já esquecera. Stan. Seu nome era Stan. Fez um rabisco tosco, tentando fazer com que parecesse natural, e devolveu o tablet e a caneta.

— Vejo você na saída — disse o guarda.

Charlotte assentiu e torceu para que sua saída fosse igualmente tranquila.

Seguiu as orientações do sujeito, passando pelo corredor principal. Havia mais atividade, mais sons do que esperava àquela hora da noite. Viu luzes em alguns dos escritórios, ouviu o ranger de cadeiras, arquivos sendo abertos e pessoas digitando em teclados. Uma porta se abriu no fim do corredor. Um homem saiu e fechou-a atrás de si. Charlotte viu seu rosto e sentiu as pernas ficarem dormentes. Cambaleou por alguns

passos, vacilante, sem conseguir sentir a firmeza de seus ossos e músculos. Zonza. Quase caiu.

Baixou a cabeça e coçou a nuca, sem acreditar. Era Thurman. Mais magro e parecendo mais velho. Lembrou-se de Donny encolhido como uma bola e sendo espancado quase até a morte. O corredor ficou borrado por trás de uma camada de lágrimas. O cabelo branco, o corpo comprido. Como não o reconhecera antes?

— Você está bem longe de casa, não está? — perguntou Thurman.

A voz dele soava áspera. Era um tom familiar. Tão familiar quanto seria a voz de seu pai ou de sua mãe.

— Verificando uma perda de energia — retrucou Charlotte, sem parar nem se virar, torcendo para que a observação fosse por causa da cor do macacão, não de seu gênero.

Ele com certeza repararia que era a voz dela. Com certeza reconheceria seus trejeitos, sua silhueta, a faixa nua de pele em sua nuca, aqueles poucos centímetros quadrados de carne exposta, qualquer coisa que a revelasse.

— Então resolva isso — retrucou ele.

Charlotte avançou dez passos. Vinte. Suava. Sentia-se tonta. Esperou até chegar ao fim do corredor, quando estava começando a fazer a curva, para olhar para trás na direção da segurança. Thurman estava lá, meio longe, conversando com o guarda, seu cabelo branco reluzindo como o sol. Segunda porta à direita, lembrou a si mesma. Estava quase esquecendo a orientação do guarda, tamanha a força com que seu coração batia, tamanha a velocidade com que sua mente trabalhava. Respirou fundo e se lembrou de por que estava ali. Ver Thurman e se dar conta de que fora ele quem espancara Donny a deixara surpresa. Mas não havia tempo para processar aquilo. Chegou a uma porta. Virou a maçaneta e entrou.

* * *

Um único homem estava sentado no interior da sala de comunicação, encarando vários monitores e indicadores que piscavam. Ele girou a cadeira quando Charlotte entrou. Segurava uma caneca em uma das mãos, e uma barriga enorme ocupava o espaço entre os braços da cadeira. Finas mechas de cabelo tinham sido penteadas por cima do cocuruto liso, tentando esconder uma careca. Ele tirou um dos fones do ouvido e ergueu a sobrancelha, à guisa de pergunta.

Devia ter uns cinco aparelhos de rádio espalhados pelas baias dispostas em semicírculo, todas equipadas com cadeiras confortáveis. A riqueza era constrangedora. Charlotte só precisava de um pouquinho daquilo.

— O que foi? — perguntou o operador de rádio

Charlotte sentiu a boca seca. Usara uma mentira para passar pelo guarda, e tinha outra preparada. Afastou da mente a visão de Thurman no corredor, as imagens dele chutando Donny.

— Vim consertar uma das unidades.

Pegou uma chave de fenda no bolso e por um segundo achou que teria que lutar contra aquele homem — seu corpo foi tomado pela adrenalina. Tinha de parar de pensar como um soldado. Era um eletricista. Tinha de fazer com que o sujeito continuasse a falar, para que não precisasse abrir a boca.

— Qual é o que está com problema no microfone? — indagou, apontando para as unidades com a chave de fenda.

Anos pilotando drones e trabalhando com computadores haviam ensinado uma coisa: sempre tinha uma máquina com problema. O operador estreitou os olhos. Ele a encarou por um momento, depois se voltou para o restante da sala.

— Você deve estar falando do número dois — respondeu. — É, o botão está prendendo. Eu já tinha desistido de convencer alguém a vir dar uma olhada. — A cadeira rangeu quando ele se recostou e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. Havia duas manchas escuras em suas axilas. — O último cara disse que era bobagem. Não valia a pena trocar. Disse que era para usar até quebrar.

Charlotte assentiu e foi até a máquina que o sujeito indicara. Tinha sido fácil demais. Atacou o painel lateral com a chave de fenda, de costas para o operador.

— Você trabalha lá embaixo, nos níveis dos reatores, certo?

Ela assentiu.

— É. Esses dias sentei em uma mesa na sua frente, no refeitório.

Charlotte esperou que ele perguntasse seu nome outra vez ou retomasse alguma conversa que tivera com outro técnico. A chave escorregou de sua mão suada, fazendo barulho ao cair na bancada. Pegou-a de volta depressa. Sentia o operador observando seu trabalho.

— Você acha que vai conseguir consertar?

Ela deu de ombros.

— Vou precisar levá-lo. Devo trazer de volta amanhã.

Tirou o painel lateral e soltou o parafuso que prendia o cabo do microfone ao gabinete. O cabo se desconectou sozinho de uma placa no interior da máquina. Pensou bem, soltou a placa e a pegou. Não lembrava se já tinha uma instalada, e fazia com que parecesse que de fato sabia o que estava fazendo.

— Já vai estar pronto amanhã? Que ótimo. Agradeço muito.

Charlotte reuniu as peças e se endireitou. Tocar a aba do boné foi despedida o suficiente. Virou-se e saiu pela porta, pensando que talvez tivesse saído depressa demais. Deixara o painel lateral e os parafusos em cima da bancada. Um técnico de verdade teria colocado tudo de volta no lugar, não teria? Não tinha certeza. Em sua vida passada, conhecera alguns pilotos que teriam rido ao vê-la fingindo ter inclinações técnicas, modificando drones e construindo rádios, passando graxa no rosto em vez de maquiagem.

O operador disse uma última coisa, mas suas palavras foram cortadas quando ela fechou a porta. Andou depressa na direção do corredor principal, esperando encontrar Thurman com um punhado de guardas depois da curva, os ombros largos bloqueando seu caminho. Enfiou a chave de fenda no bolso e enrolou o fio do microfone, depois o guardou com a placa junto ao peito. Quando fez a curva, viu apenas o guarda.

Levou o que pareceram horas para percorrer o corredor até o portão de segurança. Dias. As paredes pareciam pressioná-la no ritmo da própria pulsação. O macacão se colava à pele úmida. As ferramentas chacoalhavam, a pistola pesava. De algum modo, era como se a cada passo as portas do elevador se afastassem o dobro da distância que percorria.

Parou diante do portão, lembrou-se do lugar na lousa onde marcar o horário de saída e até fez uma cena indicando que conferia o relógio do guarda antes de anotar a hora.

— Isso foi rápido — comentou o guarda.

Charlotte deu um sorriso forçado, mas não ergueu os olhos.

— Não era nada demais.

Devolveu o tablet e passou pelos portões barulhentos. Atrás dela, no fim do corredor, alguém fechou a porta de um escritório. Botas rangeram sobre o piso. Charlotte foi até os elevadores e apertou o botão de chamada uma, duas vezes, torcendo para que a maldita coisa chegasse logo. O elevador anunciou sua chegada com um barulho agudo. Atrás dela, pés com botas pareciam correr.

— Ei! — gritou alguém.

Charlotte não se virou. Entrou depressa no elevador, enquanto outra pessoa passava pelo portão de segurança.

— Segure o elevador!

38

• *Silo 1* •

Alguém se jogou contra as portas do elevador, enfiando a mão entre elas. Charlotte quase gritou de susto, quase bateu naquela mão para que se afastasse. Então as portas se abriram, e um sujeito ofegante entrou no elevador.

— Descendo, não é?

A etiqueta de identificação do macacão cinza indicava que seu nome era *Eren*. O sujeito foi recuperando o fôlego enquanto as portas se fechavam. As mãos de Charlotte tremiam. Precisou de duas tentativas para escanear o crachá. Quase pressionou o botão do cinquenta e quatro, mas se conteve. Não tinha o que fazer naquele nível. Ninguém tinha. O homem a observava, o próprio crachá em mãos, esperando que ela se decidisse.

Qual era o nível do reator? Escrevera a informação em um pedaço de papel que guardara em um de seus bolsos, mas não podia simplesmente pegá-lo para ler. Então começou a sentir o cheiro da graxa em seu rosto, sentiu que estava molhada de suor. Aninhando as peças do rádio em um braço, apertou o botão para um dos níveis mais baixos, confiando que o homem desceria antes e que ela ficaria com o elevador só para si.

— Com licença — pediu o sujeito, entrando na frente dela para passar seu crachá. Charlotte sentiu o cheiro de café requentado em seu hálito. Ele apertou o botão do nível quarenta e dois. O elevador tremeu e entrou em movimento.

— Trabalhando a essa hora? — perguntou Eren.

— É — respondeu Charlotte, mantendo a cabeça baixa e a voz grave.

— Acabou de acordar?

Ela assentiu.

— Turno da noite.

— Não, perguntei se acabou de sair do congelamento. Acho que nunca vi você por aí. Eu sou o chefe de turno atual. — Ele deu risada. — Pelo menos até o fim da semana que vem.

Charlotte deu de ombros. Estava um forno lá dentro. Os números viravam bem devagar. Devia ter apertado um andar próximo, descido e esperado o elevador seguinte. Mas era tarde demais para isso.

— Ei, olhe para mim — pediu o homem.

Ele sabia. Estava perto demais. Perto demais para não ficar desconfiado e poder examiná-la com atenção. Charlotte ergueu os olhos. Podia sentir os seios comprimidos contra o macacão, o cabelo saindo do boné, as maçãs do rosto e o queixo imberbe — tudo que fazia dela uma mulher. Sem falar na repulsa por aquele homem estranho encarando-a, aquele homem que a aprisionara em um elevador minúsculo. Encarou-o nos olhos dele, sentindo isso e muito mais. Sentia-se impotente e com medo.

— Mas que porra é essa? — indagou o homem.

Charlotte deu uma joelhada entre as pernas dele, torcendo para que o golpe o deixasse imóvel, mas o sujeito virou de lado e saltou para trás. Ela o acertou na coxa. Tentou pegar a pistola, mas o bolso estava fechado. Não achava que precisaria sacá-la com tanta pressa. O sujeito a atacou enquanto ela abria o bolso e retirava a arma, deixando-a sem ar, fazendo a pistola escapar de suas mãos. A arma e as peças de rádio se estatelaram no chão. Dava para ouvir as botas rangendo contra o piso liso enquanto os dois lutavam, mas ele não teve dificuldade em dominá-la. O sujeito segurou seu pulso com força, dolorosamente. Charlotte gritou. A voz aguda foi uma confissão. O elevador parou no nível que o sujeito apertara, e as portas se abriram com um som agudo.

— Ei! — gritou Eren.

Ele tentou arrastar Charlotte porta afora, mas ela apoiou uma bota no painel e começou a chutá-lo, tentando se soltar.

— Preciso de ajuda! — gritou o homem, olhando para trás, para o corredor vazio e mal iluminado. — Socorro, alguém me ajude!

Charlotte mordeu a mão dele na base do polegar. Sentiu algo suave se romper quando os dentes perfuraram a carne, seguido pelo gosto amargo de sangue. Erin soltou um palavrão e largou o pulso dela. Charlotte o chutou de novo para fora, deixando o boné cair, sentindo o cabelo se espalhar sobre o pescoço enquanto pegava a pistola.

As portas começaram a se fechar, deixando o homem caído no corredor. Ele saltou para a frente, ainda se levantando, e conseguiu passar pelas portas antes que se fechassem por completo. O homem atingiu Charlotte em cheio, e ela bateu contra a parede do fundo do elevador que seguia tranquilo em sua viagem silo abaixo.

Um golpe a atingiu no queixo. Um clarão passou pelos olhos dela, que jogou a cabeça para trás a tempo de impedir que o soco seguinte a atingisse. O homem a pressionou contra a parede do elevador. Grunhia como um bicho alucinado, um som de fúria, terror e espanto. Queria matá-la, acabar com aquela coisa que não conseguia entender. Fora atacado, e estava tentando matá-la. Charlotte recebeu um soco nas costelas, deu um grito e levou a mão ao tórax. Sentiu as mãos do homem se fechando ao redor de seu pescoço, apertando, erguendo-a do chão. Então conseguiu alcançar uma chave de fenda em seu macacão.

— Fique… quieta — grunhiu o homem, entre dentes.

Charlotte estava sufocando. Não conseguia respirar. Mal podia emitir qualquer som. Sua traqueia estava sendo esmagada. Segurou a chave de fenda com o punho direito, erguendo-o acima do ombro dele, e desferiu o golpe no rosto, torcendo para que conseguisse feri-lo, assustá-lo, que o fizesse soltá-la. Atacou com toda a força que tinha, com o resto de consciência que ainda reunia enquanto os cantos de sua visão escureciam, formando um túnel.

O homem notou o ataque iminente e, por reflexo, virou a cabeça de lado — a expressão nos olhos tão intensa quanto o desejo de evitar o

golpe. Charlotte errou o rosto, mas atingiu o pescoço. Ele a soltou, o interior da garganta sendo rasgado pela chave de fenda, na qual Charlotte se apoiava para não cair.

Sentiu uma onda quente no rosto. O elevador parou de repente, e os dois caíram no chão. Ouviu um som gorgolejante — o calor em seu rosto era o sangue do homem, uma torrente carmesim. Os dois respiravam com dificuldade. Ouviu risos vindo do corredor, vozes ressoando. Viu um piso reluzente que lembrou a ala médica na qual havia despertado.

Charlotte se levantou, cambaleante. O homem de cinza que a atacara estava no chão, esperneando e se debatendo, sua vida escorrendo pelo pescoço. Seus olhos estavam arregalados, suplicantes, clamando pela ajuda dela — de qualquer um. Tentava falar, chamar as pessoas no corredor, mas o som que saía era pouco mais que um engasgo. Charlotte se abaixou e o segurou pela gola do macacão. As portas estavam se fechando. Enfiou a bota entre elas, que se abriram outra vez. Puxou o homem, deslizando-o por seu próprio sangue. Ele se debatia, golpeando o chão do elevador com os calcanhares. Charlotte o arrastou até o corredor e se assegurou de que as botas dele não estavam obstruindo as portas do elevador, que começaram a se fechar de novo, ameaçando deixá-la ali com ele. Ouviu mais risadas vindo de uma sala próxima, um grupo de homens comentando alguma piada. Ela mergulhou na direção das portas que se fechavam e enfiou o braço entre elas, fazendo-as se abrirem. Conseguiu entrar, sentindo-se exausta e entorpecida.

Havia sangue por toda parte. As botas escorregavam nele. Ao ver o horror espalhado no chão, reparou que alguma coisa estava faltando. A pistola. Sentiu um aperto de pânico no peito ao erguer os olhos e ver as portas se fechando pela última vez. Ouviu o estrondo ensurdecedor da arma, viu o ódio e o medo nos olhos do homem moribundo. Então foi jogada para trás, sentindo um ardor irromper em seu ombro.

* * *

— Porra.

Charlotte cambaleou pelo elevador. Seu primeiro pensamento foi botá-lo em movimento, fugir. Sentia o homem do outro lado da porta, podia visualizá-lo pressionando o ferimento no pescoço com uma das mãos e segurando a pistola com a outra, imaginava ele tateando em busca do botão que chamava o elevador, deixando uma trilha de sangue na parede. Charlotte apertou vários botões, marcando-os de sangue, mas nenhum dos andares acendeu. Soltando um palavrão, ela procurou pelo crachá. Um dos braços não estava funcionando. Usou o braço bom para apalpar, meio sem jeito, a lateral oposta do corpo, sacou o crachá — quase o deixou cair — e o passou pelo escâner.

— Porra. Porra — murmurou, sentindo o ombro em chamas.

Apertou o botão do cinquenta e quatro. Sua casa. Sua prisão se transformara em lar, um lugar seguro. As peças do rádio estavam aos seus pés. A placa de controle rachada ao meio pela bota de um dos dois. Charlotte se agachou, mantendo o braço ruim dobrado contra o corpo, lutando contra a vontade de entregar os pontos, e pegou o microfone. Prendeu o fio ao redor do pescoço e deixou as outras peças de lado. Havia sangue por toda parte. Um pouco devia vir dela. O mesmo tom do macacão vermelho. Combinava bem com o que estava vestindo. O elevador foi desacelerando até parar, abrindo-se para o grande depósito do cinquenta e quatro.

Charlotte saiu aos tropeços, lembrou-se de um detalhe e entrou de volta no elevador. Quando as portas começaram a se fechar, chutou-as, com raiva. Tentou limpar os botões com o ombro. No botão do nível cinquenta e quatro havia a marca de uma impressão digital carimbada com sangue, um sinal apontando para onde tinha ido. Não adiantou. As portas ameaçaram se fechar outra vez, e ela as chutou de novo. Desesperada, Charlotte se abaixou, passou a mão pelo sangue derramado do homem e cobriu todos os botões do painel com uma grossa camada daquela substância vermelha. Por fim, escaneou o crachá e apertou o botão para subir, mandando a maldita coisa para longe, o mais longe possível. Cambaleou para fora e desabou no chão. As portas

começaram a se fechar uma última vez, e Charlotte ficou satisfeita em permitir que o fizessem.

39

• *Silo 1* •

Alguém viria procurar por ela. Era uma fugitiva trancada em uma jaula, presa em um prédio gigante. Iriam caçá-la.

A mente de Charlotte estava a toda. Se o homem que atacou morresse no corredor, talvez tivesse até o final do turno antes de o crime ser descoberto e começarem a procurar por ela. Se ele conseguisse ajuda, talvez tivesse apenas algumas horas. Mas alguém devia ter ouvido a arma, não é mesmo? Alguém salvaria a vida dele. Torcia para que isso acontecesse.

Abriu uma caixa onde tinha visto um kit de primeiros socorros. Caixa errada. Era a do lado. Pegou o kit e tirou o macacão, arrebentando os botões. Sacudiu os braços para tirá-los do traje e pode ver a ferida horrorosa. Sangue vermelho-escuro brotava do buraco em seu ombro, escorrendo pelo cotovelo. Passou a mão por trás do braço e fez uma careta de dor quando os dedos encontraram o lugar por onde a bala saíra. Sentia o braço dormente da ferida para baixo. Dali para cima, latejava.

Rasgou a embalagem de um rolo de gaze e o envolveu sob a axila, dando várias voltas no ombro. Passou a gaze por trás do pescoço e por volta do outro ombro para manter tudo no lugar. Deu mais algumas voltas ao redor do ferimento. Esquecera-se de fazer uma compressa, mas não estava com vontade de repetir o processo. Em vez disso, apertou a última volta o máximo que conseguia tolerar e amarrou as pontas. O curativo estava péssimo. Tudo que aprendera no treinamento básico

tinha sido deixado de lado durante e depois da luta. Restara apenas impulso e reflexo. Charlotte fechou a tampa do kit de primeiros socorros, notou o borrão de sangue no fecho e percebeu que teria de se concentrar um pouco mais para sobreviver àquilo. Abriu a caixa outra vez, pegou outro rolo de gaze, limpou a sujeira e verificou o chão na saída dos elevadores.

Estava uma zona. Achou melhor pegar um pequeno frasco de álcool. Lembrou-se de ter visto um galão de detergente industrial, então foi buscá-lo e aproveitou para arrumar um pouco mais de gaze, esfregou e limpou tudo. Levou tempo. Não conseguia se mexer muito depressa.

O bolo de tecido sujo e manchado voltou para a caixa junto com o kit de primeiros socorros. Fechou a tampa com um chute. Satisfeita com o estado do chão, correu até o alojamento. O beliche em que sempre dormia era um sinal claro de que alguém vivia ali. Os outros colchões não estavam forrados. Antes de resolver isso, tirou a roupa, pegou outro macacão e foi até o banheiro. Depois de lavar as mãos e o rosto e apagar o filete de sangue seco que ia do pescoço até abaixo da clavícula, escorrendo por entre os seios, limpou a pia e trocou de roupa. Guardou o macacão vermelho no baú ao pé do beliche. Se procurassem ali, estava ferrada.

Tirou as cobertas do colchão, pegou o travesseiro e olhou para se certificar de que tudo o mais estava em ordem. De volta ao depósito, abriu a porta do hangar e jogou suas coisas no elevador de lançamento. Voltou para as estantes, onde recolheu rações e água. Pegou mais um kit de primeiros socorros. Encontrou o microfone dentro da caixa onde estava o kit — devia ter deixado cair ali, mais cedo, quando pegou a gaze. Juntou tudo isso a mais duas lanternas e um conjunto sobressalente de pilhas e reuniu aos pertences dentro do elevador. Era o último lugar onde alguém procuraria por ela. A porta era praticamente invisível, a menos que a pessoa soubesse pelo que procurar — além de só abrir até a altura dos joelhos, era da mesma cor da parede.

Pensou em entrar logo em seu esconderijo, que só precisaria resistir à primeira revista minuciosa daquele nível. Seus perseguidores se

concentrariam nas unidades de armazenamento e nas pilhas de engradados, então pensariam que o lugar estava vazio e seguiriam para os muitos outros buracos onde ela podia estar escondida. Mas, antes que se recolhesse para a longa espera, pensou no microfone que se esforçara tanto para obter. No rádio. Disse a si mesma que ainda tinha algumas horas. Aquele não seria o primeiro lugar onde procurariam por ela. Com certeza ainda tinha algumas horas.

Zonza pela falta de sono e pela perda de sangue, Charlotte seguiu para a sala de controle e puxou a cobertura plástica que escondia o rádio. Apalpou o peito até lembrar que tinha mudado de macacão. Além disso, deixara a chave de fenda cair. Procurou outra sobre a bancada. Não demorou a encontrar, e pôde remover o painel lateral do equipamento. A placa que não tinha muita certeza se precisaria já estava instalada. Bastava conectar o microfone. Não se deu ao trabalho de prendê-lo ao painel lateral nem de fechar o rádio.

Conferiu a posição das placas de controle. Parecia o interior de um computador, com todas as peças encaixadas, mas ela não era eletricista. Não tinha ideia se faltava mais alguma coisa, se precisaria de mais. E não tinha a menor possibilidade de sair em busca de peças. Ligou o aparelho e selecionou o canal marcado com o número “18”.

E esperou.

Ajustou o volume até o ruído de estática nos alto-falantes ser alto suficiente para se assegurar de que o aparelho estava ligado. Não havia conversas no canal. Acionou o microfone, o que pôs fim à estática — um bom sinal. Apesar de estar exausta, dolorida e temer pela própria vida e pela do irmão, Charlotte conseguiu sorrir. O estalido do microfone nos alto-falantes era uma pequena vitória.

— Tem alguém na escuta? — perguntou. Apoiou um cotovelo na mesa. O outro braço pendia, inútil, ao seu lado. Tentou de novo. — Tem alguém na escuta? Por favor, responda.

Estática. O que não provava nada. Charlotte conseguia imaginar os rádios a quilômetros de distância em algum lugar do Silo, com todos os operadores caídos ao redor, mortos. Seu irmão contara sobre quando

tinha desligado um silo com um simples apertar de botão. Tinha ido conversar com ela com os olhos úmidos, no meio da noite, e contara tudo. Agora aquele outro silo fora desligado. Ou talvez seu rádio não estivesse transmitindo.

Não estava pensando com clareza. Precisava analisar a situação antes de chegar a alguma conclusão. Mexeu no seletor. Na mesma hora, pensou no outro silo que ela e o irmão tinham escutado em segredo, o silo vizinho, com alguns poucos sobreviventes que gostavam de conversar e brincar de esconderijo com os rádios. Se não lhe falhava a memória, já tinha visto a prefeita do Silo 18 transmitir nessa outra frequência — sabe-se lá como. Charlotte acessou o canal "17" para testar o microfone, ver se alguém responderia, esquecendo-se que já era tarde da noite. Usou, por força do hábito, o velho sinal de chamada da Força Aérea.

— Alô. Alô. Aqui é Charlie Dois-Quatro. Alguém na escuta?

Ouviu apenas estática, e estava prestes a mudar de canal quando veio uma voz, trêmula e distante.

— Sim. Alô. Consegue ouvir?

Charlotte apertou o microfone outra vez. A dor no ombro desapareceu momentaneamente. Aquela conexão com um estranho foi como uma injeção de adrenalina.

— Estou na escuta. Sim. Está me entendendo bem?

— Que diabo está acontecendo aí? Não conseguimos chegar até vocês. O túnel está cheio de entulho. Ninguém responde. Estamos presos aqui.

Charlotte tentou entender o que estava acontecendo. Conferiu outra vez a frequência da transmissão.

— Calma — pediu. Respirou fundo, seguindo o próprio conselho. — Onde você está? O que está acontecendo?

— É Shirly na linha? Estamos presos aqui nesse… outro lugar. Está tudo enferrujado. As pessoas estão começando a entrar em pânico. Você precisa nos tirar daqui.

Charlotte não sabia se respondia ou se desligava o aparelho e tentava outra vez mais tarde. Parecia que tinha entrado no meio de uma conversa, confundindo uma das partes. Outra voz falou, reforçando sua teoria.

— Essa não é Shirly — anunciou uma voz de mulher. — Shirly está morta.

Charlotte ajustou o volume. Ouviu com atenção. Por um instante, esqueceu-se do homem morrendo no corredor abaixo, do homem que apunhalara, do ferimento em seu ombro. Esqueceu-se das pessoas que deviam estar atrás dela, à sua caça. Em vez disso, ficou muito interessada naquela conversa no canal 17. Aquela voz era vagamente familiar.

— Quem está falando? — perguntou a primeira voz, de homem.

Houve uma pausa. Charlotte não sabia para quem era a pergunta, de quem o sujeito esperava uma resposta. Levou o microfone aos lábios, mas a outra pessoa foi mais rápida.

— Aqui é Juliette.

A voz soava exausta e ofegante

— Jules? Onde você está? Como assim, a Shirly está morta?

Outro estrondo de estática. Outra pausa assustadora.

— Shirly está morta, como todos os outros — respondeu Juliette. — E nós também.

Mais estática.

— É tudo minha culpa.

40

• *Silo 17* •

Juliette abriu os olhos e viu o pai. Um feixe de luz branca passou de um de seus olhos para o outro. Vários rostos se assomavam atrás dele, encarando-a. Macacões azul-claros, brancos e amarelos. O que a princípio parecia um sonho, aos poucos se concretizou em algo real. E o que suas sensações traduziam como um mero pesadelo logo se transformou em uma lembrança cruel: seu silo fora desligado. As portas tinham sido abertas. Todo mundo estava morto. A última coisa de que se lembrava era apertar o botão de um rádio, ouvir vozes e declarar que todos estavam mortos. E que era tudo culpa sua.

Afastou a fonte de luz do rosto e tentou se virar de lado. Estava deitada sobre placas de aço úmidas com uma camiseta dobrada debaixo da cabeça, não em uma cama. Sentia ânsia de vômito, mas nada saía. Seu estômago estava vazio e dolorido, ainda se contraindo. Fez uma tentativa ruidosa de vomitar, mas só cuspiu no chão. O pai insistiu para que ela respirasse. Raph estava ali, perguntando se ela ficaria bem. Juliette conteve a vontade de gritar com todos, de gritar com o mundo para deixá-la em paz, de se encolher e chorar pelo que tinha feito. Mas Raph não parava de perguntar se ela estava bem.

Juliette esfregou a boca com a manga do macacão e tentou se sentar. O ambiente estava escuro, não era mais o interior da máquina de cavar. Um brilho suave e tremeluzente vinha de algum lugar, como uma chama viva. Sentia cheiro de biodiesel queimando. Devia ser uma tocha caseira. E, no escuro, viu a dança de lanternas em mãos indistintas e luzes

flutuantes nos capacetes de mineradores enquanto seu pessoal cuidava uns dos outros. Pequenos grupos estavam reunidos aqui e ali. Um silêncio atônito estendia-se como um lençol encobrindo o choro que se espalhava pelo ambiente.

— Onde estou? — perguntou.

Raph respondeu:

— Um dos rapazes encontrou você no fundo daquela máquina. Disse que estava toda encolhida. Primeiro acharam que você estivesse morta…

O pai interrompeu.

— Vou auscultar seu coração. Tente respirar fundo.

Juliette não discutiu. Sentiu-se uma criança outra vez, uma criança infeliz por ter quebrado alguma coisa, por tê-lo desapontado. A barba do pai cintilava, prateada, à luz da lanterna de Raph. Ele encaixou o estetoscópio nos ouvidos, Juliette já sabia sua deixa. Abriu o próprio macacão. O pai ouviu enquanto ela respirava fundo e soltava o ar lentamente. Olhando para cima, Juliette reconheceu canos, conduítes e dutos de exaustão, conseguindo se localizar. Estavam no local de instalação da bomba, ao lado da sala do gerador. O chão estava molhado porque aquilo tudo estivera inundado. Devia ter água retida em algum nível superior, vazando lentamente de algum lugar, um reservatório se esvaziando aos poucos. Juliette se lembrou de toda a água que vira. Vestira um traje de limpeza e nadara por aquele salão em alguma vida passada.

— Onde estão as crianças? — perguntou.

— Foram com seu amigo Solo — respondeu o pai. — Ele disse que as levaria para casa.

Juliette assentiu.

— Quantos sobreviveram?

Respirou fundo mais uma vez e se perguntou quem ainda estaria vivo. Lembrou-se de conduzir tantos quanto pôde pela escavação. Tinha visto Courtnee e Walker. Erik e Dawson. Fitz. Lembrava-se de ver famílias, algumas crianças das salas de aula, e aquele garoto do bazar, com o macacão marrom de comerciante. Mas Shirly… Juliette ergueu o braço e

tocou o queixo dolorido. Ouviu outra vez a explosão e sentiu os estrondos no solo. Shirly estava morta. Lukas estava morto. Nelson e Peter. Seu coração não aguentava aquilo tudo. Achava que ele fosse parar, simplesmente desistir de bater enquanto seu pai o auscultava.

— Não temos como dizer — respondeu Raph. — Todo mundo está… está um caos lá fora. — Ele tocou o ombro de Juliette. — Tinha um grupo já há algum tempo, antes dessa loucura. Um padre com sua congregação. Depois vieram muitos outros. E então você.

O pai ouvia com atenção as batidas insistentes de seu coração. Ele moveu a peça de metal de uma ponta à outra de suas costas, e Juliette respirava fundo, diligente.

— Alguns de seus amigos estão pensando em como fazer para virar aquela máquina de escavar e nos tirar daqui — comentou o pai.

— Alguns que até já estão cavando — acrescentou Raph. — Com as mãos. E pás.

Juliette tentou se sentar. A dor por todos os perdidos era acentuada pela ideia de perder os que restavam.

— Eles não podem cavar — retrucou. — Pai, lá não é seguro. Precisam ser impedidos.

Segurou o macacão do pai.

— Vá com calma — pediu ele. — Mandei alguém buscar água para você…

— Pai, se eles cavarem, vamos morrer. Todo mundo aqui vai morrer.

Houve silêncio. Foi quebrado pelo ruído de botas. Uma luz cortou a escuridão de alto a baixo, e Bobby chegou chacoalhando um cantil de metal amassado cheio de água.

— Vamos morrer se eles escavarem para fora daqui — repetiu Juliette.

Deixou de acrescentar que não importava o que fizessem, já estavam todos mortos. Eram cadáveres ambulantes naquela casca de silo, aquela casa de loucura e ferrugem. Mas sabia que soava tão insana quanto todos os outros que a alertaram para parar a escavação porque o ar do outro

lado devia ser venenoso. Essas mesmas pessoas queriam abrir um túnel para suas mortes, tanto quanto ela quisera abrir um túnel para a dela.

Bebeu do cantil. A água escorreu pelo queixo e caiu no peito. Pensou na loucura de tudo o que estava vivendo. Lembrou-se da congregação que atravessara para exorcizar os demônios daquele silo — ou talvez para ver a obra do demônio com os próprios olhos. Baixando o cantil, virou-se para o pai, uma silhueta alta contra a luz da lanterna de Raph.

— Padre Wendel e sua congregação — lembrou Juliette. — Foi ele? Foram eles que passaram mais cedo?

— Eles foram vistos subindo pela Mecânica daqui — respondeu Bobby. — Ouvi dizer que estavam procurando um lugar para rezar. Muita gente subiu para as fazendas depois que descobriu que ainda havia alguma coisa crescendo por lá. Boa parte das pessoas está preocupada com o que vamos comer até conseguirmos sair.

— O que vamos comer — murmurou Juliette.

Queria dizer a Bobby que não iam sair dali. Nunca. Era o fim. O fim de tudo o que conheciam. A única razão por que ela sabia disso e eles, não, era porque caminhara sobre as pilhas de ossos e montes de mortos na entrada do Silo 17. Tinha visto o que acontecia com um mundo morto, havia escutado as histórias de Solo sobre dias sombrios, ouvira no rádio todos aqueles eventos se desenrolando outra vez. Conhecia as ameaças, que agora tinham se concretizado. Tudo por culpa dela.

Raph insistiu para que ela bebesse um pouco mais de água, e Juliette pode ver nos rostos iluminados por lanternas ao seu redor que aqueles sobreviventes achavam que aquilo era apenas um problema passageiro, que era temporário. Na verdade, aquilo devia ser tudo o que restava de seu povo, aquelas poucas centenas que tinham conseguido atravessar: os que tinham a sorte de viver nas profundezas; uma multidão frenética dos andares mais baixos dos níveis intermediários; uma congregação de fanáticos que duvidara da existência daquele lugar. Estavam se dispersando, procurando sobreviver ao que esperavam que fosse passar em alguns dias, quem sabe uma semana, preocupados apenas em ter o suficiente para comer até serem salvos.

Ainda não tinham entendido que *já tinham sido salvos*. Todos os outros estavam mortos.

Devolveu o cantil a Raph e tentou se levantar. O pai insistiu para que ficasse quieta, mas ela o deteve com um gesto.

— Temos que impedir a escavação — declarou, levantando-se.

A parte de trás do macacão estava úmida por causa do chão molhado. Havia um vazamento em algum lugar, poças de água aprisionadas nos níveis acima ainda escoando lentamente. Juliette pensou por instinto que precisariam consertar aquilo. E, quase ao mesmo tempo, percebeu que não havia razão para tanto. Não havia necessidade desse tipo de planejamento. A questão era sobrevier ao minuto seguinte, à hora seguinte.

— Em que direção é a escavação? — perguntou.

Relutante, Raph apontou com a lanterna. Ela o arrastou junto, mas parou de repente ao ver Jomeson, o velho técnico de bombas, agachado contra uma parede de bombas enferrujadas e silenciosas, as mãos unidas sobre o colo. Jomeson chorava baixinho, os ombros se sacudindo para cima e para baixo como pistões enquanto ele encarava as palmas das mãos.

Juliette indicou o homem para o pai e foi até o velho técnico de bombas.

— Jomes, você se machucou?

— Eu só trouxe isso. — Ele se debulhava em lágrimas. — Só trouxe isso. Só trouxe isso.

Raph apontou a lanterna para o colo do mecânico. Uma pilha de fichas reluzia em suas mãos. O pagamento de vários meses. As fichas tilintavam com o tremor de seu corpo, moedas se remexendo como insetos.

— Foi no refeitório — explicou, entre fungadas e soluços. — Entrei no refeitório quando começou a correria. Abri o caixa. Tinham latas e vidros na despensa. E isso. E eu só peguei isso.

— Shhh. — sussurrou Juliette, que pousou a mão no ombro trêmulo do homem.

Olhou para o pai, que balançou a cabeça. Não havia o que fazer por ele.

Raph apontou a lanterna para outro lugar. Mais abaixo, uma mãe chorava baixinho enquanto ninava um bebê junto ao peito. A criança parecia bem, erguendo o bracinho e tentando tocar a mãe, a mão se abrindo e fechando, mas sem fazer barulho. Perderam tanto. Todos trouxeram o que haviam conseguido carregar e mais nada. Só o que tinham pegado. Jomeson chorava pela escolha do que trouxera enquanto a água da inundação gotejava do teto. Um silo em prantos. Todos, salvo as crianças, chorando.

41

• *Silo 17* •

Juliette seguiu Raph através da máquina enorme e pelo túnel. Percorreram um longo caminho sobre pilhas de entulho e avalanches de detritos caindo dos dois lados. Viram roupas, uma bota solitária e um cobertor meio soterrado que alguém deixara cair. Um cantil jazia esquecido, e Raph o pegou e sacudiu, sorrindo ao ouvir o barulho de água.

Ao longe, chamas banhavam as pedras de laranja e vermelho — a carne viva e exposta da Terra. Havia uma nova pilha de entulho que despencara do teto, cobrindo toda a passagem, resultado do sacrifício de Shirly. Juliette visualizou a amiga do outro lado daquelas rochas, caída de bruços na sala de controle do gerador, asfixiada, envenenada ou simplesmente se desintegrando em contato com o ar externo. A imagem da amiga perdida se juntou à de Lukas em seu pequeno apartamento abaixo dos servidores, a mão jovem e sem vida aberta ao redor de um rádio silencioso.

O rádio de Juliette também estava silencioso. Lembrava-se daquela rápida transmissão no meio da noite, de alguém acima deles — a transmissão que a despertara e que ela encerrara anunciando que estavam todos mortos. Depois disso, tentara entrar em contato com Lukas. Tentara falar com ele várias vezes, mas escutar a estática doía demais. As tentativas não só minguavam a bateria, mas também seu próprio ânimo. Por fim, desligou o equipamento. Por um instante, pensara em se conectar ao canal 1 para gritar com o filho da puta que a

traíra, mas não queria que soubessem que alguém de seu povo tinha sobrevivido, que havia mais pessoas para matar.

Juliette oscilava entre ficar furiosa com a crueldade do que aquelas pessoas tinham feito e chorar a perda de quem haviam matado. Apoiou-se no pai e seguiu Raph e Bobby na direção dos clangores, batidas e gritos de escavação. No momento, só precisava ganhar tempo, salvar o que restara. Seu cérebro estava em modo de sobrevivência, o corpo dormente e cambaleante. Só tinha uma certeza: unir os dois silos outra vez significaria a morte de todos ali. Tinha visto a névoa branca descer pela escadaria, sabia que não era um gás inofensivo: vira o que restara da junta de vedação e da fita térmica. Era assim que envenenavam o ar exterior. Era como acabavam com o mundo.

— Cuidado com os pés! — gritou alguém.

Um mineiro passou com um carrinho de mão cheio de entulho. Juliette reparou que estava em uma subida. O teto se aproximava cada vez mais. Conseguiu identificar a voz de Courtnee à frente. A de Dawson também. Pilhas de entulho do desabamento tinham sido retiradas, mostrando o avanço obtido. Juliette estava dividida entre a necessidade de alertar Courtnee para parar com aquilo e o desejo de se juntar a ela e cavar com as próprias mãos, quebrar as unhas escavando o caminho na direção do que quer que tivesse acontecido por lá — a morte que se danasse.

— Certo, vamos limpar aquela parte do alto antes de avançar mais. Por que o macaco está demorando tanto? Será que não conseguimos pegar algum equipamento hidráulico do sistema do gerador, lá atrás? Não é porque está escuro que eu não consigo ver que vocês estão de moleza…

Courtnee ficou quieta ao ver Juliette. Seu rosto ficou sério, os lábios apertados. Juliette percebeu que a amiga hesitava entre bater nela e abraçá-la. O que doeu mais foi ela não ter feito nenhum dos dois.

— Você acordou — disse Courtnee.

Juliette evitou o olhar dela e estudou as pilhas de entulho. Fuligem subia das tochas de diesel, manchando as paredes. Deixava o ar frio das

profundezas seco e rarefeito, e Juliette ficou preocupada com a perda de oxigênio, se perguntando se as fazendas minguadas do Silo 17 conseguiriam atender à demanda. E o que pensar quanto aos novos pulmões, centenas de pares deles, também sugando aquele oxigênio?

— Precisamos conversar sobre isso — declarou Juliette, apontando para o desmoronamento.

— Podemos conversar sobre o que diabo aconteceu aqui depois que escavarmos o caminho de volta para casa. Se quiser pegar uma pá…

— Esse monte de pedras é a única coisa que nos mantém vivos — interrompeu Juliette.

Vários ajudantes da escavação tinham parado quando viram quem estava conversando com Courtnee, que gritou com eles para que voltassem ao trabalho — e foi obedecida. Juliette não sabia como explicar de um jeito delicado. Não sabia como explicar aquilo de jeito nenhum.

— Não sei o que você está querendo dizer… — começou Courtnee.

— Shirly explodiu o teto para nos salvar. Se você escavar, vamos morrer. Tenho certeza.

— Shirly…?

— Nosso lar foi envenenado, Court. Não sei como explicar, mas foi o que aconteceu. As pessoas estavam morrendo nos níveis superiores. Peter mandou um aviso e… — Ela respirou fundo. — E Luke também. Peter viu o exterior. O *exterior*. As portas estavam abertas, e as pessoas estavam morrendo. E Luke… — Juliette mordeu o lábio até a dor desanuviar seus pensamentos. — A primeira coisa em que consegui pensar foi em trazer todo mundo para cá, porque sabia que aqui era seguro…

Courtnee soltou uma gargalhada de escárnio.

— Seguro? Você acha que...?

Courtnee avançou um passo em sua direção, e todos pararam de cavar. Juliette sentiu o pai segurar seu braço e tentar puxá-la para trás, mas continuou firme.

— Você acha que aqui é seguro, é? — indagou Courtnee, entre dentes. — Onde diabo nós estamos? Tem uma sala lá atrás que parece muito com a nossa sala do gerador, só que é uma ruína enferrujada. Você acha que essas máquinas vão funcionar de novo? Quanto ar temos aqui? Quanto combustível? E comida? E água? Acho que só viveremos mais alguns dias, se não voltarmos para casa. Isso dá alguns dias escavando feito doidos. E na mão! Você tem alguma ideia do que fez ao nos trazer para cá?

Juliette aguentou o ataque. Aceitou de bom grado. Ansiava por jogar algumas pedras também.

— Eu sou responsável por isso — concordou. Soltou-se do pai e olhou para os escavadores, que conhecia tão bem. Virou-se e falou para o poço escuro de onde acabara de sair. — *Eu sou responsável por isso!*

Gritou o mais alto que pôde, lançando suas palavras para aqueles que tinha arruinado e amaldiçoado. E repetiu:

— *Eu sou responsável por isso!*

Sentiu a garganta queimar pela fuligem e a dor da confissão, o peito se rachando ao meio e se abrindo de tristeza. Sentiu uma mão em seu ombro — o pai outra vez. Depois que o eco de sua voz silenciou, o único som que restou foi o crepitar das chamas.

— Eu causei isso — continuou, balançando a cabeça. — Nós nunca deveríamos ter vindo aqui, para começo de conversa. Não mesmo. Talvez a escavação seja a razão de terem nos envenenado. Ou o fato de eu ter ido ao exterior. Mas o ar aqui é limpo. Jurei a todos que este lugar existia e que o ar era bom. E agora estou dizendo, com a mesma certeza, que nosso lar está perdido. Está envenenado. Aberto para o exterior. Todo mundo que deixamos para trás… — Tentou recuperar o fôlego, sentindo um aperto no coração e um nó no estômago. Seu pai a amparou. — Sim, foi culpa minha. Da minha curiosidade. Foi por isso que o cara que fez isso…

— Um cara? — perguntou Courtnee.

Juliette examinou seus antigos amigos, os homens e mulheres ao lado de quem trabalhara por tantos anos.

— É, um cara. De um dos silos. Existem cinquenta silos exatamente iguais ao nosso…

— Você já nos disse isso — resmungou um dos escavadores. — Está nos mapas.

Juliette encarou o homem. Era Fitz, petroleiro e ex-mecânico.

— E você não acredita, Fitz? Continua acreditando que só existem dois silos em todo universo, e que eles estavam tão perto assim um do outro? Que o resto do mapa é mentira? Estou dizendo a você que fui até o topo de uma colina e vi todos os silos com meus próprios olhos. Enquanto estamos aqui, nesse buraco escuro, sufocando com a fumaça, há dezenas de milhares de pessoas vivendo seus dias, que são iguais aos que nós vivíamos…

— E você acha que devíamos escavar na direção deles?

Juliette não tinha pensado nisso.

— Talvez — respondeu. — Talvez possa ser nossa única saída daqui, se conseguirmos alcançá-los. Mas primeiro temos que saber quem está neles e se é seguro chegar lá. Podemos chegar em um silo tão arruinado quanto o nosso. Ou tão vazio quanto este. Ou cheio de gente que não fique muito feliz em nos ver. O ar pode estar tóxico quando atravessarmos. Mas eu posso garantir que existem outros.

Uma das pessoas que estava escavando para abrir o túnel desceu pela montanha de entulho para se juntar à conversa.

— E se estiver tudo bem do outro lado desta pilha? Não é você quem sempre quer ir conferir?

Juliette absorveu o golpe.

— Se tudo estiver bem por lá, eles virão atrás de nós. Teremos notícias. Adoraria que isso fosse verdade, que acontecesse. Adoraria estar errada. Mas não estou. — Ela estudou os rostos sombrios da audiência. — Estou dizendo a vocês que não há nada lá além de morte. Acham que eu não quero ter esperança? Eu perdi… Todos nós perdemos pessoas que amamos. Ouvi homens que amava e com quem me importava darem seu último suspiro, e vocês acham que eu não queria ir lá conferir a situação? Enterrá-los? — Ela esfregou os olhos. —

Não se atrevam a pensar, nem por um instante, que não quero pegar uma pá e trabalhar três turnos direto escavando até chegar a eles. Mas eu sei que isso só acabaria com a gente, os que restaram. Essas rochas e essa terra seriam nossas covas.

Ninguém respondeu. Uma pedra solta rolou de algum lugar, fez bastante barulho ao rolar até onde estavam.

— O que você quer que a gente faça? — perguntou Fitz.

Juliette ouviu Courtnee inspirar fundo. Ela não pareceu gostar da ideia de alguém seguir seus conselhos de novo.

— Precisamos de um ou dois dias para determinar o que aconteceu. Como eu disse, há muitos mundos como o nosso lá fora. Não sei o que há neles, mas sei que um deles acredita que está no comando. Eles nos ameaçaram antes, dizendo que podiam simplesmente apertar um botão e acabar com a gente, e acredito que foi o que fizeram. Acho que foi o que aconteceu com este mundo também — explicou, apontando na direção do Silo 17. — E, sim, pode ter sido porque ousamos escavar ou porque eu saí em busca de respostas, e vocês podem me mandar para a limpeza por esses pecados. Eu iria de bom grado. Vou limpar e morrer diante de vocês. Mas antes me deixem contar o que sei. Este silo em que estamos vai voltar a inundar. Já está enchendo lentamente, agora mesmo. Precisamos ligar as bombas para mantê-lo seco, e precisamos garantir que não falte água nas fazendas, que as luzes permaneçam acesas, que tenhamos ar suficiente para respirar. — Ela gesticulou na direção de uma das tochas encaixadas na parede. — Estamos usando uma quantidade enorme de ar.

— E de onde vamos conseguir energia? Eu estava entre os primeiros a passar para o outro lado. Só tem ferrugem lá.

— Tem energia no nível trinta — retrucou Juliette. — Energia limpa. Ela movimenta as bombas e as luzes nas fazendas. Mas não podemos confiar nela. Trouxemos nossa própria energia.

— O gerador reserva — lembrou alguém.

Juliette assentiu, grata por estarem lhe dando ouvidos. Por enquanto, pelo menos, tinham parado de cavar.

— Assumo a responsabilidade pelo que fiz — continuou, e as chamas brilharam indistintas por trás de uma película de lágrimas. — Mas outra pessoa causou esse inferno que se abateu sobre nós. E eu sei quem foi. Falei com essa pessoa. Precisamos sobreviver por tempo o suficiente para fazer com que ele e seu povo paguem…

— Vingança — disse Courtnee, a voz saindo em um sussurro seco. — Depois de tantas pessoas morrerem tentando conseguir ao menos parte disso quando você saiu para limpar…

— Não, não é vingança. Prevenção. — Juliette olhou para o túnel escuro e para as sombras. — Meu amigo Solo ainda se lembra de quando este mundo, o mundo dele, foi destruído. Não foram deuses que provocaram isso, foram homens. Homens próximos o suficiente para se comunicar por rádio. E há outros mundos lá fora, à mercê deles. Imagine se alguém tivesse tomado uma atitude antes. Poderíamos continuar vivendo sem jamais saber que essa ameaça algum dia existiu. Nossos entes queridos estariam vivos. — Ela se virou para Courtnee e os outros. — Não temos que ir atrás dessas pessoas pelo que elas fizeram. Não. Temos que ir atrás delas pelo que são capazes de fazer. Antes que façam de novo.

Olhou nos olhos da velha amiga, em busca de compreensão, de aceitação. Em vez disso, Courtnee virou-lhe as costas. A mulher se afastou e examinou a pilha de entulho que estavam limpando. Um longo tempo passou. A fumaça enchia o ar, as chamas cor de laranja ainda crepitavam.

— Fitz, pegue aquela tocha — ordenou Courtnee. Houve um momento de hesitação, mas o velho petroleiro obedeceu. — Apague isso — instruiu ela, parecendo irritada consigo mesma. — Estamos desperdiçando ar.

42

• *Silo 17* •

Elise ouviu vozes mais abaixo, na escadaria. Havia estranhos em sua casa. Estranhos. Rickson vivia botando medo nela e nos gêmeos para fazê-los se comportar, contando sobre pessoas estranhas, histórias que os deixavam com medo de sair da casa atrás das fazendas. Ele contava que, muito tempo antes, havia gente desconhecida lá fora, só esperando para matá-los e pegar as coisas deles. Não dava para confiar nem em gente *conhecida*. Era o que Rickson sempre dizia tarde da noite, quando o temporizador fazia as luzes de cultivo apagarem de repente.

Ele contava várias e várias vezes a história de como tinha nascido por causa de duas pessoas apaixonadas — fosse lá o que isso significasse — e que seu pai tinha extraído uma pílula de veneno dos quadris da mãe, e que era assim que os bebês nasciam. Mas nem todo mundo tinha bebês por causa de duas pessoas apaixonadas. Às vezes era por causa de estranhos que vinham e tomavam o que queriam. Eram os homens daqueles tempos a que ele sempre se referia, e em geral queriam fazer bebês, por isso arrancavam as pílulas de veneno das mulheres, mesmo que precisassem feri-las, então elas tinham bebês.

Elise não tinha uma pílula de veneno no quadril. Não ainda. Hannah tinha dito que elas iam crescer lá dentro mais tarde, como dentes de adulto, e era por isso que era importante ter bebês o mais cedo possível. Rickson disse que isso não era verdade, e que se a pessoa nascesse sem a pílula de veneno, nunca teria uma, mas Elise não sabia no que acreditar. Parou bem na escadaria e esfregou a lateral do corpo, procurando algum

caroço. Passou a língua no vão entre os dentes, concentrada, e sentiu algo duro crescendo por baixo da gengiva. Aquilo a deixou com vontade de chorar, saber que seu corpo podia fazer besteiras como crescer dentes e pílulas dentro da carne sem que ela pedisse. Gritou escada acima, chamando Cachorrinho, que tinha fugido de novo e sumido de vista. Cachorrinho era mesmo malvado. Elise estava começando a se perguntar se dava mesmo para ter filhotes, ou se eles sempre fugiam. Mas não chorou. Apertou o corrimão e subiu mais um degrau, depois outro. Não queria ter bebês. Só queria que Cachorrinho ficasse com ela, daí seu corpo poderia fazer o que bem entendesse.

Um homem passou por ela, seguindo na mesma direção. Não era Solo, que tinha dito para ela não se afastar. "Diga ao *Cachorrinho* para não se afastar", responderia, quando Solo a alcançasse. Era bom ter desculpas prontas, como sementes de abóbora nos bolsos. O homem que a ultrapassou olhou para ela por cima do ombro. Era um estranho, mas não parecia querer suas coisas. Já tinha coisas. Tinha um rolo do cabo preto e amarelo que caía do teto das fazendas, que Rickson lhe dissera para nunca tocar. Talvez o homem não conhecesse as regras. Era estranho ver gente que não conhecia em sua casa, mas Rickson às vezes mentia — e outras vezes estava errado. E talvez tivesse mentido ou estivesse errado em relação às histórias assustadoras. E talvez Solo estivesse certo. Talvez fosse bom ter aqueles estranhos ali. Mais gente para ajudar e consertar e cavar valas de água no solo, para que todas as plantas pudessem beber bastante água. Mais gente como Juliette, que tinha melhorado sua casa, que tinha levado todos para onde a luz não apagava e dava para esquentar água para o banho. Estranhos bonzinhos.

Outro homem veio subindo a espiral com suas botas barulhentas. Carregava um pacote cheio de folhas verdes. O cheiro de tomates e mirtilos maduros passou com ele. Elise parou e o observou seguir seu caminho. *Isso é demais para colher de uma vez só*, podia ouvir Hannah dizendo. Demais. Mais regras que ninguém conhecia. Tinha um livro que podia ensinar as pessoas a pescar e como encontrar animais. Então

lembrou que todos os peixes tinham morrido. E não conseguia nem encontrar um filhote.

Pensar nos peixes a deixou com fome. Queria muito comer bem naquele momento, e o máximo possível. Antes que não sobrasse nada. Aquela fome era uma sensação que às vezes tinha ao ver os gêmeos comendo. Mesmo que não estivesse com fome, queria alguma coisa. Muito. Antes que acabasse.

Subiu a escada em caracol. A bolsa com o livro de memórias batia contra a coxa. Desejava ter ficado com os outros, ou que Cachorrinho se comportasse.

— Ei, você.

Um homem no nível seguinte olhou para ela por cima do corrimão. Tinha barba escura, só que não tão emaranhada quanto a de Solo. Elise hesitou, então continuou a subir as escadas. O homem e a plataforma do andar sumiram de vista enquanto ela fazia as curvas abaixo deles. Ele estava esperando quando Elise chegou ao nível seguinte.

— Você se separou do rebanho? — perguntou o homem.

Elise inclinou a cabeça de lado.

— Eu não posso entrar em um rebanho — respondeu.

O homem de barba preta e olhos brilhantes a encarou. Ele usava um macacão marrom. Rickson usava um igual de vez em quando. Aquele garoto do bizarro tinha um macacão assim também.

— E por que não? — perguntou o homem.

— Porque eu não sou uma ovelha — explicou Elise. — São as ovelhas que formam rebanhos, e não sobrou nenhuma.

— O que é uma ovelha? — perguntou o homem. E seus olhos brilhantes cintilaram ainda mais. — Eu já vi você. Você é uma das crianças que já moravam aqui, não é?

Elise assentiu.

— Você pode se juntar ao nosso rebanho. Um rebanho é uma congregação de pessoas. Os membros de uma igreja. Você vai à igreja?

Elise balançou a cabeça. Ela pôs a mão sobre o livro de memórias, que tinha uma página sobre ovelhas, explicando como criá-las e como

cuidar delas. Seu livro de memórias e aquele homem discordavam. Sentiu um vazio no estômago enquanto tentava decidir em qual deles confiar. Ficou inclinada a acreditar no livro, que estava certo em relação a tantas outras coisas.

— Você quer entrar? — O homem gesticulou na direção da porta. Elise olhou para a escuridão além dele. — Está com fome?

Elise assentiu.

— Estamos coletando alimento. Encontramos uma igreja. Os outros logo virão das fazendas. Você quer entrar, comer ou beber alguma coisa? Peguei o que consegui carregar, vou dividir com você.

Ele pôs a mão no ombro dela, e Elise analisou o antebraço do homem, que era coberto de densos pelos negros como os de Solo, mas não como os de Rickson. Sua barriga roncou, e as fazendas pareceram muito distantes.

— Preciso encontrar Cachorrinho.

A voz dela parecia diminuta na vastidão daquela escadaria, um pequeno sopro de vapor no ar frio.

— Vamos encontrar seu filhote — respondeu o homem. — Entre. Quero saber tudo sobre o seu mundo. É um milagre, sabia? Sabia que você é um milagre? É, sim.

Elise não sabia o que era milagre. Não estava em nenhum dos livros que tinha usado para suas memórias. Mas tinha ignorado muitas páginas. Sua barriga roncou. Sua barriga falava com ela, então seguiu aquele homem de barba negra para o interior do salão escuro. Havia vozes mais adiante, sussurros tranquilizadores, quase silenciosos, e Elise se perguntou se aquele era o barulho que um rebanho fazia.

43

• *Silo 1* •

Charlotte tinha voltado a viver em uma caixa. Uma caixa, mas não era fria, não tinha a janela congelada, não tinha um fio azul-claro enfiado bem no fundo de sua veia. Naquela caixa não havia essas coisas, nem a chance de ter bons sonhos ou o pesadelo de despertar. Era uma caixa simples de metal que amassava e fazia barulho quando ela se endireitava.

Construíra um lar aceitável no elevador de lançamento, um contêiner de metal baixo demais para permanecer sentada, escuro demais para ver a mão diante do rosto e silencioso demais para conseguir escutar seus pensamentos. Já ficara duas vezes deitada ali, ouvindo botas do outro lado da porta enquanto os homens procuravam por ela. Passou aquela noite fatídica ali. Ficou esperando eles voltarem, mas deviam ter muitos níveis para percorrer.

Movia-se a intervalos de poucos minutos, em uma tentativa infrutífera de ficar confortável. Saiu uma vez para usar o banheiro, quando não conseguiu mais se segurar, quando temeu fazer dentro do macacão.

No fim do corredor, conferiu para ver se que não tinham descoberto o rádio. Esperava não encontrá-lo lá, assim como as anotações de Donald, mas tudo continuava ali, sob a cobertura plástica. Charlotte hesitou por um momento, então recolheu as pastas. Eram valiosas demais para serem perdidas. Correu de volta para seu buraco e empurrou as coisas para um canto. Encolhida, visualizou as botas chutando seu irmão.

Pensou no Iraque. Passara noites escuras, lá, deitada no beliche, com homens entrando e saindo dos turnos aos sussurros, fazendo ranger as molas das camas de campanha. Noites escuras, em que ela se sentira mais vulnerável que seu drone no céu. O alojamento parecia um edifício-garagem vazio no meio da noite, enquanto ouvia passos ao longe e era incapaz de encontrar as chaves do carro. Ficar escondida naquele pequeno elevador de lançamento dava a mesma sensação. Era como dormir em uma garagem escura, em um alojamento cheio de homens, se perguntando o que poderia despertá-la no meio da noite.

Dormiu pouco. Com uma lanterna aninhada entre o rosto e o ombro, reviu as pastas de Donald, na esperança de que a leitura entediante a ajudasse a pegar no sono. No silêncio, lembrou-se de palavras e trechos de conversas pelo rádio. Mais um silo fora destruído. Tinha ouvido suas vozes em pânico, relatos de portas externas sendo abertas, relatos do gás que o irmão dissera que podia lançar sobre aquelas pessoas. Ouvira a voz de Juliette dizendo que todo mundo tinha morrido.

Encontrou um pequeno mapa em uma das pastas, um diagrama com círculos numerados, vários deles riscados com um X. Pessoas viviam naqueles círculos, pensou Charlotte. E outro deles estava vazio. Mais um X. Só que Charlotte, assim como seu irmão, passou a sentir uma ligação com aquelas pessoas. Tinha ouvido suas vozes com ele pelo rádio, tinha ouvido Donald falar sobre os esforços que fizera para entrar em contato com eles, com o silo que estava aberto ao que ele tinha a dizer, que o estava ajudando a invadir os computadores para entender o que estava acontecendo. Certa vez, perguntara ao irmão por que ele não tentava fazer contato com outros silos, e Donny tinha explicado que as pessoas no comando não eram confiáveis. Teriam o entregado. De certa forma, seu irmão e aquelas pessoas tinham se rebelado — e agora estavam mortos. Era isso o que acontecia com os rebeldes. Charlotte era a única remanescente, na escuridão e no silêncio.

Folheou as anotações do irmão, e seu pescoço começou a doer de segurar a lanterna naquela posição. A temperatura na caixa subiu até ela começar a suar dentro do macacão. Não conseguia dormir. Aquilo não

era nada parecido com a outra caixa em que a tinham colocado. E quanto mais lia, mais entendia a ansiedade do irmão, seu desejo de fazer alguma coisa, de dar fim ao sistema no qual estavam aprisionados.

Tomando cuidado com a água e a comida que armazenara, só dando pequenos goles e mordidas, permaneceu ali dentro pelo que pareceram dias, mas podiam ter sido horas. Quando precisou ir ao banheiro de novo, resolveu ir até o fim do corredor e tentar mais uma vez o rádio. A necessidade de fazer xixi só era comparável à necessidade de saber o que estava acontecendo. Houvera sobreviventes. As pessoas do 18 tinham conseguido subir as colinas e chegar a outro silo. Algumas tinham sobrevivido, mas quanto tempo durariam?

Puxou a descarga e escutou o fluxo da água de reposição gorgolejar pelos canos no teto. Resolveu arriscar e foi até a sala de controle dos drones. Deixou a luz do corredor apagada e puxou a cobertura de cima do rádio. Só havia estática no 18. O mesmo no 17. Passou por uma dezena de outros canais até ouvir vozes, então teve certeza de que o rádio estava funcionando. Voltou ao 17 e esperou. Sabia que podia passar o resto da vida esperando. Podia esperar até que a encontrassem. O relógio na parede mostrava que passava pouco das três — era plena madrugada, o que ela achou bom. Talvez não estivessem procurando por ela naquele momento. Mas também podia não haver ninguém na escuta. Acionou o microfone mesmo assim.

— Alô — chamou. — Alguém na escuta?

Quase se identificou, quase disse de onde estava falando, mas então se perguntou se as pessoas em seu silo também estariam na escuta, monitorando todos os canais. E se estivessem? Não saberiam de onde ela estava transmitindo. A menos que pudessem rastreá-la através dos repetidores. Talvez pudessem. Mas aquele não era um dos silos riscados da lista? Não tinham motivo para estar escutando. Charlotte afastou as ferramentas do caminho e olhou para o pedaço de papel que Donny lhe entregara, a classificação dos silos. No pé da página havia uma lista dos silos que haviam sido destruídos…

— Quem está falando?

Uma voz masculina veio pelo rádio. Charlotte acionou o microfone, desconfiada, imaginando se alguém de seu silo poderia estar transmitindo naquela frequência.

— Aqui é… Quem está falando? — perguntou, sem saber bem como responder.

— Você está aí embaixo, na Mecânica? Sabe que horas são? Está tarde.

Embaixo, na Mecânica. Era a disposição dos silos deles, não do dela. Charlotte supôs que aquele fosse um dos sobreviventes. Também supôs que pudesse haver outros na escuta, então resolveu não correr riscos.

— Sim, estou na Mecânica — respondeu. — O que está acontecendo aí emb… quer dizer, aí em cima?

— Estou tentando dormir, é isso que está acontecendo, mas Court mandou deixar esse negócio ligado caso ela chamasse. Estamos tendo problema com as linhas de água. As pessoas estão demarcando lotes nas fazendas, determinando posses. Quem está falando?

Charlotte pigarreou.

— Estou procurando … queria falar com sua prefeita. Juliette.

— Ela não está aqui. Achei que estivesse aí embaixo com vocês. Tente de manhã, se não for uma emergência. E diga a Courtnee que precisamos de mais algumas pessoas aqui em cima. Um fazendeiro decente, se tiver algum. E um portador.

— Hã… está bem. — Charlotte olhou outra vez para o relógio, tentando descobrir quanto tempo teria de esperar. — Obrigada. Vou tentar de novo depois.

Não houve resposta, e Charlotte se perguntou por que sentira necessidade de fazer contato, para começo de conversa. Não podia fazer nada por aquelas pessoas. Será que pensava que podiam fazer algo por ela? Examinou o rádio que construíra, os parafusos extras e fios espalhados ao redor da base, a coleção de ferramentas. Era arriscado ficar saindo para usá-lo, mas era menos apavorante do que ficar sozinha no elevador de lançamento. O perigo de ser descoberta não era nada diante da possibilidade de fazer contato. Tentaria outra vez em algumas

horas. Até lá, tentaria dormir um pouco. Cobriu o rádio e pensou na velha cama no alojamento do corredor, mas foi para a caixa de metal sem janelas.

44

• *Silo 1* •

O café da manhã de Donald veio acompanhado. Fora deixado sozinho na véspera, o que o fez pular uma refeição. Donald deduziu que era alguma espécie de técnica de interrogatório. Achava o mesmo dos passos ruidosos no meio da noite, mantendo-o acordado. Qualquer coisa para desorientar seu relógio biológico, para perturbá-lo, para fazer com que se sentisse louco. Ou talvez tivesse ouvido as botas durante o dia e estivesse no meio da noite e não tivesse perdido nenhuma refeição. Era difícil dizer. Tinha perdido a noção do tempo. Havia uma marca circular na parede e um parafuso protuberante onde antes ficava um relógio.

Dois homens vestidos com o macacão da Segurança chegaram com Thurman e o café. Donald dormira de macacão. Recolheu os pés sobre a cama, enquanto os três homens preenchiam seu pequeno quarto. Os dois agentes de segurança o encaravam com desconfiança. Thurman lhe entregou a bandeja, que continha um prato com ovos, um pãozinho, água e suco. Donald sentia uma dor terrível, mas também estava morrendo de fome. Procurou talheres, mas não encontrou, então começou a comer os ovos com as mãos. A comida quente fez a dor nas costelas passar um pouco.

— Confira os painéis do teto — mandou um dos agentes.

Donald o reconheceu. Brevard. Era chefe da Segurança havia quase tanto tempo quanto ele estava desperto naquele turno. Sabia que Brevard não estava do lado dele.

O outro era mais novo. Donald não o reconheceu. Costumava trabalhar tarde para não ser visto, então conhecia melhor os guardas noturnos. O mais novo subiu na cômoda presa à parede e ergueu um painel do teto. Sacou uma lanterna do bolso e lançou a luz em todas as direções. Donald sabia o que o homem estava procurando. Ele mesmo já tinha conferido.

— Está bloqueado — declarou o mais novo.

— Tem certeza?

— Não foi ele — interveio Thurman, que não tirava os olhos de Donald. Então gesticulou, indicando o quarto. — Havia sangue por toda parte. Estaria coberto de sangue, se tivesse sido ele.

— A menos que tenha se lavado em algum lugar e trocado de roupa.

Thurman franziu o cenho. Parou a alguns passos de Donald, que não sentia mais fome.

— Quem foi? — perguntou Thurman.

— Quem foi o quê?

— Não se faça de idiota. Um dos meus homens foi atacado, e alguém com o macacão dos técnicos dos reatores passou pela segurança e entrou bem aqui neste andar, na mesma noite. Entrou neste corredor, e acho que estava procurando você. Foi até a Comunicação, onde sei que você passava muito tempo. Não tem a menor chance de você ter feito isso tudo sozinho. Alguém o ajudou, talvez alguém do seu turno anterior. Quem?

Donald arrancou um pedaço do pãozinho e o enfiou na boca para dar alguma atividade aos lábios. Charlotte. O que ela estava fazendo? Vasculhando o silo atrás dele? Indo até a Comunicação? Se fosse ela, estava completamente louca.

— Ele sabe de alguma coisa — comentou Brevard.

— Não tenho a menor ideia do que vocês estão falando — retrucou Donald. Tomou um gole de água e percebeu que a mão tremia. — Quem foi atacado? Ele está bem? — Pensou na possibilidade de que tivessem encontrado o sangue de sua irmã. No que estava pensando

quando a despertou? Mais uma vez, pensou em abrir o jogo e contar onde ela estava escondida, só para que não ficasse sozinha.

— O Eren — respondeu Thurman. — Ele saiu do turno da noite, correu para pegar o elevador e foi encontrado trinta níveis abaixo, em uma poça de sangue.

— Machucaram o Eren?

— Mataram o Eren — corrigiu Brevard. — Com uma chave de fenda enfiada no pescoço. Um dos elevadores está coberto de sangue. Quero saber onde está o sujeito que fez isso…

Thurman ergueu a mão, e Brevard se calou.

— Nos dê um minuto — disse Thurman.

O agente mais jovem, de pé sobre a cômoda, ajustou o painel do teto até botá-lo no lugar. Então pulou para o chão e limpou as mãos nas coxas, deixando a cômoda coberta de fiapos de revestimento de algodão e flocos de isopor. Os dois agentes da Segurança esperaram do lado de fora. Donald reconheceu um dos funcionários do escritório que ia passando antes de a porta se fechar e quase chamou o sujeito — estava curioso para saber o que todo mundo tinha pensado quando descobriu que ele não era quem dizia ser.

Thurman enfiou a mão no bolso do peito e tirou um pedaço de tecido quadrado, um lenço limpo. Entregou-o a Donald, que aceitou de bom grado. Era estranho o tipo de coisa que considerava um presente. Esperou pela necessidade de tossir, mas passava por um raro momento de tranquilidade. Thurman estendeu um saco plástico e o segurou aberto para ele. Donald entendeu o motivo, pegou o lenço anterior e jogou o tecido ensanguentado dentro do saco.

— Para análise, não é?

Thurman balançou a cabeça.

— Não tem nada aí que a gente já não saiba. Foi só uma… gentileza. Tentei matar você, sabe. Foi uma fraqueza de caráter eu ter tentado, e não consegui justamente por ser fraco. E você estava certo sobre Anna.

— Eren morreu mesmo?

Thurman assentiu. Donald desdobrou o pano e tornou a dobrá-lo.

— Eu gostava dele.

— Era um bom homem. Um de meus recrutas. Você sabe quem o matou?

Donald entendeu o que o lenço simbolizava. O tira mau se transformara no tira bom. Balançou a cabeça. Tentou imaginar Charlotte fazendo algo assim, e não conseguiu. Mas também não conseguia imaginá-la pilotando drones e lançando bombas, nem fazendo cinquenta flexões de braço. A irmã era um enigma trancado em sua infância, uma surpresa constante.

— Não consigo pensar em ninguém que eu conheça matando um homem desse jeito. Ninguém além de você.

Thurman não esboçou reação.

— Quando vão me botar para dormir?

— Hoje. Eu tenho mais uma pergunta.

Donald ergueu o copo d'água e tomou um grande gole. A água estava gelada. Era incrível como podia ser saborosa, às vezes. Tinha que contar a Thurman sobre Charlotte naquele exato instante. Ou esperar até estar prestes a ser posto para dormir. Só não podia deixá-la lá, sozinha. Percebeu que Thurman estava aguardando sua resposta.

— Pode perguntar.

— Você se lembra de ver Anna saindo do arsenal, quando estava acordado? Sei que só esteve com ela por um curto período de tempo.

— Não — respondeu Donald. E não tinha parecido um curto período de tempo. Tinha parecido uma vida inteira. — Por quê? O que ela fez?

— Você se lembra de ouvi-la falar sobre os dutos de gás?

— Dutos de gás? Não. Não sei nem do que se trata. Por quê?

— Encontramos sinais de sabotagem. Alguém mexeu nos dutos entre o departamento Médico e o de Controle Populacional. — Thurman sacudiu a mão, descartando o que estava prestes a dizer. — Como eu disse, acho que você estava certo a respeito dela.

Ele se virou para ir embora.

— Espere — pediu Donald. — Tenho uma pergunta.

Thurman hesitou, com a mão na porta.

— O que tem de errado comigo? — perguntou.

O homem mais velho olhou para o pano vermelho no saco plástico.

— Você já viu como fica a terra depois de uma batalha? — Sua voz estava baixa. Sem forças. — Seu corpo agora é um campo de batalha. É isso o que está acontecendo dentro de você. Exércitos com bilhões de cada lado estão em guerra. Máquinas feitas para destroçá-lo contra máquinas feitas para mantê-lo são. E são as botas que estão transformando seu corpo em um pântano de estilhaços e lama.

Thurman protegeu a boca com o punho e tossiu. Abriu a porta.

— Eu não estava indo para o outro lado da colina, naquele dia — comentou Donald. — Eu não fui lá para ser visto. Só queria morrer.

Thurman assentiu.

— Pensei nisso, depois de um tempo. E devia ter deixado. Mas alguém soou o alarme. Subi e vi meus homens atrapalhados com os trajes e você já a meio caminho. Vi uma granada na minha trincheira, e reagi de acordo com os anos de treinamento de o que devia fazer caso isso acontecesse. Simplesmente me joguei em cima dela.

— Você não devia ter feito isso — retrucou Donald.

Thurman abriu a porta. Brevard estava parado do outro lado, esperando.

— Eu sei — respondeu.

E foi embora.

45

• Silo 1 •

Darcy estava trabalhando de quatro. Enfiava o pano manchado de vermelho no balde de água e o torcia até ficar rosa, depois esfregava a sujeira dentro do elevador. As paredes já estavam limpas, com as amostras enviadas para análise. Enquanto trabalhava, resmungava sozinho em uma imitação engraçada da voz de Brevard.

— Pegue amostras, Darcy. Limpe isso, Darcy. Pegue um café para mim, Darcy.

Não entendia como pegar café e limpar sangue tinham se tornado parte de suas funções. Sentia falta dos turnos da noite tranquilos. Mal podia esperar que as coisas voltassem ao normal. É impressionante o que uma pessoa pode passar a considerar normal. Quase não conseguia mais sentir o cheiro de cobre no ar, e o gosto metálico desaparecera da boca. Era como aquelas doses diárias em copos de papel, a comida insossa de todo dia e até o zumbido infernal do elevador com as portas escancaradas. Todas essas coisas incomodam, até desaparecerem. Coisas que vão se esvaindo em uma dorzinha fraca no fundo da cabeça, como memórias de uma vida anterior.

Darcy não se lembrava muito de sua antiga vida, mas sabia que fora bom no que fazia. Tinha a sensação de que trabalhara com segurança havia muito tempo, naquele mundo em que ninguém mais falava — um mundo aprisionado em filmes antigos, reprises e sonhos. Lembrava-se vagamente de ter sido treinado até para entrar na frente de um tiro, se precisasse salvar outra pessoa. Tinha um sonho vívido e recorrente de

uma corrida matinal, com a brisa esfriando o suor da testa e do pescoço, ouvindo o canto dos passarinhos, correndo atrás de um homem mais velho de agasalho esportivo e reparando que aquele homem estava ficando careca. Darcy se lembrava de um fone de ouvido escorregadio que não se mantinha no lugar, sempre caindo da orelha. Lembrava-se de vigiar multidões, do modo como seu coração acelerava quando balões estouravam ou com o barulho do escapamento de motos velhas, sempre à espera de um…

Tiro.

Darcy parou de esfregar o chão e limpou o rosto com a manga. Olhou para a fresta entre o chão e a parede do elevador, onde algo brilhante estava alojado, um pequeno pedaço de metal. Tentou pegá-lo com os dedos, mas a fresta era muito estreita. Uma bala. De qualquer modo, não devia tocá-la.

O pano caiu com estardalhaço no balde. Darcy pegou o kit para recolher amostras do corredor. O elevador continuava apitando sem parar, odiando estar parado, desejando ver outros lugares.

— Sossega o facho — disse Darcy, baixinho.

Pegou um saco de amostras da caixa pequena dentro do kit. As pinças não estavam onde deveriam. Remexeu no fundo da caixa até encontrá-las e xingou os homens dos outros turnos por não terem respeito pelos colegas. Era como viver em uma república, pensou. Não, não era a palavra certa, nem a lembrança certa. Era como viver em um alojamento. A aparência de ordem na superfície e uma bagunça por baixo. Lençóis impecáveis com bordas dobradas sobre colchões manchados. Ali era a mesma coisa, cheio de gente que não botava as coisas no lugar certo.

Usou as pinças para pegar a bala e jogou-a dentro do saco. Estava um pouco deformada, mas não muito. Não acertara nada sólido, mas acertara alguma coisa. Segurou a bala através do saco plástico e esfregou, então ergueu o material contra a luz. Viu uma mancha rosa no plástico. Sangue. Conferiu o chão, para ver se a água do balde respingara perto de

onde a bala estava, se aquele sangue podia ter ido parar ali por algum descuido seu.

Não. O homem encontrado morto fora esfaqueado no pescoço, mas tinham descoberto uma pistola por perto. Darcy retirara amostras de sangue de dezenas de lugares do elevador. Um técnico de análises clínicas levara as amostras lá para cima, e Stevens e o chefe tinham dito que todas as amostras eram compatíveis com a vítima. Mas Darcy muito provavelmente conseguira uma amostra de sangue do agressor, que ainda estava à solta. Do homem que matara Eren. Uma pista de verdade.

* * *

Agarrou o saco de amostras e esperou a chegada do expresso. Pensou em entregar aquilo a Stevens, seguir o protocolo, mas fora ele quem descobrira a bala. Sabia o que significava. Tomara cuidado ao coletá-la. Ele era quem devia ver os resultados.

O expresso chegou com uma campainha animada. Um homem de macacão roxo que parecia exausto saiu arrastando um balde com rodinhas, conduzindo-o com o cabo de um esfregão. Em vez de anunciar sua descoberta, pedira reforço. O faxineiro da noite. Os dois se cumprimentaram com um aperto de mãos. Darcy agradeceu o homem por ficar ali até tarde, disse que lhe devia uma. Tomou seu lugar no interior do expresso.

Só precisava descer dois níveis. Parecia loucura pegar o expresso para descer dois níveis. Aquele silo precisava de escadas. Em várias ocasiões ele só precisara subir ou descer um nível, mas ficava esperando cinco minutos por um maldito elevador. Não fazia sentido. Suspirou e apertou o botão para a ala médica. Antes que as portas se fechassem, ouviu um golpe molhado de esfregão no elevador ao lado.

O consultório do dr. Whitmore estava cheio. Não de trabalhadores — apenas o doutor e seus dois técnicos estavam por ali —, mas de corpos. Dois corpos extras em macas. Um era a mulher encontrada

morta no dia anterior. Darcy lembrou que o nome dela era Anna. O outro era Eren, o finado chefe do silo. Whitmore estava em seu computador, digitando anotações enquanto os técnicos do laboratório trabalhavam nos corpos.

— Senhor?

Whitmore se virou. Seus olhos foram do rosto de Darcy para as mãos.

— O que você encontrou?

— Mais uma amostra. Em uma bala. Pode analisar para mim?

Whitmore fez sinal para um dos homens na sala de operações, e o sujeito saiu de lá com as mãos erguidas na altura dos ombros.

— Pode examinar isso para o policial?

O técnico de laboratório não pareceu muito feliz. Tirou as luvas sujas de sangue fazendo bastante barulho e as jogou na pia para serem lavadas e esterilizadas.

— Vamos ver.

A máquina não demorou muito. Emitiu um bipe, começou a girar e a soltar alguns sons resolutos, em seguida cuspiu um pedaço de papel em espasmos nervosos. O técnico pegou os resultados antes que Darcy o fizesse.

— É, conseguimos uma identificação. Pertence a… Hum. Que estranho.

Darcy pegou o relatório. Viu o gráfico de barras, aquele código universal único do DNA humano. Quantidades e percentuais do nível de várias substâncias do sangue estavam escritos em um código incompreensível: Glic, Plq, Hmg. Mas onde o sistema devia ter registrado os detalhes de equivalência dos registros, só havia uma palavra nas muitas linhas: *Emer*. Os demais campos biográficos estavam em branco.

— Emer — leu o técnico de laboratório. Foi até a pia e começou a lavar as luvas e as mãos. — Que nome estranho. Quem escolheria um nome desses?

— Onde estão os outros resultados? — perguntou Darcy. — Os anteriores?

O técnico indicou a lata de reciclagem aos pés do dr. Whitmore, que continuava a digitar em seu teclado. Darcy remexeu na lixeira e encontrou uma das folhas de resultados anteriores. Segurou as duas, lado a lado.

— Não é um nome — explicou Darcy. — Se fosse, estaria na primeira linha. Aqui, ó.

Mostrou o outro relatório, onde o nome "Eren" ficava acima de uma linha que descrevia o corredor de congelamento e as coordenadas da cápsula de armazenamento do homem morto. Darcy se lembrou do nome de uma das pequenas câmaras de congelamento.

— Emergencial — declarou, satisfeito. Solucionara um pequeno mistério. Sorriu para a sala, mas os outros homens já tinham retornado ao trabalho.

* * *

O departamento Emergencial era o menor dos salões de congelamento. Darcy parou diante da porta de metal, seu hálito visível no ar e no aço embaçado. Digitou seu código, e o painel piscou vermelho, apitando sua reprovação. Tentou o código mestre de segurança. As portas se abriram ruidosamente e deslizaram para o interior das paredes.

Seu coração acelerou com uma mistura de medo e adrenalina. Não era só por estar na trilha daquelas pistas — era aonde a trilha o estava levando. O departamento Emergencial tinha sido reservado para os casos mais extremos, para quando a Segurança fosse considerada insuficiente. Através de uma névoa densa, lembrou-se de uma vez em que os policiais se afastaram enquanto homens com equipamentos especiais surgiram de vans e sitiaram um prédio com precisão militar. Tinha participado disso? Em uma vida muito, muito distante? Não recordava. E, de todo modo, aqueles homens na ala da emergência eram

diferentes. Muitos tinham sido despertados havia pouco tempo. Darcy ainda se lembrava de quando entrou no turno. Ali havia pilotos. Lembrou-se de um dia ver o café tremular dentro de sua caneca e de descobrir que alguns drones haviam lançado bombas. Seguindo de cápsula em cápsula, procurou por uma vazia. Alguém não voltara a dormir quando deveria, desconfiava. Ou alguém tinha sido despertado para fazer coisas ruins.

Era a segunda possibilidade que o enchia de medo. Quem tinha acesso àquele pessoal? Quem tinha a capacidade de despertá-los sem que ninguém soubesse? Desconfiava de que não faria diferença a quem relatasse suas descobertas, a informação passaria por toda a cadeia de comando e provavelmente alcançaria a pessoa ou as pessoas responsáveis. Também lhe ocorreu que o homem morto fora o chefe de todo o silo naquele turno, o chefe de todos os silos. Era coisa grande. Enorme. Uma disputa entre chefes de silo? Aquilo poderia tirá-lo para sempre da vida de fazer café e esfregar sangue do chão.

Já percorrera dois terços do corredor de cápsulas criogênicas, fazendo um circuito em zigue-zague, quando começou a desconfiar que talvez estivesse errado. Era tudo tão tênue. Estava fazendo o trabalho de outra pessoa. Ninguém devia estar faltando, nenhuma grande conspiração, ninguém acordado matando ninguém…

Então olhou para o interior de uma cápsula em que não havia rosto dentro, sem gelo no vidro. Apoiar uma das mãos no aparelho confirmou que a cápsula estava desligada. Tinha temperatura ambiente: fria, mas não congelada. Conferiu o mostrador, temendo que estivesse desligado e apagado, mas mostrava estar conectado à energia. Só não tinha nome. Apenas um número.

Darcy pegou o bloco de relatórios e apertou a ponta da caneta para começar a escrever. Apenas um número. Desconfiava de que qualquer nome que estivesse na cápsula fosse secreto. Mas encontrara o homem que estava procurando. Ah, com certeza encontrara. E, mesmo que não conseguisse um nome, sabia onde aqueles pilotos ficavam quando

estavam em seus turnos. Tinha uma boa ideia de onde aquele homem baleado e desaparecido devia estar escondido.

46

• Silo 1 •

Charlotte esperou até amanhecer antes de tentar usar o rádio de novo. Dessa vez, sabia o que queria dizer. Também sabia que tinha pouco tempo. Ouvira pessoas fora do elevador de lançamento naquela manhã, à sua procura.

Esperou até ter certeza de que tinham ido embora, olhou ao redor e percebeu que haviam tirado o que restara das anotações de Donald na sala de reuniões. Foi até o banheiro e trocou o curativo com calma. Notou que o ferimento no braço estava feio. Ao chegar ao fim do corredor, esperava não encontrar mais o rádio, mas a sala de controle estava intocada. Provavelmente sequer olharam embaixo da cobertura plástica, presumindo que tudo ali era parte da operação dos drones. Descobriu o rádio, e o aparelho emitiu um zunido ao ser ligado. Então arrumou as pastas de Donny sobre as ferramentas espalhadas.

Charlotte se lembrou de algo que Donny dissera. Falara que os dois não iam viver para sempre. Não iam viver o suficiente fora das cápsulas criogênicas para ver o resultado de suas ações, o que tornava difícil saber a melhor maneira de agir. O que fazer por aquelas pessoas, aqueles trinta e poucos silos que restavam? Não fazer nada condenava muitos deles. Charlotte sentiu a mesma urgência que o irmão. Pegou o microfone e pensou no que estava prestes a tentar: fazer contato com estranhos. Mas fazer contato era melhor do que só escutar. No dia anterior, tinha se sentido como uma telefonista do serviço de emergência, que só podia

ouvir enquanto um crime era cometido sem poder reagir, sem poder ajudar.

Verificou que o seletor estava no 17, ajustou o volume até ser recompensada com um chiado suave. Sabe-se lá como, algumas pessoas tinham sobrevivido à destruição de seu silo. Desconfiava que tinham atravessado por via terrestre, no exterior. A prefeita, aquela Juliette com quem seu irmão conversara, já provara que era possível. Charlotte achava que fora isso o que chamara a atenção do irmão. Sabia, pelo traje em que o irmão estava trabalhando, que Donny sonhava em escapar. Talvez aquelas pessoas tivessem descoberto um método.

Abriu as pastas do irmão e espalhou as descobertas. Havia uma classificação dos silos listados por chance de sobrevivência. E um bilhete do senador, o pacto de suicídio. E o mapa de todos os silos — não marcados com X, mas com linhas vermelhas que irradiavam a partir de um único ponto. Charlotte organizou as anotações e se recompôs antes de fazer a ligação. Não se importava com ser descoberta. Sabia muito bem o que queria dizer, o que pensava que Donny estava morrendo de vontade de falar, mas não sabia como.

— Olá, pessoas do Silo 18. Pessoas no Silo 17. Meu nome é Charlotte Keene. Estão me ouvindo? Câmbio.

Esperou. Uma onda de adrenalina e nervosismo por transmitir seu nome, por ser tão ousada. Muito provavelmente cutucara o ninho de vespas onde estava escondida. Mas tinha verdades a contar. O irmão a despertara para o meio de um pesadelo, mas ainda se lembrava do mundo anterior, um mundo de céus azuis e grama verde. Vislumbrara aquele mundo com seu drone. Se tivesse nascido ali dentro, se nunca tivesse conhecido outra coisa, será que gostaria que lhe contassem? Gostaria de ser despertada? Que alguém lhe contasse a verdade? Esqueceu a dor no ombro por um instante. O latejar foi afastado por aquela mistura de medo e ansiedade…

— Estou ouvindo perfeitamente — respondeu alguém, uma voz masculina. — Está procurando alguém do 18? Acho que não tem ninguém lá. Quem você disse que era?

Charlotte apertou o microfone.

— Meu nome é Charlotte Keene. Quem está falando?

— Aqui é Tom Higgins, chefe do Comitê de Planejamento. Estamos aqui em cima, na delegacia do setenta e cinco. Soubemos que houve alguma espécie de colapso e que não devemos descer. O que está acontecendo aí embaixo?

— Eu não estou embaixo de você — retrucou Charlotte. — Estou em outro silo.

— Pode repetir? Quem está falando? Keene? Não reconheço seu nome do censo.

— Isso, Charlotte Keene. Sua prefeita está aí? Juliette?

— Você disse que está no nosso silo? É alguém dos níveis intermediários?

Charlotte ia responder, percebendo como aquilo seria difícil, mas outra voz interrompeu. Uma voz familiar.

— Aqui é Juliette.

Charlotte se inclinou para frente e ajustou o volume. Apertou o microfone.

— Juliette, meu nome é Charlotte Keene. Você andou falando com meu irmão, Donny. Quer dizer, Donald.

Estava nervosa. Fez uma pausa para esfregar a palma das mãos nas pernas do macacão. Quando soltou o microfone, o homem com quem falava antes pôde ser ouvido falando na mesma frequência:

— … soube que nosso silo se foi. Você pode confirmar? Onde você está?

— Estou na Mecânica, Tom. Vou subir para falar com você assim que der. Sim, nosso silo está acabado. Sim, você precisa ficar onde está. Agora deixe-me ver o que essa pessoa quer.

— Como assim "acabado"? Não entendi.

— Morto, Tom. Todo mundo morreu. Pode rasgar a porra do censo. Agora, por favor, saia do ar. Na verdade, podemos trocar de canal?

Charlotte esperou para ouvir o que o homem ia dizer. Então percebeu que a prefeita estava falando com ela. Apertou o microfone

depressa, antes que a outra voz pudesse interferir na transmissão.

— Eu… hã, sim, posso transmitir em todas as frequências.

Mais uma vez, o chefe do Comitê de Planejamento — ou fosse lá como o sujeito se apresentava — interveio.

— Todo mundo morto? Isso foi coisa sua?

— Canal 18 — disse Juliette.

— 18 — confirmou Charlotte.

Levou a mão ao botão enquanto uma série de perguntas jorrava pelo rádio. A voz do homem foi silenciada por um movimento de seus dedos.

— Aqui é Charlotte Keene no canal 18, câmbio.

Esperou. Pareceu que tinha sido puxada por um confidente para um cômodo com a porta fechada.

— Aqui é Juliette. Que história é essa de eu conhecer seu irmão? Em que nível você está?

Charlotte não podia acreditar em como era difícil se comunicar. Ela respirou fundo.

— Não falei em nível. Falei silo. Estou no Silo 1. Você falou com meu irmão algumas vezes.

— Você está no Silo 1. Donald é seu irmão.

— Isso mesmo.

Finalmente, pareceu que a comunicação estava estabelecida. Foi um alívio.

— Você ligou para se gabar? — perguntou Juliette. Havia uma centelha em sua voz, um brilho de violência. — Tem ideia do que vocês fizeram? Quantas pessoas mataram? Seu irmão me disse que podia fazer isso, mas não acreditei. Nunca acreditei nele. Ele está aí?

— Não.

— Bem, então diga uma coisa a ele. E espero que ele acredite em mim. Agora só penso em uma coisa: na melhor maneira de matá-lo, para garantir que isso nunca mais aconteça. Diga isso a ele.

Charlotte ficou arrepiada. Aquela mulher achava que seu irmão provocara o fim do silo dela. Suas mãos ficaram úmidas enquanto

segurava o microfone. Apertou o botão, que travou, e bateu o controle na mesa até acionar o botão do jeito certo.

— Donny não… talvez ele já esteja morto — explicou Charlotte, contendo as lágrimas.

— Que pena. Acho que vou atrás do próximo na fila.

— Não, me escute. Donny… Não foi ele quem fez isso. Eu juro. Algumas pessoas o levaram. Ele não devia ter falado com vocês. Ele queria que vocês soubessem de uma coisa, mas não sabia como contar.

Charlotte soltou o microfone e rezou para que aquilo estivesse sendo compreendido, para que aquela estranha acreditasse.

— Seu irmão me alertou que podia apertar um botão e acabar com todos nós. Bem, esse botão foi apertado, e meu lar foi destruído. Pessoas de quem eu gostava estão mortas. Se eu não tinha planejado ir atrás de vocês antes, seus canalhas, pode ter certeza que agora eu vou.

— Espere — pediu Charlotte. — Escute. Meu irmão está com problemas. Está com problemas porque estava conversando com você. Nós dois… não estamos envolvidos nisso.

— É, sei. Vocês querem que a gente fale o que sabe. Querem descobrir o que der. Depois vão nos destruir. É só um jogo para vocês. Mandam a gente para a limpeza, mas estão envenenando o ar. É isso o que estão fazendo. Vocês nos fazem temer uns aos outros, temer vocês, então mandamos nossa própria gente para o exterior, envenenando o mundo com nosso ódio e nosso medo, não é?

— Eu não… escute, eu juro que não sei do que você está falando. Eu… isso pode ser difícil de acreditar, mas eu me lembro de quando o mundo lá fora era muito diferente. Quando podíamos viver e respirar lá no exterior. E acho que parte dele pode voltar a ser assim. Já voltou a ser. Era isso o que meu irmão queria dizer, que há esperança lá fora.

Uma pausa. Respiração pesada. O braço de Charlotte tinha voltado a latejar.

— Esperança.

Charlotte aguardou. O rádio chiou como uma respiração raivosa forçada entre dentes.

— Meu lar e meu povo estão mortos, e você quer que eu tenha esperança. Já vi a esperança que vocês oferecem, os céus azuis que puxamos sobre nossas cabeças, a mentira que faz os eLivross realizarem sua vontade: limpar os sensores para vocês. Já vi isso, e graças a Deus fiz bem em desconfiar. É a intoxicação do nirvana. É assim que vocês nos fazem suportar essa vida. Vocês nos prometem o paraíso, não é? Mas o que sabem do nosso inferno?

Ela estava certa. Aquela Juliette estava certa. Como uma conversa daquelas podia estar acontecendo? Como seu irmão conseguia? Eram raças alienígenas que por acaso falavam a mesma língua. Deuses e mortais. Charlotte estava tentando se comunicar com formigas, que só se preocupavam com as curvas de seu formigueiro sob o solo, não com a disposição da terra mais ampla. Não conseguiria fazer com que enxergassem…

Então Charlotte percebeu que aquela Juliette não conhecia nada do *seu* lado do inferno. E decidiu lhe contar.

— Meu irmão foi espancado quase até a morte. Ele pode muito bem estar morto. Aconteceu bem diante de meus olhos. E o homem que fez isso era como um pai para nós dois. — Ela se esforçou para se segurar, para não deixar as lágrimas transparecerem na voz. — Estou sendo caçada. Vão me botar de volta para dormir ou vão me matar, e não sei se faz diferença. Eles mantêm as mulheres congeladas por anos e anos enquanto os homens trabalham em turnos. Há computadores lá fora ditando as regras do jogo, e um dia eles vão decidir qual dos silos terá permissão de se libertar. O resto vai morrer. Todos os silos vão morrer, menos um. E não há nada que possamos fazer para impedir isso.

Procurou as anotações na pasta, a classificação dos silos, mas não conseguiu encontrá-la com a visão turva. Em vez disso, pegou o mapa. Juliette não respondeu nada, provavelmente estava tão confusa pelo inferno de Charlotte quanto Charlotte pelo dela. Mas aquilo precisava ser dito. Aquelas terríveis verdades que haviam descoberto precisavam ser reveladas. A sensação era boa.

— Nós… Donny e eu só estávamos tentando descobrir como ajudar vocês, eu juro. Meu irmão… ele tinha afeto pela sua gente.

Charlotte soltou o microfone para que aquela pessoa não a ouvisse chorar.

— Minha gente — repetiu Juliette, abatida.

Charlotte assentiu. Respirou fundo.

— Seu silo.

Houve um longo silêncio. Charlotte esfregou o rosto com a manga.

— Por que acha que eu confiaria em você? Você sabe o que fizeram? Quantas vidas tiraram? Milhares morreram…

Charlotte foi ajustar o volume para abaixá-lo.

— ...e o resto de nós vai se juntar a eles. Mas você diz que quer nos ajudar. Quem é você, afinal?

Juliette esperou pela resposta. Charlotte encarou a caixa que chiava. Acionou o microfone.

— Bilhões — corrigiu. — Bilhões morreram.

Não houve resposta.

— Matamos muito mais do que você jamais poderia imaginar. Os números não fazem nem sentido. Matamos quase todo mundo. Acho que… a perda de milhares… acho que nem conta. É por isso que para eles é fácil fazer isso.

— Para quem? O seu irmão? Quem fez isso?

Charlotte secou as lágrimas ainda quentes e balançou a cabeça.

— Não. Donny jamais faria isso. Foi… não deve ter a palavra no seu vocabulário. Um homem que costumava estar no comando do mundo como era antigamente. Esse homem atacou meu irmão. Ele nos descobriu. — Charlotte olhou para a porta, meio na expectativa de que Thurman a derrubasse com um chute, entrasse e fizesse o mesmo com ela. Cutucara o ninho de vespas, tinha certeza. — Foi ele quem matou o mundo e o seu povo. O nome dele é Thurman. Ele era um… um tipo de prefeito.

— Seu prefeito matou meu mundo. Não seu irmão, e sim esse outro homem. Ele matou esse mundo onde estou agora? Esse aqui está morto

faz décadas. Ele o matou também?

Charlotte se deu conta de que aquela mulher pensava nos silos como um mundo inteiro. Lembrou-se de uma menina iraquiana com quem falou uma vez, enquanto tentava obter informações para chegar a outra cidade. Tinha conversado em uma língua diferente sobre um mundo diferente, mas tinha sido mais simples que aquilo.

— O homem que levou meu irmão matou o mundo maior, sim — explicou Charlotte, notando o memorando na pasta, o bilhete identificado como *O Pacto*. Como explicar?

— Você está falando do mundo fora dos silos? O mundo no qual as plantações cresciam sobre a terra e os silos guardavam sementes, e não pessoas?

Charlotte soltou um longo suspiro. Seu irmão devia ter explicado mais do que lhe contara.

— Isso. Esse mundo.

— Esse mundo está morto há milhares de anos.

— Centenas de anos — corrigiu Charlotte. — E nós… Nós estamos aqui há muito tempo. Eu… eu costumava viver naquele mundo. Eu o vi antes de ser destruído. Foram as pessoas do Silo 1 que fizeram isso. É verdade.

Houve silêncio. A sucção do vácuo após uma bomba. Uma confissão, expressa com clareza. Charlotte tinha feito o que achava que o irmão sempre quisera fazer. Admitir o crime deles para aquelas pessoas. Pintar um alvo. Se expor à vingança. Tudo o que eles mereciam.

— Se isso fosse verdade, eu ia querer matar todos vocês. Entende? Você sabe como nós vivemos? Sabe como é o mundo lá fora? Já o viu?

— Já.

— Com seus próprios olhos? Porque eu já vi.

Charlotte inspirou profundamente.

— Não — admitiu. — Não com meus próprios olhos. Com uma câmera. Mas vi mais longe que qualquer outro, e posso dizer a você que está melhor lá fora. Acho que você tem razão sobre estarmos envenenando o mundo, mas acho que é restrito. Tem uma grande

nuvem ao nosso redor. Além dessa nuvem, há céus azuis e uma chance de vida. Você precisa acreditar. Se eu pudesse ajudar a libertar vocês, a acertar as coisas, faria isso agora mesmo.

Houve uma longa pausa. Uma pausa muito longa.

— Como?

— Eu não… acho que não estou em posição de ajudar. Só estou dizendo que, se eu pudesse, faria. Sei que vocês estão com problemas aí, mas as coisas não estão muito melhores para mim, aqui. Quando me encontrarem, provavelmente vão me matar. Ou algo parecido. Já fiz… — Tocou a chave de fenda sobre a bancada. — Coisas muito ruins.

— Meu povo vai querer me ver morta pela parte que eu tive nisso — declarou Juliette. — Vão me mandar para a limpeza, e dessa vez não vou voltar. Então acho que temos alguma coisa em comum.

Charlotte riu e esfregou o rosto.

— Eu sinto muito. Mesmo. Sinto muito pelo que vocês estão passando. Sinto muito por termos feito isso com todos vocês.

Houve silêncio.

— Obrigada. Eu quero acreditar em você, nessa história de que você e seu irmão não foram os responsáveis por isso. Principalmente porque alguém próximo a mim queria que eu acreditasse que seu irmão estava tentando ajudar. Então espero que você não esteja no caminho quando eu chegar aí. Mas essas coisas ruins que você disse que fez... você fez com pessoas ruins?

Charlotte se ajeitou na cadeira.

— Foi — murmurou.

— Bom. Isso é um começo. E agora deixe-me contar a você sobre o mundo lá fora. Amei dois homens em toda minha vida, e os dois tentaram me convencer disso, de que o mundo era um lugar bom, de que poderíamos torná-lo melhor. Quando descobri sobre as máquinas de cavar, quando sonhei abrir um túnel até aqui, pensei que esse era o caminho. Mas isso só piorou as coisas. E aqueles dois homens, com toda aquela esperança explodindo do peito? Os dois estão mortos. Esse é o mundo em que eu vivo.

— Máquinas de cavar? — perguntou Charlotte. Tentou entender aquilo. — Você chegou a esse outro silo passando pelas câmaras pressurizadas. Sobre as colinas.

De início, Juliette não respondeu.

— Já falei demais — disse. — Tenho que ir.

— Não, espere. Me ajude a entender. Você abriu um túnel de um silo para o outro?

Charlotte se debruçou para a frente e espalhou as anotações outra vez, pegando o mapa. Ali estava um daqueles enigmas que não faziam sentido até que surgisse uma nova regra ou informação. Acompanhou uma das linhas vermelhas para fora, além dos silos, até um ponto identificado como *SEMENTES*.

— Acho que isso é importante — disse Charlotte. De repente estava tomada pela adrenalina. Viu como o jogo devia se desenrolar, o que devia acontecer em duzentos anos. — Você precisa acreditar em mim quando eu disser isso, mas sou do mundo antigo. Eu juro. Já vi a terra pronta para a colheita, cheia do que, como você diz, cresce acima da superfície. E o mundo lá fora parece arruinado, mas não acho que esteja todo assim. Já tive um vislumbre. E essas máquinas de cavar, como você as chama. Acho que sei para que elas servem. Preste atenção. Tenho um mapa aqui que meu irmão achava que era importante. Ele mostra um monte de linhas que levam a esse lugar indicado como S-E-M-E-N-T-E.

— Semente — repetiu Juliette.

— É. Essas linhas parecem rotas de voo, o que nunca fez sentido para mim. Mas acho que elas levam a um mundo melhor. Acho que a máquina de cavar que você encontrou não foi feita para ir de um silo para outro. Acho q…

Ouviu um ruído atrás de si. Charlotte teve dificuldade para processá-lo, apesar de estar à sua espera por horas, dias. Estava acostumada demais com a solidão, apesar do medo de irem buscá-la, da certeza absoluta de que estavam chegando para pegá-la.

— Você acha o quê? — perguntou Juliette.

Virando-se, Charlotte viu a porta da sala de controle dos drones se abrir. Um homem vestido como aqueles que seguraram seu irmão contra o chão estava parado no corredor. Ele foi em sua direção, gritando para que ela ficasse imóvel e erguesse as mãos onde ele pudesse vê-las. Apontou uma pistola para ela.

A voz de Juliette saía pelo rádio. Pedia que Charlotte continuasse, dissesse para que serviam as máquinas de cavar, respondesse. Mas Charlotte estava ocupada demais obedecendo àquele homem, com uma mão sobre a cabeça e a outra o mais alto que a dor permitia. E sabia que estava tudo acabado.

47

• Silo 17 •

O gerador fez um barulho e ligou. Ouvia-se um chacoalhar vindo das entranhas da máquina de cavar, depois uma série de luzes piscou na sala da bomba, na sala do gerador e no fim do corredor principal do Silo 17. Os mecânicos, exaustos, deram vivas e aplaudiram, e Juliette percebeu como aquelas pequenas vitórias eram importantes. A luz brilhava onde antes havia a escuridão da água.

Para ela, cada respiração era uma pequena vitória. A morte de Lukas era um peso em seu peito, assim como as perdas de Peter, Marsha e Nelson. Todo mundo da TI que ela conhecera e perdoara tinha morrido. A equipe do refeitório. Praticamente todo mundo acima do Suprimentos, todos que não tinham corrido a tempo. Pesos em seu peito, todos eles. Respirou fundo outra vez e ficou encantada por isso ainda ser possível.

Courtnee assumira a Mecânica, entrando no vácuo deixado por Shirly. Ela e sua equipe estavam passando cabos e fios com luzes, conectando e ligando as bombas automáticas. Juliette vagava como um fantasma. Só alguns pareciam vê-la. Só o pai e alguns de seus amigos mais chegados, absolutamente leais.

Encontrou Walker na parte de trás da máquina de cavar, onde o espaço apertado e a energia constante faziam com que se sentisse mais perto de casa. Walker olhou para o rádio dela e comentou que estava ficando sem bateria.

— Eu poderia providenciar um carregador em algumas horas — disse, desculpando-se.

Juliette examinou a esteira transportadora, livre de sujeira e entulho, que agora servia como bancada de trabalho para Walker e para a equipe de escavação. Ele tinha vários projetos em andamento para Courtnee: bombas para trocar peças e o que pareciam detonadores de mina desmontados. Juliette agradeceu, mas disse que subiria em breve. Havia carregadores nos postos policiais e também na TI, no trinta e quatro.

Mais perto do fim da esteira, Juliette viu membros da equipe de escavação observando uma planta esquemática. Pegou o rádio e sua lanterna da bancada de Walker, deu-lhe um tapinha nas costas e se juntou a eles.

Erik, o velho chefe de serviço das minas, marcava distâncias na planta com um compasso. Juliette se espremeu para ver mais de perto. Era a planta dos silos que trouxera da TI, tantas semanas antes. Mostrava uma série de círculos, alguns riscados. Havia marcas entre dois silos, para mostrar a rota que a escavadeira fizera. O mapa tinha sido usado pela equipe de mineração para marcar seu caminho com base no cálculo de Juliette sobre a direção e a distância que caminhara.

— Poderíamos chegar ao 16 em duas semanas — calculou Erik.

Bobby resmungou:

— Ah, fala sério… Demorou mais que isso para chegar aqui.

— Estou contando com incentivo extra para sair deste lugar — retrucou Erik.

Alguém riu.

— E se lá não for seguro? — perguntou Fitz.

— Provavelmente não é — respondeu Juliette.

Rostos cobertos de sujeira se viraram para ouvi-la.

— Você tem amigos em todos eles? — perguntou Fitz.

Pelo tom, era quase uma zombaria. Juliette sentiu a tensão no grupo. A maioria conseguira passar com a família, as pessoas que amavam, seus filhos, irmãos e irmãs. Mas nem todos.

Juliette se espremeu entre Bobby e Hyla, depois bateu com o dedo em um dos círculos no mapa.

— Tenho amigos bem aqui — retrucou.

Sombras atravessaram o mapa quando a lâmpada fraca pendulou no teto. Erik leu a legenda no círculo que Juliette indicara.

— Silo 1. — Traçou as três fileiras de silos entre aquele local e onde estavam. — Demoraria muito mais.

— Não tem problema — disse ela. — Eu vou sozinha.

Os olhares se moveram do mapa para ela. O único som era o ronco do gerador na outra extremidade da escavadeira.

— Vou pela superfície. E sei que vocês precisam do máximo de cargas explosivas que puderem, mas vi algumas caixas que sobraram da escavação. Eu adoraria levar o suficiente para abrir um buraco no alto desse silo.

— Do que você está falando? — perguntou Bobby.

Juliette se debruçou sobre o mapa e traçou um caminho com o dedo.

— Eu vou pela superfície, usando um traje modificado. Vou prender todas as barras de cargas explosivas que conseguir na porta desse silo, depois vou abrir esse filho da puta como uma lata de sopa.

Fitz deu um sorriso sem dentes.

— Que tipo de amigos você disse que tinha lá?

— Do tipo morto — respondeu Juliette. — As pessoas que fizeram isso com a gente moram lá. Foram eles que tornaram o exterior inabitável. E acho que está na hora de tentarem viver nele.

Todos permaneceram em silêncio por um instante, até que Bobby perguntou:

— Qual a espessura das portas da câmara de pressurização? Quer dizer, você já viu como elas são.

— Uns dez centímetros, talvez menos.

Erik coçou a barba. Juliette percebeu que metade dos homens ao redor daquela mesa estava fazendo cálculos. Nenhum deles ia tentar convencê-la do contrário.

— Você precisaria de vinte a trinta barras — comentou alguém.

Juliette procurou a voz e viu um homem que não reconheceu. Talvez fosse alguém dos níveis intermediários que conseguira descer. Mas estava usando um macacão de mecânico.

— Tinha uma chapa de três centímetros soldada na base da escada. Usamos oito barras para arrebentá-la. Eu diria para planejar usar de três a quatro vezes isso.

— Você foi transferido? — perguntou Juliette.

— Sim, senhora.

Ele assentiu. E, olhando além da fuligem, vendo o cabelo bem curto e o sorriso brilhante, Juliette conseguiu ver um sujeito dos níveis superiores ali. Um dos homens enviados pela TI para suprir os turnos da Mecânica. Alguém que estourara a barreira que haviam erguido durante o levante. Ele sabia do que estava falando.

Juliette olhou para os outros.

— Antes de partir, vou tentar fazer contato com algum desses silos, ver se algum pode receber vocês. Mas preciso alertá-los de que todos os chefes desses lugares trabalham para essas pessoas. Eles podem matá-los assim que vocês surgirem através das paredes ou decidirem alimentá-los. Não sei o que dá para recuperar, mas ficar aqui talvez seja melhor. Imaginem o que teríamos pensado se centenas de estranhos abrissem um buraco em nosso lar e pedissem abrigo.

— Teríamos deixado eles entrarem — retrucou Bobby.

Fitz deu risada.

— Para você é fácil dizer, tem seus dois filhos. E nós, que estávamos na loteria?

Isso fez com que várias pessoas começassem a falar ao mesmo tempo. Erik bateu com a mão na esteira de rolamento para silenciá-los.

— Chega. — Ele olhou para todos os reunidos. — Juliette tem razão. Primeiro precisamos saber para onde vamos. Enquanto isso, podemos começar a preparação. Vamos querer todos os suportes das minas desse lugar, o que significa que ainda temos que bombear muita água e explorar bastante.

Bobby indagou:

— E como exatamente vamos apontar essa coisa na direção certa? Foi difícil botá-la nesta direção. Essas coisas não gostam de ser viradas.

Erik assentiu.

— Já pensei nisso. Vamos escavar ao redor e dar espaço para ela girar no eixo. Courtnee disse que dá para operar vários trilhos ao mesmo tempo, vamos um pouco para a frente de um lado, um pouco para trás do outro. Ela vai girar, só não pode ter terra no caminho.

Raph surgiu ao lado de Juliette. Ele se mantivera afastado durante a discussão.

— Eu vou com você — declarou.

Juliette percebeu que não era uma pergunta. Ela assentiu.

Quando Erik terminou de explicar as próximas tarefas, os trabalhadores começaram a se espalhar. Juliette captou a atenção dele e lhe mostrou o rádio.

— Vou ver Courtnee e meu pai antes de partir, e tenho alguns amigos que subiram para as fazendas. Vou pedir para alguém trazer um rádio para você aqui embaixo assim que encontrar outro. E um carregador. Se eu fizer contato com um silo que queira receber vocês, aviso.

Erik assentiu. Ele ia dizer alguma coisa, mas examinou os rostos dos que ainda estavam por ali e a chamou para conversar em um local mais afastado. Juliette entregou o rádio a Raph e o seguiu.

Após alguns passos, Erik olhou ao redor e acenou para que ela continuasse a segui-lo. Avançaram um pouco mais. Até que chegaram ao local onde os detritos da escavação eram lançados, onde a última lâmpada balançava e tremeluzia.

— Ouvi o que alguns deles estão comentando — disse Erick. — Só quero que você saiba que é babaquice, está bem?

A expressão de Juliette transpareceu sua confusão. Erik respirou fundo, olhou para seus trabalhadores a distância.

— Minha esposa estava trabalhando nos cento e vinte quando essa coisa aconteceu. Todo mundo ao redor dela subia correndo, e, por mais que ela sentisse vontade de se juntar a eles, seguiu direto aqui para baixo, para encontrar nossos filhos. Foi a única daquele nível que se salvou.

Lutou contra uma multidão enorme para chegar aqui. As pessoas estavam agindo como loucas.

Juliette apertou o braço dele.

— Que bom que ela conseguiu. — respondeu, observando a luz oscilante refletir nos olhos de Erick.

— Merda, Jules, me escuta. Hoje de manhã acordei sobre uma placa de aço enferrujada, com uma dor no pescoço que acho que vai me acompanhar pelo resto da vida, duas crianças dormindo em cima de mim como se eu fosse uma droga de um colchão, e o rabo dormente de frio…

Juliette riu.

— … mas Lesley estava ali, deitada, olhando para mim. Parecia que estava olhando para mim fazia muito tempo. E minha esposa olhou à nossa volta, para esse buraco infernal e enferrujado, e deu graças a Deus porque tínhamos esse lugar para vir.

Juliette se virou e secou os olhos. Erik a segurou pelo braço e a fez virar-se para ele. Não ia deixá-la recuar.

— Ela odiava esta escavação. Odiava. E odiava o fato de eu ter que pegar um segundo turno, de eu reclamar e resmungar pelas coisas que você me mandava fazer ou que nós fizemos com o número seis. Ela odiava porque eu odiava. Entende?

Juliette assentiu.

— E olha, eu sei tão pouco sobre o que está acontecendo quanto a maioria das pessoas aqui. Não acho que vamos a lugar nenhum com essa escavação, mas ela vai nos dar alguma coisa a fazer até nossa hora chegar. Até lá, vou acordar dolorido ao lado da mulher que amo e, se tiver sorte, vou fazer a mesma coisa na manhã seguinte, e cada uma dessas manhãs vai ser uma dádiva. Isso não é o inferno. Isso é o que vem antes. E você nos deu isso.

Juliette secou as lágrimas do rosto. Parte dela odiava a si mesma por chorar na frente de Erick. A outra parte queria se agarrar a ele e deixar as lágrimas escorrerem. Naquele momento, sentia mais falta de Lukas do que se achava capaz de sentir.

— Não sei o motivo dessa tarefa sem sentido em que você está se metendo, mas pode contar comigo para o que quiser. Se isso significar cavar com minhas próprias mãos, que seja. Vá pegar aqueles filhos da puta. Quero vê-los no inferno, quando eu chegar lá.

48

• Silo 17 •

Juliette encontrou o pai na clínica improvisada montada em um armazém vazio e cheio de ferrugem. Raylee, uma eletricista do segundo turno com nove meses de gravidez, estava deitada sobre um colchonete, com o marido ao lado, os dois com as mãos na enorme barriga. Juliette cumprimentou o casal e pensou em como o filho deles seria o primeiro — talvez de todos aqueles mundos — a nascer em um silo diferente do de seus pais. Aquela criança nunca conheceria a Mecânica reluzente onde os pais trabalharam e viveram, nunca faria a viagem escadaria acima até o bazar para ouvir música ou assistir a uma peça, talvez nunca visse um telão em funcionamento, para saber como era o mundo exterior. E, se fosse menina, correria o risco de ter os filhos sozinha, como acontecera com Hannah, sem ninguém orientá-la.

— Você está indo embora? — perguntou o pai de Juliette.

Ela assentiu.

— Vim me despedir.

— Você diz isso como se nunca mais fossemos nos ver. Vou subir para ver como estão as crianças assim que organizar as coisas por aqui. Assim que acontecer a chegada — respondeu ele, depois sorriu para Raylee e o marido.

— Por enquanto, é só uma despedida — disse Juliette.

Tinha feito os outros jurarem não contar a ninguém o que ela tinha planejado, principalmente para seu pai e Courtnee. Enquanto dava um último abraço no pai, tentou não deixar que seus braços a traíssem.

— E, só para você saber — comentou, soltando-o —, essas crianças são a coisa mais próximas que eu já tive de filhos. Então, se eu não estiver por perto para cuidar delas e você puder ajudar Solo… Às vezes eu acho que ele é a maior criança do grupo.

— Eu vou. Eu sei. E sinto muito por Marcus. É minha culpa.

— Não, pai. Por favor, não. Só… cuide deles quando eu estiver ocupada demais. Você sabe como eu fico quando me meto em um projeto doido.

O pai assentiu.

— Eu amo você — completou Juliette.

E então se virou para ir embora antes que se traísse mais e revelasse seus planos. No corredor, Raph carregava uma sacola pesada no ombro. Juliette pegou a outra. Os dois caminharam por aquela fileira de luzes, penetrando a escuridão quase completa. Não empunhava lanternas. Os corredores eram bastante familiares, e seus olhos logo se adaptaram.

Passaram por uma guarita de segurança vazia. Juliette viu a mangueira de respiração dobrada e lembrou-se de nadar exatamente por aquele ponto. À frente, a escadaria emitia o brilho esverdeado das luzes de emergência insistentes, e ela e Raph começaram a longa e árdua subida. Juliette pensava na lista de coisas que precisava resolver e pegar pelo caminho. As crianças deviam estar nas fazendas inferiores, de volta à velha casa. Solo também. Queria vê-los e depois subir, pegar um carregador e — com sorte — outro rádio na delegacia. Se tivessem sorte e fizessem um bom tempo de subida, mais tarde estaria em seu antigo lar no laboratório de limpeza, naquela mesma noite, montando um último traje.

— Você se lembrou de pegar os detonadores com Walker? — perguntou Juliette. Sentia que estava esquecendo alguma coisa.

— Lembrei. E as baterias que você queria. E enchi nossos cantis. Estamos bem.

— Só conferindo.

— E as coisas para modificar os trajes? — perguntou Raph. — Tem certeza que lá em cima tem tudo que precisa? Quantos sobraram, afinal?

— Mais do que suficiente — respondeu Juliette.

Queria dizer a ele que dois trajes seriam suficientes. Tinha quase certeza de que Raph achava que ia com ela até o fim. Ela já estava se preparando para essa briga.

— É, mas quantos? Só estou curioso. Ninguém tinha permissão para falar dessas coisas antes…

Juliette pensou nos armazéns entre o trinta e quatro e o trinta e cinco, nos abrigos entre os andares que pareciam se estender para sempre.

— Duzentos, talvez trezentos trajes — respondeu. — Mais do que eu consegui contar. Só modifiquei alguns.

Raph assoviou.

— É suficiente para alguns séculos de limpeza, hein? Mandando um por ano...

Juliette achou que a conta estivesse mais ou menos certa. E supôs, tendo descoberto como o ar exterior era envenenado, que aquele devia ser o plano: criar um fluxo constante de eLivross. Não para limpar, mas para fazer exatamente o contrário. Deixar o mundo mais imundo.

— Ei, você se lembra da Gina, do Suprimentos?

Juliette assentiu, e a sensação de perda foi dolorosa. Alguns do Suprimentos tinham conseguido chegar lá embaixo, mas Gina, não.

— Sabia que estávamos saindo?

Juliette balançou a cabeça.

— Não sabia. Sinto muito, Raph.

— É.

Fizeram uma volta da escadaria.

— Uma vez ela fez uma contagem de alguns sobressalentes. Eles tinham esse computador só para calcular tudo, sabe, mostrando onde cada coisa ficava, quantas eram requisitadas, essas coisas. Bem, a TI tinha queimado uns chips dos servidores, bum, bum, bum. Só uma daquelas semanas em que tudo parece dar errado…

— Lembro bem dessas semanas — interveio Juliette.

— Bem, Gina começou a pensar em quanto tempo iam acabar sem chips no estoque. Era uma daquelas peças que não se conseguia mais

fazer, sabe? Coisas intricadas. Então calculou a relações do índice médio de defeitos e de quantos tinham em estoque e chegou a um resultado de duzentos e quarenta e oito anos.

Juliette esperou que ele continuasse.

— Esse número significa alguma coisa? — perguntou.

— A princípio, não. Mas o número a deixou curiosa, porque ela tinha feito uma conta parecida alguns meses antes, também só por curiosidade, e o resultado era quase o mesmo. Algumas semanas depois, uma lâmpada do escritório dela queimou. Só uma lâmpada. Apagou enquanto ela estava trabalhando em alguma coisa, e isso a fez pensar. Você já viu quantas lâmpadas tem no depósito do Suprimentos, né?

— Na verdade, não.

— Bem, é enorme. Ela me levou lá uma vez. E...

Raph subiu alguns degraus em silêncio.

— Bem, o depósito já esvaziou quase pela metade. Então Gina fez esse cálculo de lâmpadas para todo o silo, e o resultado é duzentos e cinquenta e um anos de fornecimento.

— Outro número muito próximo.

— Exatamente. E, como ela é muito curiosa, uma qualidade que você teria adorado, começou a fazer relatórios como esses em seu tempo vago, contabilizando itens importantes, como células de combustível, anticoncepcional injetável e chips temporizadores. E todos os resultados eram próximos a duzentos e cinquenta. Foi quando ela percebeu que era o tempo que nos restava.

— Duzentos e cinquenta anos — repetiu Juliette. — Ela contou isso para você?

— Sim. Contou para mim e para alguns outros amigos enquanto bebíamos. Estava bem bêbada, veja bem. E eu me lembro… — Raph deu risada — Eu me lembro de Jonny dizer que ela só estava vendo os acertos e esquecendo os erros e que, por falar em esquecer os erros, ele precisava voltar para a esposa. Um dos amigos de Gina, também do Suprimentos, dizia que as pessoas falavam aquilo desde que a avó dele era viva, e que sempre diriam isso. Mas Gina respondeu que as pessoas

só não pensavam muito nisso por que ainda era cedo. Disse que em duzentos anos, mais ou menos, as pessoas começariam a entrar em cavernas vazias para pegar as últimas coisas que restassem, e então ficaria óbvio.

— É mesmo uma pena ela não estar aqui — disse Juliette.

— Eu também acho.

Subiram alguns degraus.

— Mas não é por isso que estou contando desse número. Você disse que devia ter uns duzentos trajes. Parece mais ou menos a mesma conta, não é?

— Foi só um palpite — admitiu Juliette. — Fui lá poucas vezes.

— Mas faz sentido. Não parece que tem um relógio contando o tempo? Ou os deuses sabiam o quanto estocar, ou não têm planos para nós depois de certa data. Faz você se sentir um lixo, não é? Enfim, pelo menos é como eu sinto.

Juliette se virou e encarou o albino, reparando que as luzes de emergência davam a ele um brilho esverdeado fantasmagórico.

— Talvez Gina tenha descoberto alguma coisa.

Raph fungou.

— É. Mas que se foda. Vamos morrer muito antes disso.

Então ele riu. A voz dele ecoou escadaria acima e abaixo, mas aquela ideia deixou-a triste. Não por todos que conhecia estarem mortos antes de essa data chegar, mas por essa compreensão tornar mais fácil de engolir aquela verdade horrível e mórbida: seus dias estavam contados. Tentar salvar qualquer coisa era tolice, sobretudo uma vida. Nenhuma vida tinha sido salva de verdade, não na história da humanidade. Eram apenas prolongadas. Tudo chegava a um fim.

49

• Silo 17 •

As fazendas estavam às escuras, com as luzes no teto adormecidas por causa dos temporizadores, que emitiam cliques distantes. Ouviam-se vozes vindo da extremidade de um corredor comprido e coberto de folhagem, reclamando lotes de terra e disputando as propriedades. Coisas que não eram de ninguém passaram a pertencer a alguém. Aquilo lembrou Hannah de tempos atribulados. Ela abraçou o filho junto ao peito e ficou perto de Rickson.

O jovem Miles ia na frente, com sua lanterna quase sem bateria. Batia o aparelho na palma da mão sempre que a luz diminuía, o que de algum modo extraía mais energia. Hannah olhou para trás, na direção da escadaria.

— Por que Solo está demorando tanto? — perguntou.

Ninguém respondeu. Solo tinha ido procurar Elise. Era bem comum a menina sair correndo atrás de alguma distração, mas era diferente naquela situação, com tantas pessoas espalhadas por ali. Hannah estava preocupada.

O bebê em seus braços chorava. Sempre fazia isso quando estava com fome. Tinha esse direito. Hannah conteve as próprias reclamações. Também estava faminta. Ajeitou a criança no colo, soltou uma alça do macacão e deu-lhe acesso ao seio. A fome ficava pior com a pressão de ter de se alimentar por dois. E onde antes as colheitas ao longo do corredor roçavam em seus braços — fazendo com que um estômago vazio fosse uma das poucas coisas que precisava de temer —, os campos

que eram vicejantes estavam assustadoramente vazios. Destruídos. Tomados.

As folhas e caules das plantações farfalharam quando Rickson passou por cima da grade e explorou a segunda e a terceira fileiras indo atrás de um tomate, um pepino ou alguma frutinha selvagem escondida entre outras plantas, enroscado entre outras plantas. Voltou fazendo barulho e apertou algo contra a mão de Hannah. Algo pequeno, com um ponto macio no lugar que ficara em contato com o chão por tempo demais.

— Aqui — disse, e voltou a procurar.

— Por que levariam tanto de uma vez só? — perguntou Miles, cavando em busca de comida.

Hannah cheirou o pequeno presente de Rickson, que parecia vagamente uma abóbora, mas ainda estava verde. As vozes ao longe se elevaram em uma briga. Ela deu uma pequena mordida e fez careta por causa do sabor amargo.

— Eles levaram demais porque não são família — explicou Rickson.

A voz dele veio de trás de plantas escuras, que tremeram à sua passagem. O jovem Miles apontou a lanterna na direção de Rickson, que emergiu de mãos vazias das fileiras de milho.

— Mas nós não somos uma família — retrucou Miles. — Não de verdade. E nunca fizemos isso.

Rickson saltou por cima da grade.

— Claro que somos uma família. Vivemos e trabalhamos juntos como famílias devem fazer. Mas essas pessoas não fazem isso, já reparou? Não viu como se vestem para se diferenciar? Eles não moram juntos. Esses estranhos vão lutar, como nossos pais. Nossos pais também não eram uma família.

Rickson soltou o cabelo e afastou os fios soltos do rosto, depois amarrou tudo de novo atrás da nuca. Sua voz estava baixa, os olhos observando a escuridão onde as vozes discutiam.

— Eles vão fazer como nossos pais e lutar por comida e mulheres até não sobrar mais nenhum. O que significa que também teremos que lutar, se quisermos sobreviver.

— Eu não quero lutar — retrucou Hannah. Fez uma careta, afastou o bebê do mamilo dolorido e começou a mexer no macacão, para trocar de seio.

— Você não vai precisar lutar — respondeu Rickson, ajudando-a com o macacão.

— Eles nos deixaram em paz, da outra vez — comentou Miles. — Nós vivemos aqui por anos e eles vinham, pegavam o que precisavam e não lutavam com a gente. Talvez essas pessoas façam o mesmo.

— Isso foi há muito tempo — explicou Rickson.

Observou o bebê se aconchegar nos seios da mãe, depois saltou pela grade e adentrou a escuridão outra vez em busca de comida.

— Eles nos deixaram em paz porque éramos pequenos e éramos filhos deles. Hannah e eu tínhamos a sua idade. Você e seu irmão eram muito pequenos. Não importava o quanto a luta fosse feia, eles deixaram as crianças para viver ou morrer por conta própria. Foi uma dádiva, a forma como nos abandonaram.

— Mas eles sempre vinham — retrucou Miles. — E nos traziam coisas.

— Como Elise e a irmã dela? — perguntou Hannah. Ela e Rickson tinham trazido à tona irmãos mortos. Reparou que aquele local estava cheio de mortos e desaparecidos, os que tinham sido expulsos do topo. — Vai ter luta — insistiu com Miles, que ainda não parecia muito convencido. — Rickson e eu não somos mais crianças.

Ela balançou o bebê nos braços. O ato de amamentar era uma lembrança de como estavam longe da infância.

— Eu só queria que eles fossem embora — reclamou Miles, ressentido. Bateu a lanterna, que soltou um feixe de repente, como um arroto de bebê. — Queria que tudo voltasse ao normal. Queria que Marcus estivesse aqui. Não me sinto bem sem ele.

— Um tomate — anunciou Rickson, emergindo das sombras, vitorioso.

Segurava um globo vermelho sob o foco da lanterna de Miles, lançando uma luz avermelhada em seus rostos. Uma faca se

materializou, e Rickson cortou o fruto em três. Hannah pegou o primeiro pedaço. O sumo da fruta, vermelho como sangue, escorreu da mão dele, dos lábios de Hannah e da faca. Comeram em relativo silêncio, as vozes no fundo do corredor distantes e assustadoras.

* * *

Jimmy praguejava baixinho enquanto subia as escadas. Xingou como de costume, de uma forma que apenas ele pudesse ouvir, com palavras que nunca tinham muita força para viajar, movendo-se dos lábios até seus ouvidos. Xingou e continuou dando voltas e mais voltas, emitindo vibrações que se misturavam às outras, acima e abaixo. Vigiar Elise tinha virado um problema. Bastava olhar para o lado, e ela já tinha sumido. Como Sombra fazia quando todas as luzes de cultivo se acendiam ao mesmo tempo.

— Não, não é como Sombra — murmurou para si mesmo.

Sombra ficara a seus pés durante a maioria dos dias. Sempre tropeçava no gato. Elise era bem diferente.

Outro nível passou, vazio e solitário, e Jimmy lembrou que aquilo não era novo. Não era repentino. Elise estava sempre indo e vindo quando queria. Só que ele nunca tinha se preocupado com isso quando o silo estava vazio. Aquilo o fez reconsiderar os fatores que tornavam um lugar perigoso. Talvez não tivesse nada a ver com o lugar.

— Ei, você!

Jimmy subiu até outro andar, o cento e vinte e dois. Um homem acenou da porta. Ele usava um macacão dourado, o que significava alguma coisa na época em que as coisas ainda tinham significado. Era o primeiro rosto que Jimmy via em uma dezena de níveis.

— Você viu uma garotinha? — perguntou, ignorando o fato de que aquele homem também parecia ter uma pergunta a fazer. Jimmy levou a mão na altura do quadril. — Dessa altura. Sete anos de idade. Sem um dente. — Apontou para os próprios dentes, no meio da barba.

O sujeito balançou a cabeça.

— Não, mas você é o homem que costumava viver aqui, certo? O sobrevivente? — O homem tinha uma faca na mão, reluzindo prateada como um peixe na água. O homem de dourado soltou uma risada e olhou para trás do corrimão da escadaria. — Acho que somos todos sobreviventes, não é mesmo?

Ele estendeu a mão e pegou uma das mangueiras de borracha que Jimmy e Juliette tinham afixado à parede, para escoar a inundação. Com um corte habilidoso, a mangueira se partiu. Ele começou a puxar a parte inferior, que balançava, solta, bem abaixo.

— Isso era para as inundações… — começou Jimmy.

— Você deve saber bastante sobre esse lugar — comentou o homem. — Me desculpe. Meu nome é Terry. Terry Harlson. Sou do Comitê de Planeja… — Ele estreitou os olhos para Jimmy. — Droga, você não sabe e nem liga, não é mesmo? Nós somos todos a mesma coisa, para você.

— Jimmy — respondeu. — Meu nome é Jimmy, mas me chamam de Solo. E essa mangueira…

— Você tem ideia de onde vem essa energia? — Terry indicou com a cabeça as luzes verdes que pontilhavam o lado inferior da escadaria. — Estamos abrigados a uns 40 níveis daqui. O rádio lá tem energia. Alguns desses cabos espalhados por aí também têm força. Foi você quem fez isso?

— Uma parte — respondeu Jimmy. — Outra já estava assim. Uma garotinha, Elise, subiu por aqui. Você não…?

— Reparei que a energia vem de cima, mas Tom disse para verificar aqui embaixo. Ele disse que a energia sempre vinha de baixo no nosso silo, e que deve ser igual aqui. Todo o resto é. Mas vi a marca alta de água lá embaixo, onde estava inundado. Não acho que a energia vem lá de baixo há um bom tempo. Mas você deve saber, certo? Esse lugar tem algum segredo que você possa nos contar? Eu adoraria saber sobre essa energia.

A mangueira estava em um rolo aos pés do homem, a faca, exposta outra vez, brilhando em suas mãos.

— Você alguma vez pensou em participar de algum comitê?

— Preciso encontrar minha amiga — retrucou Jimmy.

Terry golpeou outra vez, mas o cabo elétrico resistiu. Era o cobre no centro. O homem dobrou o cabo negro na mão e serrou para frente e para trás, os grandes músculos protuberantes sob a camisa manchada de suor. Depois de algum esforço, a faca se libertou, e o cabo se partiu em dois.

— Se sua amiga não estiver com os homens nas fazendas, deve estar com os cantores religiosos. Passei por eles quando estava descendo. Encontraram uma capela.

Terry jogou a faca para cima antes de guardá-la e de enrolar o cabo ao redor do braço.

— Uma capela — repetiu Jimmy. Sabia onde era. — Obrigado, Terry.

— É o mínimo que eu posso fazer — disse o homem, dando de ombros. — Obrigado por me dizer de onde vem essa energia.

— Energia?

— É, você disse que vinha de cima. Do nível…

— Trinta e quatro? Eu disse isso?

O homem sorriu.

— Acho que sim.

50

• Silo 17 •

Elise tinha visto as pessoas nas profundezas, onde antes estava inundado — estavam escavando para sair e tentando fazer a energia funcionar, acender as luzes. Também tinha visto pessoas nas fazendas, colhendo um monte de comida e tentando descobrir como alimentar os outros. E havia aquele terceiro grupo de pessoas, que estava arrumando móveis, varrendo o chão e ajeitando as coisas. Não tinha ideia de o que estavam tentando fazer.

O homem simpático que vira Cachorrinho pela última vez estava afastado, conversando com outro homem vestido de branco com um círculo sem cabelo no topo da cabeça, apesar de parecer jovem demais para ser careca. A roupa era estranha, parecia um lençol. Em vez de duas pernas, tinha uma só, e era tão grande que contornava o corpo dele e mal dava para ver seus pés. O homem simpático de barba negra parecia estar discutindo alguma coisa. O homem de lençol branco só franzia a testa e ficava parado. De vez em quando, um dos dois — ou ambos — olhavam para Elise, e ela temia que estivessem falando dela. Talvez estivessem discutindo sobre como encontrar Cachorrinho.

Os móveis foram organizados em linhas retas, todos virados para o mesmo lado. Não havia mesa, como nas salas onde costumava comer, atrás das fazendas — sempre se escondia embaixo delas e fingia que era um rato com toda uma família de ratos, todos conversando e retorcendo os bigodes. Ali havia apenas cadeiras e bancos virados para uma parede com uma imagem de vidro colorido que tinha alguns pedaços

quebrados. Um homem de macacão trabalhava atrás daquela parede, visível através da parte quebrada e meio borrado onde ainda tinha vidro. Ele conversava com alguém, que passou um cabo negro por uma porta. Estavam trabalhando em alguma coisa, então uma luz se acendeu lá no fundo, projetando raios coloridos pela sala, e algumas pessoas que arrastavam móveis pararam para olhar. Algumas sussurraram. Parecia que todos estavam sussurrando a mesma coisa.

— Elise.

O homem de barba negra se ajoelhou ao lado dela. Elise levou um susto e abraçou a bolsa bem apertado.

— Oi?

A voz dela era pouco mais que um sussurro.

— Você já ouviu falar no Pacto? — indagou ele.

O outro homem, sem cabelo no topo da cabeça e com o lençol branco em torno dos ombros, estava parado atrás dele com a mesma expressão sisuda. Elise achou que ele nunca sorria. Assentiu, em resposta à pergunta.

— Pato é um animal, como os cervos, os cachorros e os cachorrinhos.

O homem sorriu.

— Pacto, não pato. — Mas parecia a mesma coisa para Elise. — E cachorros e cachorrinhos são o mesmo tipo de animal.

Elise não teve vontade de corrigi-lo. Tinha visto cachorros em seu livro e no bizarro, e eles eram assustadores. Cachorrinhos não eram assustadores.

— E onde você ouviu falar em cervo? — perguntou o homem enrolado no cobertor branco. — Tem livros infantis por aqui?

Elise balançou a cabeça.

— Temos livros de verdade. Eu já vi um cervo. São altos e engraçados, têm pernas finas e vivem na floresta.

O homem de barba negra e macacão laranja não pareceu se importar com o cervo. Não tanto quanto o do lençol. Elise olhou para a porta e se perguntou onde estaria todo mundo que ela conhecia. Onde estava Solo? Ele devia estar ajudando a procurar Cachorrinho.

— O Pacto é um documento muito importante — explicou o homem de laranja. De repente, ela lembrou que o nome dele era sr. Rash. Ele já tinha se apresentado, mas Elise era ruim com nomes. Sempre precisara saber poucos. O sr. Rash tinha sido muito simpático. — O Pacto é como um livro, só que pequeno. Assim como você é uma mulher, só que pequena.

— Tenho sete anos — retrucou Elise. Não era pequena.

— E, antes que consiga parar para reparar, vai ter dezessete.

O homem de barba negra estendeu a mão e tocou seu rosto. A menina se afastou, assustada, o que o fez franzir o cenho. Ele se virou e olhou para o sujeito de lençol branco, que examinava Elise.

— Que livros são esses? — perguntou o homem do lençol. — Os livros que têm esses animais estão aqui neste silo?

Elise sentiu suas mãos se dirigirem para a bolsa e permanecerem ali, em um gesto protetor, repousando sobre o livro de memórias. Tinha quase certeza que a página com o cervo estava em seu livro. Gostava das coisas sobre o mundo verde, sobre pesca e animais, o sol e as estrelas. Mordeu o lábio para não dizer nada.

O homem de barba negra, o sr. Rash, se ajoelhou ao lado dela. Tinha uma folha de papel e um bastão de giz roxo nas mãos. Ele os deixou no banco, ao lado da perna de Elise, e pousou a mão no joelho da garotinha. O outro se aproximou.

— Se você souber de algum neste lugar, é seu dever com Deus nos dizer onde eles estão — anunciou o homem do lençol. — Você acredita em Deus?

Elise assentiu. Hannah e Rickson tinham ensinado a ela sobre Deus e as rezas noturnas. O mundo se turvou ao seu redor, e ela percebeu que tinha lágrimas nos olhos. Secou-as. Rickson odiava quando ela chorava.

— Onde estão esses livros, Elise? Quantos são?

— Muitos — disse, pensando em todos os livros dos quais tinha roubado páginas.

Solo tinha ficado bem irritado quando descobriu que ela estava arrancando figuras e os Passo a Passos dos livros. Mas os Passo a Passos

mostraram um jeito melhor de pescar, então Solo a ensinou a costurar as páginas no lugar e retirá-las sem danificar os livros, e os dois pescaram juntos.

O homem no lençol branco se ajoelhou diante dela.

— Esses livros estão por toda parte?

— Este é o Padre Remmy — explicou o sr. Rash, dando licença para o homem com o buraco careca e apresentando-o a Elise. — O Padre Remmy é como um pai, vai nos guiar através desses tempos tumultuosos. Nós somos um rebanho. Antigamente seguíamos o Padre Wendel, mas às vezes as pessoas deixam o rebanho, e outras se juntam. Como você.

— Esses livros — insistiu o sr. Remmy, que parecia jovem para ser um pai, não parecia muito mais velho que Rickson. — Eles estão perto de nós? Onde podemos encontrá-los?

O sujeito do lençol apontou para a parede e depois para o teto. Ele tinha um jeito estranho de falar, uma voz alta que podia ser sentida no peito de Elise, uma voz que lhe dava vontade de responder. E seus olhos, verdes como as profundezas inundadas onde ela e Solo costumavam pescar, faziam-na querer dizer a verdade.

— Todos no mesmo lugar — respondeu, fungando.

— Onde? — sussurrou o homem do lençol, segurando as mãos dela. O homem da barba observava aquilo com uma cara esquisita. — Onde estão os livros? Isso é muito importante, minha filha. Só há um livro, sabia? Todos os outros são mentiras. Agora me conte onde eles estão.

Elise pensou no livro em sua bolsa. Ele não era mentira. Mas não queria que aquele homem tocasse em seu livro. Não queria que tocasse nela. Tentou se afastar, mas as mãos grandes do homem a seguraram com mais firmeza. Algo nadava por trás dos olhos dele.

— Trinta e quatro — murmurou ela.

— Nível trinta e quatro?

Elise assentiu, e as mãos dele se afrouxaram. Quando o sujeito se afastou, o sr. Rash se aproximou e apoiou a mão sobre a de Elise, cobrindo o local que o outro havia machucado.

— Padre, podemos…? — perguntou o sr. Rash.

O homem com a careca assentiu, e o sr. Rash pegou o pedaço de papel no banco. Estava impresso de um lado. O outro tinha algo escrito à mão. O giz roxo estava ali também, e o sr. Rash perguntou a Elise se ela sabia escrever, se conhecia as letras.

Elise balançou bem a cabeça, indicando que sim. Sua mão desceu à bolsa outra vez, protegendo o livro. Sabia ler melhor que Miles. Hannah se certificara disso.

— Pode escrever seu nome para mim? — perguntou o homem. Mostrou o papel a ela. Havia linhas riscadas embaixo. Dois nomes já tinham sido assinados. Havia outra linha em branco. — Bem aqui — disse, indicando aquela linha.

Forçou o giz na mão de Elise. Ela tentou ler alguma das outras palavras, mas as letras eram confusas. Tinha sido escrito depressa e sobre uma superfície irregular. Além disso, sua visão estava borrada.

— É só o seu nome — repetiu o sujeito. — Me mostre como se escreve.

Elise queria ir embora. Ela queria Cachorrinho, Solo, Jewel e até Rickson. Secou as lágrimas e engoliu um soluço. Se fizesse o que queriam, ficaria livre para ir. Tinha cada vez mais gente naquela sala. Algumas a observavam aos sussurros. Ouviu um homem dizer que sei lá quem tinha sorte, já que havia mais homens do que mulheres, e que algumas pessoas ficariam de fora, se não agissem depressa. Eles a observavam e esperavam, os móveis arrumados, o chão varrido, algumas folhas de plantas espalhadas em volta do palco.

— Bem aqui — mostrou o sr. Rash. Ele segurou o pulso de Elise e o forçou até que estivesse acima da linha. — Seu nome.

Todos estavam observando.

Elise sabia as letras. Sabia ler melhor que Rickson. Mas mal conseguia enxergar. Era um peixe como os que costumava pegar, embaixo da água, olhando para todas aquelas pessoas famintas. Mas escreveu seu nome. Torceu para que aquilo os fizesse ir embora.

— Boa menina.

O sr. Rash se inclinou para a frente e a beijou no rosto. As pessoas começaram a aplaudir. E então o homem no lençol branco, que tinha fascínio por livros, começou a cantar algumas palavras, a voz grave e bonita ao mesmo tempo. As palavras ecoavam profundamente no peito de Elise, enquanto ele declarava alguém, em nome do Pacto, marido e mulher.

51

• Silo 1 •

Darcy pegou o elevador até o arsenal. Guardou o saquinho com a bala e enfiou os resultados do exame de sangue no bolso, então saiu do elevador e tateou em busca do grande painel com os interruptores de luz. Algo lhe dizia que o piloto que faltava na cápsula criogênica do Emergencial estava escondido naquele nível. O nível em que tinham encontrado o homem que se passava pelo Pastor. Também foi onde alguns pilotos ficaram aquartelados, alguns meses antes, durante um período tumultuado. Ele, Stevens e alguns dos outros já tinham feito várias buscas ali, mas Darcy teve um pressentimento. Começara ao notar que o elevador exigira uma senha especial de segurança para levá-lo até aquele nível.

Apenas poucas pessoas no topo e da Segurança tinham acesso a essa senha, e, em suas visitas anteriores, Darcy entendera por quê. Caixas de armas e munição enchiam as prateleiras. Capas de plástico cobriam o que pareciam drones militares. Pirâmides de bombas empilhadas. Nada que a equipe da cozinha precisasse ver quando descesse para buscar uma lata de preparo para purê de batata e apertasse o botão errado do elevador.

As buscas anteriores não haviam resultado em captura, mas devia haver milhares de esconderijos em meio às estantes altas com grandes caixas de plástico. Darcy espiou as estantes quando as luzes do teto acenderam. Imaginou que era aquele piloto, minutos depois de matar

um homem, chegando ali em um elevador cheio de sangue, fugindo, procurando um lugar para se esconder.

Agachou-se e examinou o concreto reluzente na saída do elevador. Deu um passo para trás, inclinou a cabeça e analisou o reflexo. Havia um pouco mais de brilho diante da porta. Talvez fosse do tráfego irregular, do arrastar de botas, do desgaste gradual. Abaixou-se mais, até o chão, e respirou fundo, captando o aroma de pinheiros, de limão e de um tempo esquecido, uma época em que as plantas cresciam e o mundo tinha um perfume fresco.

Alguém limpara aquele chão. E fazia pouco tempo. Permaneceu agachado e espiou através dos corredores de armas e equipamento de emergência, consciente de que não estava sozinho. Devia ir direto atrás de Brevard e voltar com reforços. Ali era o esconderijo de um homem capaz de matar, alguém do Emergencial, com treinamento militar, com acesso a todas as armas naqueles caixotes. Mas aquele homem também estava ferido, escondido e com medo. E buscar reforços parecia uma má ideia.

Não tanto porque tinha sido ele quem descobrira tudo e merecia o crédito, era mais porque tinha cada vez mais certeza de que aqueles assassinatos apontavam direto para o topo. As pessoas envolvidas eram do mais alto escalão. Tinham alterado arquivos, mexido no setor de congelamento profundo, coisas que não deviam ser possíveis. As pessoas a quem estava subordinado talvez estivessem envolvidas. E Darcy tinha ficado ali, amparando o verdadeiro Pastor enquanto ele chutava seu impostor. Nada daquilo era protocolo. Aquela merda era pessoal. Conhecia o sujeito que tinha apanhado, sempre o via nos turnos da noite e conversara com ele algumas vezes. Era difícil imaginar aquele sujeito matando pessoas. Tudo estava de cabeça para baixo.

Darcy tirou a lanterna da cintura e começou a revistar as prateleiras. Precisava de mais que uma luz forte, mais do que davam aos guardas noturnos. Viu as caixas classificadas com nomes de uma vida passada, uma vida da qual mal se lembrava. Abriu a tampa de várias, ouvindo o leve estampido do lacre a vácuo, antes de encontrar o que procurava:

uma HK45, uma pistola ao mesmo tempo tradicional e moderna. Era o melhor modelo quando saiu da fábrica, mas aquelas fábricas já não passavam de memórias. Encaixou um pente na arma e torceu para a munição estar boa. Sentiu-se mais confiante armado e saiu andando em silêncio pelo depósito, a disposição renovada. Não seriam as voltas de praxe do dia anterior, quando precisava revistar oitenta níveis.

Olhou embaixo de todas as coberturas plásticas. Sob uma delas, encontrou ferramentas e peças espalhadas, além de um drone parcialmente desmontado ou em conserto. Trabalho recente? Impossível dizer. Não havia poeira, mas não haveria de qualquer forma, por causa da cobertura. Fez a volta no perímetro, procurando fragmentos de isopor branco caídos de algum painel do teto que pudesse ter sido movido. Conferiu os escritórios até o fundo, procurou por qualquer lugar onde as prateleiras pudessem ser escaladas, por recipientes grandes no alto. Foi até o alojamento e, pela primeira vez, reparou na porta baixa do hangar.

Darcy se certificou de que a trava de segurança não estava acionada. Segurou o puxador da porta e o empurrou para cima, depois se agachou e apontou a lanterna e a pistola para a escuridão.

Por pouco não atirou em um colchonete. Um amontoado de travesseiros e cobertores parecia, à primeira vista, uma pessoa dormindo. Viu mais daquelas pastas que ajudara a recolher da sala de reuniões. Devia ser ali que o sujeito que tinham apanhado se escondia. Teria de mostrar o lugar a Brevard e cuidar da limpeza. Não conseguia imaginar viver daquele jeito, como um rato. Fechou o hangar e seguiu para a porta no fim do corredor, que levava para o alojamento. Abriu uma fresta e se certificou de que estava vazio. Andou em silêncio de um quarto a outro, examinando todos. Nenhum sinal de vida. Os banheiros estavam intactos e silenciosos. Quase fantasmagóricos. Ao sair do banheiro das mulheres, achou que tinha ouvido uma voz. Um sussurro. Algo atrás da porta, bem no fim do corredor.

Darcy segurou firme a pistola e foi até o lugar. Apertou o ouvido contra a porta e escutou.

Alguém estava falando. Tentou a maçaneta e viu que estava destrancada. Respirou fundo. Atiraria ao menor sinal de um homem tentando pegar uma pistola. Já podia se ouvir explicando a Brevard o que tinha acontecido, que tivera um pressentimento, seguira uma pista, não pensara em pedir apoio. Descera e encontrara aquele homem ferido e sangrando. Atirou primeiro. Fora em legítima defesa. Mais um cadáver, e outro caso encerrado. Seria sua linha de defesa, se as coisas corressem mal. Isso tudo e muito mais passou pela sua cabeça enquanto abria a porta e erguia a arma.

Um homem se virou, do outro lado da sala. Enquanto se aproximava, Darcy gritou para que ele não se movesse, o treinamento enraizado retornando com a naturalidade da pulsação.

— Não se mexa — gritou, e o homem levantou as mãos.

Era um rapaz de macacão cinza, com um braço acima da cabeça e o outro caído, imóvel, ao lado do corpo. Então Darcy reparou que algo estava errado. Tudo estava errado. Não era um homem, afinal.

* * *

— Não atire — implorou Charlotte. Ergueu um braço e viu aquele homem se aproximar dela, a arma apontada para seu peito.

— Levante-se e se afaste da mesa — mandou o homem.

A voz era firme. Ele gesticulou com a pistola, indicando a parede. Charlotte olhou para o rádio. Juliette perguntou se ela ainda estava ouvindo, pediu que terminasse o que estava dizendo, mas Charlotte não testou a paciência do sujeito tentando alcançar o botão de transmissão. Olhou para as ferramentas espalhadas, as chaves de fenda e alicates, e lembrou-se da luta horrível do dia anterior. O braço latejava por baixo do curativo. Doía levantar a mão, até mesmo à altura do ombro. O homem diminuiu a distância entre eles.

— As duas mãos para cima.

A postura dele, o modo como segurava a arma, lembrava a Charlotte de seu treinamento básico. Não duvidava de que ele atiraria.

— Não consigo levantar mais que isso — explicou.

Juliette implorou outra vez para que ela dissesse alguma coisa. O homem olhou para o rádio.

— Com quem você está falando?

— Um dos silos — respondeu, tentando alcançar o botão de volume, bem devagar.

— Não toque nisso. Encoste na parede. Agora.

Charlotte fez o que ele mandou. Seu único consolo era a esperança de que ele a levasse até Donny. Pelo menos saberia o que tinham feito com o irmão. Seus dias de isolamento e preocupação tinham terminado. Sentiu uma pontada de alívio por ter sido descoberta.

— Vire-se de frente para parede. Ponha as mãos nas costas. Cruze os pulsos.

Ela obedeceu. Também se virou para o lado e olhou para o sujeito por cima do ombro, vendo-o tirar uma algema de plástico branca do cinto.

— Encoste a testa na parede — mandou o homem.

Ela o sentiu se aproximar, sentiu seu cheiro, ouviu sua respiração, e ideias de se virar e lutar evaporaram quando a algema se apertou dolorosamente ao redor de seus pulsos.

— Tem mais gente aqui? — perguntou ele.

Charlotte balançou a cabeça.

— Só eu.

— Você é piloto?

Ela assentiu. O homem a segurou pelo cotovelo e a girou para a frente.

— O que você está fazendo aqui? — Ao ver o curativo em seu braço, os olhos do sujeito se estreitaram. — Eren atirou em você.

Charlotte não respondeu.

— Você matou um homem bom — comentou ele.

Charlotte sentiu lágrimas brotarem. Desejou que aquele segurança simplesmente a levasse para onde quer que fossem levá-la, a botasse de

volta para dormir, a deixasse ver Donny, o que quer que fosse acontecer.

— Não tive intenção.

Só tinha essa defesa fraca.

— Como você chegou aqui? Estava com os outros pilotos? É que… mulheres não…

— Meu irmão me acordou — explicou Charlotte. Apontou com a cabeça para o peito do homem, onde brilhava um emblema da Segurança. — Você o levou. —Lembrou-se do dia em que chegaram para levar Donny. Havia um jovem amparando Thurman. Reconheceu o homem à sua frente, e mais lágrimas brotaram. — Ele… ainda está vivo?

O homem desviou os olhos por um instante.

— Sim. Por pouco.

Charlotte sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto. O homem olhou para ela outra vez.

— Ele é seu irmão?

Ela assentiu. Com os braços presos às costas, não podia limpar o nariz, não conseguia nem esfregá-lo no ombro para limpá-lo no macacão. Ficou surpresa por aquele homem ter aparecido sozinho, por ainda não ter chamado reforços.

— Posso vê-lo? — perguntou.

— Duvido. Vão botá-lo para dormir ainda hoje. — Ele apontou a arma para o rádio, enquanto Juliette tentava retomar contato outra vez. — Isso não é bom, sabe, você botou essas pessoas em risco, seja lá com quem esteja falando. No que estava pensando?

Charlotte analisou aquele homem. Parecia ter a sua idade, pouco mais de trinta, e parecia mais um soldado que um policial.

— Onde estão os outros? — perguntou ela, olhando para a porta. — Por que você não me entregou?

— Já vou entregar. Mas antes quero entender uma coisa. Como você e seu irmão… como vocês saíram?

— Eu já disse, ele me acordou.

Charlotte olhou para a mesa onde estavam as anotações de Donny. Deixara as pastas abertas. O mapa estava por cima de tudo, o

memorando do Pacto bem visível. O guarda virou-se para ver o que ela estava olhando. Afastou-se e pôs a mão sobre uma das pastas.

— E quem acordou seu irmão?

— Por que você não pergunta a ele? — Charlotte estava começando a ficar preocupada. Parecia ruim aquele sujeito não querer entregá-la, como se ele não estivesse seguindo as regras. Já tinha visto homens no Iraque que não seguiam as regras. O resultado nunca era bom. — Por favor, só me leve para ver meu irmão — pediu. — Eu me rendo. Só me leve daqui.

O sujeito estreitou os olhos para ela, depois voltou a atenção para as pastas.

— O que é isso tudo? — Ele pegou o mapa e o analisou, depois botou de volta no lugar e pegou outra folha de papel. — Apreendemos algumas caixas com essas coisas na outra sala. Em que diabo vocês estavam trabalhando?

— Só me leve daqui — implorou Charlotte.

Estava ficando com medo.

— Daqui a pouco.

Ele examinou o rádio, encontrou o botão de volume e o diminuiu. Virou-se de costas para a mesa e se recostou no tampo, segurando a pistola tranquilamente na altura do quadril. Ia baixar as calças, percebeu Charlotte. Ia obrigá-la a ficar de joelhos. Não via uma mulher havia centenas de anos, estava querendo entender como fazer para despertá-las. Era isso que ele queria. Charlotte pensou em correr para a porta, na esperança de que o sujeito atirasse nela, torcendo para que errasse ou acertasse bem no alvo…

— Qual é o seu nome? — perguntou o homem.

Charlotte sentiu lágrimas escorrerem por seu rosto. Sua voz vacilou, mas conseguiu murmurar o nome.

— O meu é Darcy. Relaxe. Não vou machucar você.

Charlotte começou a tremer. Era exatamente o que imaginava que um homem diria antes de fazer algo horrível.

— Só quero entender o que está acontecendo antes de entregar você. Porque tudo o que eu vi hoje sugere que isso vai além de você e seu irmão. Além do meu emprego. Merda, até onde sei, no momento em que eu levar você para o gabinete, vão me botar para dormir e trazer você de volta ao trabalho aqui embaixo.

Charlotte deu uma gargalhada. Esfregou a cabeça no ombro, limpando as lágrimas que escorriam pelo queixo.

— Pouco provável. — Começou a desconfiar de que aquele homem não ia mesmo machucá-la, que estava apenas tão curioso quanto parecia. Olhou de volta para as pastas. — Você sabe o que eles têm planejado para nós?

— Difícil dizer. Você matou um homem muito importante. Não devia estar acordada. Meu palpite é que vão botar você no congelamento profundo. Viva ou morta, não sei.

— Não, não estou perguntando sobre o que planejam fazer comigo e com meu irmão… Estou falando do que planejaram para todos. O que vai acontecer depois do último turno.

Darcy pensou por um momento.

— Não sei. Nunca pensei nisso.

Charlotte indicou as pastas ao lado dele com a cabeça.

— Está tudo aí. Quando eu voltar a dormir, não vai mais importar se estou viva ou morta. Nunca mais vou acordar. Nem a sua irmã, esposa ou quem quer que eles estejam mantendo congelada.

Darcy olhou para as pastas, e Charlotte percebeu que o fato de não ter sido levada na hora foi uma oportunidade, não um problema. Era por isso que não deixavam que ninguém soubesse a verdade. Se as pessoas descobrissem, não continuariam defendendo aquilo.

— Você está inventando isso — retrucou Darcy. — Você não sabe o que vai acontecer depois…

— Pergunte ao seu chefe. Veja o que ele diz. Ou ao chefe do seu chefe. E continue perguntando. Talvez arranjem para você uma cápsula no congelamento profundo ao lado da minha.

Darcy a analisou por um instante. Baixou a pistola e desabotoou o botão superior do macacão. Depois o seguinte. Continuou desabotoando até a cintura, e Charlotte soube que estava certa sobre o que ele pretendia fazer. Preparou-se para saltar sobre ele, chutá-lo entre as pernas, mordê-lo…

Darcy pegou as pastas e as enfiou por dentro do macacão, escondendo. Depois abotoou o traje outra vez.

— Vou dar uma olhada nisso. Agora, vamos.

Ele pegou a arma e gesticulou na direção da porta, e Charlotte deu um suspiro aliviado. Deu a volta nas estações de controle dos drones. Lá dentro, sentiu-se dividida. Antes queria que o homem a levasse, mas passou a querer conversar mais. Temera aquele sujeito, mas queria confiar nele. A salvação antes parecia vir da prisão, de ser posta para dormir novamente, mas parecia que outra opção se estendia ao seu alcance.

Sentia o coração bater forte enquanto era conduzida para o corredor. Darcy fechou a porta da sala de controle. Charlotte passou pelos quartos dos alojamentos e pelos banheiros, esperou ele abrir a porta do arsenal no fim do corredor, com as mãos inúteis às costas.

— Conheci seu irmão, sabia? — comentou Darcy, segurando a porta para ela. —Nunca pareceu desse tipo. Nem você.

Charlotte balançou a cabeça.

— Eu nunca quis matar ninguém. Nós só queríamos saber a verdade.

Ela passou pelo arsenal na direção do elevador.

— Esse é o problema com a verdade — comentou Darcy. — Tanto os homens mentirosos quanto os honestos afirmam tê-la. Deixa as pessoas em minha posição numa situação um tanto difícil.

Charlotte parou. Aquilo pareceu surpreender Darcy, que deu um passo para trás e apertou a pistola na mão.

— Continue andando — mandou.

— Espera — retrucou Charlotte. — Você quer saber a verdade?

Virou-se e apontou com a cabeça para os drones embaixo das coberturas plásticas.

— O que acha de parar de confiar no que estão contando a você? Parar de decidir em quem acreditar instintivamente. Eu posso mostrar. Veja o que tem lá fora por si mesmo.

52

• Silo 1 •

Toda a lateral do corpo de Donald era uma profusão de manchas roxas, negras e azuis. Ergueu a camiseta que usava por baixo do traje, o torso do macacão aberto pendurado na altura da cintura. Examinou as costelas no espelho do banheiro. Bem no centro do hematoma havia uma faixa laranja e amarela. Tocou o local. Mal roçou a ponta dos dedos e um choque atravessou seu corpo, atingindo as pernas e o joelho. Quase desabou. Precisou de um momento para recuperar o fôlego. Baixou a camiseta com cuidado, abotoou o macacão até em cima e voltou para o catre, caminhando com dificuldade.

As canelas doíam por terem protegido seu tórax dos golpes de Thurman. Sentia um calombo no antebraço, que parecia um segundo cotovelo. E sempre que sofria um ataque de tosse tinha vontade de morrer. Tentou dormir. O sono era um modo de passar o tempo, evitar o presente. Um condutor de deprimidos, impacientes e moribundos. Donald se enquadrava nas três categorias.

Apagou a luz ao lado do catre e se deitou em meio à escuridão. As cápsulas criogênicas e os turnos eram uma espécie de sono exagerado, pensou. A qualidade pouco natural daquele repouso era mais uma questão de gradação do que categoria. Ursos hibernavam por uma estação inteira. Humanos hibernavam todas as noites. O dia era um turno, enfrentado como uma unidade de vida — todo o planejamento de curto prazo conduzia a outro período de escuridão, e não havia muito o que planejar para tornar esses momentos úteis, como um colar de

pérolas de pequenos momentos valiosos. Era só uma questão de sobreviver mais um dia.

Tossiu, sentindo a agonia nas costelas, o clarão de dor atingindo seus olhos. Rezou para que apagasse, que desmaiasse, mas os deuses encarregados de seu destino eram especialistas em tortura. Nunca se excediam, aplicavam apenas o necessário. *Não matem o homem*, ouvia as feridas sussurrarem umas para as outras. *Precisamos dele vivo para que sofra pelo que fez.*

A tosse passou, deixando um gosto acobreado na boca e um rastro de sangue no macacão, mas ele não ligou. Deitou a cabeça cheia de suor, dor e exaustão e ouviu os gemidos fracos que escapavam de seus lábios.

Horas ou minutos se passaram. Dias. Ouviu uma batida na porta, o deslizar e o estalido de um trinco, alguém acendendo as luzes. Devia ser algum guarda com o jantar ou o café da manhã, ou qualquer irrelevante referência à hora do dia. Talvez Thurman tivesse vindo passar um sermão, interrogá-lo, botá-lo para dormir.

— Donny?

Era Charlotte. O corredor atrás da irmã estava mal iluminado como em um terceiro turno. Quando ela se aproximou, a silhueta de um homem preencheu o portal — um dos agentes de segurança. Tinham descoberto Charlotte, que também estava sendo presa. Mas pelo menos estavam dando a ele aquele último momento. Ele se sentou rápido demais e quase perdeu o equilíbrio, mas os braços dos dois se encontraram, ambos fazendo caretas de dor ao se abraçarem.

— Minhas costelas — chiou Donald.

— Cuidado com o meu braço — pediu a irmã.

Charlotte se soltou e se afastou, e Donald estava prestes a perguntar qual era o problema com o braço dela quando a irmã levou um dedo aos lábios.

— Depressa — disse. — Por aqui.

Donald olhou para trás dela, para o homem na porta. O guarda olhava de um lado para o outro do corredor. Estava mais preocupado em ver alguém chegando do que com ele ou a irmã escapando. A dor nas

costelas de Donald diminuiu quando percebeu o que estava acontecendo.

— Estamos fugindo? — perguntou.

Charlotte assentiu e o ajudou a se levantar. Donald a seguiu até o corredor.

Tantas perguntas, mas o silêncio era fundamental. Não era um bom momento. O agente de segurança fechou e trancou a porta. Charlotte já seguia na direção dos elevadores. Donald mancava atrás dela, descalço, a perna reclamando a cada passo. Estavam no nível administrativo. Passou pelos escritórios de contabilidade responsáveis pelas peças sobressalentes e suprimentos; depois pelos Registros, onde os principais acontecimentos dos silos eram assinalados e inseridos nos servidores; e a seguir pelo Controle Populacional, onde tantos de seus relatórios tinham se originado. Todos os escritórios estavam silenciosos, devia ser plena madrugada.

A guarita de segurança estava vazia. Atrás dela, um elevador aguardava, apitando sem parar em estado de espera. Donald notou um cheiro forte de produto de limpeza no elevador. Charlotte pressionou com força o botão que prendia a máquina, passou seu crachá e apertou o nível do arsenal. O guarda passou entre as portas que se fechavam, e Donald percebeu a arma na mão dele. Não era por medo de ser descoberto por outros que o sujeito estava carregando a arma, percebeu. Não estavam completamente livres. O jovem parou do outro lado do elevador e encarou ele e a irmã com desconfiança.

— Eu conheço você — comentou Donald. — Você trabalha no turno da noite.

— Meu nome é Darcy — respondeu o guarda. Não estendeu a mão.

Donald pensou na guarita vazia e se deu conta de que aquele homem deveria estar lá.

— Darcy, isso mesmo. O que está acontecendo? — Virou-se para a irmã. Dava para ver um curativo por baixo da camiseta de mangas curtas. — Você está bem?

— Estou. — Charlotte observava os andares acenderem e apagarem, passando com nítida trepidação. — Pusemos outro drone para voar. — Ela se virou para Donald, os olhos em chamas. — Ele passou.

— Você viu?

Os ferimentos foram esquecidos. O sujeito com a arma foi esquecido. Fazia tanto tempo desde que aquele primeiro voo proporcionara um breve vislumbre de céus azuis que ele tinha começado a duvidar, a achar que aquilo nunca tinha acontecido de verdade. Os outros voos tinham falhado, nunca haviam chegado tão longe. O elevador reduziu a velocidade ao se aproximar do depósito.

— O mundo não acabou — confirmou Charlotte. — Só esse nosso pedaço.

— Vamos sair do elevador — mandou Darcy, gesticulando com a arma. — Então vou querer saber que diabo está acontecendo. E ainda não sei se vou ou não trancar vocês dois antes do início do turno da manhã. E negar que tivemos essa conversa.

No interior do arsenal, Donald respirou fundo, com dificuldade, e levou a mão ao bolso traseiro. Pegou um lenço e tossiu, curvando-se para reduzir a pressão nas costelas. Dobrou e guardou o lenço depressa, para que Charlotte não pudesse vê-lo.

— Vou pegar um pouco de água para você — disse a irmã, procurando o depósito de suprimentos.

Donald dispensou a gentileza com um gesto e virou-se para Darcy.

— Por que você está nos ajudando? — perguntou, rouco.

— Não estou ajudando vocês — insistiu Darcy. — Estou ouvindo. — Ele indicou Charlotte com a cabeça. — Sua irmã fez afirmações ousadas, e li um pouco enquanto ela montava esse pássaro.

— Entreguei algumas de suas anotações — explicou Charlotte. — E botei o drone para voar. Ele me ajudou no lançamento. O pouso foi em um mar de grama. Grama de verdade, Donny. Os sensores aguentaram por mais meia hora. Nós só ficamos ali, sentados, olhando.

— Ainda assim — insistiu Donald, olhando para Darcy. — Você não nos conhece.

— Também não conheço meus chefes. Não de verdade. Mas vi a surra que você levou, e não achei nada legal. Vocês dois estão lutando por alguma causa, e pode até ser ruim, algo que eu vou deter, mas já notei um padrão. Basta uma pergunta minha sem relação com o trabalho, e o fluxo de informação é interrompido. Querem que eu trabalhe o turno da noite e coma bem de manhã, mas eu me lembro de fazer mais que isso em uma outra vida. Fui ensinado a seguir ordens, mas só até certo ponto.

Donald assentiu, infeliz. Perguntou-se se aquele jovem servira em outros países. Se ele sofrera de transtorno pós-traumático, se tomara algum medicamento. O sujeito tinha recuperado alguma coisa, uma espécie de consciência.

— Vou lhe contar o que está acontecendo aqui — respondeu Donald. Conduziu o grupo para longe das portas do elevador, na direção do corredor de suprimentos, onde havia água enlatada e rações militares. — Meu antigo chefe, o homem que você viu me dar aquela surra, me explicou algumas coisas. Mais do que gostaria de ter explicado. A maior parte eu descobri sozinho, mas ele preencheu algumas lacunas.

Donald ergueu a tampa de uma das caixas de madeira que a irmã tinha aberto. Fez uma careta de dor, e Charlotte se apressou para ajudá-lo. Pegou uma lata de água, tirou a tampa e tomou um grande gole enquanto Charlotte pegava mais duas. Darcy trocou a pistola de mão para aceitar uma lata, e Donald sentiu a presença de todos aqueles engradados de armas no ambiente. Estava farto daquelas coisas. Não sabia como nem por que, mas o medo da arma na mão de Darcy passara. A dor em seu peito era diferente de uma ferida de bala. Uma morte rápida seria uma bênção.

— Nós não fomos as primeiras pessoas a tentar ajudar um dos silos — revelou. — Foi o que Thurman me disse. E muitas outras coisas passaram a fazer sentido. Venham.

Conduziu o grupo daquele corredor para outro. Uma luz tremeluzia acima. Queimaria em breve. Donald se perguntou se alguém se daria ao trabalho de substituí-la. Encontrou o engradado de plástico que estava

procurando, escondido em meio a um mar de outros, e tentou pegá-lo, mas as costelas protestaram. Conteve um grito e o ergueu mesmo assim, ajudado pela irmã. Juntos, levaram o engradado até a sala de reuniões. Darcy os seguiu.

— O trabalho de Anna — explicou, com um gemido, erguendo o engradado sobre a mesa enquanto Darcy acendia as luzes.

Na sala, havia um diagrama dos silos sob uma lâmina grossa de vidro marcada com velhas anotações em cera, arranhadas e ilegíveis por tantos cotovelos, pastas e copos de uísque. Todas as outras anotações de Donny tinham desaparecido, mas tudo bem. Precisava procurar uma mais antiga, do passado, de seu turno anterior. Retirou várias pastas e as jogou sobre a mesa. Charlotte começou a folheá-las. Darcy permaneceu perto da porta, olhando de vez em quando para o chão do corredor, ainda manchado de sangue seco.

— Um silo foi fechado há pouco tempo por transmitir em um canal aberto. Não foi no meu turno. — Donald indicou o Silo 10 na mesa, coberto pelos resquícios de um X vermelho. — Um monte de revelações foram transmitidas para alguns canais, depois o silo foi fechado. Mas foi o 40 que manteve Anna ocupada a maior parte daquele ano.

Encontrou a pasta que estava procurando, abriu-a e folheou as páginas. Ver sua letra manuscrita turvou sua visão. Hesitou, passou as mãos por suas palavras, lembrando-se do que tinha feito. Matara a única pessoa que tentou ajudá-lo, a única pessoa que o amava. A única pessoa que tentava fazer contato com aqueles silos para oferecer ajuda. Tudo por causa da culpa e do ódio que sentia de si mesmo, por também amá-la.

— Aqui tem um resumo dos acontecimentos — anunciou, esquecendo-se do que estava procurando.

— Vá direto ao que interessa — retrucou Darcy. — De que se trata isso tudo? Meu turno termina em duas horas, daqui a pouco vai amanhecer. Preciso que vocês dois estejam bem trancados antes disso.

— Já estou chegando lá. — Donald esfregou os olhos e se recompôs. Apontou para o canto da mesa. — Todos esses silos apagaram há muito

tempo. Uns dez, mais ou menos. Tudo começou com o 40. Devem ter passado por alguma revolução silenciosa. Sem derramamento de sangue, já que nunca recebemos relatórios. Nunca agiram de maneira estranha. Foi muito parecido com o que está acontecendo com o 18…

— *Estava* acontecendo… — retrucou Charlotte. — Tive notícias deles. Foram fechados.

Donald balançou a cabeça.

— Thurman me contou. Era isso que eu queria dizer. Thurman também deu a entender que, originalmente, iam construir menos silos, mas acrescentaram mais por redundância. Também encontrei alguns relatórios que sugeriam isso. Sabe o que eu acho? Acho que fizeram silos demais. Não conseguiram monitorar todos direito. É como ter câmeras em todas as esquinas, mas sem pessoal o suficiente para ver as imagens. Foi por isso que o 40 passou despercebido.

— O que quer dizer quando um silo "apaga"? — perguntou Darcy, aproximando-se da mesa, hesitante, e examinando o diagrama por baixo do vidro.

— Todas as câmeras pararam de transmitir ao mesmo tempo. Eles não responderam mais as nossas ligações. A Ordem exigia que fechássemos os silos, caso eles se rebelassem, por isso lançamos o gás. Abrimos as portas. Depois, outro silo se apagou. E mais um. Os chefes que estavam em turno por aqui acharam que, além das linhas de transmissão das câmeras, os habitantes tinham descoberto as tubulações de gás. Então os códigos de destruição foram enviados para todos esses silos…

— Códigos de destruição?

Donald assentiu e afogou um acesso de tosse com um gole de água. Secou a boca com as costas da mão. Era reconfortante ver todas as anotações sobre a mesa. As peças estavam se encaixando.

— Os silos foram feitos para entrar em colapso, e todos eventualmente vão cair, exceto um. Não tem como destruí-los com ajuda da gravidade, já que as paredes de terra suportam o silo de todos os lados, então nos fizeram construí-los... me fizeram projetá-los com

grandes lajes de concreto entre os níveis. — Donald balançou a cabeça. — Na época, não fazia sentido. Tornava a escavação mais profunda, aumentava os custos... uma quantidade absurda de concreto. Disseram que tinha a ver com proteção contra bombas feitas para destruir abrigos ou vazamentos de radiação. Mas era pior que isso. Era para que tivessem algo para derrubar. As paredes não vão cair, estão presas à terra. — Donny tomou outro gole de água. — Por isso botaram o concreto. E, como teria o gás, não quiseram elevadores. Nunca entendi por que nos fizeram retirá-los do projeto. Disseram que queriam a planta mais "aberta". É mais difícil encher um lugar de gás se tiver como bloquear alguns níveis.

Protegeu a boca com a dobra do braço e tossiu, depois passou o indicador em torno de uma área da mesa de reuniões.

— Esses silos eram como um câncer. O 40 deve ter se comunicado com seus vizinhos, ou os desligaram também, invadindo os sistemas remotamente. Os chefes de turno aqui do nosso silo começaram a despertar pessoas para lidar com o problema. Os códigos de destruição não estavam funcionando, nada funcionava. Anna achou que as pessoas do 40 tinham descoberto as cargas explosivas e bloqueado a frequência, ou algo do tipo.

Donny fez uma pausa e lembrou-se do som da estática do rádio de Anna. Dos jargões que ela usava — que lhe causavam dores de cabeça, mas a faziam parecer muito inteligente e confiante. Dirigiu o olhar ao canto da sala, onde antes havia um catre de armar. Ela para lá que ela se esgueirava no meio da noite, para se enroscar em seus braços. Donald terminou de beber a água e desejou ter alguma coisa mais forte para mandar para dentro.

— Por fim, Anna conseguiu invadir os detonadores e demolir os silos — comentou. — Era isso ou arriscar enviar drones e soldados pela superfície, que é o manda a última página da Ordem. É o último recurso.

— E é o que temos feito — observou Charlotte.

Donny assentiu.

— Fiz até mais que isso, antes de acordar você, na época em que esse andar estava cheio de pilotos.

— Então foi isso o que aconteceu com esses silos? Foram demolidos?

— Foi o que Anna disse. Tudo parecia resolvido. As pessoas no comando estavam contando com ela, aceitavam sua palavra. Todos fomos postos de volta para dormir. Achei que seria meu último sono, que nunca mais despertaria. Estava no congelamento profundo. Mas então me acordaram para outro turno, e as pessoas começaram a me chamar por um nome diferente. Despertei como outra pessoa.

— Thurman — completou Darcy. — O Pastor.

— É, só que nessa história eu era a ovelha.

— Foi você que quase chegou no topo da colina?

Donald reparou em como Charlotte se enrijeceu. Voltou a atenção para as pastas e não respondeu.

— Essa mulher de quem você está falando... foi a mesma que mexeu no banco de dados? — perguntou Darcy.

— Foi. Deram a ela acesso total para consertar o problema. Foi bem sério. E a curiosidade de Anna a levou a procurar em outros lugares. Ela encontrou esse bilhete sobre o que seu pai e os outros tinham planejado, percebeu que aqueles códigos de destruição não eram apenas para emergências. Éramos todos uma grande bomba-relógio, cada um dos silos. Anna descobriu que seria posta na criogenia e nunca mais despertaria. E que, apesar de poder mudar qualquer coisa do sistema, não podia mudar o próprio gênero. Não podia fazer com que uma pessoa qualquer a despertasse, então tentou conseguir minha ajuda. Ela me pôs no lugar do pai.

Donald fez uma pausa e segurou as lágrimas. Charlotte pousou a mão em suas costas. A sala ficou um bom tempo em silêncio.

— Mas na época não entendi o que ela queria que eu fizesse. Comecei a pesquisar por conta própria. E, enquanto o fazia, vi que o Silo 40 não estava morto. O lugar ainda existe. Percebi isso quando outro silo apagou. — Donald fez uma pausa. — Ainda estava agindo como chefe, na época, não estava pensando direito, então assinei a

liberação de um bombardeio. O que quer que fosse necessário para acabar com aquilo. Não me importava com os tremores ou em ser identificado, só ordenei que fosse feito. Destruímos qualquer coisa que ainda estivesse de pé por lá. Drones e bombas choveram em cima deles.

— Eu me lembro — comentou Darcy. — Foi no começo do meu turno. Sempre tinha pilotos lá em cima, no refeitório. Eles sempre trabalhavam no meio da noite.

— E trabalhavam aqui embaixo. Quando terminaram e voltaram a dormir, despertei minha irmã. Só estava esperando que eles fossem embora. Não queria atirar bombas. Queria ver o que tinha lá fora.

Darcy conferiu o relógio na parede.

— Bem, e nós três vimos.

— Ainda faltam uns duzentos anos para a destruição de todos os silos — continuou Donald. — Você já se perguntou por que o nosso silo só tem elevadores, nenhuma escada? Sabe por que chamam o elevador de expresso, mesmo levando uma eternidade para chegar a qualquer lugar?

— Também temos explosivos armados — respondeu Darcy. — Temos essa mesma massa de concreto entre todos os níveis.

Donald assentiu. O garoto era rápido.

— Se tivesse algum lanço de escadas aqui, veríamos o concreto. Saberíamos do que se trata. E aqui há pessoas o suficiente que sabem para que servem as barreiras de concreto, o que significam. Seria o mesmo que botar um relógio com contagem regressiva em cada mesa. As pessoas ficariam loucas.

— Duzentos anos — comentou Darcy.

— Isso pode parecer muito tempo para os outros, mas são apenas alguns cochilos para nós. Só que, veja bem, essa é a questão. É preciso que todos nós estejamos mortos, para que ninguém se lembre. Todo esse Sistema de Intervenção… — Donald indicou a mesa de reuniões com o esquema dos silos — Isso é tanto uma máquina do tempo quanto um timer. É um modo de limpar a Terra e lançar um novo grupo de pessoas, uma tribo escolhida quase de maneira aleatória, em um futuro no qual eles herdam o mundo.

— Parece mais que vão mandá-los de volta para o passado — interveio Charlotte. — De volta a algum estado primitivo.

— Exatamente. Quando ouvi falar dos nanos pela primeira vez, era algo em que o governo do Irã estava trabalhando. A ideia era atacar apenas um grupo étnico. A humanidade já tinha máquinas capazes de agir a nível celular, esse era apenas o passo seguinte. Atingir uma espécie inteira era ainda mais fácil do que atingir apenas uma raça. Foi brincadeira de criança. Erskine, o homem que teve essa ideia, disse que seria inevitável, que alguém acabaria fazendo isso, criaria uma bomba silenciosa que destruiria com toda a humanidade. Acho que ele estava certo.

— Então o que você está procurando nessas pastas? — perguntou Darcy.

— Thurman queria saber se Anna já tinha saído do arsenal. Tenho quase certeza que sim. Às vezes apareciam algumas coisas por aqui que eu nunca encontrei nas prateleiras. E ele falou alguma coisa sobre tubulações de gás…

— Temos uma hora e meia até eu ter que levar você de volta — disse Darcy.

— Sim, sem problemas. Então, acho que Thurman descobriu alguma coisa aqui neste silo. Alguma coisa que a filha dele fez, que Anna saiu daqui e fez. Acho que ela deixou mais uma surpresa. Quando jogaram gás no 18, Thurman disse que tinham feito tudo direitinho, dessa vez. Que tinham desfeito o erro de outra pessoa. Achei que ele estivesse falando de mim, de eu ter tentado salvar o lugar, mas foi Anna quem mudou as coisas. Acho que ela mudou algumas válvulas de lugar ou, já que tudo é computadorizado, alterou algum código. Existem dois tipos de máquina, e os dois podem ser encontrados no meu sangue, nesse exato momento. Um dos tipos nos mantêm inteiros, como nas cápsulas criogênicas. Mas também tem as máquinas que estão no exterior, ao redor dos silos. As máquinas que bombeamos para dentro, para destruir as pessoas. É a luta definitiva dos privilegiados contra os que não têm nada. Acho que Anna tentou inverter isso, armar as coisas de modo que

o próximo silo que fechássemos recebesse uma dose das máquinas que nós recebemos. Estava brincando de Robin Hood a nível celular.

Finalmente encontrou o relatório. Estava muito desgastado. Tinha sido lido centenas de vezes.

— Silo 17 — leu. — Eu não estava acordado quando ele foi fechado, mas já li isso aqui. Um sujeito de lá atendeu uma ligação depois que o lugar foi enchido de gás. Mas não acho que isso tenha acontecido. Pelo menos não do jeito certo. Acho que Anna usou as coisas que nos mantêm inteiros. Mandou isso para lá, em vez do gás mortal.

— Por quê? — perguntou Charlotte.

Donald ergueu os olhos.

— Para impedir o fim do mundo. Para não matar ninguém. Para demonstrar um pouco de compaixão pelas pessoas.

— Então está todo mundo bem no 17?

Donald folheou as páginas do relatório.

— Não. Por alguma razão, Anna não conseguiu impedir que as portas da câmara de pressurização se abrissem. Isso é parte do procedimento. E, com a quantidade de gás no exterior, eles não tiveram chance.

— Eu falei com alguém no 17 — comentou Charlotte. — Sua amiga, aquela prefeita, está lá. Tem gente naquele silo. Ela disse que eles cavaram um túnel até lá.

Donald sorriu, assentindo.

— Ah, mas é claro. Ela queria que eu pensasse que estavam vindo atrás de nós.

— Bem, acho que agora ela está vindo atrás de nós.

— A gente precisa entrar em contato com ela.

— O que a gente precisa — interveio Darcy — é começar a pensar sobre o fim desse turno. Daqui a uma hora, isso vai virar um inferno.

Donald e Charlotte se viraram para ele. Darcy estava parado junto à porta, bem perto de onde Donald fora chutado várias e várias vezes.

— Estou falando do meu chefe — explicou. — Ele vai ficar puto quando acordar e descobrir que um prisioneiro fugiu durante o meu

turno.

53

• Silo 17 •

Juliette e Raph pararam na delegacia dos níveis inferiores para procurar outro rádio ou uma bateria sobressalente. Não encontraram. O carregador ainda estava na parede, mas não tinha sido conectado aos cabos de força improvisados que subiam pela escadaria. Juliette avaliou se era o caso de ficar ali e tentar carregar o aparelho portátil ou se devia apenas esperar chegar à delegacia dos níveis intermediários ou à TI…

— Ei — murmurou Raph. — Você escutou alguma coisa?

Juliette apontou a lanterna para os fundos da área de escritórios. Achou ter ouvido alguém chorando.

— Venha — chamou.

Largou o carregador e seguiu para o fundo da delegacia, na direção das celas. Uma forma escura estava encolhida na última cela, chorando. A princípio, achou que fosse Hank, que tivesse se dirigido à coisa mais parecida com um lar, mas então percebera o estado do mundo do qual passara a fazer parte. Mas o homem usava uma túnica. Era o Padre Wendel, observando-os por trás das barras. As lágrimas em seus olhos captaram o brilho da lanterna. Uma pequena vela queimava no catre ao seu lado, a cera pingando no chão.

A porta da cela não estava trancada. Juliette a puxou e entrou.

— Padre?

O idoso estava com aspecto terrível. Segurava os restos despedaçados de um livro antigo. Não um livro — uma pilha de folhas soltas. Páginas estavam espalhadas por toda a cama e o chão. Quando apontou a

lanterna para baixo, Juliette viu que estava pisando em um tapete de papel ricamente impresso. Riscos negros se estendiam por todas as páginas, tornando ilegíveis algumas palavras e até frases inteiras. Juliette vira páginas como aquelas uma vez, em um livro guardado dentro de uma gaiola — um livro do qual só era permitido ler uma frase em cada cinco.

— Deixem-me — pediu o Padre Wendel.

Sentiu-se tentada, mas não o fez.

— Padre, sou eu, Juliette. O que o senhor está fazendo aqui?

Wendel fungou e folheou as páginas, como se procurasse alguma coisa.

— Isaías — falou. — Isaías, onde está você? Tudo está fora de ordem.

— Onde está sua congregação? — perguntou Juliette.

— Não é mais minha.

O padre esfregou o nariz, e Juliette sentiu Raph puxar seu cotovelo para que saíssem e deixassem o homem em paz.

— O senhor não pode ficar aqui — falou. — Tem alguma coisa para comer, ou água?

— Não tenho nada. Vão embora.

— Venha — sussurrou Raph.

Juliette ajustou a carga pesada às costas, aquelas barras de dinamite. Padre Wendel espalhou mais páginas ao redor das botas, antes conferindo frente e verso de cada uma delas.

— Tem um grupo lá embaixo planejando outra escavação — informou Juliette. — Vou encontrar um lugar melhor para eles, e vão tirar nosso povo daqui. Talvez o senhor possa ir para uma das fazendas conosco, ver se consegue comida, se tem como ajudar em alguma coisa. O senhor podia ajudar as pessoas lá embaixo.

— Ajudar como? — indagou Wendel. Bateu uma página com força no catre, e várias outras se espalharam. — O fogo do inferno ou a esperança. Você escolhe. Um ou o outro. Danação ou salvação. Em cada página. A escolha é sua. A escolha é sua.

Wendel encarou os dois, suplicante. Juliette sacudiu o cantil, abriu a tampa e o estendeu para o padre. A vela tremeluziu e soltou fumaça, as sombras crescendo e encolhendo. Wendel tomou um gole e devolveu o cantil.

— Eu precisava ver com meus próprios olhos — murmurou. — Entrei na escuridão para ver o diabo. Entrei mesmo. Andei e andei, e aqui está ele. Um outro mundo. Conduzi meu rebanho para a danação. — Wendel fez uma careta e examinou uma das páginas por um momento. — Ou para a salvação. A escolha é sua.

O padre tirou a vela do catre e aproximou a página da chama para ver melhor.

— Ah, Isaías, aí está você. — E, como o barítono de um Domingo, começou a recitar: — *"No tempo aceitável te ouvirei e no dia da salvação te ajudarei, e te guardarei e te darei por aliança do povo, para restaurares a terra, e dar-lhes em herança as herdades assoladas."* — Wendel encostou um canto da página na chama e repetiu, a voz trovejante: — As herdades assoladas!

A página foi queimando em sua mão, até ele ter que soltar. Então o papel foi pairando pelo ar como um pássaro laranja se encolhendo aos poucos.

— Vamos — sussurrou Raph outra vez, com mais insistência.

Juliette ergueu a mão. Aproximou-se de Padre Wendel, agachou-se diante dele e pousou a mão em seu joelho. A raiva que sentira daquele homem depois da morte de Marcus se fora. A raiva que sentira quando aquele homem provocara o ódio por ela e por sua escavação não existia mais. Tinha sido substituída por culpa — por saber que todos aqueles medos e desconfianças que ele espalhara foram justificados.

— Padre — chamou. — Nosso povo estará condenado se permanecer neste lugar. Não posso ajudá-los. Não estarei aqui para isso. Eles vão precisar da sua orientação para conseguir chegar ao outro lado.

— Eles não precisam de mim — retrucou Wendel.

— Precisam, sim. As mulheres nas profundezas deste silo choram por seus bebês. Homens choram por seus lares. Eles precisam do senhor.

E Juliette sabia que era verdade. Era nos tempos difíceis que o padre se fazia mais necessário.

— Você vai ajudá-los a passar por isso — retrucou o Padre Wendel.

— Não, não vou. O senhor é a salvação deles. Estou indo condenar as pessoas que causaram isso. Vou mandá-los direto para o inferno.

Wendel ergueu os olhos. A cera quente escorria sobre seus dedos, mas ele não parecia perceber. O cheiro de papel queimado enchia a cela, e o padre pousou uma das mãos na cabeça de Juliette.

— Nesse caso, minha filha, eu abençoo sua jornada.

* * *

A viagem escada acima ficou mais pesada com aquela bênção. Ou talvez fosse o peso dos explosivos às suas costas, que Juliette sabia que seriam úteis para abrir os túneis abaixo. Podiam ser usados para salvar um povo, mas ela os usaria para condenar outro. Eram como as páginas do livro de Wendel: ofereciam uma dose de cada. Ao se aproximar das fazendas, lembrou-se de que Erik insistira para que ela levasse a dinamite. Havia mais gente ansiosa para aquele desfecho.

Ela e Raph chegaram às fazendas inferiores, e Juliette soube que havia algo errado no momento em que entraram. Abrir a porta liberou uma onda de calor, um sopro de ar raivoso. Primeiro pensou que estivesse havendo algum incêndio e sabia, já que vivera naquele silo, que não havia mais mangueiras funcionando. Mas o brilho de luzes fortes no corredor e nos canteiros de cultivo indicava outra coisa.

Um homem estava deitado no chão perto dos portões de segurança, o corpo de lado atravessando o corredor. Juliette não reconheceu o Delegado Hank, só de cueca e camiseta, até estar quase em cima dele. Ficou aliviada ao vê-lo se mover. Hank protegeu os olhos e apertou a pistola que repousava sobre seu peito. Estava ensopado de suor.

— Hank? Você está bem? — perguntou Juliette.

Ela também já estava se sentindo grudenta de suor, e o pobre Raph parecia quase desidratado. O delegado se sentou e esfregou a nuca, então apontou para os portões de segurança.

— Dá para pegar um pouco de sombra se ficar bem perto deles.

Juliette examinou as luzes ao longo do corredor. Estavam usando uma tonelada de energia. O canteiro inteiro parecia iluminado. Dava para sentir o *cheiro* do calor. O cheiro das plantas cozinhando. Juliette se perguntou por quanto tempo a fiação improvisada na escadaria aguentaria tamanho consumo de energia.

— Os temporizadores estão com problema? O que aconteceu?

Hank indicou o corredor com a cabeça.

— Estão demarcando lotes. Ontem teve uma briga. Conhecem Gene Sample?

— Eu conheço Gene — respondeu Raph. — Do Departamento Sanitário.

Hank franziu o cenho.

— Gene morreu. Aconteceu quando as luzes se apagaram. Então começaram a brigar para ver quem tinha o direito de enterrá-lo, trataram o pobre Gene como fertilizante. Algumas pessoas se juntaram e me contrataram para restaurar a ordem. Eu disse a eles para manterem as luzes acesas até que as coisas se acalmassem. — Hank esfregou a nuca. — Antes que você me repreenda, sei que isso não é bom para as plantas, mas elas já estavam destruídas. Minha esperança é expulsar essas pessoas com o calor, fazer com que um número suficiente saia para dar espaço para todos conseguirem respirar. Darei mais um dia.

— Se esperar mais um dia, vai causar um incêndio. Hank, os cabos lá fora já ficam muito quentes com o ciclo das luzes. Estou chocada por terem aguentado todo esse fluxo de energia. Quando um disjuntor desarmar lá nos trinta, vocês vão ficar no escuro por muito tempo.

Hank olhou para o corredor. Juliette viu cascas, caroços e restos de comida do outro lado dos portões.

— Como estão pagando a você? Com comida?

Ele assentiu.

— A comida vai estragar. Eles colheram tudo. As pessoas estavam agindo como loucas quando chegaram aqui. Acho que alguns subiram. Mas tem boatos de que a porta deste silo está aberta, e, se subir demais, você morre. E se descer, morre também. Muitos boatos.

— Bem, você precisa acabar com esses boatos — retrucou Juliette. — Tenho certeza que no alto ou em baixo é melhor que aqui. Você viu Solo e as crianças, as que moravam aqui? Ouvi dizer que subiram.

— Vi. Algumas das crianças estavam demarcando um lote bem ali no corredor, antes de eu acender as luzes. Mas foram embora há algumas horas. — Hank olhou para o pulso de Juliette. — Que horas são, afinal?

Juliette olhou para o relógio.

— Duas e quinze. — Percebeu que ele estava prestes a fazer outra pergunta, então completou: — Da tarde.

— Obrigado.

— Vamos tentar alcançá-las — disse Juliette. — Posso deixar você cuidando dessas luzes? Não pode puxar tanta energia. E faça mais gente se mudar para cima. As fazendas intermediárias estão em um estado muito melhor. Ou pelo menos estavam, quando eu vim para cá. E se tiver alguém procurando trabalho, estão precisando de gente na Mecânica.

Hank assentiu e se levantou com dificuldade. Raph já estava se dirigindo para a saída, o macacão manchado de suor. Juliette deu um tapinha no ombro do delegado antes de sair.

— Ei — chamou Hank. — Você me disse que horas eram. Mas que dia é hoje?

Juliette hesitou. Virou-se e viu que Hank a encarava, as mãos erguidas protegendo os olhos.

— Isso importa? — perguntou.

Como Hank não respondeu, achou que não importava. Todos os dias seriam iguais, e estavam todos contados.

54

• *Silo 17* •

Jimmy resolveu procurar Elise em mais dois andares antes de voltar. Tinha começado a desconfiar que a perdera, que a menina tinha entrado em algum nível atrás do cachorrinho ou para usar o banheiro e que ele passara direto. O mais provável é que Elise já estivesse de volta nas fazendas com os outros enquanto ele andava sozinho para cima e para baixo.

No nível seguinte, conferiu o interior da porta principal, mas não viu nada além de escuridão e silêncio. Chamou Elise e ponderou se subia ou não mais um nível. Virou-se para a escada, e um vislumbre marrom vindo de cima chamou sua atenção. Protegeu os olhos cansados e os voltou para o alto, através do brilho esverdeado, vendo um menino o encarando debruçado no corrimão. O menino acenou. Jimmy não respondeu.

Seguiu para as escadas pensando em voltar para as fazendas inferiores, mas logo ouviu passos leves descendo a espiral em sua direção. Outra criança para cuidar, pensou. Não esperou pelo menino, continuou em frente. Levou uma volta e meia até que a criança o alcançasse.

Jimmy se virou para repreender o garoto, mas o reconheceu ao vê-lo de perto. O macacão marrom, o cabelo encaracolado cor de milho. Era o menino que correra atrás de Elise no bazar.

— Ei — sussurrou o menino, ofegante. — Você é aquele cara.

— Eu sou aquele cara — concordou Jimmy. — Você deve estar atrás de comida. Bem, eu não tenho nada…

— Não. — O menino balançou a cabeça. Devia ter nove, dez anos. Mais ou menos a idade de Miles. — Preciso que você venha comigo. Preciso de ajuda.

Todo mundo precisava de ajuda.

— Estou um pouco ocupado.

Jimmy se virou para ir embora.

— É Elise — explicou o menino. — Eu a segui até aqui. Pelas minas. Tem umas pessoas que não querem deixar ela ir embora.

O menino olhou para o alto da escadaria. Sua voz não passava de um sussurro.

— Você viu Elise? — perguntou Jimmy.

O menino assentiu.

— Que pessoas são essas de que você está falando?

— Um bando de gente daquela igreja. Meu pai vai aos Domingos de lá.

— E você disse que Elise está com eles?

— É. Eu encontrei o cachorro dela. Estava preso atrás de uma porta quebrada, alguns níveis abaixo. Fiz um cercadinho para ele não fugir de novo. Aí descobri onde estão mantendo Elise. Tentei falar com ela, mas um cara me mandou cair fora.

— Onde foi isso? — perguntou Jimmy.

O menino apontou para cima.

— Dois níveis para cima.

— Qual o seu nome?

— Shaw.

— Bom trabalho, Shaw.

Jimmy correu até a escada e começou a descer.

— Eu disse que é para *cima* — interveio o garoto.

— Preciso pegar uma coisa — explicou Jimmy. — Não é longe.

Shaw foi atrás dele.

— Tudo bem. E olha só, quero que o senhor saiba que eu estava com muita fome, mas não ia comer o cachorro.

Jimmy parou, permitindo que o garoto o alcançasse.

— Não achei que fosse.

Shaw assentiu.

— Só para Elise saber — explicou o garoto. — Quero que ela saiba. Eu nunca faria isso.

— Vou contar a ela, juro — respondeu Jimmy. — Agora, venha. Vamos depressa.

Dois níveis abaixo, Jimmy examinou um corredor deserto. Apontou a lanterna para as paredes. Culpado, virou-se para Shaw, que se encolhia atrás dele, e admitiu:

— Desci demais.

Deu meia-volta e subiu mais um nível, frustrado consigo mesmo. Era tão difícil lembrar de onde deixara as coisas. Fazia tanto tempo. Criara algumas pistas, truques de memorização para recordar os esconderijos. Escondera uma espingarda lá em cima, no nível cinquenta e um. Lembrava-se disso porque precisava de uma mão para segurar a arma e um dedo para puxar o gatilho. Cinco e um. A espingarda estava envolta em uma colcha, enterrada no fundo de um baú velho. Mas também deixara uma ali embaixo. Levara a arma para o Suprimentos uma vida inteira atrás. Tinha sido na viagem em que encontrou Sombra. Não conseguira levar a arma por todo o caminho de volta — faltaram mãos. Cento e dezoito. Era isso. E não cento e dezenove. Correu até a plataforma do nível certo. As pernas começavam a doer. Entrou no corredor por onde passara havia alguns momentos, junto com Shaw.

Era isso. Apartamentos. Deixara coisas em vários. Principalmente cocô. Não sabia que dava para se aliviar nas fazendas, direto na terra. As crianças lhe ensinaram isso depois. Elise o ensinou. Jimmy imaginou pessoas fazendo maldades com a menina e lembrou-se do que fizera com outras pessoas, quando era garoto. Era bem novo quando aprendeu a disparar com a espingarda. Lembrou-se do barulho da arma. Lembrou-

se do que fazia com latas de sopa vazias e pessoas. Fazia com que dessem um pulo e caíssem imóveis. Terceiro apartamento à esquerda.

— Segure isso — pediu ao garoto, entrando no apartamento.

Entregou a lanterna a Shaw, que a manteve apontada para o centro do aposento. Pegou a cômoda de metal empurrada contra uma das paredes e a afastou um pouquinho. Era como se fosse ontem. Só que havia uma grossa camada de poeira sobre a cômoda. As velhas marcas de botas tinham desaparecido. Subiu na cômoda, empurrou o painel do teto para o lado e pediu a lanterna. Um rato guinchou e saiu correndo quando ele apontou o feixe de luz lá para dentro. A espingarda preta estava à sua espera. Jimmy a pegou e soprou a poeira.

* * *

Elise não gostou das roupas novas. Tinham tirado seu macacão, dizendo que a cor estava errada, e a envolvido em um cobertor costurado na frente. O tecido pinicava. Tinha pedido para ir embora várias vezes, mas o sr. Rash explicou que ela precisava ficar. O corredor dava para muitos quartos com camas velhas, e tudo fedia horrores, mas algumas pessoas estavam tentando limpar os cômodos e deixá-los mais confortáveis. Mas Elise só queria encontrar Cachorrinho, Hannah e Solo. Alguém a levou até um quarto e disse que seria sua nova casa, mas Elise morava atrás da Selva. Nunca tivera vontade de morar em outro lugar.

Levaram-na de volta para a sala grande onde ela assinara o papel e a fizeram sentar outra vez no banco. Se tentasse se levantar, o sr. Rash apertava seu pulso. Quando chorava, ele apertava ainda mais forte. Mandaram ela se sentar em um banco que chamaram de outra coisa enquanto um homem lia um livro. O sujeito careca de túnica branca tinha ido embora, e outro assumira seu lugar para ler um livro. Havia uma mulher ao lado, com dois outros homens, e não parecia muito feliz. Em vez de olhar para quem lia, muitas pessoas nos bancos ficavam observando essa mulher.

Elise estava ao mesmo tempo com sono e inquieta. Queria ir embora e dormir em algum outro lugar. Então o homem terminou de ler e ergueu o livro no ar, e todos ao redor disseram exatamente a mesma coisa, o que foi muito estranho, como se todos já soubessem o que iam dizer. As vozes saíam engraçadas e vazias, como se conhecessem as palavras, mas não o significado.

O homem com o livro gesticulou para que os homens e a mulher se aproximassem, e quase pareceu que ela estava sendo carregada. Havia duas mesas juntas no fundo, perto da janela colorida iluminada por trás. A mulher fez um barulho quando a ergueram sobre as mesas. Estava vestindo um cobertor como o de Elise, só que maior, o que tornou fácil os homens exporem sua perna nua. As pessoas nos bancos se endireitaram para ver melhor. Elise se sentiu menos sonolenta do que antes. Murmurou para o sr. Rash, querendo perguntar o que eles estavam fazendo, mas ele lhe mandou ficar quieta, sem conversar.

O sujeito que fez a leitura tirou uma faca da túnica. Era longa e reluzia como um peixe brilhante.

— Crescei e multiplicai-vos — disse ele.

Virou-se para as pessoas, e a mulher se remexeu em cima das mesas, mas não podia ir a lugar nenhum. Elise quis pedir para não segurarem os pulsos da mulher com tanta força.

O homem continuou lendo:

— E estabeleço minha aliança entre mim e ti e a tua semente depois de ti...

Elise se perguntou se iam plantar alguma coisa.

—... que não será mais destruída toda a carne. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá a lâmina nas nuvens.

Ele ergueu a faca ainda mais alto, e as pessoas nos bancos murmuraram alguma coisa. Até mesmo um menino mais novo que Elise sabia as palavras. Ela moveu os lábios, imitando os outros.

O homem levou a faca até a mulher, mas não a entregou a ela. Outro sujeito segurava os pés dela, e ainda outro, os pulsos. A mulher tentava ficar imóvel. Então Elise entendeu o que estavam fazendo. O mesmo

acontecera com sua mãe e a de Hannah. A mulher soltou um grito assustador quando a faca penetrou sua carne, e Elise não conseguiu parar de olhar. O sangue saiu e escorreu, e a menina o sentiu na própria perna. Tentou se soltar, mas também seguravam seu pulso, e ela soube que um dia aquilo aconteceria com ela. Os gritos não paravam, e o homem enfiava cada vez mais a faca e os dedos, o suor reluzindo no topo da cabeça, dizendo alguma coisa para os ajudantes, que estavam tendo problemas em conter a mulher. Sussurros se espalhavam pelos bancos, e Elise sentiu-se quente. Mais sangue saiu, até que o homem com a faca irrompeu em um grito e ficou de pé, virando-se para os bancos segurando algo entre os dedos, o sangue escorrendo pelos braços, cotovelos, o cobertor frouxo se abrindo, um sorriso em seu rosto enquanto os gritos diminuíam.

— Contemplem! — gritou.

As pessoas aplaudiram. Os homens puseram uma atadura na mulher presa em cima da mesa e a tiraram de lá, apesar de ela mal se aguentar de pé. Elise viu que havia outra mulher perto do palco. Estavam em fila. Os aplausos ganharam ritmo — como quando ela e os gêmeos subiam marchando a escadaria, observando os passos uns dos outros —, *clap, clap* ao mesmo tempo. Os aplausos ficaram cada vez mais intensos. Até que palmas muito mais ruidosas silenciaram todas as outras. Um som que fez seu coração saltar no peito.

As cabeças viraram para o fundo da sala. Elise sentia os ouvidos doerem devido ao estrondo. Alguém gritou e apontou, a garota se virou e viu Solo na porta. Poeira branca chovia do teto, e ele carregava uma coisa comprida e negra. Ao lado dele estava Shaw, o menino de macacão marrom do bizarro. Elise se perguntou como ele tinha ido parar ali.

— Com licença — disse Solo. Examinou os bancos até ver Elise, e seus dentes brilharam através da barba. — Vou levar essa jovem comigo.

Houve gritos. Homens levantaram dos bancos, berraram e apontaram, e o sr. Rash gritou algo sobre sua esposa e propriedade, perguntando como Solo ousava interromper. E o homem com o sangue

e a faca estava ultrajado e saiu a toda pelo corredor de bancos, o que fez Solo levar a coisa negra ao ombro.

Outro estrondo, como palmas ensurdecedoras de Deus, um estrondo tão alto que deixou as entranhas de Elise doloridas. Houve um ruído depois disso, um estilhaçar de vidro, e ela se virou e viu que a janela bonita de vidro colorido estava mais quebrada que antes.

As pessoas pararam de gritar e de se mover na direção de Solo, o que Elise achou muito bom.

— Venha — disse Solo. — Depressa.

Elise se levantou e seguiu por entre os bancos, mas o sr. Rash a segurou pelo pulso.

— Ela é minha esposa! — gritou o sr. Rash, e Elise percebeu que aquilo era uma coisa ruim.

Significava que não podia ir embora.

— Seus casamentos acontecem bem rápido — comentou Solo, dirigindo-se à multidão silenciosa. Ele apontou a coisa negra para todos, o que pareceu deixá-los nervosos. — E os funerais?

Ele virou a coisa comprida e negra para o sr. Rash. Elise sentiu a pressão em seu pulso ceder. Continuou avançando por entre os bancos e passou correndo pelo homem que escorria sangue até chegar a Solo e Shaw, seguindo com os dois para a saída.

55

• *Silo 17* •

Juliette estava se afogando de novo. Sentia a água na garganta, a ardência nos olhos, a queimação no peito. Enquanto subia a escada, sentia a velha enchente à sua volta. Mas não era isso que tornava sua respiração difícil. Eram as vozes que ecoavam de alto a baixo pelo vão da escadaria, uma evidência preliminar de vandalismo e saque, as grandes extensões de cabos e tubulações desaparecidas, os galhos, folhas e terra espalhados por pessoas que tinham fugido com vegetais roubados.

Esperava chegar num ponto acima das injustiças cometidas contra ela, escapar daquele último espasmo de civilidade antes que o caos reinasse. O caos viria, sabia disso. Mas não importava quão alto ela e Raph subissem, ainda havia pessoas abrindo portas para explorar e pilhar, tomar posse de território, gritar sobre seus achados para algum nível abaixo ou lançar uma pergunta para os níveis de cima. Nas profundezas da Mecânica, lamentara a pequena quantidade de sobreviventes. Mas foi percebendo que, na verdade, parecia que sobrara gente demais.

Parar para impedir qualquer coisa seria perda de tempo. Estava preocupada com Solo e as crianças. Com as fazendas arrasadas. Mas o peso dos explosivos na mochila lhe dava propósito, e a catástrofe que a cercava trazia motivação. Estava disposta a garantir que aquilo nunca mais acontecesse.

— Eu me sinto um portador — comentou Raph, ofegante.

— Se você ficar para trás, lembre-se de que o objetivo é chegar no trinta e quatro. As duas fazendas intermediárias devem ter comida. Dá para pegar água das bombas hidráulicas.

— Eu consigo acompanhar seu passo — insistiu Raph. — Só estou dizendo que me sinto um pouco inferiorizado.

Juliette riu do mineiro orgulhoso. Quis comentar o tanto de vezes que fizera aquela viagem, sempre deixando Solo para trás, gesticulando para que ela seguisse em frente, que ele a alcançaria. Relembrou aqueles dias, e de repente seu silo pareceu continuar vivo e pulsante, fervilhante de civilização, distante, seguindo em frente sem ela, mas ainda vivo.

Não era verdade.

Mas havia outros silos, dezenas deles, repletos de vida. Em algum lugar, um pai repreendia o filho. Um adolescente roubava um beijo. Alguém servia uma refeição quente. Papel era transformado em polpa para ser reciclado; combustível era bombeado e queimado; o escapamento liberava gás no grande e proibido exterior. Todos aqueles mundos estavam em pleno funcionamento, ignorantes uns dos outros. Em algum lugar, alguém que ousou sonhar estava sendo mandado para a limpeza. Uma pessoa era enterrada enquanto outra nascia.

Juliette pensou nas crianças do Silo 17, nascidas em meio à violência, sem jamais conhecer outra coisa. Aquilo se repetiria bem ali. E pensou em como sua irritação com o Comitê de Planejamento e a congregação do Padre Wendel estava equivocada. Os mecânicos não tinham se rebelado da mesma forma? Ela não estava se rebelando naquele exato momento? O que era um grupo, além de um bando de pessoas? E o que eram pessoas, além de animais tão propensos a sentir medo quanto ratos ouvindo passos?

— Então alcanço você depois — gritou Raph, a voz distante, e Juliette percebeu que estava se adiantando.

Reduziu o passo e esperou. Não era hora de ficar sozinha, de subir sem companhia. E, naquele silo de solidão, onde se apaixonara por Lukas porque ele estivera presente para ela em voz e espírito, sentia a falta dele de um jeito ainda mais doloroso. Sua esperança lhe fora

arrancada — uma esperança tola. Não tinha como voltar para Lukas, nunca mais o veria, mesmo estando mortalmente certa de que logo se juntaria a ele.

* * *

Uma breve exploração da segunda fazenda dos níveis intermediários rendeu algum alimento, apesar de a busca ter ido mais longe do que Juliette se lembrava de precisar ir. A lanterna de Raph revelou sinais de atividade recente: marcas de botas na lama, um cano de irrigação partido — para que pudessem beber daquela água, que continuava a pingar —, um tomate pisado que ainda não estava coberto de formigas. Pegaram o que conseguiram carregar — pimentões, pepinos, mirtilos, uma preciosa laranja, uma dúzia de tomates verdes, o suficiente para algumas refeições. Juliette comeu quantos mirtilos conseguiu, pois eram difíceis de transportar. Em geral os evitava, odiava as manchas que deixavam nos dedos. Mas o que antes era um estorvo passara a parecer uma bênção. Tinha sido por isso que o restante dos suprimentos desaparecera tão depressa: cada uma das poucas centenas de pessoas pegando mais do que precisava, até mesmo coisas indesejadas.

O trinta e quatro não era muito longe da fazenda. Para Juliette, parecia quase como uma volta para casa. Lá haveria bastante energia, além de suas ferramentas e sua cama, um rádio, algum lugar para trabalhar durante aquele último espasmo de seu povo moribundo, para pensar, para se arrepender, para construir um último traje. A exaustão em suas pernas e costas era indicativo de alguma coisa, e ela percebeu que mais uma vez estava subindo para escapar. Buscava mais que vingança. Estava fugindo de seus amigos, com quem havia falhado. Queria um buraco para se esconder. Mas, ao contrário de Solo, que vivera em uma toca embaixo dos servidores, tinha esperança de abrir uma cratera na cabeça daqueles outros.

— Jules?

Ela parou no meio da plataforma do trinta e quatro, bem diante das portas da TI. Raph tinha parado no último degrau. Ele se ajoelhou, passou o dedo pelo piso e o ergueu para mostrar algo vermelho. E levou o dedo à língua.

— Tomate — revelou.

Já havia alguém ali. O dia que desperdiçara encolhida chorando nas entranhas da máquina de cavar voltara para assombrá-la.

— Vamos ficar bem — respondeu.

Lembrou-se do dia em que perseguira Solo. Descera as escadas depressa, encontrara as portas bloqueadas, quebrara uma vassoura ao meio quando as abriu. Dessa vez, as portas abriram com facilidade. As luzes no interior estavam totalmente acesas. Não havia sinal de ninguém.

— Vamos — falou, avançando depressa e em silêncio.

Não queria ser vista por pessoas que não conhecia. Não queria que a seguissem. Perguntou-se se Solo ao menos tomara o cuidado de fechar a sala dos servidores e a grade. Mas não — no fim do corredor, a porta estava aberta. Vozes vinham de algum lugar. O fedor de fumaça. Um brilho no ar. Ou será que ela estava enlouquecendo, imaginando Lukas e o gás que o atacara? Seria por isso que estava ali? Não pelo rádio, não para encontrar um lar para seus amigos nem para construir um traje, mas porque ali era um espaço idêntico ao seu, e talvez ali Lukas estivesse à sua espera, vivo naquele mundo morto…

Entrou na sala dos servidores. A fumaça era real. Acumulava-se no teto. Juliette correu por entre aquelas máquinas familiares. O ar tinha um gosto diferente do que uma bomba superaquecida produzia, do amargor de um incêndio causado por curto-circuito, da borracha queimada de um rotor girando a seco, da amargura de um escapamento. Cobriu a boca com a dobra do braço, lembrou-se de Lukas reclamando de fumaça e correu rumo àquela névoa.

Vinha do alçapão atrás do servidor de comunicação, de onde se elevava uma coluna de fumaça. Havia um incêndio no abrigo de Solo — sua cama, talvez. Juliette pensou no rádio lá embaixo, nos alimentos.

Desabotoou o macacão e puxou a camiseta suada por cima do rosto. Ouviu Raph gritar com ela para não ir enquanto se abaixava e começava a descer pela escada, praticamente deslizando até as botas baterem na grade abaixo.

Manteve-se abaixada, mal conseguindo ver através da fumaça. Ouvia o crepitar das chamas, estalidos estranhos. Alimentos, rádio, computador e mapas preciosos na parede. O único tesouro em que não pensou enquanto corria adiante foram os livros. E era justamente o que estava pegando fogo.

Uma pilha de livros, outra de latas vazias, um jovem de túnica branca lançando mais livros na pilha, o cheiro de combustível. Ele estava de costas. Tinha uma área calva no topo da cabeça que reluzia de suor, mas não parecia preocupado com o fogo. Estava alimentando as chamas. Voltou às prateleiras para buscar mais coisas para queimar.

Juliette correu por trás dele até a cama de Solo e agarrou um cobertor. Um rato saiu pulando das dobras do tecido quando ela o ergueu. Correu na direção do fogo, os olhos ardendo, a garganta queimando, e jogou o cobertor sobre a pilha de livros. A chama foi engolida por um momento, mas vazou pela trama do tecido. O cobertor começou a pegar fogo. Juliette tossiu dentro da camisa e correu para pegar o colchão, precisava abafar o incêndio. Pensou no reservatório vazio na sala ao lado, em tudo aquilo que estava se perdendo.

O homem de túnica a viu enquanto Juliette erguia o colchão. Ele gritou e atirou-se nela. Os dois caíram sobre o catre. Uma bota voou na direção de seu rosto, e Juliette jogou a cabeça para trás. O homem gritou — parecia uma ave branca solta no bazar, batendo asas e lançando-se nas cabeça dos passantes. Juliette gritou para que ele se afastasse. As chamas aumentaram. Puxou o colchão com o sujeito em cima, e ele caiu pelo outro lado. Tinha segundos para controlar o fogo antes que tudo se perdesse. Meros segundos. Pegou o outro cobertor de Solo e bateu nas chamas. Não conseguia lutar contra elas e o homem. Não tinha tempo. Tossiu e gritou por Raph, e o homem de túnica voltou a atacá-la, com um brilho insano nos olhos, agitando os braços. Juliette acertou o

estômago dele com o ombro, passou por baixo de seus braços e o lançou por cima das costas. Ele caiu no chão e agarrou as pernas de Juliette, derrubando-a.

Ela tentou se soltar, mas o homem a segurava, arranhando de seu calcanhar até a cintura. As chamas se avolumaram atrás dele. A coberta tinha pegado fogo. O homem gritou profanações, irado — completamente ensandecido. Juliette o empurrou pelos ombros e se contorceu para se soltar. Mal conseguia respirar, mal conseguia ver. O homem em cima dela gritava com fervor renovado, a túnica pegando fogo. As chamas subiam por suas costas e por cima dos dois, e Juliette se viu de volta à câmara pressurizada com um cobertor sobre a cabeça, queimando viva.

Uma bota voou diante de seu rosto, acertando o jovem clérigo, e ela sentiu a força deixar os braços que a detinham. Alguém a puxou por trás. Juliette chutou, libertando as pernas. A fumaça estava densa demais para enxergar. Tentou se situar, tossindo descontroladamente, perguntou-se onde estava o rádio. Sabia que estava perdido. Era arrastada por um corredor estreito, o rosto pálido de Raph revelando-se pouco mais que um fantasma, mandando-a subir a escada à frente.

A sala dos servidores estava se enchendo de uma nuvem negra. O incêndio lá embaixo se espalharia até devorar tudo, deixando apenas metal chamuscado e cabos derretidos. Juliette ajudou Raph a sair da escada e fechou a tampa do alçapão. Percebeu o quanto era inútil para deter a fumaça — era a droga de uma grade.

Raph desapareceu por trás de um dos servidores, gritando:

— Depressa!

Ela engatinhou o mais rápido que pode e o encontrou encostado atrás da central de comunicação, um dos pés contra o servidor a seu lado, empurrando com toda a força.

Juliette o ajudou. Músculos doloridos ardiam e latejavam. Fizeram força juntos contra o metal imóvel. Ela tinha uma vaga lembrança de parafusos prendendo a base ao chão, mas o peso da torre ajudou. O metal gemeu. Com um empurrão, os parafusos arrebentaram, e a torre

alta e negra balançou, tremeu e tombou em cima do buraco no chão, cobrindo-o.

Eles desabaram, tossindo e respirando com dificuldade. O ambiente estava tomado pela fumaça, mas a sua fonte fora vedada. E os gritos lá embaixo acabaram silenciando.

56

• Silo 1 •

Ouviam-se vozes do lado de fora do elevador de lançamento. Botas. Homens caminhando de um lado a outro, procurando por eles.

Os irmãos ficaram abraçados na escuridão daquele confinamento de teto baixo. Ela buscara um meio de bloquear a porta, que era apenas uma parede de metal com uma pequena tranca. Ele conteve a tosse, sentindo o incômodo na garganta crescer até tomar cada centímetro de seu corpo, mantendo as duas mãos entrelaçadas sobre a boca enquanto ouvia os gritos abafados de "Nada" e "Nada aqui".

Charlotte parou de mexer na porta, e os dois ficaram encolhidos, juntos, tentando não se mover, pois o chão estalava com qualquer variação de peso. Tinham passado o dia inteiro no pequeno elevador, esperando que a equipe de busca chegasse àquele nível. Darcy saíra para parecer em serviço quando todos do silo despertassem. Tinha sido um dia longo e sem descanso para Donald e a irmã, um dia em que ele sabia que a equipe de busca aumentaria, as pessoas cada vez mais desesperadas. Além de um assassino à solta, havia um fugitivo do congelamento profundo. Já conseguia imaginar o choque e a preocupação de Thurman. A surra que levaria quando fossem descobertos. Só rezava para que aquelas botas fossem embora. Mas não iam. Estavam se aproximando.

Ouviram uma batida forte na porta de metal do hangar, o soco de um punho raivoso. Donald sentiu Charlotte tensionar seus braços ao redor das costas dele, esmagando as costelas quebradas. A porta se moveu.

Donald tentou fazer força para que se mantivesse no lugar, mas não tinha apoio. O aço rangeu contra as palmas suadas de suas mãos. Estava acabado. Charlotte tentou ajudar, mas alguém abrira a porta do esconderijo. Uma lanterna cegou os dois, brilhando direto em seus olhos.

— Nada!

O grito veio tão de perto que Donald sentiu o cheiro do café no hálito de Darcy. A porta bateu, então deram dois tapas no metal. Charlotte desabou. Donald ousou pigarrear.

Já passara da hora do jantar quando por fim saíram de lá, cansados e famintos. O arsenal estava escuro e silencioso. Darcy dissera que tentaria voltar quando seu turno começasse, mas temia que o turno da noite talvez não fosse tão tranquilo quanto o normal, não tão apropriado para uma escapada.

Donald e Charlotte dispararam para o corredor dos alojamentos, entrando em banheiros separados. Donald ouviu os canos chacoalharem quando a irmã deu descarga. Abriu a torneira e tossiu sangue. Ficou olhando os fios escarlates descerem em espiral pelo ralo, bochechou com a água, cuspiu e foi se aliviar.

Charlotte já tinha descoberto e ligado o rádio quando ele chegou ao fim do corredor. A irmã saudou qualquer um que pudesse ouvir. Donald passou ao lado dela e a observou trocar do canal 18 para o 17 e repetir a chamada. Ninguém respondeu. Deixou no 17 e ficou ouvindo a estática.

— Como você conseguiu entrar em contato da última vez? — perguntou Donald.

— Desse jeito mesmo. — Charlotte olhou fixamente para o rádio por um instante antes de se virar na cadeira para encará-lo, o cenho franzido de preocupação. Donald esperava mil perguntas: Quanto tempo até serem levados? O que fariam depois? Como chegariam a algum lugar seguro? Mil perguntas, mas não a que ela fez. A voz saiu em um sussurro triste. — Quando você foi lá fora?

Donald deu um passo para trás. Não sabia ao certo como responder.

— Como assim? — perguntou, mas entendia muito bem.

— Ouvi Darcy falar que você quase chegou no topo de uma colina. Quando foi isso? Você continua saindo? É para onde você vai quando me deixa aqui? É por isso que está doente?

Donald se apoiou em uma das estações de controle dos drones.

— Não — respondeu, olhando o rádio, torcendo para que uma voz rompesse a estática, salvando-o. Mas a irmã esperou. — Eu só saí uma vez. Fui embora… achava que nunca mais ia voltar.

— Você foi lá fora para morrer.

Donny assentiu. E Charlotte não ficou com raiva. Não berrou nem gritou, como ele temia que fizesse — o motivo pelo qual nunca tinha contado aquilo. Simplesmente se levantou, correu até ele e envolveu sua cintura com os braços. E Donald chorou.

— Por que eles estão fazendo isso com a gente? — perguntou a irmã.

— Não sei. Eu quero acabar com isso.

— Mas não desse jeito. — Charlotte se afastou e esfregou os olhos. — Donny, você tem que me prometer. Desse jeito, não.

Donald não respondeu. As costelas doíam no local onde ela o abraçara.

— Eu queria ver Helen — explicou, por fim. — Queria ver onde ela tinha vivido e morrido. Foi… um período ruim. Com Anna. Preso aqui embaixo.

Pensou em como se sentira em relação a Anna na época, em como se sentia em relação a ela naquele momento. Tantos erros. Cometera erros a cada passo. O que tornava difícil tomar novas decisões, agir.

— Deve haver alguma coisa que a gente possa fazer — sugeriu Charlotte. Seus olhos brilharam. — Podíamos deixar um drone leve o bastante para nos levar embora daqui. As bombas de bunkers devem pesar sessenta quilos. Se esvaziarmos mais um deles, daria para levar você.

— E como ele voaria?

— Eu ficaria aqui para pilotar. — Charlotte notou a expressão no rosto dele e franziu a testa. — É melhor pelo menos um de nós escapar. Você sabe que tenho razão. Podemos lançar o drone antes de amanhecer,

mandar você o mais longe possível. Pelo menos você viveria um dia longe desse lugar.

Donald tentou imaginar um voo nas costas de um daqueles pássaros, o vento fustigando o capacete, pousar em terra plana, deitar-se na grama e olhar para cima, para as estrelas. Pegou o lenço, encheu-o de sangue e balançou a cabeça ao guardá-lo.

— Estou morrendo — retrucou. — Thurman disse que tenho mais um ou dois dias. E disse isso faz um ou dois dias.

Charlotte fez silêncio.

— Talvez a gente consiga acordar outro piloto — sugeriu Donald. — Eu podia apontar uma arma para a cabeça dele. Tiraríamos você e Darcy daqui.

— Não vou deixar você para trás — retrucou a irmã.

— Mas quer me mandar lá para fora sozinho.

A irmã deu de ombros.

— Sou uma hipócrita.

Donald deu risada.

— Deve ter sido por isso que recrutaram você.

— O que você acha que está acontecendo em todos os outros silos neste exato momento? — perguntou Charlotte. — Você lidou com eles. É tão ruim lá quanto aqui?

Donald pensou antes de responder.

— Não sei. Imagino que alguns estejam razoavelmente felizes. As pessoas se casam e têm filhos. Têm empregos. Não conhecem nada que esteja além de suas paredes, por isso acho que não se preocupam muito com o que existe lá fora, como eu e você. Mas acho que eles têm outra coisa que nós não temos, um sentimento profundo de que há algo errado com a forma como vivem. Enterrados. Nós entendemos isso, é algo que nos sufoca, mas acho que eles só têm certa ansiedade crônica. Não sei. — Donald deu de ombros. — Já vi alguns homens daqui bem felizes com seus turnos. E já vi alguns enlouquecerem. Eu… Eu passava horas jogando paciência no computador lá em cima. Era quando meu cérebro

desligava e eu não me sentia infeliz. Mas também não estava vivo de verdade.

Charlotte estendeu o braço e apertou a mão dele.

— Acho que alguns silos que apagaram estão melhor que…

— Não diga isso — murmurou a irmã.

Donald a encarou.

— Não, não é isso que quero dizer. Não acho que estejam mortos, pelo menos não todos. Acho que alguns se desconectaram e estão vivendo como querem, quietos o bastante para ninguém ir atrás deles. Só querem ser deixados em paz, sem serem controlados, podendo escolher como vivem e morrem. Acho que é o que Anna queria que tivessem. Ela passou um ano aqui neste nível, tentando encontrar sinais de vida, mas incapaz de sair. Acho que isso mudou o modo como ela via as coisas.

— Ou talvez tenha sido por sair daquela caixa por um tempo — sugeriu Charlotte. — Talvez ela não tenha gostado da sensação de ser descartada.

— Ou isso — concordou Donald.

De todo modo, achava que as coisas teriam sido diferentes se a tivesse despertado com alguma confiança, se tivesse dado ouvidos a ela. Se Anna estivesse ali para ajudar, tudo estaria melhor. Pensar naquilo o fazia sofrer, mas sentia tanta saudade dela quanto de Helen. Anna o salvara, tentara salvar outros, e Donald não a compreendera — e a odiara por tudo o que ela fizera.

Charlotte soltou a mão dele para ajustar o rádio. Tentou contatar alguém nos dois canais, passou os dedos pelo cabelo e ouviu a estática.

— Algum tempo atrás, eu achava que tinha sido bom — comentou Donald. — Isso que eles fizeram, de tentar salvar o mundo. Tinham me convencido de que a extinção em massa era inevitável, de que a guerra estava prestes a estourar e matar a todos. Mas sabe o que eu acho? Acho que eles sabiam que se uma guerra eclodisse entre todas essas máquinas invisíveis, sobreviveriam alguns grupos isolados. Por isso construíram

essas coisas. Quiseram ter certeza de que a destruição seria total, para que pudessem controlá-la.

— Queriam garantir que os únicos grupos de sobreviventes estivessem sob controle *deles* — completou Charlotte.

— Exato. Não estavam tentando salvar o mundo, estavam tentando se salvar. Mesmo que a humanidade fosse extinta, o mundo teria continuado sem nós. A natureza dá um jeito.

— As pessoas dão um jeito. Olhe só nós dois. — Ela riu. — Somos como ervas daninhas, não somos? A natureza escapando pelas bordas. Somos como aqueles silos malcomportados. Como eles pensaram que poderiam conter isso tudo? Que algo assim não aconteceria?

— Não sei — respondeu Donald. — Talvez o tipo de gente que tenta dar forma ao mundo se ache mais inteligente que o próprio caos.

Charlotte mudava os canais sem parar, para o caso de alguém responder em um silo ou outro. Parecia desesperada.

— Eles deviam nos deixar em paz — comentou. — Só parar e nos deixar continuar do jeito que quisermos.

Donald saltou da cadeira e ficou de pé.

— O que foi? — perguntou Charlotte. Estendeu o braço para o rádio. — Ouviu alguma coisa?

— É isso — explicou Donald. — Nos deixar em paz. — Procurou seu lenço sujo e tossiu. Charlotte parou de mexer no rádio. — Venha — chamou, apontando para a mesa. — Traga suas ferramentas.

— Para mexer no drone?

— Não. Precisamos montar outro traje.

— Outro traje?

— Para ir lá fora. E você disse que essas bombas pesam sessenta quilos. Isso equivale a quê?

57

• *Silo 1* •

— Não é um bom plano — comentou Charlotte.

Apertou o aparelho de respiração preso ao capacete, pegou um dos grandes cilindros de oxigênio e começou a prender as mangueiras.

— O que vamos fazer lá fora?

— Morrer — respondeu Donald. E reparou no olhar da irmã. — Mas talvez daqui a uma semana. E não aqui.

Dispusera uma variedade de suprimentos diante de si. Satisfeito, começou a guardá-los nas pequenas mochilas militares. Rações, água, um kit de primeiros-socorros, uma lanterna, uma pistola com dois pentes, munição extras, uma pederneira e uma faca.

— Quanto tempo acha que esse ar vai durar? — perguntou Charlotte.

— Esses cilindros são próprios para mandar tropas por terra para outros silos, então devem ter o suficiente para chegar até o mais distante. Só precisamos ir um pouco mais longe. E não estaremos tão carregados.

Donald fechou a mochila e a posicionou do lado da outra.

— É como se estivéssemos deixando um drone mais leve.

— Exatamente.

Ele pegou um rolo de fita, sacou um mapa dobrado do bolso e começou a fixá-lo à manga de um dos trajes.

— Esse é meu traje?

Donald assentiu.

— Você é melhor como navegadora. Vou atrás.

Ouviu-se uma campainha do outro lado das prateleiras, vindo da direção dos elevadores. Donald deixou o que estava fazendo e murmurou para Charlotte se apressar. Os dois correram para o elevador de lançamento, mas Darcy avisou que era só ele. O guarda noturno surgiu entre as prateleiras altas com os braços carregados: macacões novos e uma bandeja repleta de comida.

— Desculpa — disse, vendo o pânico que causara. — Eu não tinha como avisar que vinha. — Ele estendeu as bandejas, como um pedido de desculpas. — Sobras do jantar.

Deixou a comida de lado, e Charlotte o abraçou. Donald pensou em como era rápido criar laços em tempos de desespero. Ali estava uma prisioneira abraçando um guarda por não a espancar, por mostrar um mínimo de compaixão. Donald ficou feliz por ter pensado no segundo traje. Era um bom plano.

Darcy observou as ferramentas e os suprimentos espalhados.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou.

Charlotte olhou para o irmão, como que pedindo permissão. Donald balançou a cabeça.

— Olha — começou Darcy —, eu sou simpático à situação de vocês. Sou mesmo. Também não gosto do que está acontecendo aqui. E quanto mais minhas memórias voltam, quanto mais me lembro de quem eu era, mais acredito que devia estar lutando ao lado de vocês. Mas não estou totalmente convencido. E isso… — Ele apontou para os trajes — Não me parece nada bom. Não parece uma solução inteligente.

Charlotte passou um prato e um garfo para Donald. Ela se sentou em uma das caixas plásticas de armazenamento e começou a comer o que parecia enlatado de assado, beterrabas e batatas. Donald sentou-se ao lado dela e passou o garfo pelo assado gorduroso, cortando-o em pedaços.

— Você se lembra do que fazia antes disso tudo? — perguntou o homem mais velho. — Está começando a se lembrar?

Darcy assentiu.

— Um pouco. Parei de tomar os remédios…

Donald soltou uma risada.

— O quê? O que é tão engraçado?

— Me desculpe. — Donald ergueu a mão, desculpando-se. — Só que… não é nada. É uma boa coisa. Você serviu no Exército?

— Sim, mas não por muito tempo. Acho que fui do serviço secreto. — Darcy os observou comer por um instante. — E vocês dois?

— Força Aérea — respondeu Charlotte. Ela apontou o garfo para Donald, que estava de boca cheia. — Deputado.

— Sério?

Donald assentiu.

— Na verdade, eu era mais um arquiteto. — E apontou para as paredes em torno deles. — Foi nisso que me formei.

— Para construir coisas como essa? — perguntou Darcy.

— Para construir isso — respondeu Donald.

Deu outra garfada.

— Sério?

Donald assentiu e tomou um gole de água.

— Então quem fez isso com a gente? Os chineses?

Os irmãos se entreolharam.

— O que foi? — perguntou Darcy.

— Nós mesmos fizemos isso — explicou Donald. — Este local não foi construído para uma eventualidade. Foi projetado com esse propósito.

Darcy olhava de um para o outro, boquiaberto.

— Achei que você soubesse. Está nas minhas anotações.

Mas só dá para encontrar se souber o que procurar, pensou Donald. Do contrário, seria óbvio demais, audacioso demais.

— Não. Achei que isso aqui fosse como um abrigo na montanha, onde o governo se esconde para sobreviver…

— E é — respondeu Charlotte. — Mas desse jeito eles conseguiram controlar a situação toda e escolher o momento exato.

Darcy encarou o chão. Donald e a irmã comiam. Para uma última refeição, não estava tão ruim assim. Donald olhou para a manga do

macacão que pegara emprestado de Charlotte e viu pela primeira vez o buraco de bala. Talvez fosse por isso que ela tivesse agido como se ele estivesse maluco por querer vesti-lo. Diante deles, Darcy começou a assentir, hesitante.

— É mesmo — murmurou o guarda. — Meu Deus, é verdade. Eles fizeram isso. — Olhou para Donald. — Eu botei um sujeito no congelamento profundo, alguns turnos atrás. Ele não parava de gritar essa mesma loucura. Um cara da contabilidade.

Donald afastou a bandeja e terminou sua água.

— Ele não estava louco, estava? — perguntou Darcy. — Era um bom homem.

— Provavelmente — disse Donald. — No mínimo estava melhorando aos poucos.

Darcy passou os dedos pelo cabelo curto. Sua atenção se voltou para os suprimentos espalhados.

— Os trajes — disse. — Vocês estão pensando em sair? Sabem que não posso ajudá-los a fazer isso.

Donald ignorou a pergunta. Foi até o fim do corredor e pegou um carrinho de carga. Ele e Charlotte já tinham colocado a bomba nele. Havia uma etiqueta plástica pendurada no nariz do explosivo que Charlotte explicara que teria de ser arrancada antes de armá-la. Ela já removera os controles de altímetro e os mecanismos de segurança. Chamara de “bomba burra”. Donald empurrou o carrinho na direção do elevador.

— Ei! — exclamou Darcy.

O guarda de levantou do caixote e bloqueou o caminho. Charlotte pigarreou, e Darcy se virou para ver que ela estava apontando uma arma para ele.

— Sinto muito — disse a mulher.

A mão de Darcy se dirigiu ao volume em um dos bolsos. Donald empurrou o carrinho na direção dele, e Darcy recuou.

— Precisamos discutir isso — disse o guarda.

— Já discutimos — respondeu Donald. — Não se mexa.

Ele parou o carrinho ao lado de Darcy e enfiou a mão no bolso do jovem. Tirou a pistola e a enfiou no próprio bolso, depois exigiu o crachá de identificação de Darcy. O jovem cedeu, e depois de guardar a identificação, Donald continuou a empurrar o carrinho, seguindo na direção do elevador.

Darcy o seguiu a distância.

— Só espere um pouco — pediu. — Você está pensando em detonar isso? Fala sério, cara. Vá com calma. Vamos conversar. É uma decisão importante.

— Que não foi tomada com facilidade, posso garantir. O reator abaixo de nós fornece energia aos servidores. Os servidores controlam a vida de todos. Vamos libertar essas pessoas. Deixá-las viver e morrer como quiserem.

Darcy soltou um riso nervoso.

— Os servidores controlam as vidas dos outros? Como assim?

— Escolhem os números das loterias — explicou Donald. — Decidem quem é digno de se reproduzir. Selecionam e moldam. Simulam guerras de mentira para escolher um vencedor. Mas não por muito tempo.

— Está bem, mas somos apenas três. Isso é grande demais para decidirmos sozinhos. É sério, cara…

Donald parou o carrinho bem na frente do elevador. Ele se virou para Darcy, viu que a irmã se levantara e se aproximara dele.

— Quer que eu cite todas as vezes da História em que uma única pessoa foi responsável pela morte de milhões? — perguntou Donald. — Algo entre cinco ou doze pessoas criaram a situação em que estamos. Dá para reduzir a três. E quem pode dizer se um desses homens não estava influenciando os outros dois? Bem, se um homem pôde construir isso, não deve precisar de mais que um para acabar com tudo. A gravidade é uma filha da puta, até que começa a jogar do seu lado. — Donald apontou para um corredor. — Agora sente-se ali.

Como Darcy não se moveu, Donald sacou a arma do outro bolso, não a que tirara do guarda, a que ele sabia que estava travada e carregada. A

decepção e o sofrimento no rosto do jovem, antes de se conformar, foram como um golpe físico. Donald o observou marchar de volta pelo corredor e passar por Charlotte. Apertou o braço da irmã antes que ela tomasse a mesma direção e beijou-a no rosto.

— Vá vestir o seu traje — pediu.

Charlotte assentiu e seguiu Darcy, sentou outra vez no caixote e começou a se vestir.

— Não acredito que isso está acontecendo — murmurou Darcy.

Olhava para a pistola que Charlotte deixara de lado enquanto se espremia para entrar no traje.

— Nem pense nisso — alertou Donald. — Na verdade, você devia é começar a se vestir.

Darcy e Charlotte se viraram para ele, intrigados. Ela ainda enfiava as pernas no traje.

— Do que você está falando? — perguntou a irmã.

Donald pegou o martelo em meio às ferramentas e o mostrou para ela.

— Não posso correr o risco de que isso aqui não dispare — explicou.

Charlotte tentou se levantar, mas os pés não tinham entrado até o fim das pernas do traje.

— Você disse que tinha como disparar de longe!

— E tenho. Longe de você. — Ele apontou a arma para Darcy. — Vista-se. Vocês têm cinco minutos para entrar nesse elevador…

Darcy saltou para a arma ao lado de Charlotte, que foi mais rápida e a pegou primeiro. Donald deu um passo para trás, então percebeu que a irmã apontava a arma para ele.

— *Você* é quem vai se vestir — corrigiu ela. A voz saiu trêmula, seus olhos brilhavam de lágrimas. — Não foi isso que decidimos. Você prometeu.

— Eu menti — retrucou Donald. Tossiu contra o braço e abriu um sorriso. — Você é uma hipócrita, e eu sou um mentiroso. — Começou a recuar na direção do elevador, mantendo a arma apontada para Darcy. — Você não vai atirar em mim.

— Me dê a arma — pediu Darcy. — Ele vai escutar se eu estiver com a arma na mão.

Donald deu risada.

— Você também não vai atirar em mim. Essa arma não está carregada. Agora vistam-se. Vão embora daqui. Vou dar meia hora. O elevador de lançamento leva vinte minutos para chegar ao topo. A melhor coisa para prender a porta é um desses engradados vazios. Já deixei um preparado.

Charlotte estava chorando, puxando as pernas do traje, tentando passar os pés até o fim. Donald sabia que ela faria alguma coisa idiota, que jamais iria sem ele se não obrigada. Charlotte correria para abraçá-lo e imploraria para que fosse também, ou para ficar lá e morrer com ele. A única chance de tirá-la dali era deixando-a com Darcy. Ele era um herói. Salvaria ambos. Donald apertou o botão para chamar o expresso-lento.

— Meia hora — repetiu.

Viu que Darcy já abria o zíper do traje para vesti-lo. A irmã gritou e tentou ficar de pé, mas quase tropeçou e caiu. Ela começou a tentar tirar o traje, em vez de vesti-lo até o fim. O elevador emitiu a campainha e se abriu. Donald puxou o carrinho para dentro. Lágrimas se acumularam em seus olhos, ao ver a dor que provocava em Charlotte. A irmã estava na metade do corredor, vindo em sua direção, quando as portas começaram a se fechar.

— Eu amo você — disse. Não teve certeza se ela ouviu.

As portas se fecharam diante da imagem dela. Escaneou o crachá, apertou um botão, e o elevador começou a se mover.

58

• Silo 17 •

A central de comunicação começou a esfriar, apesar de as chamas ainda queimarem lá embaixo, soltando pequenas espirais de fumaça. Juliette analisou o interior da grande máquina negra e viu uma ruína de placas de circuitos. A fileira de encaixes de fones se espatifara, e vários cabos da base da estrutura tinham esticado até arrebentar com a queda.

— Será que vai parar de queimar? — indagou Raph, observando a fumaça que saía de baixo da central.

Juliette tossiu. Ainda sentia a fumaça na garganta, o gosto do papel queimado.

— Não sei — admitiu. Olhou para as luzes acima em busca de qualquer sinal de problema. — A energia do silo vem de algum lugar sob essas grades aqui embaixo.

— Então a qualquer momento o silo inteiro pode ficar escuro como as minas? — Raph se levantou. — Vou pegar as bolsas e ficar com as lanternas à mão. E você precisa de mais água.

Juliette o observou se afastar depressa. Podia sentir os livros queimando abaixo, os fios derretendo no interior do rádio. Não achava que a energia fosse acabar — torcia por isso —, mas muitas outras coisas estavam se perdendo. Os grandes mapas que a ajudaram a encontrar a máquina de cavar já deviam ter virado cinzas. Os planos para ajudá-la a escolher que silo procurar, para onde cavar... queimados.

Os servidores negros e altos ao redor continuavam emitindo seu ruído habitual, aqueles gigantes imóveis de ombros quadrados. Todos

imóveis, exceto um. Juliette se levantou e examinou o servidor tombado, e a ligação entre aquelas máquinas e os silos tornou-se ainda mais óbvia. Ali jazia algo destruído, como seu lar. Como o lar de Solo. Estudou a arrumação dos servidores e lembrou que a disposição era idêntica à disposição dos silos. Raph voltou com as bolsas. Ele entregou o cantil a Juliette, que tomou um gole, perdida em pensamentos.

— Estou com sua lant…

— Só um segundo — pediu ela.

Atarraxou a tampa de volta no cantil e caminhou por entre os servidores. Foi para trás de um deles e examinou a placa prateada acima do emaranhado de fios. Viu um símbolo de silo, com os seus três triângulos apontados para baixo. O número 29 estava gravado no centro.

— O que você está procurando? — perguntou Raph.

Juliette deu um tapinha na placa.

— Lukas sempre dizia que precisava trabalhar no servidor seis, no trinta, ou sei lá o quê. Eu me lembro de ele comentar que essas máquinas estavam dispostas como os silos. Temos um mapa bem aqui.

Avançou na direção dos servidores 17 e 18. Raph a seguiu.

— Será que devíamos nos preocupar com a energia?

— Não há nada que possamos fazer em relação a isso — respondeu Juliette. — O piso e as paredes não devem aquecer a ponto de pegar fogo. Quando terminar de queimar, vamos lá ver…

Algo captou seu olhar enquanto ela traçava uma rota entre os servidores. Os cabos sob as grades do piso entravam e saíam das canaletas, dirigindo-se às bases das máquinas. O que a deteve foi uma série de cabos vermelhos em meio aos negros.

— O que foi agora? — perguntou Raph. Ele a observava, parecendo preocupado. — Você está bem? Já vi mineiros levarem uma pedrada na cabeça e agirem de um jeito estranho o dia todo…

— Estou bem — retrucou Juliette. Apontou para uma porção de fios, virou-se e imaginou aqueles cabos indo de um servidor para outro. — Um mapa!

— Sim — concordou Raph. — Um mapa. — E a tomou pelo braço. — Por que você não vem se sentar? Você inalou muita fumaça…

— Raph, me escute. A garota do rádio, a do Silo 1, disse que tinha um mapa com linhas vermelhas. Ela falou isso depois que contei sobre a escavadeira. Pareceu muito animada, disse que entendia por que todas as linhas saíam e convergiam. Isso foi antes de o rádio parar de funcionar.

— Certo.

— Estes são os silos — explicou Juliette. Estendeu as mãos para os servidores altos. — Venha cá. Veja. — Foi depressa até a fileira seguinte, examinando as placas enquanto procurava. 14. 16. 17. — Estamos aqui. E foi aqui que escavamos o túnel. Ali está nosso silo antigo. — Apontou para o servidor seguinte.

— Então você está dizendo que podemos identificar qual desses silos chamar pelo rádio ao ver qual está perto? Porque temos um mapa igual a esse lá embaixo. Está com o Erik.

— Não. Estou dizendo que as linhas vermelhas no mapa correspondem a esses cabos. Está vendo? O traçado de um túnel nas profundezas. As escavadeiras não foram feitas para irem de um silo para outro. Foi Bobby quem me disse como foi difícil virar aquela coisa. Ela estava apontada para outro lugar.

— Para onde?

— Não sei. Precisaria daquele mapa para saber. A não ser que… — Virou-se para Raph, cujo rosto pálido estava manchado de fuligem. — Você estava na equipe de escavação. Quanto combustível cabia naquele tanque da máquina de cavar?

Ele deu de ombros.

— Nunca calculamos em litros. Só enchemos. Court inclinou o tanque algumas vezes, para ver o quanto estávamos queimando. Lembro que ela disse que nunca conseguiríamos usar tudo o que tinha ali.

— É porque aquela máquina foi projetada para ir mais longe. Muito mais longe. Precisamos inclinar o tanque outra vez para ter uma ideia. E o mapa de Erik deve mostrar para onde apontava originalmente. Se tivéssemos… — Estalou os dedos. — Nós temos a outra máquina.

— Não estou entendendo. Para que precisaríamos de outra máquina de cavar? Só temos um gerador funcionando.

Juliette apertou o braço dele, sentia-se radiante, com a mente acelerada.

— Não precisamos da outra para cavar. Só para ver para onde está apontada. Se traçarmos essa linha no mapa e projetarmos até onde nossa máquina devia ter ido, as duas linhas devem se cruzar. E se o fornecimento de combustível bater com essa distância, é uma confirmação. Podemos descobrir onde fica esse lugar do qual aquela mulher me contou. Esse lugar das sementes. Ela falou como se fosse outro silo, mas em um lugar onde o ar…

Ouviram vozes na outra extremidade do salão, alguém entrando do corredor. Juliette empurrou Raph contra um dos servidores e pôs o indicador sobre a boca. Mas dava para escutar alguém indo direto para eles, os passos criando estalidos baixos, como dedos tamborilando no metal. Juliette se segurou para não sair correndo, até que um vulto marrom surgiu aos seus pés, produzindo um chiado quando uma pata se ergueu e um jato de urina jorrou sobre sua bota.

— Cachorrinho! — gritou Elise.

* * *

Juliette abraçou Solo e as crianças. Não os via desde a queda do silo. Eles a lembraram por que estava fazendo aquilo, pelo que estava lutando, pelo que *valia a pena* lutar. A raiva se acumulara dentro dela, uma busca obstinada por cavar terra abaixo e procurar respostas no exterior. E tinha perdido a perspectiva do que merecia ser salvo. Estivera preocupada demais com aqueles que mereciam ser condenados.

A raiva derreteu quando Elise se pendurou em seu pescoço e a barba de Solo arranhou seu rosto. Ali estava o que lhe restava, o que ainda tinha. E proteger aquilo era mais importante que se vingar. Era o que o Padre Wendel tinha descoberto. O homem lera as passagens erradas do

livro — passagens de ódio em vez de esperança. E Juliette tinha sido igualmente cega. Se preparara para sair correndo e deixar todos para trás.

Sentou com Raph, Solo e as crianças em volta de um dos servidores, discutindo a violência que tinham presenciado mais abaixo. Solo carregava uma espingarda e não parava de dizer que precisavam bloquear a porta, se proteger.

— Temos que nos esconder aqui e esperar que matem uns aos outros — explicou, com um brilho insano nos olhos.

— Foi assim que você sobreviveu todos esses anos? — perguntou Raph.

Solo assentiu.

— Meu pai me escondeu. Demorei muito para sair. Foi mais seguro assim.

— Seu pai sabia o que ia acontecer — comentou Juliette. — Ele trancou você longe de tudo. É a mesma razão de estarmos todos aqui, vivendo desse jeito. Fizeram a mesma coisa com a gente, muito tempo atrás. Nos trancaram longe de tudo para nos salvar.

— Então temos que nos esconder de novo — disse Rickson. Olhou para os outros — Não é?

— Quanta comida ainda tem na despensa? — perguntou Juliette. — Supondo que o fogo não a tenha alcançado.

Solo cofiou a barba.

— O bastante para uns três anos. Talvez quatro. Mas só para mim.

Juliette fez as contas.

— Digamos que duzentas pessoas tenham conseguido passar, apesar de eu não achar que tenha sido tanta gente. Quanto tempo dá? Cinco dias? — Juliette assoviou. Sentiu apreço renovado por todas as fazendas de seu velho lar. Fora preciso um equilíbrio muito meticuloso para fornecer comida para milhares de pessoas por centenas de anos. — Precisamos parar de nos esconder para sempre — explicou. — Precisamos é de… — Examinou os rostos daqueles poucos que

confiavam completamente nela. — Precisamos é de uma assembleia pública.

Raph riu, achando que ela estava brincando.

— Uma o quê? — perguntou Solo.

— De uma reunião. Com todo mundo. Todo mundo que sobrou. Precisamos decidir se vamos permanecer escondidos ou dar o fora daqui.

— Achei que fôssemos escavar até outro silo — comentou Raph. — Ou até esse outro lugar.

— Acho que não temos tempo para uma escavação. Levaria semanas, e as fazendas foram destruídas. Além disso, tive uma ideia melhor. Um jeito mais rápido de chegar lá.

— E essas barras de dinamite que você está carregando? Achei que estávamos indo atrás das pessoas que fizeram isso.

— Isso ainda é uma opção. Olha, temos que fazer isso de qualquer jeito. Precisamos sair daqui. Do contrário, Jimmy tem razão. Acabaremos matando uns aos outros. É por isso que precisamos reunir todo mundo.

— Teremos que fazer isso lá embaixo, na sala do gerador — comentou Raph. — Em um lugar grande o suficiente. Talvez nas fazendas.

— Não — retrucou Juliette, virando-se e examinando o salão ao redor. Olhou para as paredes distantes, atrás dos servidores, calculando o tamanho do espaço. — Vamos fazer aqui. Vamos mostrar este lugar a eles.

— Aqui? — perguntou Solo. — Duzentas pessoas? Aqui?

Ele parecia visivelmente abalado. Começou a mexer na barba com as duas mãos.

— Onde todo mundo vai sentar? — perguntou Hannah.

— Como vão ver? — indagou Elise.

Juliette examinou o amplo salão com as máquinas negras e altas. Muitas emitiam estalidos e ruídos. Cabos saíam do topo dos servidores até o teto. Sabia, por ter seguido os fios das câmeras em seu velho lar, que eram todos interconectados. Sabia como a energia chegava às bases,

como os painéis laterais se destacavam. Passou a mão por uma das máquinas que Solo riscara, contando os dias de sua juventude. Os riscos somavam anos.

— Vá até o Laboratório de Trajes e pegue minha bolsa de ferramentas — pediu a Solo.

— Mais um projeto? — perguntou ele.

Juliette assentiu, e Solo desapareceu em meio às máquinas. Raph e as crianças a encaravam. Ela sorriu.

— Vocês vão gostar disso, crianças.

* * *

Com os cabos do topo cortados e os parafusos removidos da base, bastou um bom empurrão. Saiu com muito mais facilidade do que a central de comunicação. Satisfeita, Juliette observou a máquina se inclinar, balançar e tombar com um estrondo que pôde sentir através das botas. Miles e Rickson bateram palmas e vibraram como sempre fazem os garotos destruindo coisas. Hannah e Shaw já tinham ido para o servidor seguinte. Elise subiu no topo da máquina com ajuda de Juliette, o alicate de corte na mão, Cachorrinho latindo para ela, como se pedisse para tomar cuidado.

— É como cortar cabelo — explicou Juliette, observando Elise.

— Devíamos cortar a barba de Solo depois — sugeriu a menina.

— Acho que ele não ia gostar disso — comentou Raph.

Juliette se virou e viu que o mineiro retornara de sua missão.

— Deixei cem avisos — anunciou. — Não consegui escrever mais que isso. Minha mão estava doendo. Espalhei por aí, então alguns com certeza vão chegar no fundo.

— Ótimo. E escreveu que teria comida? O suficiente para todo mundo?

Raph assentiu.

— Então temos que conseguir tirar aquela máquina de cima do alçapão e garantir que dê para providenciar isso. Ou teremos que procurar nas fazendas acima.

Raph a seguiu até a central de comunicação. Eles se certificaram de que não havia mais fumaça subindo, e Juliette passou a mão pela base, tateando para ver se estava quente. O abrigo de Solo era todo de metal, então sua esperança era de que o fogo não tivesse se espalhado além da pilha de livros. Mas não tinha como adivinhar. O equipamento caído fez um ruído horroroso ao ser empurrado e arrastado para o lado. Uma nuvem negra subiu.

Juliette agitou a mão diante do rosto e tossiu. Raph correu para o outro lado do servidor e se preparou para empurrá-lo de volta.

— Espere — pediu Juliette, desviando-se da nuvem. — Está se dissipando.

A sala dos servidores ficou enevoada, mas não entrou muita fumaça. Era só o escoamento do que ficara preso no abrigo. Raph começou a entrar no buraco, mas Juliette insistiu em ir primeiro. Acendeu a lanterna e desceu em meio ao ar opaco.

Quando chegou ao fundo, ela se agachou e respirou através da camiseta. O feixe da lanterna parecia sólido, como se pudesse acertar alguém, se viessem atacá-la. Mas não havia ninguém. Uma forma indistinta jazia no meio do aposento, ainda em brasas. O cheiro era horrível. A fumaça se dissipou um pouco mais, e Juliette gritou para Raph que ele podia descer.

O albino desceu fazendo muito barulho enquanto Juliette passava por cima do corpo caído e examinava os danos na sala. O ar estava quente e úmido, e era difícil respirar. Imaginou o que Lukas passara lá embaixo, sufocando. As lágrimas em seus olhos não eram só por causa do incêndio.

— Era aqui que estavam os livros. — comentou Raph, juntando-se a ela e examinando a mancha negra no centro da sala.

O albino devia ter visto que eram livros quando a resgatou, porque não restara qualquer sinal deles. Aquelas páginas se dissolveram no ar.

Estavam em seus pulmões. Juliette sufocava em memórias do passado.

Foi até a parede e examinou o rádio. A grade de metal ainda estava dobrada para trás onde a arrebentara da parede, tanto tempo antes. Apertou o botão de ligar, mas nada aconteceu. O botão de plástico estava quente e grudento. O interior da coisa provavelmente tinha virado uma bola de borracha e cobre.

— Onde está a comida? — perguntou Raph.

— Por aqui — respondeu Juliette. — Use um pano para abrir a porta.

O albino foi explorar o apartamento e a despensa enquanto Juliette examinava os resquícios de uma velha escrivaninha, um monitor de computador em destroços no centro, o vidro estilhaçado pelo calor. Não havia sinal da cama de Solo, só uma pilha de caixas de metal que antes continham livros, algumas empenadas devido ao calor extremo. Juliette viu que deixara pegadas negras pelo caminho e percebeu que a borracha na sola das botas estava derretendo com o calor. Ouviu Raph gritar de felicidade na sala ao lado. Passou pela porta e o encontrou abraçado a um monte de latas, o queixo apoiando as de cima, um sorriso abobalhado no rosto.

— Tem prateleiras cheias disso — declarou.

Juliette foi até a porta da despensa e iluminou o interior com a lanterna. Era uma caverna ampla, com várias latas espalhadas. Mas algumas estantes nos fundos pareciam cheias.

— Se todo mundo vier, vai durar alguns dias. Mas não muito mais — comentou Juliette.

— Talvez não devêssemos ter chamado todo mundo.

— Não, estamos fazendo a coisa certa — retrucou Juliette.

Ela se virou para a parede onde ficava a pequena mesa de refeições. O fogo não passara da porta. Os enormes diagramas do tamanho de lençóis estavam ali, intactos. Juliette folheou os papéis em busca das plantas de que precisava. Encontrou-as e as separou. Enquanto dobrava as folhas enormes, ouviu uma pancada surda e abafada bem acima deles, o som de outro servidor caindo.

59

• Silo 17 •

As pessoas foram chegando uma a uma, depois em grupos pequenos, depois aos montes. Ficaram maravilhadas com as luzes estáveis nos corredores e exploraram os escritórios. Nenhuma delas tinha visto o interior da TI antes. Poucas tinham passado algum tempo nos níveis superiores, exceto quando havia as peregrinações de uma limpeza. Famílias circulavam de sala em sala, crianças se agarravam a resmas de papel. Muitos procuraram Juliette ou os outros com os avisos que Raph dobrara e espalhara, perguntando sobre a comida. Em questão de dias, já pareciam diferentes. Os macacões manchados e rasgados, os rostos magros, as barbas por fazer, olheiras profundas. Em poucos dias. Juliette percebeu que lhes restava muito pouco tempo antes que as coisas entrassem em colapso. Todos percebiam.

Os que chegaram cedo ajudaram a preparar a comida e afastar os últimos servidores. O cheiro de legumes e sopa encheu o salão. Dois dos servidores mais quentes, o 40 e o 38, tinham tombado com a fonte de energia intacta. Latas abertas foram arrumadas nas superfícies aquecidas de suas laterais, o conteúdo fervilhando. Não havia talheres o suficiente, então muitos tomaram as sopas e legumes cozidos e direto das latas.

Hannah ajudou Juliette a preparar a reunião enquanto Rickson cuidava do bebê. Uma das plantas já estava presa à parede, e Hannah prendia a outra. Linhas tinham sido traçadas cuidadosamente com fio, e a mais nova conferiu atentamente o trabalho da mais velha. Um pedaço de carvão foi usado para marcar a rota. Juliette observou outro grupo

entrar. Ocorreu-lhe que aquela seria sua segunda assembleia pública, e que não se saíra muito bem na primeira. Também lhe ocorreu que era bastante provável que aquela fosse a última.

A maioria das pessoas reunidas viera das fazendas, mas alguns mecânicos e mineiros começaram a aparecer. Tom Higgins e o Comitê de Planejamento vieram da delegacia dos níveis intermediários. Juliette viu um deles de pé em cima de um servidor, segurando carvão e papel, apontando o dedo enquanto tentava contar cabeças, praguejando a multidão agitada por tornar aquilo tão difícil. Soltou uma risada, então percebeu como o que ele estava fazendo era importante. Precisariam saber. Havia um traje de limpeza vazio a seus pés, um dos objetos que exporia para a assembleia pública. Precisariam saber quantos trajes e quantas pessoas.

Courtnee chegou, espremendo-se entre a multidão, o que foi uma surpresa. Juliette sorriu e abraçou a amiga.

— Você está fedendo a fumaça — reclamou Courtnee.

Juliette riu.

— Achei que você não fosse vir.

— O aviso dizia que era um caso de vida ou morte.

— Dizia? — Ela olhou para Raph.

O albino deu de ombros.

— Talvez alguns dissessem.

— Então, o que é isso? — indagou Courtnee. — Uma subida dessas só para tomar sopa? O que está acontecendo?

— Vou contar para todo mundo de uma vez só. — Então virou-se para o albino. — Pode ver se já chegaram todos? Talvez seja uma boa ideia mandar Miles e Shaw ou um dos portadores até a escadaria, para ver se tem mais alguém a caminho.

Quando Raph saiu, Juliette percebeu que a multidão já se sentava nos servidores, uns de costas para os outros, comendo direto das latas, enquanto outras eram abertas e arrumadas vindo das grandes pilhas atrás de Solo. Ele assumira a abertura das latas com um aparelho elétrico plugado em uma tomada no chão. Muitas das pessoas sentadas

encaravam a pilha de alimentos trazida da despensa. Mas a maioria olhava para Juliette. Os sussurros lembravam fumaça saindo do escapamento.

Ela andava de um lado a outro enquanto os números no salão aumentavam. Shaw e Miles voltaram dizendo que a escadaria estava bem tranquila, talvez tivessem mais umas poucas pessoas subindo. Parecia que um dia inteiro se passara desde que Juliette e Raph tinham combatido aquele incêndio. Não queria olhar para o relógio de pulso e descobrir a hora de verdade. Estava cansada. Sentiu isso com ainda mais força ao ver que estavam todos ali, virando as latas na boca e batendo no fundo de metal para soltar qualquer comida presa, esfregando os rostos com as mangas, encarando-a. À espera.

A comida os deixara quietos e satisfeitos por um instante. As latas mantiveram as mãos e as bocas ocupadas. Aquilo lhe fizera ganhar algum tempo. Era agora ou nunca.

* * *

— Sei que estão se perguntando de que se trata essa reunião — começou —, ou por que estamos todos aqui. — Levantou a voz, silenciando as conversas ao redor dos servidores derrubados. — E não estou falando deste salão. Estou falando deste silo. Por que fugimos? Há vários rumores circulando, mas vim contar tudo. Trouxe vocês até aqui, a mais secreta das salas, para lhes dizer a verdade. Nosso silo foi destruído. Foi envenenado. Os que não conseguiram vir com a gente estão mortos.

Houve um burburinho.

— Envenenados por quem? — gritou alguém.

— Pelas mesmas pessoas que nos botaram embaixo da terra, centenas de anos atrás. Preciso que vocês escutem. Por favor, escutem.

A multidão se aquietou.

— Nossos ancestrais foram colocados sob a terra para que sobrevivêssemos enquanto o mundo melhorava. Como muitos sabem, eu

estive no exterior antes que tirassem nossa casa. Peguei amostras do ar lá fora. Acho que, quanto mais longe deste lugar, melhores as condições. Não desconfio disso só pelo que medimos com amostras, tive informações de outro silo de que há céus azuis além…

— Mentira — berrou alguém. — Eu ouvi que isso era mentira, fizeram alguma coisa com seu cérebro antes de você ir para a limpeza.

Juliette encontrou a pessoa que tinha gritado. Era um velho portador, alguém cuja profissão dava origem a boatos, mas também detinha segredos perigosos demais para vender. Enquanto as pessoas voltavam a sussurrar, viu alguém passando pela grossa porta de metal na extremidade mais distante do salão, arrastando os pés. Era o Padre Wendel, com os braços cruzados diante do peito, as mãos enfiadas nas mangas. Bobby berrou para que todos calassem a boca, e a multidão obedeceu aos poucos. Juliette cumprimentou o padre com um aceno, e as cabeças viraram.

— Preciso que confiem em mim e acreditem no que estou prestes a dizer — pediu. — Parte do que vou dizer, sei com certeza. Eu sei o seguinte: podemos ficar aqui e sobreviver, mas não sei por quanto tempo. E viveríamos com medo. Não só com medo uns dos outros, mas com medo de que aquele caos pudesse se abater sobre nós a qualquer momento. Podem abrir nossas portas sem permissão, envenenar nosso ar sem nenhum alerta, tirar nossas vidas sem nos dar uma chance. E não sei que tipo de vida seria essa.

O salão ficou em um silêncio sepulcral.

— A alternativa é partir. Mas, se partirmos, não há volta…

— Partir para onde? — berrou alguém. — Outro silo? E se for pior que este?

— Não, não para outro silo — respondeu Juliette. Ela se afastou para que pudessem ver a planta na parede. — Aqui estão eles. Os cinquenta silos. Este era o nosso lar. — Apontou para o Silo 18, e ouviu o burburinho de todos se endireitando para ver. Sentiu um nó na garganta com a alegria e a tristeza avassaladoras de contar a verdade a seu povo. Deslizou o dedo para o silo adjacente. — Agora estamos aqui.

— São tantos. — Ouviu alguém sussurrar.

— E a que distância ficam? — perguntou outra pessoa.

— Desenhei uma linha para mostrar como chegamos aqui. — Ela apontou. — Talvez seja difícil ver aí do fundo. Essa linha aqui é para onde a escavadeira estava apontada.

Percorreu o traçado com o dedo, para que todos pudessem ver para onde levava. O dedo seguiu para o lado do mapa até a parede. Juliette acenou para Elise, para que ela se aproximasse e apontasse um ponto da parede já marcado.

— Essa planta é do silo em que estamos agora. — Seguiu para a folha seguinte. — Ela mostra outra máquina de cavar na base…

— Nós não queremos mais dessa sua escavação…

Juliette se virou para o público.

— Também não quero mais cavar. Honestamente, acho que não temos combustível suficiente para isso. Estamos queimando combustível desde que chegamos e mexemos muito na máquina do 18 para conseguir virá-la. E acho que não temos alimento para mais de uma ou duas semanas, não para todos. Não vamos cavar. Mas a planta é equivalente ao tamanho e à localização da máquina que encontramos em nossa casa. Tem exatamente a mesma escala e está apontada na mesma direção. Tenho um mapa deste silo, com sua máquina de cavar. — Ela passou a mão pela outra folha de papel, depois voltou ao mapa grande. — Vou projetar a informação nesse mapa. Vejam como as linhas passam entre todos os silos, sem tocar nenhum.

Foi andando, passando o dedo pela linha até tocar o dedo de Elise. A menina sorriu para ela.

— Temos uma boa ideia do tanto de combustível que usamos para chegar a este silo e do quanto resta. Sabemos com quanto combustível começamos e a velocidade com que ele queima. E determinamos que a máquina de cavar estava abastecida com a quantidade de combustível necessária para nos levar a esse ponto, talvez dez por cento a mais. — Tocou o dedo de Elise outra vez. — E as máquinas estão inclinadas levemente para cima. Achamos que foram colocadas aqui para nos levar

até este ponto, para nos tirar daqui. — Fez uma pausa. — Não sei quando iam nos dizer isso, se é que um dia nos diriam, mas acho que não devemos esperar que nos peçam, acho que temos que ir logo.

— Simplesmente ir?

Juliette examinou a multidão até identificar um dos homens do Comitê de Planejamento.

— Acho que deve ser mais seguro lá fora do que aqui dentro. Sei o que vai acontecer se ficarmos. Quero ver se vai ser melhor se sairmos.

— Você *espera* que seja mais seguro — corrigiu alguém.

Juliette não procurou a origem da voz. Deixou que seu olhar viajasse pela multidão. Todos estavam pensando a mesma coisa, incluindo ela.

— Isso mesmo. Espero. Recebi essa informação de um estranho. Foram murmúrios de alguém que nunca conheci. Tenho uma sensação na boca do estômago e no fundo do coração. E essas linhas que se cruzam em um mapa. E se vocês acharem que não é suficiente, vou concordar. Passei a vida inteira acreditando apenas no que posso ver. Precisando de provas. Precisando de resultados. E, mesmo assim, precisava de uma segunda e uma terceira confirmação antes de ter uma ideia de como as coisas são de verdade. Mas tenho certeza de que a vida que nos espera aqui neste silo não vale a pena. E existe uma chance de uma vida melhor em outro lugar. Estou disposta a verificar, mas só se tiver gente o bastante que concorde comigo.

— Eu concordo — anunciou Raph.

Juliette assentiu. O salão ficou um pouco fora de foco.

— Sei disso.

Solo levantou a mão. Com a outra, cofiava a barba. Juliette sentiu Elise segurar sua mão. Shaw segurava Cachorrinho, que gania sem parar, mas também ergueu a mão.

— Como vamos chegar lá sem cavar? — gritou um dos mineiros.

Juliette se abaixou para pegar algo a seus pés. Enquanto estava de cabeça baixa, esfregou os olhos. Levantou-se e ergueu um dos trajes de limpeza em uma das mãos, um capacete na outra.

— Vamos por fora.

60

• Silo 17 •

A comida ia diminuindo à medida que trabalhavam. Era uma triste contagem regressiva, aquelas latas e o que tinha sido recolhido nas fazendas desaparecendo aos poucos. Nem todo mundo do silo participava, alguns sequer foram à assembleia, outros simplesmente foram embora ao se dar conta de que conseguiriam mais lotes de terra se corressem. Vários mecânicos pediram permissão para descer de volta à Mecânica, reunir os que haviam se recusado a subir e tentar convencê-los a ir até lá, além de ver se era possível persuadir Walker. Juliette ficou extremamente feliz com a possibilidade de reunir mais pessoas. Também sentia a pressão aumentar enquanto todo mundo trabalhava.

A sala dos servidores se transformou em uma enorme oficina, o tipo de coisa que se encontraria nos salões mais distantes do Suprimentos. Quase cento e cinquenta trajes de limpeza estavam dispostos, todos precisando ser ajustados e adaptados. Juliette ficou triste em ver que era mais do que precisavam, mas também um pouco aliviada. O contrário seria um problema.

Mostrara a uma dezena de mecânicos como as válvulas se conectavam, do jeito que ela e Nelson respiravam no Laboratório de Trajes. Não havia válvulas suficientes na TI, por isso portadores receberam amostras e foram enviados ao Suprimentos, onde Juliette tinha certeza de que havia mais dessas peças até então inúteis para a sobrevivência. Precisavam de gaxetas, fita térmica e lacres. Requisitaram todos os kits de soldagem do Suprimentos e da Mecânica. Juliette

ensinou a eles a diferença entre os tanques de acetileno e de oxigênio e disse que não precisariam do acetileno.

Erik calculou a distância usando o mapa pendurado na parede e chegou à conclusão de que poderiam usar um tanque para cada doze pessoas. Juliette sugeriu um para cada dez, por segurança. Deixando cerca de cinquenta pessoas trabalhando nos trajes — os servidores tombados funcionavam como bancadas de trabalho, com todos sentados ou ajoelhados no chão —, levou um grupo pequeno até o refeitório para o que sabia que seria um trabalho desagradável. Achava que apenas seu pai, Raph, Dawson e dois dos portadores mais velhos já tinham carregado cadáveres. Enquanto subiam, pararam um pouco abaixo das fazendas e foram até o necrotério depois da sala das bombas. Juliette encontrou uma enorme quantidade de sacos pretos dobrados e pegou uns sessenta. Depois subiram em silêncio.

* * *

Não havia câmara de pressurização presa ao Silo 17. Não mais. A porta externa permanecia entreaberta desde o desligamento do silo, décadas antes. Juliette lembrou-se de que se espremera por aquela porta duas vezes antes, e o capacete ficara preso da primeira vez. As únicas barreiras entre eles e o ar exterior eram a porta interna da cabine pressurizada e a porta do gabinete do xerife. Meras membranas entre um mundo morto e um mundo moribundo.

Ajudou os outros a remover o emaranhado de cadeiras e mesas ao redor da porta do gabinete. Havia uma trilha estreita entre elas, por onde passara mais de um mês antes, mas precisavam de mais espaço. Alertou os outros sobre os corpos lá dentro, mas eles sabiam o que os esperava depois de pegarem os sacos. Alguns feixes de lanterna convergiram para a porta enquanto Juliette se preparava para abri-la. Todos usavam máscaras e luvas de borracha, por insistência do pai dela. Juliette se perguntou se deviam ter vestido trajes de limpeza.

Os corpos no interior estavam exatamente como ela se lembrava: um emaranhado de membros cinzentos e sem vida. O fedor de alguma coisa ao mesmo tempo podre e metálica encheu a máscara, e Juliette lembrou-se de jogar sopa em seu corpo para suprimir os efeitos do ar exterior. Era fedor de morte e de mais alguma coisa.

Ergueram os corpos um a um e os puseram nos sacos pretos. Era um trabalho horrendo. A carne em decomposição se soltava dos ossos, como se tivesse sido cozida lentamente.

— Peguem pelas juntas — alertou Juliette, sentindo o hálito quente e a voz abafada pela máscara. — Axilas e joelhos.

Os corpos mal se mantinham inteiros, unidos apenas por tendões e ossos. Zíperes negros eram fechados com alívio. Tosse e ânsia de vômito enchiam o ar.

A maioria dos cadáveres no interior do gabinete do xerife estava empilhada ao lado da porta, como se as pessoas tivessem rastejando umas sobre as outras na tentativa de voltar para o interior, para o refeitório. Outros corpos pareciam repousar mais serenamente. Um homem jazia sobre os restos esfarrapados de uma cama, na cela de custódia aberta — restava apenas a armação enferrujada, o colchão desaparecera havia muito. Uma mulher jazia num canto, de braços cruzados sobre o peito, como se estivesse dormindo. Juliette removeu os últimos corpos com ajuda do pai e notou como os olhos dele estavam arregalados, fixos nela. Olhou por cima dos ombros do pai enquanto caminhava para trás, para fora do gabinete do xerife, atenta à porta da câmara de pressurização que aguardava por todos, sua cobertura amarela escamando em lascas de tinta.

— Isso não está certo — disse o pai, com voz abafada, a máscara subindo e descendo com o movimento da mandíbula.

Enfiaram o corpo em um saco aberto e fecharam o zíper.

— Vamos dar um enterro decente a eles — garantiu Juliette, supondo que ele quisesse dizer que não era certo o modo como estavam lidando com os corpos, empilhando-os como trouxas de roupa suja.

O pai retirou as luvas e a máscara, ficou de cócoras e esfregou a testa com as costas da mão.

— Não é isso. São essas pessoas. Achei que você tinha dito que o lugar estava quase vazio quando chegou.

— Estava. Só tinha Solo e as crianças. Essas pessoas estavam mortas havia muito tempo.

— Isso não é possível — retrucou o pai. — Elas estão muito bem preservadas. — Examinou os sacos, com rugas de preocupação surgindo na testa. — Eu diria que estão mortas há três semanas. Quatro ou cinco no máximo.

— Pai, eles já estavam aqui quando eu cheguei. Passei rastejando por cima deles. Uma vez perguntei a Solo, e ele disse que tinha descoberto esses corpos anos antes.

— Isso simplesmente não é…

— Deve ser porque não foram enterrados. Ou o gás lá fora manteve os insetos afastados. Não importa, não é?

— Importa muito quando alguma coisa não está certa, como é o caso aqui. Tem alguma coisa errada com este silo, estou dizendo.

Ele se levantou e seguiu na direção da escadaria, onde Raph servia a água que haviam levado em canecas e latas. O pai de Juliette pegou um pouco de água para si e para a filha. Estava perdido em pensamentos, dava para ver.

— Você sabia que Elise tinha uma irmã gêmea? — perguntou.

Juliette assentiu.

— Hannah me contou. A menina morreu no parto. A mãe também faleceu. Eles não falam muito sobre isso, ainda mais com ela.

— E aqueles dois meninos, Marcus e Miles. Outro par de gêmeos. O garoto mais velho, Rickson, disse que achava que tinha um irmão, mas seu pai não falava muito sobre o assunto e ele não conheceu a mãe.

O pai tomou um gole de água e olhou para dentro da lata. Juliette tentou afogar o gosto metálico na língua enquanto Dawson ajudava com um dos sacos. Ele tossiu, parecendo prestes a vomitar.

— Muita gente morreu — concordou Juliette, preocupada com o rumo que as reflexões do pai estavam tomando.

Pensou no irmão que nunca conhecera. Procurou qualquer sinal no rosto do pai, qualquer indicativo de que aquilo o lembrava a mulher e o filho perdido. Mas estava envolvido em outro quebra-cabeça.

— Não, é muita gente *vivendo*. Você não vê? Três pares de gêmeos em seis nascimentos? E as crianças não podiam ser mais saudáveis, mesmo sem nenhum cuidado. Seu amigo Jimmy não tem nem uma cárie e não se lembra da última vez em que ficou doente. Nenhum deles se lembra de ter ficado doente. Como você explica isso? Como explica esses corpos empilhados como se tivessem morrido há poucas semanas?

Juliette encarou o próprio braço. Tomou o resto da água, entregou a lata ao pai e começou a enrolar a manga.

— Pai, você se lembra de quando eu perguntei sobre as cicatrizes, se elas poderiam desaparecer?

O pai assentiu.

— Algumas das minhas cicatrizes desapareceram. — Mostrou a dobra do braço, como se o pai fosse saber o que não estava mais ali. — Eu não acreditei quando Lukas me disse. Mas eu tinha uma cicatriz bem aqui. E outra aqui. E você disse que foi um milagre eu ter sobrevivido às queimaduras, não disse?

— Você foi bem atendida, o socorro veio depressa…

— E Fitz não acreditou em mim quando falei sobre o quanto mergulhei para consertar a bomba. Ele disse que já tinha trabalhado em poços de minas inundadas e tinha visto homens com duas vezes o meu tamanho passarem mal respirando a apenas dez metros de profundidade, que dirá a trinta ou quarenta. Ele disse que eu devia ter morrido ali.

— Eu não entendo nada sobre minas — disse o pai.

— Fitz entende, e acha que eu devia estar morta. E você acha que essas pessoas deviam ter apodrecido…

— Aqui devia ter apenas ossos. Estou dizendo.

Juliette se virou e olhou para o telão apagado na parede. Ela se perguntou se tudo aquilo não seria um sonho. Se não era aquilo que

acontecia com a alma, ao morrer: subia para algum patamar, por alguma escadaria que se tentava subir, algo a que se agarrar para não cair. Tinha feito a limpeza e morrido naquela colina diante de seu silo. Nunca amara Lukas. Nunca nem chegara a conhecê-lo direito. Aquele era um lugar de fantasmas e ficção, acontecimentos concatenados pela solidariedade vazia dos sonhos, todo o absurdo de uma mente embriagada. Estava morta havia muito tempo, mas acabara de perceber…

— Talvez tenha alguma coisa na água — sugeriu o pai.

Juliette desviou os olhos da parede vazia. Foi até o pai e segurou os braços dele, então se aproximou. O pai a envolveu com os braços, e Juliette fez o mesmo com ele. A barba por fazer arranhou seu rosto, e ela teve que se segurar para não chorar.

— Está tudo bem — falou o pai. — Fique tranquila.

Não estava morta. Mas as coisas não estavam bem.

— Não é na água — respondeu, apesar de ter engolido uma boa dose de água naquele silo.

Soltou o pai e observou o primeiro dos sacos seguir na direção da escadaria. Estavam usando cabos elétricos cortados como cordas, passando-os por cima do corrimão para baixar um corpo. Malditos portadores. Até os portadores estavam pensando *malditos portadores*.

— Talvez esteja no ar — disse. — Talvez seja isso que acontece quando não enchem o lugar de gás. Não sei. Mas acho que você está certo quando diz que tem alguma coisa errada com este silo. E acho que está mais do que na hora de sairmos daqui.

O pai tomou um último gole de água.

— Quanto tempo até partirmos? — perguntou. — E você tem certeza de que é uma boa ideia?

Juliette assentiu.

— Prefiro morrer lá fora, tentando, do que aqui dentro tendo que matar.

Então percebeu que falara como todos os outros que tinham sido mandados para a limpeza, todos os perigosos sonhadores, os loucos, os alucinados, aqueles de quem zombara e que nunca compreendera. Falou

como uma pessoa que sabia que uma máquina funcionava sem precisar olhar por dentro, sem precisar desmontá-la.

61

• *Silo 1* •

Charlotte deu um tapa na porta do elevador. Apertara o botão assim que o irmão desapareceu, mas era tarde demais. Pulava em um pé só para manter o equilíbrio, o traje vestido pela metade. No corredor, atrás dela, Darcy tentava vestir o próprio traje.

— Ele vai mesmo fazer isso? — perguntou.

Charlote assentiu. Ele ia. Tinha preparado o outro traje para Darcy. Aquele era o plano dele o tempo todo. Charlotte bateu outra vez na porta e xingou o irmão.

— Você precisa se vestir — disse Darcy.

Ela se virou e escorregou até o chão, abraçando as pernas encolhidas. Não queria se mexer. Observou Darcy se contorcer para entrar no traje e passá-lo pela cabeça. Ele ficou de pé, tentando subir o zíper às costas. Desistiu depois de um tempo.

— Será que eu devia ter posto a mochila primeiro?

Darcy pegou um dos pacotes deixados por Donald e o abriu. Pegou uma lata e a guardou de volta. Pegou uma pistola, deixou-a de fora. Tirou a cabeça e os braços do traje.

— Charlotte, nós temos meia hora. Como vamos sair daqui?

Ela esfregou o rosto e se levantou com dificuldade. Darcy não tinha a menor ideia de como se vestir. Enfiou as pernas no traje e deixou as mangas e o encaixe do capacete de fora, depois correu até ele. A campainha do elevador soou. Ela parou e se virou, pensando que Donald

tinha voltado, mudado de ideia, esquecendo-se de que ela mesma apertara o botão.

Dois homens de macacão azul-claro a encararam, boquiabertos, de dentro do elevador expresso. Um deles olhou, confuso, dos botões para aquela mulher com um traje prateado metade vestido. As portas se fecharam devagar.

— Merda — disse Darcy. — Temos que ir.

Charlotte foi tomada pelo pânico, uma contagem regressiva interna. Pensou em como o irmão olhara para ela de dentro do elevador, em como lhe dera um beijo de despedida. Sentiu como se o peito fosse implodir, mas correu até Darcy e o ajudou a tirar os braços de dentro do traje e pendurar a mochila nas costas. Quando ele estava totalmente vestido, fechou o zíper às suas costas. Ele a ajudou a fazer o mesmo, depois a seguiu até o fim do corredor. Charlotte apontou para o hangar baixo e entregou os dois capacetes a ele. O engradado estava exatamente onde o irmão dissera que estaria.

— Levante-se, abra aquela porta e use o engradado para prendê-la. Vou ligar o elevador.

Abriu a porta dos alojamentos e seguiu a passos apressados e desajeitados pelo corredor, o traje grosso atrapalhando seus joelhos. Passou pela porta seguinte. O rádio ainda estava ligado e chiando. Pensou no desperdício que aquela coisa tinha sido, todo o tempo montando aquilo, reunindo as peças... e só para ser abandonado. Ao chegar na estação de controle do elevador, arrancou o plástico e virou os controles principais para cima. Tinha certeza de ter dado a Darcy bastante tempo para prender aquilo. Deu mais alguns passos desajeitados até o fim do corredor, passou pelo alojamento que fora seu lar durante aquelas semanas agonizantes e saiu para o arsenal infernal, onde o último de seus pássaros repousava sob as coberturas plásticas. Então um gorjeio solitário ecoou em algum lugar. Do elevador. O som de botas correndo em sua direção, Darcy gritando para ela entrar no hangar.

* * *

Donald seguiu até o sexagésimo segundo andar. Quando passou pelo sessenta e um, apertou o botão de emergência. O elevador parou de repente e começou a soar um alarme. Firmou a bomba e pegou o martelo, foi até a frente e removeu a etiqueta. Não tinha certeza do dano que a bomba causaria se a detonasse no interior de um elevador, mas faria isso se alguém viesse atrás dele. Queria dar tempo suficiente à irmã, mas estava disposto a arriscar tudo para dar fim àquele lugar. Olhou para o relógio no painel do elevador. Tinha bastante tempo para pensar. Quinze minutos se passaram sem que tivesse de tossir ou limpar a garganta sequer uma vez. Riu daquilo e se perguntou se estava melhorando. Então lembrou-se de como o avô e a tia haviam melhorado um dia antes de morrer. Devia ser algo parecido.

O martelo foi ficando mais pesado. Era incrível ficar ao lado de algo tão destrutivo quanto aquela bomba, botar a mão em um objeto que podia matar tanta gente, mudar tanta coisa. Mais cinco minutos se passaram. Tinha que ir. Era tempo demais. Levaria um tempo para chegar ao reator. Esperou mais um minuto — uma parte racional de seu cérebro consciente do que o resto do corpo estava prestes a fazer, alguma parte enterrada que gritava para ele refletir sobre aquilo, ser razoável.

Donald apertou o botão que liberava o elevador para prosseguir viagem antes que perdesse a cabeça. O cubículo deu um solavanco. Torceu para que a irmã e Darcy estivessem saindo.

* * *

Charlotte se jogou no elevador de lançamento. O capacete bateu no teto, o tanque de oxigênio em suas costas a fez cair de lado. Darcy jogou o capacete dentro do elevador e começou a se enfiar atrás dela. Alguém gritou do arsenal. Charlotte começou a empurrar o engradado de plástico, a única coisa que impedia o elevador de fechar e subir. Darcy

também empurrou, mas estava muito apertado. Outro grito distante. O guarda procurou a pistola que tinha pegado da mochila. Virou-se de lado e atirou para fora do elevador. O barulho ensurdecedor reverberava naquela lata de metal. Charlotte viu homens de macacão prateado se agacharem por trás dos drones, em busca de proteção. Outro tiro ecoou, uma pancada alta no interior do elevador, os homens lá fora respondendo com fogo. Ela tentou chutar o engradado, mas a tampa estava presa onde a porta fazia pressão. Havia envergado, queria entrar, e não sair. Tentou puxar o engradado, mas não havia nada em que se agarrar.

Darcy gritou para que ela ficasse quieta. Rastejou até a porta, a arma disparando *pá*, *pá*, *pá*, homens se protegendo, Charlotte se encolhendo. Ele saiu do elevador e empurrou a caixa pelo outro lado. Ela gritou para que parasse, para que voltasse lá para dentro. A porta ia se fechar com ele lá fora. Outro tiro ecoou, o zunido de um alvo não atingido. Darcy chutou o engradado com a bota, e a caixa se moveu alguns centímetros.

— Espere! — gritou Charlotte. Rastejou até a porta, não queria ir sozinha. — Espere!

Ele chutou o engradado outra vez. O elevador se moveu. Estava quase solto, só faltavam alguns centímetros. Outro tiro vindo de trás dos drones, e não houve o zunido de alvo não atingido. Só um grunhido de Darcy, que caiu de joelhos, virou-se e atirou loucamente para trás.

Charlotte se esticou para fora e puxou seu braço.

— Venha! — berrou.

Darcy se abaixou e empurrou as mãos dela para dentro do elevador. Encostou os ombros contra o engradado e sorriu para Charlotte. Antes de terminar de empurrar o bloqueio para dentro, disse:

— Tudo bem. Eu me lembro de quem sou.

* * *

O elevador reduziu a velocidade no nível do reator, e as portas se abriram. Donald apoiou a bota no carrinho e o inclinou para trás. Conduziu a bomba na direção dos portões de segurança. O guarda o observou se aproximar e ergueu as sobrancelhas, um tanto curioso. Ali era a epítome de tudo que estava errado, pensou Donald. O segurança não reconhecia um assassino porque ele carregava uma bomba. Um homem usava um crachá com o nome de Darcy e a luz brilhava verde, o tédio de um trabalho interminável quando acenaram para que passasse pelos portões. Todo mundo via o que estava acontecendo e deixava passar.

— Obrigado — disse Donald, assumindo o risco de que o homem o reconhecesse.

— Boa sorte com isso.

Donald nunca tinha visto os reatores. Ficavam fechados por trás de portas enormes, ocupavam três níveis. Em qualquer turno havia tantos homens de vermelho quanto de todas as outras cores combinadas. Ali era o coração da máquina sem alma, o que o tornava o único órgão relevante.

Seguiu por um corredor curvo repleto de tubulações e cabos grossos. Passou por dois outros homens usando o vermelho de quem trabalhava no reator, e nenhum deles reparou no buraco no ombro de seu macacão ou que as manchas de sangue tinham começado a ficar marrons. Apenas breves cumprimentos com a cabeça e olhares rápidos para a carga — ainda mais rápidos porque temiam que ele pedisse ajuda. Uma das rodas do carrinho de mão rangia como se reclamasse daquele plano, infeliz com o fardo terrível.

Donald parou diante da porta da sala do reator principal. Longe o suficiente. Enfiou a mão no bolso e pegou o martelo. Avaliou o que estava prestes a fazer. Pensou em Helen, que tinha morrido como as pessoas deviam morrer. Era assim que funcionava: você vivia, fazia o máximo possível e saía do caminho. Deixava os que viessem depois escolherem. Deixava que eles decidissem por conta própria, vivessem suas próprias vidas. Era assim que funcionava.

Ergueu o martelo com ambas as mãos. Ouviu um tiro. Um tiro e uma queimação no peito. Seu corpo girou devagar, o martelo caiu ruidosamente no chão, e suas pernas desabaram. Tentou se agarrar à bomba, na esperança de levá-la junto, de derrubá-la. Seus dedos encontraram o cilindro, escorregaram, pegaram o cabo do carrinho, e os dois caíram. Donald acabou de barriga para cima, a bomba despencando no chão com um barulho alto que reverberou em suas costas, rolando preguiçosa e inofensiva na direção da parede, fora de alcance.

* * *

O elevador de lançamento se abriu automaticamente no fim da subida longa e escura. Charlotte hesitou. Procurou uma maneira de baixar a máquina, de descer de volta, mas os controles ficavam mais de um quilômetro abaixo. O grande tanque de oxigênio preso às costas bateu contra o teto do elevador quando ela rastejou para fora. Darcy estava morto. Seu irmão estava morto. Não era aquilo que queria.

Acima, nuvens negras se agitavam. Subiu rastejando uma rampa bastante familiar. Estivera ali antes, mas não pessoalmente. Era a visão de seus drones, a visão com a qual fora recompensada nos quatro voos que fizera. Fazendo pressão no manete, subia até as nuvens, fazia uma curva e voava livre.

Mas dessa vez rastejou rampa acima com músculos cansados. Chegou ao topo e teve que descer até uma borda de concreto, mais abaixo. Uma ave no chão, sem poder voar, saiu daquele parapeito meio desajeitada e caiu na terra — um filhote saltando do ninho.

A princípio, não tinha certeza de para que lado ir. E estava com sede, mas a água e a comida estavam na mochila, presas no traje. Ela se virou e procurou seus pertences, conferiu o mapa que o irmão prendera com fita no braço do traje e sentiu raiva dele. Raiva e gratidão. Aquele sempre tinha sido o plano.

Charlotte analisou o mapa. Estava acostumada a um mostrador digital, um ponto de vista elevado, um plano de voo, mas a rampa que levava para a superfície a ajudou a determinar o norte. Linhas vermelhas no mapa indicavam o caminho. Avançou com dificuldade na direção das colinas e de uma vista melhor.

E lembrou-se daquele lugar, lembrou-se de estar ali depois de uma chuva, quando a grama estava escorregadia e duas trilhas idênticas criavam um belo tracejado naquele leve aclive coberto de lama. Charlotte lembrou-se de chegar atrasada do aeroporto. Tinha chegado ao alto daquela mesma colina, e o irmão fora correndo encontrá-la. Acontecera em uma época em que o mundo estava inteiro. Dava para olhar para cima e ver trilhas de fumaça dos jatos comerciais atravessando os céus. Pegar o carro e ir a uma lanchonete. Telefonar para uma pessoa querida. Quando existira um mundo ali.

Ela passou pelo ponto onde abraçara o irmão, e qualquer plano de fuga desapareceu. Tinha pouco desejo de seguir em frente. O irmão estava morto. O mundo estava morto. Mesmo se vivesse para ver a grama verde e comer mais uma ração, cortar o lábio em mais uma lata de água… qual seria o sentido?

Subiu a colina com dificuldade, dando o passo seguinte apenas por seguir a mecânica do passo anterior, as lágrimas escorrendo pelo rosto, perguntando-se por quê.

* * *

O peito de Donald estava em chamas. O sangue quente formava uma poça no chão, ao redor de seu pescoço. Ergueu a cabeça e viu Thurman no fim do corredor, marchando em sua direção. Vinha com um homem da Segurança de cada lado, as pistolas em punho. Donald tateou o bolso à procura da pistola, mas era tarde demais. Tarde demais. Lágrimas brotaram pelas pessoas que teriam de viver sob aquele sistema, as centenas de milhares que nasceriam, sofreriam e morreriam. Conseguiu

pegar a pistola, mas só podia erguê-la alguns centímetros. Aqueles homens estavam indo atrás dele. Iam caçar Charlotte e Darcy no exterior, com seus drones. Iam apagar silo após silo até só restar um — aquele julgamento caprichoso de almas, de vidas, feito por servidores impiedosos e um código sem alma.

As armas estavam apontadas para ele, esperando que fizesse um movimento, prontos para acabar com sua vida. Donald usou todas as forças que lhe restavam para levantar a pistola. Observou Thurman se aproximar, o homem em quem atirara e que matara uma vez, e ergueu mais a arma. Esforçou-se ao máximo, mas não conseguia erguê-la mais que quinze centímetros do chão.

Mas era o suficiente.

Donald estendeu bem o braço, apontou para a bomba projetada para demolir monstros como aquele e puxou o gatilho. Ouviu um estrondo, mas não soube dizer do quê.

* * *

A terra estremeceu, e Charlotte caiu para a frente, de quatro. Ouviu um estrondo surdo, como uma granada explodindo no fundo de um lago. A encosta tremeu.

Charlotte se virou de lado e olhou morro abaixo. Uma rachadura se abriu na terra plana. Depois outra. A torre de concreto no centro inclinou-se para um lado, e a terra se abriu por completo. Uma cratera se formou, e o centro da planície entre aquelas colinas afundou, arrastando as áreas mais distantes, sugando o que havia do solo como um ralo gigantesco, as colunas de poeira branca de concreto subindo pelas rachaduras.

O estouro ecoou pela colina. Areia e pequenas pedras deslizaram para baixo, apostando corrida até o sopé enquanto a terra se transformava em algo que *se movia*. Charlotte recuou de costas, subindo a colina,

afastando-se do poço que se alargava cada vez mais, sentindo o coração acelerado, em completo choque.

Virou-se e tentou se equilibrar, depois subiu o mais rápido possível, agachada, apoiando uma das mãos no solo, o chão aos poucos ficando sólido outra vez. Escalou até chegar ao cume, os soluços engolidos pelo choque de testemunhar uma destruição tão poderosa, o vento forte a empurrando, o traje frio e volumoso.

No topo da colina, Charlotte desabou.

— Donny — sussurrou.

Virou-se e olhou para baixo, para o buraco que seu irmão deixara no mundo. Deitou-se de costas enquanto a poeira salpicava seu traje e o vento gritava contra o visor do capacete, a imagem do mundo cada vez mais borrada, a poeira nublando tudo.

62

• Condado de Fulton, Geórgia •

Juliette se lembrou do dia em que devia ter morrido. Tinha sido mandada para a limpeza, enfiada em um traje parecido com aquele, e observara um mundo azul e verde ser tomado dela através de um visor estreito, a cor se desbotando em cinza enquanto subia a colina e enxergava o mundo verdadeiro.

Naquele momento, caminhando com dificuldade contra o vento, ouvindo o chiado da areia contra o visor, o ruído da pulsação e da respiração pesada contida no capacete, observava o marrom e o cinza diminuirem até sumir.

A mudança começou gradual. Toques de azul-claro. Era difícil ter certeza, de tão leves que eram. Estava no grupo avançado com Raph, o pai e as outras sete pessoas de traje presas ao tanque de oxigênio compartilhado que arrastavam. A transição logo se tornou abrupta, como atravessar uma parede. A cobertura de névoa se ergueu, uma luz surgiu. O vento que a golpeava de todos os lados parou de repente, faixas de cor irrompiam: verde, azul e puro branco. Juliette se viu em um mundo que era quase vívido e vibrante demais para acreditar. O mato amarronzado como plantações ressecadas de milho se esfregava contra suas botas, mas era a única coisa morta à vista. Mais ao longe, a grama verde ondulava ao sabor do vento. Nuvens brancas corriam pelo céu. E Juliette viu que os livros com imagens coloridas de sua juventude na verdade estavam desbotados, as páginas eram sem cor em comparação com aquilo.

Sentiu alguém tocar suas costas e virou-se para ver o pai com os olhos arregalados, encarando a vista. Raph protegia os olhos contra o sol forte. Sua respiração embaçava o capacete. Hannah sorriu e baixou os olhos para o volume aninhado junto ao peito, os braços do traje vazios movendo-se com o vento enquanto ela segurava o filho. Rickson passou o braço em torno de seu ombro e olhou para o céu, enquanto Elise e Shaw erguiam as mãos como se pudessem pegar as nuvens. Bobby e Fitz puseram o tanque de oxigênio no chão por um instante e ficaram parados, boquiabertos.

Atrás deles, outro grupo atravessou a cortina de poeira. Corpos perfuraram um véu, e rostos cansados e exaustos se iluminaram, maravilhados, com energia renovada. Uma figura estava sendo ajudada, quase sendo carregada, mas a visão das cores pareceu lhe dar novas pernas.

Juliette olhou para trás e viu uma cortina de poeira que se estendia até o céu. Ao longo de toda a base daquela barreira sufocante, qualquer coisa viva que ousasse se aproximar desintegrava, a grama virava pó, as eventuais flores se tornavam talos marrons. Uma ave voou em círculos no céu aberto, parecendo estudar aqueles intrusos brilhantes em seus trajes prateados, então se afastou, evitando o perigo e flutuando pelo azul.

Sentiu um instinto similar ao da ave atraindo-a para aquele gramado, para longe da terra morta de que tinham escapado. Acenou para seu grupo, articulou as palavras sem emitir som, pedindo que se aproximassem, e ajudou Bobby com o tanque. Juntos, desceram a encosta com dificuldade. Os outros seguiam. Cada grupo fez uma pausa, lembrando muito o modo como diziam que os limpadores hesitavam, cambaleantes. Um dos grupos carregava um corpo, um traje imóvel, e as expressões em seus rostos traziam más notícias. Por todos os outros lados, porém, havia euforia. Juliette sentia aquilo em seu cérebro fervilhante, que planejara morrer naquele mesmo dia. Sentiu na pele de cicatrizes esquecidas. Sentiu nas pernas e nos pés cansados que agora podiam marchar até o horizonte e além.

Acenou para que os outros grupos descessem a encosta. Quando viu um homem mexendo no fecho do capacete, gesticulou para que os outros no grupo o impedissem, e a informação foi transmitida de grupo a grupo. Ainda podia ouvir o chiado do cilindro de oxigênio em seu próprio capacete, mas foi tomada por uma nova sensação de urgência. Aquilo a seus pés era mais que uma esperança cega. Era uma promessa. A mulher no rádio estava dizendo a verdade. Donald estava mesmo tentando ajudá-los. Esperança, fé e confiança tinham rendido uma prorrogação da sentença de morte para seu povo, ainda que curta. Pegou o mapa em um bolso numerado feito para a limpeza e consultou as linhas. Apressou os outros, pedindo que a seguissem.

Havia outra elevação adiante, uma colina grande, mas não íngreme. Juliette se dirigiu para lá. Elise ia à frente, testando os limites da mangueira de ar e chutando insetos assustados no capim alto que passava de seus joelhos. Shaw corria atrás dela, suas mangueiras quase se emaranhando. Juliette ouviu o próprio riso e se perguntou quando tinha sido a última vez que produzira aquele tipo de som.

Subiram a elevação com esforço, e a terra dos dois lados parecia crescer e se ampliar com a altitude. Quando chegou ao topo, viu que não era apenas uma colina, e sim outro anel de terra empilhada. Depois dali, a terra tomava a forma de uma vasilha. Virando-se para ver toda a paisagem ao redor, Juliette notou que aquela depressão era totalmente isolada das cinquenta pequenas colinas. Pelo caminho que viera, do outro lado de um vale verdejante, erguia-se uma parede de nuvens escuras — não apenas uma parede, percebeu, mas uma enorme cúpula com os silos no centro. E, na outra direção, além da colina onde estava, havia uma floresta como aquelas dos livros do Legado, um tapete de cabeças de brócolis gigantes cuja escala era impossível avaliar.

Juliette se virou para os outros e bateu com a palma da mão no capacete. Apontou para as aves negras planando no ar. O pai ergueu a mão e pediu a ela que esperasse. Tinha entendido o que ela estava prestes a fazer. Em vez disso, mexeu nas travas do próprio capacete.

Ela sentiu o mesmo medo que ele devia ter sentido quando pensou em uma pessoa amada indo primeiro, mas deixou que continuasse. Raph ajudou com as travas do capacete do pai dela, quase impossíveis de abrir com as luvas grossas. Por fim, emitiu um estalido e se soltou. Os olhos do pai se arregalaram ao inspirar uma golfada exploratória de ar. Ele sorriu, inspirou outra vez, mais profundamente. O peito inchou, a mão relaxou, o capacete caiu de seus dedos e rolou pela grama.

Um frenesi irrompeu. Pessoas agarravam os capacetes umas das outras. Juliette botou a pesada mochila no chão e ajudou Raph, que em seguida a ajudou. Quando seu capacete se soltou com um barulho, a primeira coisa que ela notou foram os sons. O riso do pai e de Bobby, os gritinhos de felicidade das crianças. Os cheiros vieram depois — de fazendas e de hortas hidropônicas, o aroma de solo saudável revirado à espera de sementes. E a luz, tão forte e quente quanto as lâmpadas de cultivo, mas a uma distância difusa, envolvendo tudo ao redor. Um vazio acima que se estendia para sempre, nada acima de suas cabeças além de nuvens distantes.

As golas dos trajes produziam sons metálicos quando se chocavam em abraços, os grupos de trás vinham correndo, as pessoas caindo e sendo ajudadas a se levantar, os sorrisos brilhantes através dos capacetes, os olhos molhados e as trilhas de lágrimas nos rostos, os tanques de oxigênio se arrastando na extremidade de mangueiras esticadas, um corpo sendo carregado.

Luvas e trajes foram rasgados, e Juliette percebeu que na verdade nunca tinham esperado encontrar aquilo. Não havia facas presas aos peitos, para cortar os trajes. Nenhum plano de deixar aqueles túmulos prateados. Tinham deixado o silo em trajes de limpeza, como todos os limpadores, porque a vida passada no cárcere se tornara intolerável, e subir uma colina, ainda que para a morte, passou a ser um anseio.

Bobby conseguiu rasgar a luva com os dentes e liberou uma das mãos. Fitz fez o mesmo. Todos riam e suavam enquanto abriam zíperes e velcros nas costas uns dos outros, agitavam os braços, tiravam capacetes, arrancavam botas com esforço. Descalças, usando uma variedade

colorida de roupas sujas por baixo dos trajes, as crianças corriam livres e rolavam na grama, umas atrás das outras. Elise, que mantivera seu bichinho junto ao corpo como um filho, pôs Cachorrinho no chão. A menina deu um gritinho quando o animal desapareceu em meio ao mato alto. Pegou-o de volta. Shaw deu uma risada e tirou o livro dela de seu traje.

Juliette se abaixou e passou a mão pela grama. Era como a erva das fazendas, mas amontoada como um carpete sólido. Pensou nas frutas e verduras que alguns tinham guardado dentro dos trajes. Era importante guardar as sementes. Já estava achando que poderiam durar mais que aquele dia. Mais que aquela semana. Sua alma flutuava com a perspectiva.

Raph a agarrou assim que se livrou de seu traje e a beijou no rosto.

— Que porra é essa? — gritou Bobby, girando em círculos, os grandes braços estendidos e as mãos espalmadas para cima. — Que porra é essa?

O pai de Juliette parou ao lado dela e apontou para baixo, depois da encosta, para o centro da depressão.

— Está vendo aquilo?

Juliette protegeu os olhos e voltou-os para a área indicada. Havia uma elevação verde. Não, não era uma elevação — era uma torre. Não tinha antenas, mas possuía uma espécie de telhado prateado se projetando para cima, meio coberto por trepadeiras. A grama alta encobria grande parte do concreto.

O cume se encheu de gente e riso, e o gramado foi tomado pelas botas e peles prateadas. Juliette analisou aquela torre de concreto, sabendo o que encontrariam lá dentro. Ali estava a semente de um novo começo. Levantou a mochila pesada, cheia de dinamite. Sopesou a salvação de todos.

63

• Condado de Fulton, Geórgia •

— Não peguem mais do que precisamos — alertou Juliette.

Reparou que o chão fora da torre de concreto logo estaria coberto com mais do que poderiam carregar. Havia roupas e ferramentas, comida enlatada, sementes identificadas embaladas a vácuo, muitas de plantas das quais nunca tinha ouvido falar. Elise consultara seu livro, mas só tinha páginas para algumas delas. Em meio aos suprimentos havia blocos de concreto e entulho espalhados pela explosão que abriu a porta, projetada para ser aberta de dentro.

Longe da torre, Solo e Walker travavam uma luta contra alguma espécie de cobertura de tecido e um conjunto de estacas, tentando descobrir como montá-la. Coçavam as barbas e debatiam. Juliette estava impressionada ao ver como Walker tinha melhorado. No início, ele nem quis sair de seu traje. Ficou vestido até o tanque de oxigênio se esgotar. Depois saiu correndo, sem fôlego.

Elise estava ali perto, gritando e perseguindo seu bichinho pela grama. Ou talvez fosse Shaw perseguindo Elise, era difícil dizer. Hannah estava sentada sobre um grande engradado de plástico com Rickson, cuidando do filho e olhando para as nuvens.

O aroma de comida sendo preparada flutuou ao redor da torre depois que Fitz conseguiu produzir fogo a partir de um dos tanques de oxigênio — um dos métodos de cozinhar mais perigosos de que se tinha notícia, pensou Juliette. Virou-se para entrar de novo na torre e ver o que mais havia entre o equipamento e deu de cara com Courtnee saindo com a

lanterna na mão e um sorriso no rosto. Antes que Juliette pudesse perguntar o que a amiga tinha encontrado, viu que a energia no interior da torre estava conectada, todas as luzes acesas.

— O que você fez? — perguntou Juliette.

Tinham explorado o abrigo de alto a baixo. O lugar tinha apenas vinte níveis de profundidade, e todos tão próximos um do outro que mais parecia ter sete andares de altura. Na parte mais baixa não encontraram uma área para mecânica, e sim uma caverna grande e espaçosa onde duas escadarias idênticas davam para a rocha bruta. Era o ponto de chegada da máquina de cavar, adivinhara alguém. Um lugar para receber os recém-chegados. Mas não havia gerador. Não havia energia. Apesar de as escadarias e níveis terem instalações de luz.

— Eu localizei a fonte — explicou Courtnee. — Vai até aquelas placas metálicas no teto. Vou mandar os rapazes fazerem uma limpeza, ver como funcionam.

Em pouco tempo, uma plataforma móvel posicionada no centro da escadaria foi posta em funcionamento. Ia para cima e para baixo, movida por uma série de cabos, contrapesos e um motorzinho. O pessoal da Mecânica ficou maravilhado com o aparelho, e as crianças não queriam sair de cima da coisa. Insistiam em andar só mais uma vez. Levar os suprimentos para o exterior e para o gramado tornou-se menos cansativo, apesar de Juliette achar que devessem deixar bastante para os próximos que chegassem — se é que alguém chegaria.

Alguns queriam ficar vivendo bem ali, reticentes em se aventurar para mais longe. Tinham sementes e mais solo do que podiam imaginar, e os armazéns podiam ser transformados em apartamentos. Seria um bom lar. Juliette escutou enquanto debatiam.

Foi Elise quem decidiu a questão. Ela abriu o livro em um mapa, apontou para o sol e mostrou a eles para que lado ficava o Norte, então disse que deviam se mover na direção da água. Também falou que sabia como pescar peixes selvagens e que havia minhocas no chão, e Solo conseguia prendê-las em anzóis. A menina apontou para uma página em seu livro de memórias e disse que seguiriam na direção do mar.

Adultos olharam para os mapas e refletiram muito sobre aquilo. Houve outra roda de debates em meio aos que achavam que deviam se abrigar ali, mas Juliette balançou a cabeça.

— Isso aqui não é uma casa — disse. — É só um depósito. Queremos mesmo viver à sombra daquilo?

Indicou com a cabeça a nuvem escura no horizonte, aquela cúpula de poeira.

— E se outros aparecerem? — indagou alguém.

— Mais uma razão para não estarmos aqui — acrescentou Rickson.

Mais debate. Havia pouco mais de cem deles. Podiam ficar ali e plantar, conseguir uma colheita antes que os enlatados terminassem. Ou podiam levar o que precisassem e ver se as lendas sobre peixes em abundância e água que se estendia até o horizonte eram verdade. Juliette quase disse que podiam fazer os dois, que não havia regras, que havia bastante terra e espaço, que as lutas só aconteciam quando os recursos ficavam escassos.

— Então o que vai ser, prefeita? — perguntou Raph. — Vamos nos instalar aqui ou seguir em frente?

— Olhem ali!

Alguém apontou para o alto da colina, e umas dez cabeças se viraram para ver. De lá, uma figura vestindo um traje prateado descia o declive, a grama a seus pés já pisoteada e escorregadia. Alguém tinha mudado de ideia.

Juliette correu pela grama sem medo, mas curiosa e preocupada. Alguém que tinham deixado para trás, que os seguira. Podia ser qualquer um.

Antes que pudesse cobrir a distância, a figura no traje caiu no chão. Mãos enluvadas tatearam para se livrar do capacete, lutando contra o fecho. Juliette saiu correndo. Havia um grande tanque preso às costas do traje. Ficou preocupada com a possibilidade de a pessoa estar sem ar, com o que tinham conectado — e como.

— Calma — gritou, virando a figura que se debatia.

Apertou os polegares nos fechos. Ouviu um estalido. Puxou o capacete e o soltou, e ouviu alguém arfar e tossir. A pessoa se inclinou para a frente, respirando com dificuldade. Uma mecha de cabelo empapado de suor, uma mulher. Juliette pôs a mão no ombro dela. Não a reconhecia, achou que pudesse ser alguém da congregação ou dos níveis intermediários.

— Respire com calma — pediu, erguendo o rosto enquanto os outros se aproximavam.

Todos pararam ao ver aquela estranha. A mulher limpou a boca e assentiu. Seu peito se encheu e se esvaziou com uma respiração profunda. Mais uma vez. Ela afastou o cabelo do rosto.

— Obrigada — disse, ofegante.

Olhou para o céu e as nuvens com algo diferente de espanto. Era alívio. Seus olhos se concentraram e acompanharam um objeto, e Juliette virou e viu outra ave voando preguiçosamente no céu. A multidão ao redor mantinha distância. Alguém perguntou quem era aquela mulher.

— Você não é do nosso silo, né? — perguntou Juliette.

Primeiro pensou que fosse alguma limpadora de um silo próximo que tivesse seguido seu grupo. A segunda opção era impossível. Mas estava certa.

— Não — respondeu a mulher. — Não sou do seu silo. Eu sou… de um lugar bem diferente. Meu nome é Charlotte.

A mulher estendeu a mão enluvada, oferecendo um aperto de mão e um sorriso cansado. A calidez daquele sorriso desarmou Juliette. Para sua surpresa, percebeu que não guardava raiva nem ressentimento dela, que lhe contara a verdade sobre aquele lugar. Ali, talvez, estivesse uma igual. E, mais importante: havia um novo começo. Recuperou a compostura, retribuiu o sorriso e a cumprimentou.

— Sou Juliette — respondeu. — Posso ajudar com esse traje.

— Você é ela — comentou Charlotte, sorrindo outra vez. Voltou sua atenção para a multidão, a torre e as pilhas de suprimentos. — Que lugar é esse?

— Uma segunda chance — respondeu Juliette. — Mas não vamos ficar aqui. Vamos atrás de água. Espero que você venha com a gente. Só que preciso alertá-la que o caminho é longo.

Charlotte pousou a mão no ombro de Juliette.

— Tudo bem. Venho de muito longe.

Epílogo

Raph parecia inseguro. Segurava um galho na mão, sentindo seu peso com cuidado, o balé dourado das chamas tremeluzentes se projetando em seu rosto pálido.

— Jogue logo esse troço aí dentro — berrou Bobby.

Houve risos, mas Raph franziu o cenho, consternado.

— É *madeira* — retrucou, examinando o galho.

— Olhe ao redor! — gritou Bobby, apontando para os galhos escuros que pendiam acima, para os troncos grossos. — Tem mais madeira do que poderíamos precisar.

— Vamos lá, cara — falou Erik, e chutou um dos troncos, fazendo uma nuvem de centelhas se elevar no ar, como se despertadas de seu sono.

Por fim, Raph jogou o galho para junto dos outros, e a madeira começou a queimar.

Juliette observava, de seu saco de dormir. Em algum lugar na mata, um animal fez um barulho, um som diferente de qualquer outro que já ouvira. Era como uma criança chorando, mas sonoro e lúgubre.

— O que foi isso? — perguntou alguém.

Na escuridão, trocaram palpites. Invocaram animais de livros infantis. Ouviram Solo enumerar outra vez as muitas espécies dos tempos antigos sobre as quais tinha lido no Legado. Reuniram-se em torno de Elise, carregando suas lanternas, e examinaram com atenção as páginas costuradas do livro. Tudo era um mistério e uma maravilha.

Juliette se deitou e escutou o crepitar do fogo, o ocasional estalo mais alto de uma tora, e desfrutou do calor na pele, do cheiro de carne cozinhando, do odor peculiar de grama e muita terra. E, além do dossel

acima, as estrelas cintilavam. As nuvens refulgentes que antes escondiam o sol, que se pôs por trás das colinas, tinham sido divididas pela brisa, revelando centenas de pontos de luz acima deles. Milhares. E via mais por toda parte, o número aumentando conforme ela olhava. Os pontos brilhavam em seus olhos cheios de lágrimas enquanto ela pensava em Lukas e no amor que ele despertara dentro dela. E algo se endureceu em seu peito, algo que fez seus dentes cerrarem para segurar o choro. Um propósito renovado na vida, um desejo de alcançar a água no mapa de Elise, de plantar aquelas sementes, de construir uma casa acima do chão e viver ali.

— Jewel? Você está dormindo?

Elise ficou de pé ao lado dela, bloqueando as estrelas. Cachorrinho enfiou o focinho frio no rosto de Juliette.

— Venha cá — respondeu.

Deu um tapinha em seu saco de dormir, e Elise se aninhou junto dela.

— O que você está fazendo? — perguntou Elise.

Juliette apontou através do dossel de árvores.

— Estou olhando as estrelas — explicou. — Cada uma delas é igual ao nosso sol, mas está muito distante.

— Eu conheço as estrelas — disse Elise. — Algumas delas têm nomes.

— É mesmo?

— É. — Elise apoiou a cabeça no ombro de Juliette, depois olhou para cima por um instante. A criatura desconhecida na mata ganiu. — Está vendo aquelas? Não parecem um cachorrinho?

Juliette estreitou os olhos para o céu.

— Pode ser — concordou. — É, pode ser mesmo.

— Vamos chamar aquelas de Cachorrinho.

— É um bom nome — concordou Juliette.

Ela riu e esfregou os olhos.

— E aquela parece um homem. — Elise apontou para um grande grupo de estrelas, traçando o formato com o dedo. — Lá estão os braços

e as pernas. E ali a cabeça.

— Estou vendo — respondeu Juliette.

— Você pode escolher o nome dele — disse Elise, como se desse permissão.

Nas profundezas da floresta, o animal oculto soltou outro uivo, e o filhote de Elise fez um ruído semelhante. Juliette sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto.

— Não aquele — murmurou. — Ele já tem um nome.

* * *

As chamas baixaram à medida que a noite avançava. Nuvens engoliram as estrelas, e barracas devoraram as crianças. Juliette observou as sombras se moverem no interior de uma das barracas, com adultos agitados demais para dormir. Em algum lugar, alguém ainda cozinhava fatias de carne do animal que Solo abatera com a espingarda, o cervo de pernas longas. Juliette ficara maravilhada com a transformação do amigo nos últimos três dias. O homem que crescera sozinho se tornara um líder, mais preparado para sobreviver naquele mundo do que qualquer um deles. Convocaria outra votação em breve. Ele daria um prefeito excelente.

Ao longe, via uma silhueta parada diante de uma fogueira, atiçando as chamas com uma vara, extraindo mais calor das brasas moribundas. Nuvens e fogo, as duas coisas que seu povo sempre temera. Fogo significava morte no silo, e as nuvens consumiam os que ousavam sair. E, apesar disso, com as nuvens se fechando acima deles e as chamas se agitando elevadas, sentia uma espécie de conforto. As nuvens eram uma espécie de telhado, e o fogo trazia calor. Havia menos a temer ali no exterior. E, quando uma estrela brilhante se revelou por uma breve fenda, os pensamentos de Juliette se voltaram para Lukas.

Ele uma vez lhe dissera, estendendo o mapa de estrelas sobre a cama na qual faziam amor, que cada uma daquelas estrelas talvez pudesse

conter mundos próprios. Juliette lembrava de não ter conseguido entender o conceito. Era audacioso, impossível. Mesmo depois de ver outro silo, mesmo depois de ver dúzias de depressões na terra que se estendia até o horizonte, não conseguia imaginar a existência de outros mundos inteiros. E, apesar disso, voltara da limpeza esperando que acreditassem em suas afirmações, igualmente ousadas…

Um galho quebrou às suas costas, houve um farfalhar de folhas, e Juliette esperou encontrar Elise voltando para reclamar que não conseguia dormir. Ou talvez Charlotte, que se juntara a ela perto do fogo mais cedo, naquela noite, e ficara quase o tempo todo em silêncio, mesmo parecendo ter muito a dizer. Mas Juliette se virou e encontrou Courtnee, e uma fumaça branca saía de alguma coisa em sua mão.

— Se importa se eu sentar? — perguntou.

Abriu espaço, e a velha amiga juntou-se a ela no saco de dormir. A mulher entregou a Juliette uma caneca quente de algo que cheirava vagamente como chá… só que mais pungente.

— Não consegue dormir? — perguntou Courtnee.

Juliette balançou a cabeça.

— Só consigo pensar em Luke.

Courtnee passou um braço em torno das costas de Juliette.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Ver as estrelas lá em cima me ajuda a botar as coisas em perspectiva.

— É? Então me ajude também.

Juliette pensou na melhor maneira de fazer aquilo e percebeu que mal conseguia ultrapassar a barreira da linguagem. Só tinha uma sensação de toda aquela vastidão, de uma infinidade de mundos possíveis, uma sensação que de algum modo a enchia de esperança, e não desespero. Era difícil traduzir aquilo em palavras.

— Toda a terra que vimos nesses últimos dias... — começou, tentando explicar o que estava sentindo — Todo esse espaço. Não temos uma fração do tempo nem das pessoas para enchê-lo completamente.

— Isso é bom, não é? — perguntou Courtnee.

— Acho que é, sim. E estou começando a achar que as pessoas que mandamos para as limpezas eram as pessoas boas. Muita gente boa só ficou quieta, com medo de agir. E duvido que tenha havido ao menos um prefeito que não tenha tido vontade de criar mais espaço para seu povo, de saber o que havia de errado com o mundo exterior, de acabar com a droga da loteria. Mas o que eles podiam fazer, mesmo sendo prefeitos? No fundo, não eram eles que mandavam. Quem estava no comando mantinha nossas ambições sob controle. Menos Luke. Ele não ficou no meu caminho. Ele apoiou o que eu estava fazendo, mesmo sabendo que era perigoso. Por isso estamos aqui.

Courtnee apertou seu ombro e sorveu o chá fazendo ruídos, e Juliette ergueu sua caneca para fazer o mesmo. Assim que a água morna tocou seus lábios, houve uma explosão de sabores — de uma imensa riqueza, como o cheiro das bancas de flores no bazar e da terra revirada de um canteiro de cultivo. Foi um primeiro beijo. Limão e rosa. Centelhas invadiram sua visão com uma onda inebriante. Sua mente estremeceu.

— O que é isso? — perguntou, quase sem ar. — Veio dos suprimentos que pegamos?

Courtnee riu e se apoiou em Juliette.

— É bom, não é?

— É ótimo. É… maravilhoso.

— Talvez a gente devesse buscar mais — sugeriu a amiga.

— Se fizermos isso, acho que não vou pegar mais nada.

As duas riram baixinho. Ficaram um tempo sentadas, olhando para as nuvens e uma eventual estrela. A fogueira mais próxima crepitava e soltava fagulhas, e algumas conversas em voz baixa mergulharam no interior das árvores, onde insetos cantavam em coro e uma fera invisível uivava.

— Você acha que vamos conseguir? — perguntou Courtnee, depois de uma longa pausa.

Juliette tomou outro gole da bebida milagrosa. Imaginou o mundo que podiam construir, com tempo e recursos, sem regras e, melhor ainda, sem ninguém para impedir seus sonhos.

— Acho que sim — respondeu, por fim. — Acho que podemos fazer o que quisermos.

Uma nota ao leitor

Em julho de 2011, escrevi e publiquei uma história que me colocou em contato com milhares de leitores, me fez viajar pelo mundo em sua divulgação e mudou minha vida para sempre. Nunca poderia ter sonhado que isso aconteceria no dia em que publiquei *Silo*. Dois anos se passaram, e a publicação deste livro completa agora uma jornada fantástica. Agradeço a vocês por torná-la possível e por me acompanharem pelo caminho.

Este não é o fim, é claro. Toda história que lemos e todo filme que assistimos continua em nossa imaginação, se permitirmos. Personagens vivem mais um dia. Envelhecem e morrem. Outros nascem. Desafios surgem, e precisamos lidar com eles. Há tristeza, alegria, triunfos e fracassos. Quando uma história termina, não é mais que uma fotografia congelada no tempo, um brilho rápido de emoção, uma pausa. Se e como ela continua só depende de nós.

Meu único desejo é que deixemos espaço para a esperança. Em todas as coisas há o bem e o mal. Encontramos o que esperamos encontrar. Vemos o que esperamos ver. Aprendi que, se inclinar a cabeça só um pouco e estreitar os olhos, o mundo exterior fica mais bonito. O futuro é promissor. Há coisas boas pela frente.

E você, o que vê?

Hugh Howey
2013

Agradecimentos

Livros são empreitadas solitárias, mas a vida não. Gostaria de agradecer a minha esposa, por sempre me inspirar e me apoiar, e por fazer de mim uma pessoa melhor. A minha mãe, por me ensinar a amar as palavras, a meu pai, pelo encorajamento e pelo exemplo. A minha irmã, pela amizade e por ser minha fã desde o começo, e a meu irmão, pela delicadeza. Sem vocês, não haveria nada para escrever.

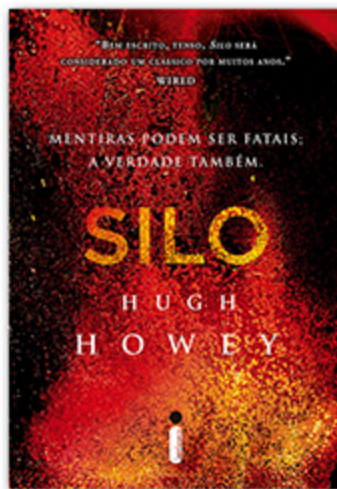
Os autores com frequência mencionam seus agentes nos agradecimentos, e agora eu sei por quê. Eles são as engrenagens da carreira do escritor, e tenho a sorte de contar com os melhores do ramo. Não é exagero, e isso não é vergonha para os outros agentes, um pouco abaixo da incomparável Kristin Nelson. Você é demais. Agradeço também a Jenny Meyer, Kassie Evashevski e Gray Tan, amigos maravilhosos que me deram muito apoio. Amo todos vocês.

Para a equipe da Random House UK: obrigado por apostar em mim. Vocês foram os primeiros a acreditar, e sempre os considerarei meus editores. Um obrigado especial ao meu editor, Jack Fogg, por aumentar o valor do meu trabalho e por ser um ótimo companheiro de viagem. Obrigado a Jason pela incrível arte de capa, a Natalie por ampliar meu sinal, a Jennifer pela criatividade e pelas revisões maravilhosas, e à equipe de vendas, que faz os livros chegarem às prateleiras.

Meu último agradecimento é para os leitores. Seu apoio e amor pela série significa mais do que vocês poderiam entender. Obrigado pelas críticas, pela divulgação, por elevar esse projeto às alturas. Nunca pensei que realizaria tanta coisa. Foi por causa de vocês que cheguei até aqui. Mal posso esperar o que vai vir pela frente.

Sobre o autor

HUGH HOWEY escreveu a trilogia *Silo* enquanto trabalhava em uma livraria, dedicando ao manuscrito suas manhãs e horas de almoço ao longo de quase três anos. Originalmente publicados em e-book de forma independente, os livros se tornaram best-sellers da Amazon e do *New York Times*. Howey mora em Jupiter, na Flórida, com a esposa, Amber, e a cadela, Bella.

Conheça os títulos anteriores da trilogia

Silo

Ordem

Leia também

Aniquilação
Jeff Vandermeer

Autoridade
Jeff Vandermeer

Aceitação
Jeff Vandermeer

Estação Onze
Emily St. John Mandel